

SILVIO DUARTE BOCK

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

**ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: AVALIAÇÃO DE
UMA PROPOSTA DE TRABALHO NA ABORDAGEM
SÓCIO-HISTÓRICA**

Dissertação encaminhada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador – Prof. Dr. Sérgio Antonio da Silva Leite

**Faculdade de Educação
Universidade Estadual de Campinas**

- 2001 -

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Dissertação de Mestrado

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: AVALIAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE TRABALHO NA
ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICA

Autor: Silvio Duarte Bock

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação
defendida por Silvio Duarte Bock e aprovada pela
Comissão Julgadora.

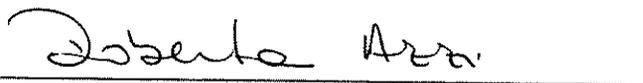
Data: 23/04/2003

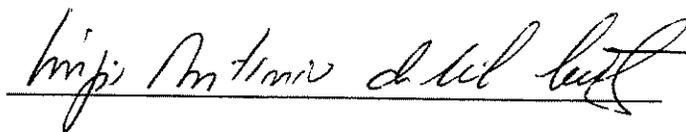
Assinatura: 
Orientador

Orientador: Sérgio Antonio da Silva Leite

COMISSÃO JULGADORA:







2001

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8º/5447**

B631o Bock, Silvio Duarte.
Orientação profissional : avaliação de uma proposta de
trabalho na abordagem sócio-histórica / Silvio Duarte Bock. --
Campinas, SP : [s.n.], 2001.

Orientador : Sérgio Antônio da Silva Leite.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Orientação profissional. 2. Orientação vocacional.
3. Adolescência. I. Leite, Sérgio Antônio da Silva. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

“O importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam”.

Guimarães Rosa

RESUMO

Este trabalho procurou investigar os efeitos de um programa de orientação profissional de base teórica sócio-histórica, nas decisões profissionais de jovens que dele participaram.

Escolheu-se um grupo com dezesseis participantes, cujo desenvolvimento ocorreu no segundo semestre de 1994. Analisou-se a situação de entrada e saída dos sujeitos quanto às suas decisões profissionais. Posteriormente, selecionaram-se cinco deles para a realização de entrevistas visando a uma melhor compreensão do significado do programa nas suas decisões, bem como a um detalhamento da trajetória pessoal e profissional após o término do programa.

A perspectiva sócio-histórica foi adotada como base teórica porque, fundamentalmente, deposita nas relações sociais e na linguagem as bases da construção da subjetividade, permitindo uma melhor compreensão do fenômeno da escolha profissional.

As conclusões desta dissertação apontam o significado positivo que se pode atribuir ao programa de orientação profissional no que se refere às contribuições para a construção das escolhas profissionais de seus sujeitos. Primeiramente, pela comparação dos registros realizados no início e no final do programa, evidenciando, nestes últimos, argumentos mais consistentes e aprofundados a respeito das decisões e respectivos motivos. Depois, pelos próprios depoimentos dos sujeitos nas entrevistas, demonstrando compreensão dos fundamentos do programa, ao apontarem que ele ajudou a *parar para pensar, organizar ou centralizar as idéias e pôr as idéias em ordem*, mesmo para aqueles que o terminaram sem uma decisão profissional assumida.

ABSTRACT

This research was an attempt to investigate the effects of a professional guidance program based on Social-historic support in the professionals decisions of its participants.

Sixteen people, who attended the program in 1994, were chosen as a group. The entrance and the exit situation of each component, regarding their professional decisions, were researched. After that, five of them were chosen to be interviewed aiming a better comprehension of the impact of the program in their decisions, and also the explanation of the details of their personal choices after the program.

The Social-historic perspective was adopted as the theoretical basis because it lays the building of the subjectiveness in the social relations and in the language. So, it allows a better comprehension of the professional choice phenomenon.

The conclusions of this dissertation point to the positive meaning of guidance program related to the professional choices building. First of all, because of the comparison between the data stored at the beginning and at the end of the program. It shows that, at the end, the arguments were more consistent and deep regarding the decisions and their related causes. Afterwards, because of the comprehension of the cause of the program showed by the people interviewed. They asseverated that the program helped them STOP AND THINK, ORGANIZE OR CENTRALIZE AND ARRANGE THE IDEAS. The opinion was the same even for those who ended up the program with no decision taken about the professional choice.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Dalson Primo Campos, carteiro do bairro em que resido, pois esta dissertação não seria realizada não fora seu trabalho zeloso. Ele conseguiu me localizar, apesar da mudança de endereço, trazendo a correspondência da Unicamp comunicando que eu poderia retomar a pós-graduação.

Agradeço a Unicamp, em especial à Faculdade de Educação, que possibilitou a retomada da Pós-Graduação, após 17 anos passados do cumprimento dos créditos das disciplinas.

Ao Professor Doutor Sérgio Antonio da Silva Leite, que aceitou ser meu orientador e que foi o responsável, com sua organização e dedicação, mesmo tendo ficado doente no período, pelo resultado deste trabalho.

À incansável companheira Ana, que apesar de sua vida atribulada, encontrava tempo para me incentivar, ler meus escritos, criticar, sugerir e propor soluções.

Aos meus filhos Renato, Lia e Julia, que se constituíram como sujeitos involuntários do presente trabalho. Quando comecei a Pós Graduação eles eram crianças pequenas; quando a terminei, são adultos formados e já engajados no mercado de trabalho. Como pai, acompanhei e tentei educar; como profissional da Orientação Profissional, observei a construção de suas decisões profissionais.

À tia Jandira, representante e testemunha, de toda uma geração (dos meus pais e sogros, já falecidos), de que aquele menino que deu tanto trabalho na escola se transformou em alguém capaz de escrever uma dissertação.

Aos amigos Chico Moura, Wilma, Chico Viana, Clara, Odair, Lumêna, Jota, Ia, Jorge, Emília, Lena, aos companheiros do Grupo de Trabalho e Pesquisa de Orientação Sexual (GTPOS), que acompanharam com vivo interesse a construção deste trabalho.

Aos meus irmãos, Reinaldo e Mário e suas respectivas famílias.

À Nadir, Rita, Vanda, Malú que sempre estavam à disposição me auxiliando em tudo que precisava na relação institucional com a UNICAMP.

Agradeço à Roberta Azzi pelas sugestões apresentadas como membro da banca examinadora.

Agradeço ao amigo Celso Ferretti, que tem sido meu interlocutor permanente, e que participou do exame de qualificação, apontando questões fundamentais.

Agradeço a Ivan Fernandes Neves, Regina Sotto Maior, Mônica Teixeira do Amaral, Maria Virginia de Freitas, Yara Sayão, Otávio de Mello, Rogério Isidro Duran, Bronia Liebesny e Maria Helena Albertani, que dividiram comigo a tarefa de construir a proposta e de coordenar grupos. Deste grupo destaco em especial a amiga Wanda Junqueira Aguiar, que vem nos últimos tempos discutindo comigo os rumos do trabalho, fazendo avançar as reflexões teóricas sobre a Orientação Profissional e por ter aceitado compor a banca examinadora.

Por fim, agradeço a todos os meus orientandos, sem os quais jamais poderia ter pensado numa dissertação como esta. Agradeço, em especial, aos 16 participantes do grupo escolhido para análise, por sua disponibilidade e, dentre eles os cinco que solicitamente aceitaram gastar um tempo de suas vidas me concedendo entrevistas.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
1) RETOMANDO A HISTÓRIA DA ESCOLHA PROFISSIONAL.....	3
2) AS TEORIAS EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL.....	9
2.1) Teorias não psicológicas.....	9
2.2) Teorias psicológicas.....	10
2.2.1) Teoria traço e fator.....	10
2.2.2) Teorias psicodinâmicas.....	13
2.2.3) Teorias desenvolvimentistas.....	13
2.2.4) Teorias decisoriais.....	16
2.3) Teorias gerais.....	17
3) UMA NOVA CLASSIFICAÇÃO DAS TEORIAS EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL.....	19
3.1) Teorias tradicionais (abordagem liberal).....	19
3.2) Teorias críticas.....	27
3.3) Teorias para além da crítica.....	42
3.3.1) A abordagem sócio-histórica.....	42
4) A PROPOSTA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA PRESENTE PESQUISA.....	50
4.1) A Aproximação do indivíduo com as profissões.....	50
4.2) Descrição do Programa.....	55
4.2.1) Módulo I – O significado da escolha profissional.....	55
4.2.2) Módulo II – O trabalho.....	66
4.2.3) Módulo III - Autoconhecimento e informação Profissional.....	67
5) MÉTODO.....	76
5.1) Os sujeitos orientandos.....	78
5.1.1) Critérios de escolha dos sujeitos orientandos.....	78
5.1.2) Caracterização dos sujeitos orientandos.....	79
5.2) Procedimento de coleta de dados.....	81
5.2.1) Dados dos documentos.....	81
5.2.2) Dados das entrevistas.....	83
5.3) Análise dos dados.....	84
6) RESULTADOS: A ESCOLHA DOS SUJEITOS, DA PRIMEIRA SESSÃO À EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL.....	86
6.1) Quadro geral da situação de escolha.....	86
6.2) As opções profissionais apontadas na primeira sessão.....	89
6.3) As opções profissionais apontadas na última sessão.....	91
6.4) Seis anos após.....	97
6.4.1) Trajetória profissional dos cinco sujeitos entrevistados.....	97
6.4.2) Qualificação da escolha.....	100
6.4.3) Questões do programa.....	110
7) DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	122
7.1) Categorias comuns aos dois momentos - entrada e saída do programa - que qualificam a escolha do sujeito.....	122
7.1.1) Experiência escolar e escolha profissional.....	122
7.1.2) Expressão das características individuais (autoconhecimento).....	124
7.1.3) Família.....	125

7.1.4) Mercado de trabalho	126
7.1.5) Vestibular.....	127
7.2) Categorias específicas da escolha no final do programa.....	127
7.2.1) Valores.....	128
7.2.2) Informação profissional.....	131
7.2.3) Sociedade.....	133
7.3) Sobre a escolha profissional atual.....	135
8) CONCLUSÕES.....	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	145
ANEXO 1: Categorias dos determinantes da escolha profissional elaboradas a partir dos registros da primeira sessão do programa: definição das categorias, conteúdos que as compõem e respectivos sujeitos	152
ANEXO 2 - Categorias dos determinantes da escolha profissional elaboradas a partir dos registros da sessão final do programa: definição das categorias e sub-categoriais, conteúdos que as compõem e respectivos sujeitos....	154
ANEXO 3 - Relatos verbais sobre a trajetória das escolhas profissionais dos cinco sujeitos entrevistados.....	164
ANEXO 4 - Qualificação da escolha – categorias que caracterizam a escolha profissional dos cinco sujeitos entrevistados	170
ANEXO 5 - Questões do programa – categorias que caracterizam a contribuição do programa de orientação profissional nas decisões profissionais dos cinco sujeitos entrevistados.	194

ÍNDICE DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1 - TRAÇOS DE PERSONALIDADE	12
TABELA 1 - CURSOS MAIS PROCURADOS_FUVEST - 82/90/2000.....	63
QUADRO 2 –CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO: IDADE/SEXO/ESCOLA DE ORIGEM/FORMAÇÃO ESCOLAR DOS PAIS/IDADES DOS PAIS.....	80
QUADRO 3 – ESCOLHAS PROFISSIONAIS DE CADA SUJEITO, NO INÍCIO E NO FINAL DO PROCESSO, O CURSO UNIVERSITÁRIO FREQUENTADO E A PROFISSÃO ATUAL	88
TABELA 2 – PROFISSÕES CITADAS POR ÁREA DE CONHECIMENTO	89
TABELA 3 – QUANTIDADE DE PROFISSÕES DECLARADAS NA 1ª. SESSÃO.....	90
TABELA 4 – PESSOAS CITADAS PELOS SUJEITOS COMO RELEVANTES NA ESCOLHA PROFISSIONAL.....	100

INTRODUÇÃO

A presente investigação procura trazer uma contribuição para a área da Orientação Profissional que tem se constituído, nos últimos tempos, mais como campo de intervenção profissional do que como área de estudo e investigação. Aos olhos do autor, apresenta-se como atividade em que se usa mais o bom senso, quando ele existe, do que uma prática com fundamentação consistente e coerente. A literatura atual específica da área é relativamente pequena. Algumas teóricas surgidas na década de 90 baseadas na abordagem clínica de Bohoslavsky (1977); Soares (1987); Muller (1988); Carvalho (1995); Levenfus (1997). Outras obras são de divulgação de técnicas de intervenção para especialistas: Lucchiari (1993); Lassance (1999); Lisboa & Soares (2000). Algumas se destinam diretamente ao orientando: Soares (1988); Rappaport (1998); Spaccaquerche (1999); Lehman (1999). Por fim, algumas obras de economistas e sociólogos buscam esclarecer a situação atual do mercado de trabalho e arriscam sugestões de como enfrentá-lo: Kupstas (1997); Whitaker (1997); Macedo (1998); Pochmann (2000) e Schwartz (2000).¹

O autor vem desenvolvendo atendimentos na área da Orientação Profissional desde 1981, quando projetou e implantou um programa de orientação profissional na Fundação Carlos Chagas. Constituindo-se como serviço, nunca foi objeto de análise rigorosa, apesar das avaliações realizadas com cada grupo ao seu final. Na Fundação Carlos Chagas, foram desenvolvidos 52 grupos com 797 participantes. No Nace², foram desenvolvidos até o momento (janeiro de 2001), 70 grupos com 679 participantes. Não estão computadas as pessoas atendidas individualmente ou em outros locais, como escolas e empresas.

Na presente investigação, interessa aprofundar a compreensão do fenômeno da escolha profissional, bem como verificar a contribuição do programa de orientação profissional na construção das decisões de seus participantes.

Os objetivos desta pesquisa são:

¹ Obs: não se está inserindo as obras que foram objeto de análise nos capítulos posteriores.

² Nace – Orientação Vocacional e Redação (Nace originalmente era uma sigla: núcleo de atendimento em consultoria em educação) é o nome da instituição dirigida pelo autor, onde, desde 1988 vem realizando atendimento, especificamente de Orientação Profissional em grupos e individualmente.

1. Verificar as contribuições efetivas do programa de orientação profissional, desenvolvido pelo autor, na decisão profissional de um grupo de participantes.
2. Analisar como os egressos avaliam as contribuições do programa em suas decisões e trajetórias escolar/profissional/pessoal posteriores.
3. Analisar a compreensão que, hoje, os participantes dos grupos têm a respeito de suas decisões profissionais, comparando-se com sua situação durante a participação no programa.

O autor tem claro o limite das conclusões que porventura possam ser assumidas em virtude da origem social – classe média – do participante que usufrui o serviço oferecido e que foi investigado. Entretanto, acredita que possam contribuir para a construção de projetos específicos que atendam aos diversos grupos sócio-econômicos interessados na questão, bem como contribuir na esfera teórica da área.

Segue-se uma síntese da organização da presente dissertação.

Inicialmente, buscou-se alinhar as teorias existentes, a partir de uma taxionomia tradicional na área (capítulo 1). Entendeu-se, posteriormente, que esta classificação continha armadilhas ideológicas importantes, ao dicotomizar a construção teórica entre o papel do indivíduo ou exclusivamente o da sociedade, como variáveis de análise do sentido e do processo das escolhas profissionais. Por isto avançou-se uma nova classificação, que pretende superar criticamente a taxionomia anteriormente utilizada: teorias tradicionais, teorias críticas e teorias para além da crítica (capítulo 2). Nesta última, em que se localiza o presente trabalho, buscou-se uma fundamentação, precária ainda, da abordagem “sócio-histórica”, aplicada à orientação profissional.

Em seguida apresenta-se o programa de orientação profissional a que foram submetidos os sujeitos desta pesquisa (capítulo 4). O capítulo 5 é dedicado à apresentação da metodologia empregada para a realização da investigação.

O capítulo 6, apresenta os dados coletados e o capítulo 7 desenvolve uma discussão a respeito dos dados encontrados.

Por fim, procura-se estabelecer algumas conclusões a respeito da importância do programa de orientação profissional para seus sujeitos e avançar na compreensão do processo da escolha profissional.

1) RETOMANDO A HISTÓRIA DA ESCOLHA PROFISSIONAL

A questão da escolha de uma profissão ou ocupação não se constitui um problema universal da espécie humana. Isto é, nem sempre, historicamente, houve preocupação neste sentido. Os ancestrais da humanidade viviam para sobreviver ou sobreviviam para viver, isto é, seu trabalho organizava-se como atividade de coleta e mais tarde de caça e não havia muita diferenciação de funções a não ser aquelas determinadas pelo sexo e, conseqüentemente, aquelas causadas pela especificidade orgânica na reprodução da espécie.

A vida tribal, como pode ser verificada até hoje nos descendentes destes primeiros humanos que mantiveram e preservaram suas culturas, não prevê e nem pressupõe atividades e ocupações distintas entre seus membros, havendo apenas uma hierarquia no que se refere aos assuntos de guerra e aos cuidados com a saúde, funções que são exercidas por questão de bravura e/ou idade avançada e que alcançam grande respeitabilidade entre os indivíduos da comunidade. De fato, a caça é atribuição dos homens, pelo vigor físico e possibilidade de deslocamentos ágeis que possuem, uma vez que as mulheres estão encarregadas do cuidado dos filhos. Logicamente, deve existir entre eles os mais hábeis, mas que construíram tal habilidade pelo exercício e pela prática e que acabam tendo a função de ensinar aos outros a melhor forma do desempenho daquele trabalho. Às mulheres, dependendo do estágio “civilizatório” de seu grupo, cabe a função da agricultura, atividade sedentária que permite a composição do trabalho para a sobrevivência com a necessidade de cuidar dos filhos. Depreende-se daí que, nesta situação, não há possibilidade e nem a necessidade de grandes escolhas no que se refere ao desempenho de funções tanto para a sobrevivência material ou não.

Na Grécia antiga, a atividade humana valorizada era o ócio, a contemplação, que era exercida pelos cidadãos livres; o trabalho era a atividade dos homens não livres que tinham a função de produzir a existência material. “Para os grandes filósofos Gregos, e especificamente para Platão e Aristóteles, o trabalho era uma atividade exclusivamente física, que se reduzia ao esforço que deviam fazer as pessoas para assegurar seu sustento, satisfazer suas necessidades vitais e reproduzir sua força de trabalho (circunscrita a sua dimensão meramente física). Era uma atividade considerada pelos

demais não somente como penosa, senão também como degradante, que não era valorizada socialmente e que se justificava em última instância pela dependência que os seres humanos tinham com respeito às suas necessidades." ³(Neffa, 1999, p.130) Por conseqüência, ser cidadão, escravo, artesão, pequeno camponês ou trabalhador manual não dependia de qualquer tipo de escolha, mas da condição de classe da família do indivíduo, ou de acordo com as vitórias ou derrotas nas guerras. Mas, segundo Pierre Jaccard (1974), não era o trabalho que era desvalorizado nesse tempo, mas a condição de dependência: "...a condição do assalariado livre não valia mais do que a do servo; ambos eram desprezados e quase sempre miseráveis. Por trabalharem por suas mãos? Não, porque os deuses, os reis e os senhores também o faziam, mas,... por dependerem de outrem, por não subsistirem senão servindo outrem. Nesse tempo, não era o trabalho que estava desacreditado; era a dependência, a obrigação de servir – de que o cristianismo fará um dever de honra – que era considerada indigna do homem. É por isso que o cultivador pobre, pensando sobre o seu árido campo, ‘alimentando-se com custo’, mas independente, será glorificado por muito tempo, mais do que o artesão, o poeta ou o artista, cuja subsistência depende de um mestre ou de um cliente generoso” (Jaccard, 1974, p.65)

Independentemente de o trabalho ser ou não valorizado, percebe-se que a discussão não dizia respeito à atividade em si. A forma como se dava a luta pela sobrevivência não dependia de escolhas. Ao contrário, as condições estavam estabelecidas aprioristicamente pela estrutura da sociedade e a forma como ela se organizava.

Avançando na história, temos, na idade média, especificamente no feudalismo, a ocorrência do mesmo fenômeno. A sociedade estratifica-se em camadas sociais – nobres, clérigos, senhores e vassallos - e uns devem obrigações para os outros. Os primeiros têm o compromisso de proteção e segurança, além de arrendarem a terra; os outros, a provisão do sustento material, (produção de alimentos, de bens e utensílios). A condição de classe é dada pela circunstância do nascimento, caso a pessoa seja de uma família de nobres ou de plebeus. A posição na sociedade e mesmo a ocupação são transmitidas de pai para filho, como se fosse uma determinação divina. O trabalho, neste

³ Tradução nossa, do espanhol

modo de produção, visa ao sustento das pessoas, ou melhor, não tem em mira o mercado, que nesse tempo apenas começava a se desenvolver. A produção tanto de alimentos e outros bens tem como objetivo a manutenção da comunidade e o aumento do poderio dos grupos se dá através de guerras de expansão, pois a medida de riqueza é a extensão da terra e não o volume de mercadorias acumuladas ou a quantidade de dinheiro entesourado.

Com relação a este estágio de desenvolvimento da sociedade, também não se pode falar em escolha de profissão por parte dos sujeitos. A estrutura social está cristalizada e determina o que cada um vai fazer, seu prestígio social e poder. A força da igreja, principalmente católica, é enorme e dá respaldo, assim como legitima a ordem social, reafirmando que tudo acontece por vontade divina. Os laços de sangue, portanto são explicações que justificam a estrutura da sociedade; não há mobilidade social e as ocupações e tarefas são transmitidos familiarmente. Filhos de nobres serão nobres, filhos de servos serão igualmente vassalos.

O conceito de vocação que impera é o religioso – seria um chamado divino que impõe uma missão para os indivíduos. A ordem social é determinada pela “vontade de Deus” e por isso não pode nem deve ser questionada. O trabalho ainda é concebido como atividade para a manutenção e reprodução da espécie; produz-se para sobreviver, mesmo que a ordem social seja injusta, autoritária e violenta. A divisão do trabalho ainda é de pequenas dimensões e os trabalhadores devem ter conhecimentos e habilidades para cumprir com quase todas as tarefas necessárias para o desenvolvimento do trabalho que, em última instância, significa sobrevivência. “...Praticamente toda a alimentação e o vestuário de que o povo precisava eram obtidos no feudo. Nos primórdios da sociedade feudal, a vida econômica decorria sem muita utilização do capital. Havia uma economia de consumo, em que cada aldeia feudal era praticamente auto-suficiente. ...O servo e sua família cultivavam seu alimento e com as próprias mãos fabricavam qualquer mobiliário de que necessitavam. O senhor do feudo logo atraía à sua casa os servos que se demonstravam bons artífices, a fim de fazer os objetos de que precisava” (Huberman, 1986, p.17).

Os meios de produção, neste período, são de propriedade individual de cada trabalhador, que é dono de seus instrumentos de trabalho, dos objetos extraídos da

natureza que sofrerão transformação e, por fim, dos produtos de sua ação, portanto de seu trabalho, que logicamente será dividido com seu senhor. A terra, segundo Huberman (1986, p.11), era de propriedade da nobreza e do clero que a arrendava aos senhores que, por sua vez, a arrendava aos servos.

A escolha profissional só assume relativa importância quando, de forma definitiva, instala-se o modo de produção capitalista. A passagem do feudalismo para o capitalismo marca mudanças importantes e profundas no modo de produzir e reproduzir a existência humana. Segundo Braverman (1981, p.55), a nova ordem social, engendrada pelo capitalismo, só aparece quando algumas características fundamentais dominam o processo de produção: em primeiro lugar, o trabalhador é totalmente alijado da propriedade de todos os meios de produção que poderiam garantir sua subsistência. Neste sentido, ele só poderá alcançar sua sobrevivência se vender sua força de trabalho para os proprietários dos meios de produção e isto só ocorrerá se ele perder todas as possibilidades de sobreviver de forma autônoma.

Em segundo lugar, passa a ser fundamental que o trabalhador seja livre de todo tipo de relação jurídica que o prenda a qualquer modo de servidão, ou seja, não existem mais servos e senhores e, juridicamente, todos agora podem dispor de sua força de trabalho como quiserem. O trabalhador agora é livre e tem direitos iguais para vender sua capacidade de trabalhar.

E, em terceiro lugar, agora o principal objetivo do trabalho (produção) não se constitui mais na satisfação das necessidades humanas; conseqüentemente passa-se a produzir para o mercado, visando ao incremento da unidade de capital empregado (lucro), característica fundamental deste modo de produção.

“Indivíduo e sociedade só se diferenciam claramente no capitalismo. Tal diferenciação, é lógico, defende determinados interesses, no sentido de reafirmar a nova ordem constituída. A burguesia, enquanto classe revolucionária na época, lutando contra a velha ordem, desenvolvia a tese de que todos os indivíduos são iguais e que, por isso, deveria existir liberdade (de escolha). Lutava, assim, contra o clero e a aristocracia que defendiam a perpetuação do regime feudal, do qual eram beneficiários”. (Bock, S., 1989, p.15)

Deste modo, só vemos avançar as teorias e as práticas na área da Orientação Profissional, no modo capitalista de produção que, mais tarde, na chamada revolução industrial, introduzirá a divisão técnica do trabalho. É neste momento que a questão da seleção, e por conseqüência a escolha profissional, passa a ter importância, uma vez que passa a prevalecer a idéia do homem certo no lugar certo, visando a uma maior produtividade. A ideologia que dá suporte a este novo modo de produção é a liberal, que alcança sua maior expressão na revolução francesa – liberdade, igualdade e fraternidade.

“A posição do indivíduo no capitalismo, não é mais determinada,... pelos laços de sangue. Agora, esta posição é conquistada pelo indivíduo segundo o esforço que despende para alcançar esta posição. Se antes esta posição era entendida em função das leis naturais referendadas pela vontade divina, agora, ao contrário, o indivíduo pode tudo, desde que lute, estude, trabalhe, se esforce, e também (por que não?) seja um pouco aquinhoado pela sorte.” (Bock, S., 1989, p.15)

O conceito de vocação muda. Afinal, não se pode mais utilizar a idéia de que “Deus quer que a sociedade seja assim”, como se fazia no modo de produção feudal. A revolução burguesa pregava a idéia da igualdade entre os homens; como, então, passa-se a entender as diferenças entre os seres humanos numa sociedade que questiona a visão da determinação religiosa? Para justificar as desigualdades encontradas no seio da sociedade, desenvolve-se o conceito de vocação biológica. Agora o orgânico explica as diferenças individuais e sociais. O ser humano nasce com atributos específicos que, se encontrarem expressão na realidade, localizam o indivíduo na estrutura da sociedade. Da mesma forma em que servem para justificar o fracasso. “ ... Se um indivíduo ‘não se deu bem na vida’ (não obteve, segundo os parâmetros da sociedade, riqueza, prestígio, poder, etc...) a justificativa para tal gira em torno da má escolha de sua profissão, portanto, da não identificação de sua ‘verdadeira vocação’, ao invés de se proceder a uma análise da realidade sócio-econômica para entender a situação...”.(Bock S., 1986a, p.173)

Portanto, a questão da escolha profissional não pode ser considerada como um problema natural e universal dos seres humanos. A idéia da liberdade de escolha profissional constitui-se numa dada base material, o capitalismo, que recoloca a temática do trabalho para além da mera sobrevivência pessoal. A rigor, só se pode falar em opção

numa situação em que a pessoa não mais pode sobreviver de forma autônoma e por isso precisa vender sua força de trabalho. A idéia de que a pessoa escolhe seu caminho a partir das condições em que vive e em função de suas vontades e aptidões só ocorre neste momento.

A análise das teorias em Orientação Profissional será desenvolvida dentro deste prisma, isto é, entendendo que a escolha profissional é um fenômeno determinado, que ocorre a partir de dado momento na história da humanidade.

2) AS TEORIAS EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Uma sistematização teórica faz-se necessária para situar o que hoje se entende por Orientação Profissional. Vários autores brasileiros utilizam a classificação elaborada por Crites⁴, que agrupa as teorias na área de Orientação Profissional em 3 grandes blocos, denominadas por ele de: 1) Teorias não psicológicas 2) Teorias Psicológicas, e 3) Teorias Gerais. Será apresentada uma breve abordagem dos três grupos para, posteriormente, apontar porque não se utiliza essa classificação.

2.1) Teorias não psicológicas

As teorias não psicológicas entendem que a escolha profissional do indivíduo é causada por elementos externos a ele (teoria do acidente; teoria econômica; teoria cultural e sociológica). São teorias que descrevem o processo de inserção das pessoas no trabalho, mas que não vislumbram qualquer papel ativo para o sujeito; portanto, descartam a possibilidade de “orientabilidade” do processo, entendendo este termo como possibilidade do indivíduo planejar seu roteiro profissional ou a possibilidade de algum auxílio profissional para ajudar no processo. As forças, quer das contingências, das leis do mercado (oferta e procura) ou do padrão cultural das famílias, definem invariavelmente a posição e a ocupação do indivíduo na sociedade.

Segundo Pimenta (1979), as teorias não psicológicas, embora reconheçam determinantes não individuais na escolha, acabariam por provocar um sociologismo ou economicismo na Orientação Profissional “na medida em que tenderiam a apor ao fenômeno da decisão, o esquema científico da Economia e da Sociologia, sem, no entanto permitirem ao indivíduo que decide, lidar com estes esquemas.” (p.29) Ou seja, seriam forças agindo sobre o indivíduo, mas que seriam tomadas como mera explicação e que não seriam operadas pelos sujeitos em algum nível.

Opta-se por apresentar com mais minúcias as teorias psicológicas uma vez que são elas que encontram maior repercussão no Brasil, sendo que quase todas as práticas baseiam-se em seus pressupostos.

⁴ citado por Pimenta (1979, p.26), por Ferreti (1988, p.27) e por Silva (1996, p.25)

2.2) Teorias psicológicas

As teorias psicológicas são aquelas que analisam os determinantes internos do indivíduo que explicariam seus movimentos de escolha. Ele teria papel ativo (ou parcialmente) e as condições sócio-econômica-culturais teriam uma função secundária no processo. São estas teorias que serão alvo de análise por parte dos estudiosos, porque pressupõem participação ativa do sujeito e prevêm (não necessariamente em todos os casos) uma atuação de profissionais no sentido de facilitar e/ou dar sentido “científico” ao processo de escolha das pessoas.

As chamadas teorias psicológicas, segundo Crites, englobam as vertentes denominadas de teoria de Traços e Fatores, teorias Psicodinâmicas, teorias Desenvolvimentistas e teorias de Decisão.

Não se pretende aprofundar tais teorias e, por isto, será apresentada uma breve descrição para, mais adiante, apontar a insuficiência da classificação proposta por Crites.

2.2.1) Teoria traço e fator

A **teoria traço e fator** é a que dá início à área da Orientação Profissional e, como diz Ferretti (1988), sugere um procedimento racional e objetivo para a escolha, pois pressupõe que:

“a) os indivíduos diferenciam-se entre si em termos de habilidades físicas, aptidões, interesses e características pessoais;

b) as ocupações também se diferenciam entre si, cada uma exigindo, para um desempenho produtivo, que o profissional apresente aptidões, interesses e características pessoais requeridas pela profissão;

c) é possível conduzir à compatibilização ideal dessa dupla ordem de fatores através de um processo racional de escolha.” (Ferretti, 1988, p.18)

Esta teoria pauta sua ação e dá fundamento aos denominados testes vocacionais que, por mais criticados que tenham sido e sejam, ainda fazem parte do imaginário social, quando a questão é a escolha da profissão. Acredita-se que as aptidões, os interesses e os traços de personalidade são inatos.

A concepção de escolha aproxima-se do modelo médico, que “radiografa” o sujeito, analisa os dados coletados e os sintomas, realiza um diagnóstico e, por fim,

propõe um prognóstico. Na realidade, o interessado não decide, mas aceita ou não o conselho do profissional.

Os instrumentos utilizados usualmente mensuram as aptidões, inventariam ou testam os interesses e descrevem a “personalidade” do indivíduo.

O conceito de aptidão no manual dos testes de aptidões específicas DAT⁵, é definido como “...condição ou conjunto de características consideradas sintomáticas da habilidade com que um indivíduo (mediante treinamento) pode adquirir conhecimentos, destrezas; conjuntos e reações usualmente especificadas, como a habilidade de falar um idioma estrangeiro, de compor música...” (Bennet, Seashor, Wesman, s/d, p.5). Neste manual, critica-se a idéia de que as aptidões sejam entendidas unicamente como inatas, mas conclui-se que, para o teste, não importa a gênese de tais características, pois o fundamental é mensurá-las.

Já Oswaldo de Barros Santos, um dos pioneiros da Orientação Profissional no Brasil, define a aptidão como “...a habilidade natural para determinado gênero de atividade e que depende de muitos fatores para transformar-se em capacidade real e efetiva” (Santos, 1974, p.54). A capacidade, segundo ele, é uma habilidade adquirida a partir ou não de uma aptidão.(p.54). “De uma forma geral, sabe-se que as aptidões podem permanecer ocultas e apenas potenciais, quando fatores outros (orgânicos, psicológicos e sociais) não favorecem sua manifestação. Podem, igualmente, ser substituídas ou transformadas, sempre que condições psicológicas imponham ao indivíduo condições diferentes de ajustamento”. (Santos, 1974, p.54)

O **interesse profissional** é definido como “atração, preferência, gosto; sentimento de satisfação por determinado tipo de atividade. Sua medida implica em descobrir o grau com que o indivíduo prefere essa atividade, ou um certo gênero de atividades em detrimento de outras, sem implicar, contudo, ação executiva na direção dos interesses existentes”(Santos, 1974,p.4). Segundo este mesmo autor, os interesses tendem a se estabilizar a partir do fim da adolescência e mantém-se durante o período da “maturidade”.

⁵ O teste DAT (Differential Aptitude Tests), foi traduzido e adaptado para o Brasil pelos técnicos do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getúlio Vargas, em 1955.

Santos descreve várias formas de conceituar **personalidade**, apontando que existem desde as fisiológicas até as psicológicas; define-a como um “conjunto integrado, dinâmico e funcional, de todos os atributos físicos e psíquicos que caracterizam o indivíduo e que o diferenciam dos demais.” (Santos, 1974,p.65). Entretanto, para fins de orientação e escolha profissional, o autor diz ser mais operacional trabalhar com os conceitos de traços de personalidade, motivos e emoções. O autor, apoiado em Cattell, elabora a seguinte lista que é expressa por termos que seriam os opostos de uma escala (Santos, 1974, p.67):

QUADRO 1 - TRAÇOS DE PERSONALIDADE

I-	CICLOTIMIA Adaptável, bem humorado, sociável	VS.	ESQUISOTOMIA Retraído, mal humorado, inflexível
II-	INTELIGÊNCIA Vivo, decidido, compreensivo	VS.	RUDEZA INTELLECTUAL Estúpido, preguiçoso, impulsivo
III-	ESTABILID.EMOCIONAL Realista, estável, calmo	VS.	EMOTIVIDADE NEURÓTICA Ambíguo, inconstante, excitável
IV-	DOMINÂNCIA Firme, obstinado, resistente	VS.	SUBMISSÃO Modesto, humilde, introspectivo
V-	ELAÇÃO (surgency) Jovial, plácido, sociável	VS.	MELANCOLIA Infeliz, preocupado, isolado
VI-	SENSIBILIDADE Idealista, imaginativo, grato	VS.	INSENSIBILIDADE Cínico, caprichoso, ingrato
VII-	SOCIALIZAÇÃO Previdente, formal, consciencioso	VS.	RUDEZA Imprevidente, simples, irresponsável
VIII-	INTEGRAÇÃO POSITIVA Amadurecido, perseverante, leal	VS.	IMATURIDADE (dependência) Irresponsável, desertor, instável
IX-	CARIDADE, TEMERIDADE Cooperador, genial, sincero	VS.	OBSTRUÇÃO Obstrutivo, frio, reservado
X-	NEURASTENIA Incoerente, submisso, sonhador	VS.	CARÁTER VIGOROSO Desejos firmes, dogmático, prático
XI	HIPERSENSIBILIDADE Exigente, inquieto, tem piedade de si mesmo	VS.	TOLERÂNCIA À FRUSTRAÇÃO Adaptável, calmo, considera-se pouco importante
XII-	CICLOTOMIA CONFIANTE Entusiasta, amigável, digno de confiança	VS.	PARANÓIA Frustrado, hostil, indigno de confiança

Para Oswaldo de Barros Santos, a “... conceituação dos traços de personalidade é particularmente necessária aos orientadores, a fim de que sejam capazes de interpretar a linguagem psicológica, entendendo ou exprimindo-se adequadamente e, ainda, conhecer os aspectos ou manifestações que, realmente, possam exprimir reações típicas dos orientandos. Nas etapas de aconselhamento, na interpretação dos dados colhidos e no estudo da personalidade do aluno ou orientando, não pode o orientador ignorar a existência de traços que, de uma forma ou de outra, atuam nos ajustamentos pessoais”. (Santos, 1974, p.67).

2.2.2) Teorias psicodinâmicas

As teorias psicodinâmicas buscam explicar como os indivíduos constituem sua personalidade e, por isso, como se aproximam das profissões. Fundamentando-se na psicanálise, debruçam-se sobre o desenvolvimento afetivo sexual, principalmente na primeira infância, para entender o desenvolvimento das aptidões, interesses e características de personalidade. Portanto, estas teorias representam uma superação da visão inatista de personalidade, pois é a partir da relação dos impulsos com o meio que as pessoas constituem sua individualidade.

Segundo autores como Pimenta (1979) e Silva (1996), os representantes destas teorias realizavam uma aproximação de certo modo mecanicista das concepções de Freud e seguidores, ao estabelecerem padrões de personalidade em função das relações mantidas no começo da vida, com as profissões. Por exemplo, Pimenta, citando Meadow, aponta a formulação da relação de certos tipos de personalidade e escolha profissional: “1. A pessoa independente poderá procurar um emprego no comércio ou em profissões onde possa exercer liderança e iniciativa; 2. Os tipos reativos, como os compulsivos, procurarão atuar em profissões que requeiram este traço; 3. Os agressivos podem escolher profissões altamente competitivas; 4. Uma pessoa que tenha superego severo pode sentir-se insatisfeita nas suas ocupações; 5. O trabalhador passivo e submisso tem menos êxito no emprego que escolher, do que o agressivo.” (Pimenta, 1979, p.29)

No Brasil, estas teorias não alcançaram grande repercussão nas práticas de Orientação Profissional, ao contrário da primeira já descrita e da próxima.

2.2.3) Teorias desenvolvimentistas

As teorias desenvolvimentistas surgem a partir de 1950, como alternativa à abordagem dos traços e fatores. Critica-se a idéia de “momento da escolha”, passando-se a defender a concepção de desenvolvimento vocacional. O indivíduo possui um ciclo de vida e a questão profissional perpassa-o como um todo: os indivíduos desenvolvem-se vocacionalmente e este processo dura a vida toda.

Ginzberg et al. (1976), o introdutor da visão evolutivista, divide o desenvolvimento vocacional em três estágios: “escolha fantasia” (infância até os onze

anos), “tentativas de escolha” (dos 11 aos 17) e por último o “realista”(dezessete anos) estágio que apresenta as fases sucessivas de exploração, cristalização e especificação. Conforme Ferreti (1988), este autor considera que o processo termina quando há compatibilidade entre interesses, capacidades, valores e oportunidades ocupacionais.

Super (1976), o mais representativo e influente autor desta visão, acredita que “...As ocupações exigem, para seu exercício, que o indivíduo tenha certas características. Isto permite certa variedade de indivíduos para cada ocupação.” A tese fundamental de Super, segundo Pelletier, Noiseux e Bujold (1977), é de que “...os indivíduos que procuram papéis profissionais tendem a traduzir em termos ocupacionais a imagem que têm de si mesmos, e que a sua escolha profissional é uma tentativa de atualizar essa imagem, embora em alguns indivíduos a escolha possa se constituir, ao que parece, uma tentativa de antes atualizar a imagem ideal que a imagem real que tem de si mesmo”. (p.40)

Para Super, o desenvolvimento vocacional se dá através de estágios por ele denominados de crescimento, exploração, estabelecimento, manutenção e declínio. O enfoque operatório é introduzido por Pelletier, Noiseux e Bujold (1977), que propõem a operacionalização do estágio de exploração descrito por Super. A partir do modelo de intelecto proposto por Guilford⁶, estes autores propõem as seguintes tarefas como evolutivas deste estágio: a exploração, a cristalização, a especialização e a realização.

Por **exploração** os autores entendem:

- “descobrir que existem, no meio imediato e na sociedade em geral, problemas para resolver e tarefas para realizar (sensibilidade aos problemas);
- acumular em abundância informações sobre o ambiente e sobre si mesmo (fluidez);
- dispor de um repertório diversificado de informações (flexibilidade);
- obter informações dificilmente acessíveis e incomuns com relação ao meio sócio-cultural imediato do indivíduo (originalidade, autonomia, penetração);
- reconhecer que a questão de orientação se coloca e que tem importância (sensibilidade aos problemas);

⁶ Citado por Pelletier et.al, 1977, p.45

- aceitar que a questão de orientação seja complexa e não ofereça respostas únicas e definitivas (tolerância da ambigüidade);

- experimentar papéis profissionais na imaginação (risco).” (Pelletier, Noiseux e Bujold, 1977, p.53)

Por cristalização:

- “constatar a necessidade de fazer escolhas;

- dar-se conta da multiplicidade dos pontos de vista a partir dos quais se podem associar as ocupações;

- inferir as significações que podem ter resultados, rendimentos, performances escolares e extra-escolares situando-os em um grade de habilidades e talentos;

- encontrar para si alguns atributos essenciais que têm o poder de incluir um grande número de experiências ;

- identificar entre muitas atividades aqueles para as quais se mostram interesses duradouros;

- organizar o mundo do trabalho com base nos componentes da identidade pessoal.”(Pelletier, Noiseux e Bujold, 1977, p.55)

Por especificação se entende:

- “identificar os valores e as necessidades subjacentes aos comportamentos;

- ordenar , segundo a importância, as necessidades e os valores;

- obter informações segundo critérios determinados;

- encontrar possibilidades que são conseqüentes às necessidades e valores identificados;

- decidir, integrando todos os elementos já considerados.” (Pelletier, Noiseux e Bujold, 1977, p.57)

E, por fim, por realização:

- “rever as etapas da decisão e rever sua estabilidade e certeza;

- operacionalizar e planejar as etapas da decisão;
- antecipar as dificuldades;
- proteger a sua decisão;
- formular escolhas substitutivas.” (Pelletier, Noiseux e Bujold, 1977, p.59)

O enfoque operatório acredita na educabilidade das habilidades que são necessárias ao desenvolvimento de uma boa escolha. “Na perspectiva desenvolvimental ... , os problemas de escolha escolar ou profissional podem ser considerados como problemas a longo prazo, cuja solução implica um certo número de tarefas. O êxito em uma dada tarefa pode, é lógico, facilitar o êxito na tarefa seguinte, o que capacita o indivíduo a passar sem demasiada dificuldade por seus diferentes estádios de vida” (Pelletier, Noiseux e Bujold, 1977, p.43). O que se visa é a maturidade vocacional, isto é, saber “... fazer o inventário das possibilidades, colocar questões pertinentes, organizar os elementos do problema e esclarecer os objetivos, identificar suas necessidades e valores, avaliar os fatores de realidade e computar as probabilidades de materialização dos seus projetos, (saber) planejar e proteger sua decisão. Em suma, têm o imprescindível para a autodeterminação, para se atualizarem no seio das condições constringentes e facilitantes do meio.” (Pelletier, Noiseux e Bujold, 1977, p.88)

2.2.4) Teorias decisórias

As teorias decisórias importam seus pressupostos da Administração de Empresas e da Economia visando à racionalidade das escolhas. Assim, a decisão deve ser fruto de análise minuciosa dos elementos que intervêm no processo.

A racionalidade proposta prevê uma etapa chamada preditiva, em que se identificariam as possibilidades oferecidas e se analisariam as conseqüências de cada uma dessas possibilidades; prevê uma segunda etapa, avaliativa, onde se analisaria a ‘desejabilidade’ das conseqüências arroladas na etapa anterior e, por último, a decisória, onde se avaliariam as decisões e finalmente se chegaria a uma escolha. ⁷

⁷ Cfe. Ferretti, 1988a, p.27.

O modelo propõe que o orientador profissional deve ajudar a pessoa: “a) a analisar os dados capazes de constituírem bases adequadas para se estabelecer uma decisão; b) a coligir informações que possam sugerir novas alternativas; c) a determinar empiricamente a utilidade de cada decisão.”⁸ (Pelletier, Noiseux e Bujold, 1977, p.31)

Como diz Pelletier, Noiseux e Bujold (1977), tal visão não formula exatamente uma teoria de escolha profissional, não aponta os elementos que fazem parte desse processo e não oferece uma explicação mais geral do comportamento vocacional. Tais teorias estão mais preocupadas com o entendimento dos procedimentos da escolha, das etapas que necessariamente devem ser ultrapassadas para a tomada da melhor, da mais ponderada e racional decisão.

2.3) Teorias gerais

As teorias gerais tentam entender a escolha profissional determinada ora por aspectos psicológicos, ora por aspectos sócio-econômicos. Entretanto, não formulam novas abordagens, mas justapõem as anteriores.

Segundo Crites, as teorias gerais são aquelas que dão ênfase não só aos aspectos psicológicos da escolha ou não só aos aspectos estruturais sócio-econômicos, como explicação da inserção do indivíduo numa dada profissão ou ocupação.

Blau, citado como representante desta linha, elabora um esquema conceitual com aportes da psicologia, da economia e da sociologia. A questão que mobiliza sua análise é: “por que será que as pessoas abraçam diferentes profissões?” (Blau et al., 1976, p.70)

O autor adverte em seu texto que não está propondo uma nova teoria sobre a escolha e seleção profissional pois, segundo sua visão de ciência, a teoria deve resultar de pesquisas empíricas sistemáticas, que no seu caso não foram realizadas. Entende-se que Blau não traz inovações importantes para a compreensão do fenômeno, mas busca aliar os determinantes psicológicos com os determinantes externos para a sua compreensão.

“A escolha ocupacional é um processo de desenvolvimento que se estende por muitos anos,... Não há uma ocasião única em que os jovens se decidam por uma dentre todas as carreiras possíveis, mas há muitas encruzilhadas em que suas vidas dão passos

⁸ Citação de Pelletier, Noiseux e Bujold (1977), do modelo proposto por Gellat.

decisivos que vão tornando limitado o rol de futuras alternativas e que, conseqüentemente, influem sobre a escolha final de uma ocupação. Por toda a parte, as experiências sociais – intercâmbio com outras pessoas – constituem um aspecto essencial do desenvolvimento individual. As experiências ocupacionais que por fim se cristalizam não determinam, porém, diretamente o ingresso numa ocupação. Se elas podem vir a ser realizadas, se precisam ser modificadas ou mesmo postas de lado, são coisas que dependem das decisões dos selecionadores, isto é, todas as pessoas cujas ações atingem as *chances* que o candidato tem de obter uma posição em qualquer das etapas do processo de seleção...”. (Blau et al., 1976, p.71)

Por isto, Blau e seus colaboradores argumentam que tanto o processo de escolha como o processo de seleção de pessoal devem ser considerados para entender por que as pessoas dirigem-se para caminhos profissionalmente diferentes. “...o esclarecimento sobre o processo de seleção requer uma análise das mudanças históricas nas condições sociais e econômicas de seleção, da mesma forma como o estudo do processo da escolha envolve a análise dos desenvolvimentos da personalidade”. (Blau et al., 1976, p.72)

Para os autores, a estrutura social tem implicações em duas ordens distintas para a escolha de uma profissão. Influencia o desenvolvimento da personalidade, por um lado, e determina as condições sócio-econômicas no tempo em que ocorrerá a seleção profissional, por outro. Entretanto, estas duas ordens ocorrem em momentos distintos na vida da pessoa: enquanto a estrutura social determina a personalidade num tempo passado (infância por exemplo), a seleção ocorre sempre no presente, determinada pela estrutura social do tempo atual. “Os valores que orientam os esforços de uma pessoa e suas aspirações podem ter-se desenvolvido num período de prosperidade, mas ela deverá estar preparada para manter-se firme na adversidade.” (Blau et al., 1976, p.72)

3) UMA NOVA CLASSIFICAÇÃO DAS TEORIAS EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

A classificação elaborada por Crites, apresentada anteriormente, como já se enfatizou, foi utilizada por autores brasileiros como fonte de referência para a abordagem das teorias em Orientação Profissional. Entretanto, pode-se afirmar que tal classificação carece de substrato mais rigoroso, uma vez que implica em uma dissociação entre indivíduo e sociedade que, de certa forma, obriga a tomada de posição sobre qual seria o aspecto mais determinante na escolha profissional, o que por si só já é questionável. Por outro lado, o autor, ao referir-se às teorias psicológicas, identifica determinadas vertentes como se fossem expressão de toda a Psicologia e, não por acaso, estas vertentes enfatizam apenas o “contexto interno” do indivíduo.

Sem a pretensão de consenso, propõe-se uma nova classificação das teorias, analisando-as sobre o prisma das concepções subjacentes de indivíduo e a sociedade em que se baseiam. Isto é necessário para não se cair na armadilha contida na classificação de Crites que obrigaria a se posicionar sobre qual variável seria mais determinante na escolha profissional do indivíduo, se as econômica-sociais ou as individuais, sem um exame mais detido dos valores envolvidos em cada posição.

A presente proposta classifica as teorias em três grupos, assim designadas: 1) teorias tradicionais; 2) teorias críticas; 3) teorias para além da crítica. Acredita-se que tal forma de classificar as teorias permite o desvelamento das concepções de indivíduo e sociedade contidas em suas formulações.

3.1) Teorias tradicionais (abordagem liberal)

Nas teorias tradicionais, a concepção de aproximação do indivíduo com as profissões se dá através do que se poderia chamar de “modelo de perfis”. Este modelo entende que uma boa escolha é aquela que resulta da harmonia mais perfeita entre um perfil profissional ou ocupacional e o perfil pessoal, delineado a partir de qualquer técnica ou instrumento. Explicando melhor, o indivíduo, a partir de uma certa idade, teria suas características pessoais cristalizadas, apresentando-se com certos traços específicos de personalidade, aptidões e interesses determinados e quase que imutáveis.

Isto possibilitaria a comparação deste perfil pessoal com os vários perfis ocupacionais já preexistentes. Para exemplificar, observe-se o perfil profissiográfico do Psicólogo, descrito abaixo:

Os “requisitos pessoais” do Psicólogo são assim descritos no Dicionário das Profissões do CIEE :

“Tendo em vista o seu freqüente relacionamento com pessoas de vários níveis culturais tanto na área clínica, como na área educacional e empresarial, é importante que este profissional apresente *sociabilidade e flexibilidade*, isto é, facilidade para interagir com pessoas e ser flexível no sentido de se adaptar ao ambiente e às situações, estabelecendo formas variadas de relação interpessoal.

Habilidade numérica, que pode ser definida como capacidade para lidar com símbolos que representem quantidade e para raciocinar com números, é uma das características importantes para o Psicólogo que trabalha na área empresarial, cujas atividades geralmente envolvem cálculos numéricos, uso de estatística, tabelas de percentis e outros.

Em todas as suas atividades é importante que este profissional tenha profundo *interesse pelos problemas humanos* e seja capaz de *dar atenção* aos indivíduos, objetivando prestar-lhes ajuda na solução de seus problemas. Para isso ele deve apresentar *equilíbrio emocional*, no sentido de que não poderá envolver-se emocionalmente nestes problemas.

O trabalho do Psicólogo, predominantemente baseado no comportamento humano que se caracteriza por ser muito instável, exige deste uma *maior facilidade de discriminação e diferenciação de nuances e detalhes* para adaptar e modificar técnicas, procedimentos e orientações dos aspectos específicos e peculiares de cada indivíduo.

Fluência e raciocínio verbal são outras duas características muito importantes, tendo em vista que é, em grande parte, através da comunicação verbal que seu trabalho é desenvolvido junto aos clientes e pessoas ligadas ao seu trabalho.

Criatividade e imaginação podem ser definidas, respectivamente, como: capacidade de estabelecer relações até então não estabelecidas pelo universo do indivíduo, visando determinados fins e

capacidade de representar objetos ausentes e combinar imagens, são duas características importantes para o Psicólogo, principalmente o que trabalha na área empresaria, onde encontra diversidade de funções.

Outra aptidão importante para o bom desempenho de suas funções é o raciocínio abstrato, entendido como facilidade para estabelecer relação e compreender símbolos, a partir de estímulos não verbais. É importante em atividades como: observação de comportamento, análise de testes, planejamento, previsão e diagnóstico.

A apresentação de todas estas características pessoais pelo Psicólogo deve estar acompanhada sempre de muito *bom senso* em todo o decorrer de suas atividades, não um senso comum, popular, mas um bom senso *técnico*, com bases psicológicas.

É imprescindível que o Psicólogo não possua desvios graves de personalidade, timidez excessiva e descontrole nervoso, o que impossibilitaria de desenvolver seu trabalho.” (CIEE, 1981, p.862)

Numa publicação especializada mais recente⁹, existe um capítulo intitulado “PARA O QUE É QUE EU LEVO JEITO?”, onde se lê: “Descobrir coisas sobre o seu modo de ser ajuda muito a acabar com as dúvidas”. Numa linguagem próxima ao jovem (às vezes caricata até), os perfis vão sendo construídos. Cada perfil é seguido por uma lista de profissões que aparecem em cores diferentes, classificando-as segundo o critério das áreas de conhecimento (humanas, exatas, biológicas, agrárias e artes). O psicólogo, profissão selecionada para exemplificação, aparece em seis grupos que são assim definidos:

“Se você tem... jogo de cintura, paciência e tolerância, pensa e reage rápido, adora improvisar, apresenta umas aulas, na boa, sem ter se preparado antes, ...então você pode ir para... Psicologia (e outras profissões)

Se você consegue... ficar frio nas situações mais difíceis, aplicar injeção em seu cachorro sem errar o lugar, ver seu irmão se ralar inteiro e ser a única pessoa que, além de pedir para chamar um

⁹ Guia do Estudante – Editora Abril, edição 1997.

médico, presta os primeiros socorro.tenha em mente... Psicologia (e outras profissões)

Se você é... discreto, sabe guardar um segredo e não conta nem sob tortura, encontra no elevador seu vizinho do 402 aos beijos com a mulher do 503 e não sai espalhando por aí, tem condescendência com o jeito de ser dos outros, ...é bom considerar... Psicologia (e outras profissões)

Se você consegue... escrever bem e fazer redações fantásticas, se expressar com facilidade e transmitir suas idéias com clareza, se sair bem em prova oral e ser sempre o porta-voz oficial da turma, ... tenha em mente... Psicologia (e outras profissões)

Se você é... observador, gosta de bancar o Sherlock Holmes, se liga até no papo chato da sua irmã menor e sabe dizer sem vacilo com que sapato seu pai saiu hoje cedo, ...é bom considerar... Psicologia (e outras profissões)

Se você é...perseverante, controla bem sua ansiedade, mas não descansa enquanto não consegue o que quer, é bom considerar... Psicologia (e outras profissões)". (Guia do Estudante, 1997, p.18-21)¹⁰

Em síntese, a partir das duas publicações citadas, o perfil do Psicólogo é assim traçado:

Traços de personalidade: sociabilidade e flexibilidade; equilíbrio emocional; não possuir desvios graves de personalidade, timidez excessiva e descontrole nervoso; "bom senso técnico". Paciência; tolerância; pensamento rápido; discrição; observação; perseverança.

Aptidões: habilidade numérica; maior facilidade de discriminação e diferenciação de nuances e detalhes; fluência e raciocínio verbal; criatividade e imaginação; raciocínio abstrato

Interesses: interesse pelos problemas humanos; interesse em dar atenção aos indivíduos.

¹⁰ Guia do Estudante 97. São Paulo, Editora Abril, 2º semestre de 1996.

O perfil da pessoa que vive o dilema da escolha profissional também deve ser analisado. Através de testes, e/ou inventários, e/ou entrevistas, e/ou dramatizações, e/ou letra (grafologia) e até mesmo por “mapa astral”, ou ainda por qualquer outra técnica, é estabelecido o perfil do indivíduo: os traços de personalidade, as aptidões e os interesses são diagnosticados. A escolha da profissão resume-se numa atividade de comparação. Busca-se a “fôrma” (perfil ocupacional) que melhor se ajusta ao perfil pessoal levantado. Na seleção profissional ocorre o inverso: como a “fôrma” já é dada, uma vez que sempre se seleciona alguém para determinado cargo ou função, procura-se, dentre vários indivíduos (perfis pessoais), aquele que se ajusta melhor à fôrma (perfil ocupacional).

Na escolha profissional, espera-se que o indivíduo estabeleça uma correlação entre si e os vários perfis ocupacionais disponíveis, para que possa achar aquele que melhor se ajusta à sua pessoa.

A função da Orientação Profissional, nesta abordagem, seria ajudar o indivíduo a conhecer-se (em algumas teorias nem isto é necessário, basta que o orientador conheça o sujeito), isto é, conscientizar-se de suas características pessoais, além de ajudá-lo a conhecer as profissões. Esta ação, para diferenciar-se daquilo que o indivíduo pode fazer sozinho, vem revestida de uma certa aparência de ciência ao utilizar instrumentos que só o orientador pode manipular e que carrega a idéia de que o indivíduo tem uma essência que só um profissional pode descobrir.

Este modelo é estático tanto no que se refere às profissões ou ocupações como quanto ao indivíduo. Por mais que se atualizem estes perfis, dificilmente eles conseguem sair da generalidade e superficialidade. Observe-se que o perfil do Psicólogo, elaborado há mais de quatorze anos pelo CIEE, serve também para inúmeras outras profissões ou ocupações, além de ser utilizado até hoje, mesmo tendo ocorrido todas as transformações sociais, políticas, econômicas e tecnológicas conhecidas. Da mesma forma, este modelo espera que as pessoas não mudem muito a partir do fim da adolescência, mantendo suas características pessoais durante toda a vida.

Todas as teorias chamadas psicológicas, apresentadas anteriormente, enquadram-se neste modelo. A teoria traço e fator, na realidade, inaugura este modo de pensar na aproximação dos indivíduos com as profissões. Com o slogan do “homem certo no lugar

certo”, constrói o imaginário dos perfis que perdura até hoje. É muito comum observar empresários, artistas, profissionais liberais utilizarem-se da concepção de perfil para explicar sua própria situação econômica e social, usualmente privilegiada.

Mesmo as teorias desenvolvimentistas, que criticam a concepção inatista das aptidões, personalidade e interesses, acabam utilizando a idéia do perfil. Por exemplo, Super (1976) acredita que “1) as pessoas diferem em suas habilidades, interesses e personalidades; 2) elas são qualificadas em virtude de tais características, cada uma para um certo número de ocupações; 3) cada uma dessas ocupações exige um padrão característico de habilidades, interesses e traços de personalidade, com uma margem suficientemente grande de tolerância, entretanto, a fim de permitir ao mesmo tempo alguma variedade de ocupações para cada indivíduo e alguma variedade de indivíduos para cada ocupação”(Super, 19796, p.37). A novidade, portanto, está na aceitação de que não há uma única profissão para cada indivíduo e que há alguma diversidade de indivíduos para cada profissão; entretanto, o modelo de perfis está exemplarmente incluído.

Para Ginzberg (1976), introdutor da vertente evolucionista, “a decisão, em se tratando de escolha ocupacional, é, em última análise, um compromisso onde o indivíduo espera ganhar o máximo grau de satisfação através de sua vida de trabalho, seguindo uma carreira na qual ele pode fazer uso, tanto quanto possível, de seus interesses e capacidades, em situações que satisfaçam seus valores e metas”. (p.13) De novo, observa-se o modelo de perfis sendo utilizado para aproximar os indivíduos das profissões.

Anne Roe, representante da vertente psicodinâmica, atribui grande importância à formação de atitudes, interesses e aptidões nas primeiras experiências infantis, estabelecidas entre pais e filhos. Se esta relação foi mais ou menos amorosa (superproteção, supersolicitação, aceitação causal, aceitação amorosa) ou mais ou menos distante (rejeição ou negligência), isto pode gerar pessoas “dirigidas” para pessoas ou para “não pessoas”. “Dependendo de qual das situações acima [primeiras experiências infantis na relação com o adulto] é experimentada na infância desenvolver-se-ão atitudes, interesses e capacidades básicas, as quais encontrarão expressão no padrão geral de vida do adulto: em suas relações pessoais, em suas relações emocionais,

em suas atividades e em sua escolha vocacional” (Roe, 1976, p.116). Mais uma vez, pode-se observar aqui o padrão de perfis ultimando o processo. De fato, Anne Roe constrói um modelo onde as categorias “dirigido para pessoas e dirigido para não-pessoas”, pautadas na classificação hierárquica das necessidades de Maslow, vão ao encontro do que a autora denomina de classificação de ocupações: “A maioria daqueles que selecionam ocupações nos grupos [serviço, contatos comerciais, ocupações culturais em geral e artes e diversões] ¹¹seguem fundamentalmente uma orientação para pessoas, assim como muitos, senão a maioria, dos que se situam no grupo [organizações]. Os grupos [tecnologia, serviços externos e ciência] compreendem, principalmente, pessoas cuja orientação principal é dirigida para não-pessoas”. (Roe, 1976, p.117)

Gelatt (1976), um dos representantes das teorias decisórias, propõe a aplicação do método científico para a resolução de problemas de escolha profissional. Na realidade, os autores destas teorias estão mais preocupados em fornecer um critério racional de escolha do que entender a forma como se dá tanto a construção da personalidade do indivíduo quanto a interferência do contexto sócio-econômico nesta construção. Por isso, o autor citado afirma que “os resultados de testes, de prévios cursos graduados, de interesses, e a relação desta decisão com escolhas futuras são exemplos de elementos a serem usados. Para se discutir os possíveis resultados de escolhas alternativas e suas possibilidades é essencial saber alguma coisa sobre o grau de relevância que estes elementos têm para cada alternativa”. (Gelatt, 1976, p.19). Novamente, pode-se observar a idéia do modelo de perfis sendo utilizada nesta concepção.

Como já afirmado anteriormente, todas as teorias chamadas psicológicas apoiam-se no modelo de perfis. Na verdade, apenas se diferenciam quanto ao entendimento da gênese das características pessoais do indivíduo. Algumas consideram, como já visto, que tais características são inatas; outras que são construídas a partir da relação afetivo sexual estabelecida na primeira infância; outras ainda que são construídas ao longo do crescimento da pessoa; mas todas, sem exceção, ao final, comparam estas características com os perfis elaborados de cada profissão. Portanto, em maior ou menor escala, há um ajustamento do indivíduo à sociedade.

¹¹ Texto entre colchetes, inclusão nossa.

Celso Ferretti examina as teorias em Orientação Profissional com a seguinte pergunta: quais as concepções de indivíduo e sociedade que dão sustentação às suas idéias? Portanto, este autor não está preocupado em discutir quais delas analisam mais adequadamente a forma como o indivíduo escolhe sua profissão; seu olhar volta-se ao aspecto ideológico contido na questão.

Este autor constata que: 1) todas as teorias psicológicas propõem-se a explicar como o indivíduo processa a sua escolha bem como o seu resultado; 2) todas as teorias pressupõem que a escolha é uma decisão pessoal e individual; 3) todas as teorias admitem que fatores pessoais e sociais interferem no processo, mas que dão ênfase no caráter biopsicológico, entendendo os sociais como limitadores ou castradores das características originais ou essenciais do indivíduo; e, por fim 4) "as teorias, implícita ou explicitamente, consideram que os indivíduos, diferem entre si por uma série de características (aptidões, interesses, características de personalidade, ritmo de desenvolvimento, autoconceito etc.). Estas diferenças os levarão a optar por diferentes caminhos profissionais." (Ferretti, 1988a, p.30)

As teorias chamadas de psicológicas fundamentam-se na ideologia liberal. O conceito de escolha é entendido como algo abstrato, privilégio da classe dominante que impõe sua visão para todas as outras, como ideologia. Os três axiomas da visão liberal informam como a escolha profissional será entendida. A liberdade, a individualidade e a igualdade de oportunidades dão sentido à ação da Orientação Profissional. A individualidade é entendida como um movimento interno, quer numa visão inatista - os indivíduos nascem com todos os atributos, quer numa visão desenvolvimentista - desenvolvem ao longo da vida. O princípio da liberdade assegura a possibilidade do indivíduo desenvolver suas potencialidades. A igualdade de oportunidades também está restrita à visão de indivíduo: todos têm garantido, por lei, a condição de poderem alcançar o "progresso pessoal e posição social vantajosa. Como lei têm igual direito à vida, à liberdade, à propriedade, à proteção das leis." (Ferretti, 1988a, p.34)

Na visão liberal, o indivíduo tem em suas mãos a possibilidade de ultrapassar os obstáculos colocados pela realidade e a escolha, se adequada, asseguraria melhoria de condição de vida.

A sociedade é entendida com um conjunto de camadas sociais sobrepostas e ordenadas em forma de pirâmide que possibilita ascenso ou “descenso” social. A escolha profissional é anunciada como um dos fatores fundamentais para o deslocamento social (para cima ou para baixo de acordo com a qualidade da decisão) e, por isto, a Orientação Profissional far-se-ia necessária, isto é, ajudaria o indivíduo a localizar ou descobrir sua “vocação” para ter chances de “subir na vida”.

3.2) Teorias críticas

Por teorias críticas entendemos aquelas surgidas, no Brasil, no final da década de 70 e início da de 80, que examinaram as teorias aqui denominadas tradicionais ou liberais, apontando seu caráter ideológico¹².

Mais do que propostas (apesar de apontarem algumas saídas), estas teorias propõem-se a analisar, de forma radical, as teorias então existentes, desvelando as concepções, quase nunca explícitas, de ser humano e sociedade nelas contidas. É necessário lembrar que estas teorias foram construídas num momento particular da história do país e da educação. O Brasil vivia uma ditadura militar severa, que restringia as liberdades democráticas e que teve como função “modernizar” a economia do país, abrindo suas fronteiras para o capital internacional, contra programas nacionalistas e populistas que faziam história desde a época de Vargas, com avanços e recuos nos diversos governos posteriores. A escola, nestes tempos, é centralmente vista (pelos teóricos de esquerda) como aparelho ideológico do Estado, que tem como função principal a manutenção do status quo e a transmissão dos valores e crenças da classe dominante. Althusser (1983), Bourdieu e Passeron (1975) são os principais teóricos desta perspectiva e, no Brasil, Luiz Antonio Cunha, com seu importante livro “Educação e Desenvolvimento Social no Brasil”, publicado originalmente em 1977, dão grande impulso à análise crítica da função da educação escolar e, por conseqüência, da Orientação Profissional. Esta forma de compreender a escola foi, mais tarde, denominada de “visão reprodutivista”.

¹² Por ideologia entende-se leitura invertida da realidade realizada pela classe dominante e que postula sua universalidade. Portanto não necessariamente falsa, mas com compromisso de classe.

Cunha (1977) examina a escola sob os princípios da visão liberal, de que a política educacional se diz defensora. Assim, aplica estes princípios para verificar se esta escola, ao menos, dá conta de implementá-los. O princípio do individualismo “considera o indivíduo enquanto sujeito que deve ser respeitado por possuir aptidões e talentos próprios, atualizados ou em potencial”(p.28). O segundo princípio, a liberdade, está alicerçado no postulado do individualismo. “Pleiteia-se , antes de tudo a liberdade individual, dela decorrendo toda as outras: liberdade econômica, intelectual, religiosa e política. Para essa doutrina [o liberalismo] a liberdade é condição necessária para a defesa da ação e das potencialidades individuais, enquanto a não-liberdade é um desrespeito à personalidade de cada um”. (Cunha, 1977, p.29). A propriedade é outro aspecto da doutrina e é entendida como “direito natural do indivíduo”. A igualdade, entendida não como igualdade de condições materiais, mas sim como igualdade perante a lei defende que “todos têm, por lei, iguais direitos à vida, à liberdade, à propriedade, à proteção das leis”(Cunha, 1977, p.31). Por fim, a democracia exigida pelos princípios anteriormente descritos, isto é, para usufruir do individualismo, da liberdade, da propriedade, da igualdade, há a necessidade da democracia. Assim, “cada indivíduo, agindo livremente, é capaz de buscar seus interesses próprios e, em consequência, os de toda a sociedade”. (Cunha, 1977, p.33).

Na ótica liberal, o indivíduo pode almejar ascender socialmente e enriquecer, não em função de condições advindas de prerrogativas de nascimento, mas fruto de trabalho e talento pessoal. (cfe. Cunha, 1977, p.31).

A escola é pretendida pela teoria liberal e pela política educacional como responsável pela equalização de oportunidades. Entretanto, Cunha desmascara tal visão, ao apontar que esta escola que aí está é incapaz de agir segundo os próprios princípios que estabelece, apontando que “a análise do papel atribuído à educação de instrumento de equalização de oportunidades, pela doutrina liberal, pela pedagogia da escola nova e pelo estado, mostrou ter essa atribuição a função ideológica de dissimular os mecanismos de discriminação da própria educação, bem como os da ordem econômica”. (Cunha, 1977, p.60)

Fazendo o discurso de que o papel da educação seria o de corrigir as “distorções” provocadas pelo capitalismo, a escola, ao contrário, reproduz e justifica esta ordem junto

ao seu alunado e suas famílias. Cunha aponta cinco pontos que desmascaram cabalmente este discurso: 1) as chances de escolarização são desiguais pelo país afora; 2) onde a escolarização atinge uma grande parte da população, há desigualdade na qualidade do ensino oferecido; 3) “as aptidões das pessoas não são características inatas; ao contrário, são produto da sua primeira educação, associada às condições materiais de vida no que se refere à alimentação, ao desenvolvimento psicofisiológico, ao desenvolvimento de certas destrezas que cada classe social tem como *resultado da vida que leva*”(p.56); 4) os processos de avaliação premiam atitudes, destrezas, comportamentos mais pertinentes as classes não trabalhadoras, tais como o “verbalismo” e “as boas maneiras”; 5) “dizer que são ‘razões de ordem intelectiva’ que barram o progresso (escolar) de alguns é dizer metade da realidade, vale dizer, é dissimular a realidade”(p.56). As diferenças de ordem intelectual, segundo este autor, devem ser buscadas na origem de classe . “Assim, dizer que as diferenças intelectuais produzem as diferenças de classe é dizer, na realidade, que as diferenças de classe produzem as diferenças de classe, isto é, nada dizer”(p.56).

Celso Ferretti analisa as teorias em Orientação Profissional no mesmo sentido que faz Cunha com a escola. Cruzando os pressupostos teóricos da OV, os princípios do liberalismo e a realidade mostrada por inúmeras pesquisas, bem como a própria vivência, conclui que a Orientação Profissional toma como postulados as premissas do liberalismo. Em seguida, constata que a sociedade concreta não oferece igualdade real de condições, que não há liberdade de escolha e que esta individualidade, em termos de talentos, personalidade, aptidões e habilidades também é questionável. Por isso, sua ação tem mais efeito ideológico do que efetiva ajuda ao indivíduo e suas escolhas.

A “...orientação acaba reforçando os princípios do liberalismo, pois admite implicitamente que existem falhas no processo de escolhas profissionais, que estas falhas são do indivíduo e que, portanto, para resolver o problema, basta habilitá-lo a realizar escolhas mais adequadas. Ou seja, todos têm liberdade de escolher e igual liberdade para fazê-lo de acordo com suas aptidões e características pessoais, respeitadas as limitações impostas pela realidade. As opções inadequadas são de responsabilidade individual e devem ser creditadas unicamente ao indivíduo que escolhe. Ao atuar dessa forma, a Orientação Profissional acaba comprometendo-se

duplamente: de um lado, por não examinar as causas últimas e por aceitá-las como naturais, mistifica os fatores da realidade que constituem obstáculos ou impedimentos à escolha individuais. De outro lado, ajuda a manter as discriminações sociais, por admitir, sem questionamento, o potencial individual deixando, ao mesmo tempo, de abrir crítica às condições de vida que influenciaram marcadamente esse potencial”. (Ferretti, 1988a, p.44)

Selma Garrido Pimenta, outra autora importantíssima para a história recente da Orientação Profissional no Brasil, realiza uma crítica diferente. Ao examinar as teorias, percebe que as mesmas propõem-se a explicar descritivamente a escolha profissional da pessoas mas que, na realidade, ficam apenas no aspecto psicológico. A autora afirma que “...Considerado psicologicamente, o fenômeno da decisão não se esgota; questões como liberdade de decidir, porque e para que decidir, porque existem determinismos e como modificá-los, não são cogitadas pela psicologia vocacional que se preocupa em *descrever* os fenômenos psíquicos relacionados à escolha vocacional...”(1979, p.42)

Entretanto, a autora considera que o indivíduo não se reduz apenas à psicologia e, portanto as teorias não dão conta de abordar e explicar o fenômeno complexo que é a pessoa. “Se a orientação vocacional significa ‘o processo pelo qual se ajuda uma pessoa a escolher uma ocupação, a preparar-se para ela, ingressar e progredir nela’, ela não se reduz à psicologia, pois que, ajudar uma pessoa não se reduz a ajudá-la psicologicamente (identificar aptidões, interesses, autoconceitos etc.). Esta ajuda é parcial e fragmentária, pois que a pessoa não é a soma de construtos psicológicos; e também não é parte de psicologia (como não o é da sociologia, de economia etc.). A pessoa não é o resultado da soma destas ciências...”.(Pimenta, 1979, p.42)

A autora recorre à fenomenologia existencial para verificar se ela é capaz de abraçar toda a problemática envolvida na questão. Apresenta os conceitos fundamentais desta abordagem: o homem como ser encarnado no mundo; como sujeito e não coisa; a existência como coexistência (intersubjetividade); a liberdade. A fenomenologia existencial possibilita a constatação de que o psicologismo fragmenta o fenômeno da decisão em pequenas unidades, assim como as teorias em orientação vocacional não se colocam uma concepção de homem. Apesar destas conclusões, a autora afirma que a fenomenologia também aborda, de forma reducionista, o fenômeno da decisão, ao

idealizar a concepção de homem que utiliza, isto é, seu caráter metafísico e abstrato, entendendo o indivíduo como se ele existisse “em si e por si”.

Maria Helena Souza Patto estuda a produção do fracasso escolar, tema bastante diferente do presente estudo. Entretanto, ao historicizar a forma como a psicologia tem abordado o tema, igualmente constata a visão reducionista e ideológica que a ciência vem dando ao tema, aproximando a crítica à Orientação Profissional tradicional a abordagens e concepções a respeito do fracasso escolar. Ao se referir aos primórdios da psicologia científica no final do século XIX e início do XX, aponta a funcionalidade alcançada pelas teorias ao reforçar as tendências liberais, que ganharam fôlego a partir da revolução francesa, e da dominação efetiva do modo de produção capitalista pelo mundo. “A psicologia científica...fortemente influenciada pela teoria da evolução natural e pelo exaltado cientificismo da época, tornou-se especialmente apta a desempenhar seu primeiro e principal papel social: **descobrir os mais e os menos aptos a trilhar ‘a carreira aberta ao talento’** ¹³ supostamente presente na nova organização social e assim colaborar, de modo importantíssimo, com a crença da chegada de uma vida social fundada na justiça. Entre as ciências que na era do capital participaram do ilusionismo que escondeu as desigualdades sociais, historicamente determinadas, sob o véu de supostas **desigualdades pessoais**, biologicamente determinadas, a psicologia certamente ocupou posição de destaque”. (Patto, 1991, p.36)

Portanto, não é só a Psicologia dita vocacional que se apóia na perspectiva do liberalismo, mas toda a Psicologia e, como diz Patto, a Pedagogia também. A psicologia diferencial chega à escola, dando início à Orientação Profissional, para, independente da etnia ou condição social, selecionar ou promover os mais aptos. Dessa forma, o fracasso escolar justifica-se pela falta de aptidão inata para o respectivo progresso. As concepções educacionais e psicológicas reforçam-se mutuamente: “Claparede...quer aprimorar instrumentos de medida que rastreiem as diferença individuais, quer saber quem são os retardados e os bem dotados o mais precocemente possível , defende a criação de classes especiais para os primeiros e de escolas especiais para os segundos, propõe em 1920, a escola sob medida e em 1922 **a orientação profissional** ¹⁴ - tudo isto

¹³ Grifo nosso

¹⁴ Grifo nosso

em nome de menor desperdício e menor desgaste individual e social. A colocação do ‘homem certo no lugar certo’ era para ele o caminho mais curto para o restabelecimento da justiça social almejada e a seu ver possível, mas ainda não alcançada”. (Patto, 1991, p.43)

Como se pôde constatar, a Psicologia do início do século (que deixa marcas quase que indeléveis), principalmente aquela que se debruça sobre a escola e sobre o trabalho, tem a missão de sedimentar e perpetuar a ideologia liberal que sustenta o capitalismo, ao canalizar para o indivíduo todas as responsabilidades pelo seu progresso, deixando incólume a estrutura social, isto é, encobrindo injustiças e a exploração inerentes ao modo de produção.

Segundo a perspectiva crítica, a visão tradicional ou liberal percebe o indivíduo como ser autônomo em relação à sociedade. Autonomia aqui é entendida como um corpo bio-psicológico que já contém, desde o nascimento, potencialidades que podem ser ou não desenvolvidas de acordo com o meio em que a pessoa vive. A função da educação, como diz Patto, assim como a da Orientação Profissional, seria propiciar o desenvolvimento deste potencial, selecionando os indivíduos segundo tal potencial, buscando eliminar as interferências “prejudiciais” do meio.

Além dessa visão inatista, a perspectiva tradicional tende a naturalizar os fenômenos que são históricos. As diferenças entre homens e mulheres, por exemplo, no que se refere a características de personalidade, interesses e habilidades, são naturalizados e, por isso, perenizados, ao contrário do que afirma a vasta bibliografia na área que marca a historicidade do fenômeno¹⁵. A naturalização do que é histórico vem na direção de uma visão conservadora da realidade que busca manter as desigualdades sociais em função dos privilégios alcançados pelas classes dirigentes.

A perspectiva crítica questiona o conceito de sociedade que a abordagem tradicional utiliza. A sociedade não se constitui como uma pirâmide formada por camadas sociais, mas, estruturalmente, é constituída por duas classes sociais, complementares, com objetivos e interesses distintos e contraditórios: a burguesia e o proletariado. A idéia da ascensão social é substituída pela concepção de luta de classes.

¹⁵ ver, por exemplo, textos que relacionam a questão da mulher com profissão e/ou escolha profissional: Ferretti, 1976; Bruschini, 1978 e 2000.

A educação e a Orientação precisam trabalhar em direção à “conscientização”, bandeira das oposições políticas na década de 70 e início da de 80, para a superação deste modo de produção, que em si é autoritário, injusto e explorador.

Esta perspectiva critica a visão de aproximação dos indivíduos com as profissões e ocupações presente no modelo dos perfis. Este modelo pressupõe indivíduos e profissões estáticas e perenes. Como já apontado anteriormente, no caso da profissão do Psicólogo, seu perfil se mantém inalterado. Na perspectiva crítica, as profissões e ocupações têm história, isto é, modificam-se no tempo em função de variáveis econômicas, políticas, sociais e tecnológicas. Por exemplo, não se pode afirmar que o exercício atual da Medicina seja igual ao de 50 anos atrás. Naquela época, constituía-se como profissão liberal, havendo o médico da família que desenvolvia seu trabalho acompanhando a vida do indivíduo praticamente desde seu nascimento. Os recursos que utilizava na especialidade clínica eram: palheta, estetoscópio, um cone para ouvir o batimento cardíaco do feto e, quando muito, o Raio X. O médico de hoje já passou para uma situação de assalariamento (ou é empregado ou atende conveniados de um plano médico, que seria um assalariamento disfarçado). Não existe mais o médico de família e os recursos instrumentais que utiliza requerem conhecimentos e habilidades bastante distintas daquelas que eram então necessárias. Isto em absoluto significa que o atendimento na área de saúde melhorou; no entanto tal discussão foge ao presente objetivo.

De outro lado, a idéia de que existe um perfil pessoal que se cristaliza e pereniza por volta dos 18 anos também pode ser questionada. Os indivíduos também se modificam com o tempo e, mais do que isto, adquirem habilidades, mudam interesses e transformam suas características pessoais.

Mas esta idéia de perfis, como exposta acima, está referida ao que se chama de modelo *taylorista/fordista* de organização da produção. “Esse padrão produtivo estruturou-se com base no trabalho *parcelar e fragmentado*, na decomposição das tarefas, que reduziria a ação operária a um conjunto repetitivo de atividades cuja somatória resultava no trabalho coletivo produtor...” de mercadorias. (Antunes, 2000, pg.37) O modelo de perfis ajusta-se plenamente à idéia do trabalho parcelar e fragmentado. Os perfis profissiográficos que se montavam, na época, buscavam

identificar minuciosamente as habilidades e conhecimentos necessários para o desempenho de uma dada função específica dentro da divisão técnica do trabalho. O que começou no chão da fábrica, depois foi transposto para quase todas as ocupações, chegando inclusive ao trabalho intelectual.

Mas a organização taylorista/fordista do trabalho vem sofrendo modificações. Nas empresas de ponta, o modelo foi substituído pelo que se chama de modelo toyotista ou japonês de organização da produção, que é assim definido por Antunes:

O modelo toyotista “...se fundamenta num padrão produtivo organizacional e tecnologicamente avançado, resultado da introdução de técnicas de gestão da força de trabalho próprias da fase informacional, bem como da introdução ampliada dos computadores no processo produtivo e de serviços. Desenvolve-se em uma estrutura produtiva mais flexível, recorrendo freqüentemente à desconcentração produtiva, às empresas terceirizadas etc. Utiliza-se de novas técnicas de gestão da força de trabalho, do trabalho em equipe, das ‘células de produção’, dos ‘times de trabalho’ dos grupos ‘semi-autônomos’, além de requerer, ao menos no plano discursivo, o ‘envolvimento participativo’ dos trabalhadores, em verdade uma participação manipuladora e que preserva, na essência, as condições de trabalho alienado e estranhado. O ‘trabalho polivalente’, ‘multifuncional’, ‘qualificado’¹⁶, combinado com uma estrutura mais horizontalizada e integrada entre diversas empresas, inclusive nas empresas terceirizadas, tem como finalidade a redução do tempo de trabalho”. (Antunes, 2000, p.52)

O trabalho polivalente, multifuncional e qualificado, como diz Antunes modifica a idéia do perfil profissiográfico tradicional. Além de ser competente tecnicamente falando, o profissional também tem que desenvolver novas habilidades, agora atitudinais e comportamentais. O discurso atual expresso de forma caricaturizada é: o indivíduo precisa desenvolver “todas” as habilidades e adquirir “todos” os conhecimentos se quiser sobreviver no mercado. Para enfrentar a “alta rotatividade, instabilidade, pouco dinamismo na geração de novas vagas, descontinuidade da trajetória profissional, precarização das formas de contratação de mão-de-obra e queda de rendimentos” (Dieese, 1997), que caracterizam as mudanças do emprego nos anos 90, o discurso neo-liberal irradia que com “... as mudanças, aumenta a necessidade de versatilidade e qualificação [do trabalhador]. Antes bastava ser adestrado. Hoje, é fundamental ser educado. O adestramento ensina a pessoa a fazer a mesma coisa a vida inteira. A educação a prepara para aprender continuamente. Com a velocidade meteórica das

¹⁶ grifos nossos

mudanças nas tecnologias e nos modos de produzir e vender, a educação torna-se o elemento-chave para a empregabilidade dos trabalhadores e para a competitividade das empresas.” (Pastore, 2000)

Para ser empregável, o indivíduo tem que ser polivalente. O desemprego é algo que o trabalhador deve resolver. De novo, ele é responsabilizado pela sua própria mazela e deve, caso “queira” voltar a trabalhar, melhorar suas competências. Este é o perfil dos tempos da globalização e neo-liberalismo. O discurso atual não abandona a concepção de perfis mas acrescenta exigências. Na atualidade, o indivíduo precisa apresentar competências, precisa “saber ser”, como afirma Ferretti (1997), isto é, “colocar-se por inteiro, mobilizar-se completamente, em direção a um fim, neste caso, a valorização do capital ‘A competência é a capacidade de resolver um problema em uma situação dada. A competência baseia-se nos resultados.’ ” (p.259)

Ferretti aponta que a imprecisão do conceito de competência tem trazido problemas para as agências de formação profissionais e para as próprias empresas. Segundo este autor “...nos países capitalistas avançados, desenvolve-se, a partir das reformas de ensino, um intenso esforço no sentido de estudar, detalhar, padronizar e propor, em termos compreensíveis e úteis à formação profissional e à empresa, a definição, a mais precisa possível, de tais competências, de modo que possam ser eficientemente ensinadas e passíveis de mensuração, semelhantemente, guardadas as devidas proporções, com o que ocorreu quando da definição de cargos, tarefas e funções sob o taylorismo/fordismo”. (Ferretti, 1997, p.262) Ou seja, o Capital precisa da definição dos perfis, agora sob novos moldes, para continuar se reproduzindo.¹⁷

A busca da harmonia entre perfis pessoais e profissionais constitui-se como uma visão reducionista e mecanicista da grande complexidade que envolve a relação indivíduo, trabalho e, por conseqüência, a educação também.

A perspectiva crítica denuncia a ação puramente ideológica da Orientação Profissional tradicional. Esta intervenção tem a função de dissimulação da realidade ao “esconder” os determinantes econômicos, políticos e sociais do fenômeno e isolar apenas o individual como essencial. Responsabiliza a pessoa pelo seu sucesso em

¹⁷ Antunes, R. (1995 e 2000) é um das vozes críticas que abordam as transformações da organização do trabalho nos tempos atuais. Ao contrário do preconizado pela ideologia liberal, o autor aponta que a tendência geral dos postos de trabalho é a precarização, o trabalho parcial e a desqualificação.

direção à ascensão social o que acaba por ser uma explicação e culpabilização pelo aparente “fracasso” a que a maioria está submetida. Ajusta o indivíduo à estrutura ocupacional pré-existente, onde a lógica do lucro impera, tendo sempre como pano de fundo a questão da maior produtividade, traduzida de forma perversa por aspectos psicológicos como felicidade e realização pessoal. Enfim, à Orientação Profissional, assim como à educação, cabe a função de reproduzir a ordem social vigente sem quaisquer questionamentos.

Na perspectiva liberal, tudo está nas mãos do indivíduo, ele é o único responsável pela escolha profissional que, se bem realizada, aponta para o sucesso social e financeiro. Entretanto, na perspectiva crítica, é a estrutura social e econômica que explica o posicionamento da pessoa na sociedade, empurrando-o para um lado ou outro. Nesta ótica, o indivíduo não tem autonomia para definir seu caminho e constitui-se como reflexo da sociedade.

Como superação da perspectiva tradicional ou liberal, os dois autores analisados apontam propostas distintas. Para Pimenta (1979), “A orientação vocacional ao usar técnicas, advindas da psicologia, que acentuam a ênfase no indivíduo, cria neste a impressão de que é ele quem decide; com isso facilita o ajustamento dele à estrutura ocupacional. Imbuído de uma ‘certeza’ de que escolheu (a partir daquilo que era possível), o indivíduo tem maiores chances de vir a ser mais produtivo. Isto é, contribuir para o aumento da mais-valia da classe dominante, que é a que detém o controle da produção... .A liberdade de decidir é da classe dominante. Por isso, a classe a que o indivíduo pertence determina a sua escolha profissional. Portanto, aos orientadores vocacionais de pouco adianta trabalhar ao nível da decisão individual, se não for *libertada a liberdade de decidir* ¹⁸”. (p.124) A orientação vocacional e a escolha, colocadas como problemas, deveriam ser revistas pensando-se em como atuar de forma a contribuir para a modificação da estrutura social que impossibilita a liberdade de escolha.

Ferretti (1988) sugere que a Orientação Profissional crie “...*condições para que a pessoa a ela submetida reflita, sobre o processo e o ato de escolha profissional bem como sobre o ingresso em uma atividade profissional e no seu exercício no contexto*

¹⁸ grifo nosso

mais geral da sociedade onde tais ações se processam. Subsidiariamente, espera-se que o indivíduo assim assistido ganhe condições de realizar escolhas profissionais *conscientes* (no sentido de escolhas que ocorrem a partir da *reflexão* sobre seus condicionamentos e não a partir de sua *aceitação*), quando e onde as oportunidades se apresentarem.”(p.45) A Orientação Profissional deveria deslocar seu eixo central de preocupação, que tem sido a “escolha dos indivíduos”, para a abordagem da temática do “trabalho na sociedade atual”. “A proposta de reflexão sobre o trabalho enquanto atividade social e enquanto processo de modificação da natureza e determinante de relações sociais, parece-nos fundamental para que tanto os que optam como os que não o fazem, desenvolvam uma consciência crítica dessa atividade humana que, espera-se venha a influenciar o exercício de sua atividade profissional”(p.46). Ferretti (id.) esboça a estrutura de alguns conteúdos que poderiam ser abordados nas atividades de Orientação Profissional: “a) trabalho como transformação da natureza e do homem; b) trabalho e estrutura social; c) trabalho e relações sociais; d) trabalho e desenvolvimento econômico-social; e) trabalho e educação; f) sindicatos e associações trabalhistas; g) seleção profissional e discriminação social.”(p.48)

A crítica à Orientação Profissional tradicional coloca em xeque a concepção de que os indivíduos escolhem suas profissões. A escolha seria um fenômeno pertencente à classe dominante que, ideologicamente, é transposta para toda as classes sociais, sem qualquer questionamento, acabando por tornar-se uma idéia que mais justifica as desigualdades e injustiças engendradas pelo modo de produção capitalista do que a explicação de como as pessoas posicionam-se na sociedade, tanto como atividade ocupacional quanto de poder e prestígio.

“A crítica à ideologia liberal e à concepção de indivíduo nela embutida sem dúvida é um grande avanço na compreensão do funcionamento da sociedade capitalista. Entretanto, no desenvolvimento da análise, ao negar a existência da liberdade de escolha, acaba por também negar a existência do indivíduo. Ele passa a ser entendido como reflexo da organização social, não detendo nenhum grau de autonomia frente a tais determinações. A estrutura social tem um poder avassalador sobre o indivíduo, negando assim sua existência. Desta forma, ao criticar a concepção de indivíduo subjacente à ideologia liberal, nega também a existência do indivíduo propriamente dito. ... Se na

ideologia liberal o indivíduo ‘pode tudo’, em sua crítica ele passa a ‘não poder nada’”. (Bock , S., 1989, p.16)

É necessária a realização de uma distinção entre os dois autores que desenvolveram a crítica à Orientação Profissional tradicional no que diz respeito a este assunto. Entende-se que Selma Pimenta, ao denunciar o psicologismo recorrente nas teorias e práticas da Orientação Profissional, sugere que o indivíduo, no capitalismo, praticamente não existe. A idéia de indivíduo seria uma articulação idealista e liberal para manter o status quo. Isto fica claro quando analisa e refuta a contribuição da fenomenologia existencial. Não que se queira resgatar esta abordagem filosófica, mas ao perceber seu limite, desconsidera a possibilidade de compreender o indivíduo através de outras vertentes teóricas. Só a transformação estrutural da sociedade poderia colocar em pauta a liberdade de escolha; provavelmente, neste momento, teorias seriam gestadas para explicar e operar esta liberdade alcançada.

Celso Ferretti, diferentemente, deixa aberta uma possibilidade para a aceitação de que o indivíduo não é mero reflexo da estrutura social, ao incluir o conceito de consciência crítica, ressaltando que existem pessoas que podem usufruir o direito de escolha e outras não.

Em seu livro “Opção Trabalho”, Ferretti (1988b) apresenta alteração em sua visão. “De modo geral, o que foi possível recolher dos depoimentos de meus informantes é que suas carreiras são entretidas por escolhas e não escolhas, num movimento que obedece, em última instância, às determinações econômicas, mas que não se reduz a mero reflexo destas. ... Se é verdade, que, ... os trabalhadores entrevistados não escolheram as ocupações que exerciam quando foram abordados, não é menos verdade que alterações sofridas por suas carreiras podem ser creditadas, pelo menos em alguns momentos, a opções que fizeram entre diferentes cursos de ação, e principalmente, à sua intenção de conquistar uma identidade ocupacional que lhes permitisse situar-se no mercado urbano-industrial e serem nele reconhecidos como profissionais”. (p.152) Ferretti, em sua pesquisa, percebe que a primeira inserção se dá de forma contingencial, mas que, em seguida, o sujeito planifica de algum modo sua trajetória; portanto, há um espaço que diferencia a pessoa da estrutura social.

Em ambos os casos, não há uma formulação de novas teorias que possam entender o caminhar do indivíduo. Mesmo Ferretti, que admite certa possibilidade de intervenção da pessoa sobre sua trajetória, não dedica atenção ao exame de como isto ocorre na esfera subjetiva do sujeito.

Laura Belluzo de C. Silva busca relacionar o social com a subjetividade, ao propor a articulação entre as concepções de Bohoslavsky e Bourdieu, vale dizer no caso, entre o inconsciente da visão psicanalítica e a teoria sociológica. Para Silva (1996), “é ponto central na teoria de Bourdieu que as condições objetivas de vida são interiorizadas gerando o *habitus*, conjunto estruturado de disposições que irá por sua vez presidir as ações diante de situações e estímulos. Trata-se, portanto, da interiorização da exterioridade, ou, em outras palavras, da constituição da subjetividade; e da exteriorização da interioridade, ou dito de outra forma, dos mecanismos internalizados que subjazem o comportamento”.(p.52) A proposta de Bohoslavsky, segundo a autora, “...caracteriza-se fundamentalmente pela estratégia de, partindo da profissão (ou profissões) mencionada(s) pelo orientando, desvelar a cadeia de significados que, consciente ou inconscientemente, o sujeito lhe(s) atribui. Um pouco à moda de uma associação livre, vai se revelando, para orientador e orientando, a que afetos a profissão escolhida está vinculada e que objetos internos visa reparar”(p.193).

Mas, assume-se que a abordagem da autora, apesar do avanço teórico, ainda mantém separadas em duas instâncias relativamente autônomas: as dimensões social e subjetiva. Por exemplo, Silva (1996) afirma: “A articulação conceitual e a análise dos dados empíricos sugere que os determinismos econômicos interiorizados sob a forma de **habitus** de classe e as vicissitudes do desejo relativos à escolha profissional são vivenciados pelos indivíduos como **conflito psíquico**¹⁹ e que este tem possibilidades de resolução diferentes segundo o estrato socioeconômico considerado”(p.210); isto é, na escolha de uma profissão, a realidade sócio-econômica pode entrar em conflito com os desejos (inconscientes ou não). O desejo seria um chamado interno e a realidade sócio-econômica seria o entorno externo e, por isso, podem ocorrer colisões que seriam solucionadas de forma diferente, de acordo com a classe social de que o indivíduo participa.

¹⁹ grifo nosso

É interessante notar o papel que Silva atribui à escolha profissional. “A apreensão de como os determinismos psíquicos e sociais se articulam na subjetividade dos sujeitos, em função da história de vida, do sexo, da posição social que ocupam e do lugar em que a profissão escolhida se situa nos mercados escolar e de trabalho, com vistas a explicitar os mecanismos subjacentes à escolha profissional...”(1996, p.91) Assim, a Orientação Profissional teria como tarefa clarear as determinações subjetivas e objetivas da escolha, tendo uma função meramente descritiva e explicativa. O indivíduo teria maior consciência dos motivos que o levam a se aproximar de uma profissão.

O autor desta pesquisa entende que a concepção de Bohoslavsky - a “*abordagem clínica*”- também pode ser considerada como uma abordagem crítica, apesar de encontrarem-se elementos em sua concepção que estariam mais próximos da abordagem tradicional.

Diferentemente de Ferretti e Pimenta que denunciam a ausência de questões sociais, políticas e econômicas na abordagem tradicional, Bohoslavsky, questiona a visão de indivíduo contida nesta abordagem. O autor elabora profunda crítica ao que denomina de “modalidade estatística”, isto é, ao psicometrismo puro na Orientação Profissional, e isto o aproxima do que se denominou de *abordagem crítica*, apesar de aceitar o uso de testes para a elaboração de diagnósticos. O problema, no entanto, não se constitui no uso de testes, mas a idéia da necessidade da elaboração de diagnósticos. “Consideramos ilusória a suposição de que sempre se pode prescindir de instrumentos psicométricos ou projetivos na elaboração do diagnóstico em orientação vocacional.”(Bohoslavsky, 1977, p.112). A necessidade de realização de diagnósticos para o desenvolvimento da Orientação Profissional faz com que a concepção do autor, neste sentido, possa ser alocada como abordagem tradicional.

A psicanálise é o pano de fundo da elaboração conceitual de Bohoslavsky, que dá grande importância aos mecanismos de *reparação e lutos* contidos nas escolhas profissionais, portanto de processos inconscientes. Não se pretende aqui discutir se, de fato, existe a possibilidade da aproximação da psicanálise com a orientação profissional, como faz Voltolini, (1996), questionando a abordagem de Bohoslavsky como prática psicanalítica. Mas, o próprio autor teve chance, apesar de sua morte prematura, de

repensar o peso que deu a esses mecanismos. No prólogo à edição brasileira de seu livro “Orientação Vocacional: a estratégia clínica”, o autor escreveu:

“...nos impõe um leitura interpretativa, que permita compreender o caráter sobredeterminado e multideterminado da escolha. A estrutura do aparelho psíquico, por um lado, e a estrutura social, por outro, que se expressam através da dialética de desejos, identificações e demandas sociais não poderão deixar de ser objeto de nossa consideração. A pessoa que decide, suporta e transporta ambas as classes de determinações, fazendo com que o “individual” e o “social” se expressem sempre simultaneamente, tanto nas dúvidas ou obstáculos das tomadas de decisão, como nas soluções a que finalmente se alcance.

De todos os problemas que a articulação entre o individual e o social implica, só nos referimos neste livro à dialética das identificações, e esta, sendo determinante da pessoa (e portanto da sua identidade vocacional-profissional) não é determinante em *última instância*.

O mesmo poderíamos afirmar sobre a importância dada aos processos de luto e reparação ..., que hoje relativizo, sem negar. Ou do peso atribuído aos conceitos de ‘autonomia egóica’, ‘projeto’ e ‘liberdade de escolha (produtos da absorção insuficientemente crítica do pensamento fenomenológico e psicanalítico americano).” (Bohoslavsky, 1977, p.XIX)

Bohoslavsky, com este texto, estava retomando uma autocrítica que já havia feito em 1975, num texto cuja publicação, no Brasil, só ocorreu em 1983. O livro que organiza e que contém o texto mencionado leva o sugestivo nome de “Vocacional: teoria, técnica e ideologia”, dando a entender que a dimensão social passa a ter mais força em sua visão. De fato, todos os textos deste livro chamam a atenção dos aspectos sociais e ideológicos contidos na escolha profissional. Abordando o que chamou de “a reformulação da estratégia clínica”, sintetiza:

“Descortina-se uma perspectiva teórica árdua. Nada mais, nada menos que construir modelos que revelem à articulação entre o sistema social imposto aos homens e os sujeitos que o sustentam, o mantêm, o transmitem, mas que – é bom levar-se em conta – também o transformam. Esta é uma tarefa difícil que ora menciono só a título de programa a ser desenvolvido. Algo que hoje para mim está claro é a necessidade de se distinguir nitidamente entre o ego da escolha-decisão e o **sujeito** da vocação. Se a liberdade do ego deverá ser mais que uma ilusão, ideologicamente condicionada, isso só será possível graças ao reconhecimento da distância entre essa liberdade aparente e a sujeição a três ou quatro estruturas fundamentais de sua condição humana. Refiro-me à estrutura social, à ideologia, aos sistemas de significação, ao inconsciente.” (Bohoslavsky org., 1983, p.15)

Infelizmente, a leitura que se fez deste importante pensador da Orientação Profissional, restringiu-se às bases do primeiro livro, que o próprio autor criticou (mas não negou), deixando de se considerar o “programa” que Bohoslavsky sugeria para ser desenvolvido. A grande tarefa de revelar “a articulação entre o sistema social imposto

aos homens e os sujeitos que o sustentam” ainda está para ser feita, 25 anos após ser proposta.

3.3) Teorias para além da crítica

A perspectiva das teorias para além da crítica é superar a dicotomia entre o indivíduo e sociedade apontada anteriormente. É por isto que se propõe uma nova abordagem denominada “Sócio-Histórica”, aceitando as formulações desenvolvidas pelas teorias críticas mas apontando que é necessário um avanço na compreensão da relação indivíduo-sociedade, de forma dialética e não idealista ou liberal; isto é, deve-se caminhar para a compreensão do indivíduo como ator e ao mesmo tempo autor de sua individualidade, que não deve e não pode ser confundida com individualismo.

O próximo item será dedicado à apresentação das concepções da Abordagem Sócio-Histórica.

3.3.1) A abordagem sócio-histórica

A abordagem sócio-histórica aceita a denúncia que os teóricos, denominados críticos, fazem a respeito da abordagem tradicional. A denúncia referida aponta que a teoria liberal entende que a ordem econômica e social está pronta e acabada, “...é apenas o lugar onde as escolhas se realizam. A sociedade coloca obstáculos e desafios que devem ser ultrapassados pelos indivíduos. Aqueles que conseguirem serão os vencedores, serão os bem-sucedidos. Realizar uma boa escolha profissional é um pré-requisito para que isto ocorra. Assim, ao invés de proceder uma análise de como a sociedade está estruturada, desenvolve-se a análise do indivíduo para que ele bem se adapte a esta ordem, sem jamais questioná-la”. (Bock, S., 1995, p.68)

A abordagem sócio-histórica, da mesma maneira que a perspectiva crítica, questiona a forma de aproximação dos indivíduos com as ocupações através do modelo de perfis, não por negar o indivíduo, mas por negar a **concepção liberal** de indivíduo. Por isso, faz-se necessário construir outra formulação que explique esta aproximação.

Da mesma forma que a perspectiva crítica, a abordagem sócio-histórica entende que as profissões e ocupações não são perenes e imutáveis.

A abordagem sócio-histórica trabalha com a idéia da multideterminação do humano. Combate-se a concepção do ser humano natural ou abstrato. “As propriedades que fazem do homem um ser particular, que fazem deste animal um ser humano, são um *suporte biológico* específico, o *trabalho* e os *instrumentos*, a *linguagem*, as *relações sociais* e uma *subjetividade* caracterizada pela consciência e identidade, pelos sentimentos e emoções e pelo inconsciente. Com isto queremos dizer que o ser humano é determinado por todos esses elementos. Ele é *multideterminado*.” (Bock, A.; Furtado;Teixeira, 1999b)

Em 1989, o autor desta pesquisa, afirmava que o indivíduo “...é e não é ao mesmo tempo reflexo da sociedade, da mesma forma ele é e não é ao mesmo tempo autônomo em relação a ela. Relativamente à questão da escolha, também poderíamos dizer que o indivíduo escolhe e não escolhe (sua profissão ou ocupação) ao mesmo tempo”. (Bock, S., 1989, p.16). Mas, hoje, compreende que há uma certa incorreção na afirmação por manter de forma ainda dissociada a sociedade e o indivíduo. Mas, mesmo assim, para fins didáticos, manter-se-á a afirmação porque provoca a reflexão e assinala claramente a diferença dessa abordagem com as teorias tradicionais e críticas. Quando se diz que o indivíduo escolhe e não escolhe sua profissão ao mesmo tempo, está se tratando da questão da liberdade de escolha. De acordo com a classe social de origem do indivíduo, ele tem mais ou menos liberdade para decidir, mas que, no entanto, sempre será multideterminada. Assim, para as pessoas das classes mais privilegiadas, há determinação social: portanto, não se trata de liberdade absoluta. Da mesma forma, para os indivíduos das classes subalternas, há possibilidade de intervenção sobre sua trajetória: portanto, não há determinação social absoluta. Na perspectiva sócio-histórica não se reconhece como meramente ideológica a possibilidade de escolha das classes subalternas. Ao contrário, entende-se que nisto reside a possibilidade de mudança, de alteração histórica, ao reconhecer que os indivíduos podem, de certo modo, intervir sobre as condições sociais, através de ações pessoais e/ou coletivas. Não se pretende, com isto, resgatar a concepção liberal de homem; da mesma forma, não se assume que se superarão todas os obstáculos colocados pela realidade por mera vontade pessoal, mas que as pessoas podem lutar para mudar as condições em que vivem, tanto individual quanto coletivamente.

O desafio deste trabalho constitui-se na construção de uma abordagem na área da Orientação Profissional que entenda o indivíduo em sua relação com a sociedade, superando visões que o colocam como mero reflexo da sociedade ou como totalmente autônomo em relação a ela. A abordagem sócio-histórica aponta caminhos para entender o indivíduo na sua relação com a sociedade de forma dinâmica e dialética. Vygotsky, o principal representante desta abordagem, "... tem como um dos seus pressupostos básicos a idéia de que o ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro social. A cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem." (Oliveira, 1992, p.24). Desta forma, não há ruptura do indivíduo com a sociedade e nem a anulação do indivíduo enquanto ser singular.

Falando sobre a gênese das funções psicológicas superiores, Vygotsky afirma que: "Mesmo sendo, na personalidade, transformadas em processos psicológicos, elas permanecem 'quasi'-sociais. O individual, o pessoal – não é 'contra', mas uma forma superior de sociabilidade". (2000, p.27) "Para nós é a personalidade social = *o conjunto de relações sociais, encarnado no indivíduo* (funções psicológicas, construídas pela estrutura social)..." que define o que é o homem (Vygotsky 2000, p.33). Portanto, para a abordagem sócio-histórica não há conflito entre a sociedade e o indivíduo. O autor usa a expressão *personalidade social* para significar que as funções superiores resultam da internalização do social: o que era inter-subjetivo passa a ser intra-subjetivo, sendo este processo mediado pela linguagem.

O conceito de *zona desenvolvimento proximal* de Vygotsky explica como ocorre o desenvolvimento intra-subjetivo. "...O que caracteriza o desenvolvimento proximal é a capacidade que emerge e cresce de modo partilhado. Com seu refinamento e internalização, transforma-se em desenvolvimento consolidado, abrindo novas possibilidades de funções emergentes" (Góes, 2000, p.24). Para Góes (2000) uma boa aprendizagem é aquela que não só consolida mas, fundamentalmente, cria outras zonas de desenvolvimento proximais de forma sucessiva. (p.24)

No mesmo sentido encontram-se outros autores que assinalam que a identidade é construída no seio das relações sociais. Para Ciampa (1987), "...Cada indivíduo encarna

as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais.” (p.127) A identidade é metamorfose e esta concepção será a base do entendimento da escolha profissional: o indivíduo modifica-se permanentemente, constrói sua identidade constantemente, não é e nunca estará acabada sua forma final. Como diz poeticamente Guimarães Rosa: “O importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam”. (1983, p.20)

Ciampa (1987) afirma que “...Interiorizamos aquilo que os outros nos atribuem de tal forma que se torna algo nosso. A tendência é nós nos predicarmos coisas que os outros nos atribuem. Até certa fase esta relação é transparente e muito efetiva; depois de algum tempo, torna-se mais seletiva, mais velada (e mais complicada).” (p.131) Assim, o ser humano desenvolve suas habilidades, sua personalidade, suas atitudes na relação com o outro e esta relação está mediada pela sociedade.

Furtado, estudando as dimensões subjetivas da realidade, entende a constituição da subjetividade individual como “... um processo singular que surge na complexa unidade dialética entre sujeito e meio atual, definido pelas ações e através das quais a história pessoal e a do meio em que estes se desenvolvem confluem a uma nova unidade que, ao mesmo tempo, apresenta uma configuração subjetiva e uma configuração objetiva. A constituição subjetiva do real e sua construção por parte do sujeito são processos simultâneos que se interrelacionam, mas que não são dirigidos pela intencionalidade do sujeito, que não é mais do que um momento neste complexo processo. E assim como o social se subjetiva para converter-se em algo relevante para o desenvolvimento do indivíduo, o subjetivo permanentemente se objetiva ao converter-se em parte da realidade social, com o qual se redefine constantemente como processo cultural.” (Furtado, 1998, p.58)

Partindo do pensamento de Marx de que “...Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (Marx e Engels, citados por Bock, 1999, p.23), Ana Bock (1999) arrola cinco pontos que especificam a abordagem sócio-histórica:

1) **“Não existe natureza humana”** - A idéia de natureza humana coloca o homem como um ser em potencial que se realizará na cultura, ele teria uma essência que precisa ser desabrochada, desenvolvida ou atualizada. “Toda a determinação social do homem fica oculta sob essas idéias e conceitos, que se tornam representações ilusórias; parte da realidade, determinante do objeto. Faz-se, assim ideologia”.(Bock, A., 1999, p.27) Ana Bock (1999) cita Charlot que afirma assertivamente que a “natureza humana não existe e propõe a substituição definitiva do termo pela idéia de condição humana”(p.27)

2) **“Existe condição humana”**- Nenhum aspecto do homem é pré-concebido na idéia da “condição humana”. “Não há nada em termos de habilidades, faculdades, valores, aptidões ou tendências que nasçam com o ser humano. As condições biológicas hereditárias do homem são a sustentação de um desenvolvimento sócio-histórico, que lhe imprimirá possibilidades, habilidades, aptidões, valores e tendências historicamente conquistados pela humanidade e que se encontram condensados nas formas culturais desenvolvidas pelos homens em sociedade.” (Bock, A., 1999, p.28)

3) **“O homem é um ser ativo, social e histórico”** - É através do trabalho que o ser humano mostra-se ativo, ao buscar sua sobrevivência. Ele faz isto com outros seres humanos, o que lhe dá a característica social. A forma de exercício do trabalho é histórica, isto é, o modo de produzir e relacionar-se com a natureza e com os outros ocorre de acordo com o modo de produção de cada período.

4) **“O homem é criado pelo próprio homem”** – “No conjunto de relações sociais, mediadas pela linguagem, o indivíduo vai desenvolvendo sua consciência. Com o desenvolvimento da consciência, o homem sabe seu mundo, sabe-se no mundo, antecede as coisas do seu mundo, partilha-as com os outros, troca, constrói e reproduz significados. Quando atua sobre o mundo, relacionando-se, apropria-se da cultura e adquire linguagem; apropria-se dos significados e constrói um sentido pessoal para suas vivências. Tem, assim, todas as condições para atuar com os outros, criar e elaborar

significados. O homem se faz homem ao mesmo tempo que constrói seu mundo”. (Bock, A., 1999, p.32).

5) **“O homem concreto é objeto da Psicologia”** – “O indivíduo só pode ser compreendido em sua singularidade, quando inserido na totalidade social e histórica que o determina e dá sentido à sua singularidade”. (Bock, A., 1999, p.34)

Numa perspectiva sócio-histórica, o conceito de vocação pode ser expresso da seguinte maneira: *a vocação do ser humano é exatamente não ter outras vocações*. Isto é, ele nasce determinado biologicamente para nenhuma atividade específica. Um abelha, esta sim, nasce determinada geneticamente para fazer mel: atraída pelo perfume das plantas, ela recolhe o nectar que reage com uma enzima dentro de seu corpo que transforma involuntariamente ou naturalmente aquela substância, que será depositada na colméia, em mel. Sendo radical na compreensão do termo, pode-se dizer que este animal tem um “chamado interno” que o obriga a realizar tal atividade para sua própria sobrevivência e de sua espécie – a abelha tem vocação (pode-se atribuir aqui sentido biológico ou até, caso haja fé, religioso) para produzir mel; esta vocação não é fruto de escolhas, mas sim determinismo da natureza.

O ser humano não tem nada em seu corpo que o obrigue a realizar determinada tarefa. Se olharmos para os primeiros humanos, encontraremos um animal acuado na caverna e que sai esporadicamente para encontrar alimento. Ele é muito frágil: não tem pêlos suficientes para se proteger das mudanças climáticas, não tem asas para voar, não vive em baixo da água, não tem muita força (comparado com os outros animais), não tem velocidade, não tem tamanho, couraça, veneno, presas e nem produz naturalmente seu próprio alimento. Poderíamos dizer que ele teria poucas chances de sobreviver. Entretanto, não só sobrevive, mas coloca a natureza, que no primeiro momento lhe era absolutamente hostil, a seu serviço. E como ele pode fazer isso? O que tem de biológico em seu corpo que lhe permite realizar o caminho da fragilidade para a dominação? Exatamente seu caráter pouco específico. Ele desenvolve um cérebro maior (em relação ao seu corpo) e mãos livres para manipular. São estes dois elementos morfológicos que, como ponto de partida, diferenciam os seres humanos de quaisquer outros animais. A

partir destes elementos morfológicos primeiros, ele constrói instrumentos para facilitar sua sobrevivência e os aperfeiçoa constantemente. Por que vive em sociedade com outros que também têm cérebros e mãos, todos podem aprender. É nesta relação com a natureza e com os outros que o ser humano cresce, desenvolve-se e adquire habilidades.

Como pode ser compreendido o processo de individuação neste contexto? Vygostky chama de “*internalização* a reconstrução interna de uma operação externa”(1994, p.75) . Para o autor, o processo de internalização consiste numa série de transformações: “a) Uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente. ... b) Um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal. ... c) A transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento” (Vygotsky, 1994, p.75). Assim, para o autor, “A internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana; é a base do salto quantitativo da psicologia animal para a psicologia humana”. (Vygotsky, 1994, p.76)

A linguagem assume fundamental importância nesta internalização. A “...relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa mas um processo, um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra, e vice-versa.... O pensamento não é simplesmente expresso em palavras: é por meio delas que ele passa a existir.” (Vygotsky, 1993, p.108) “O pensamento e a linguagem, ... são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana. As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana.” (Vygotsky, 1993, p.132)

Aguiar e Bock (1995) discutem a função da Orientação Profissional segundo a visão da Psicologia em bases sócio-históricas. Consideram-na como uma intervenção para a promoção da saúde, superando o conceito de prevenção que, segundo as autoras, ainda tem como referência a doença, a patologia, que deveria ser prevenida. “Promover saúde significa compreender e trabalhar com o indivíduo a partir de suas relações sociais; significa trabalhar estas relações construindo uma compreensão sobre elas e a sua transformação necessária. Promover saúde significa trabalhar para ampliar a

consciência que o indivíduo possui sobre a realidade que o cerca, instrumentando-o para agir, no sentido de transformar e resolver todas as dificuldades que essa realidade lhe apresenta.” (p.12)

4) A PROPOSTA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL NA PRESENTE PESQUISA

4.1) A Aproximação do indivíduo com as profissões

Como já colocado anteriormente, não se pode aceitar o modelo de perfis para entender a relação do indivíduo com as profissões ou ocupações. Por isso, é necessário desenvolver outro modelo de aproximação do indivíduo com as ocupações ou profissões de forma que propicie a superação da visão estreita e mecanicista tradicionalmente utilizada.

No presente trabalho, tenta-se a superar esta visão mecanicista e estática a partir das contribuições de Bohoslavsky (1977) que, na década de 70, produziu uma abordagem denominada de “estratégia clínica”, onde buscava, sob a luz da psicanálise, uma interpretação de como os indivíduos escolhiam suas profissões. Embora não possa ser identificado com a abordagem sócio-histórica, considera-se que a grande contribuição do psicólogo argentino foi ter apontado que as profissões e ocupações não são pensadas ou operadas de forma abstrata pelo indivíduo.

"...a escolha sempre se relaciona com os outros (reais e imaginados). O futuro nunca é pensado abstratamente. Nunca se pensa numa carreira ou numa faculdade despersonalizadas. Será sempre *essa* carreira ou *essa* faculdade ou *esse* trabalho, que cristaliza relações interpessoais passadas, presentes ou futuras. Deve-se examinar as relações com os outros com os quais se estabelecem *relações primárias* (membros da família, do mesmo ou do outro sexo como, por exemplo, o casal) e aqueles outros com os quais se mantém uma relação de natureza *secundária* (fundamentalmente professores, psicólogos ou técnicos ..., que pode determinar ou influir diretamente sobre o futuro de quem escolhe)... O futuro implica em *desempenhos adultos* e se trata, novamente, de um futuro personificado. Não há nenhum adolescente que queira ser engenheiro 'em geral' ou lanterna de cinema 'em geral' ou psicólogo 'em geral'. ... Isto quer dizer que o 'queria ser engenheiro' nunca é somente 'queria ser engenheiro', mas 'quero ser como suponho que seja Fulano de tal, que é engenheiro e tem tais 'poderes', que quisera fossem meus' ". (Bohoslavsky, 1977, p.53)

Acredita-se que tal formulação de Bohoslavsky²⁰ mantém proximidade, neste particular, com a visão sócio-histórica de indivíduo defendida nesta abordagem, embora o referido autor não seja representante da mesma. Nela, nega-se a visão liberal e

²⁰ Logicamente o autor sabe que está pinçando do texto de Bohoslavsky o que considera importante para sua intervenção, tendo consciência que o psicólogo argentino não se restringe a este conceito.

naturalizante do sujeito. Ao contrário, busca-se o entendimento de que ele se constrói a partir do que vive, isto é, da internalização do vivido, e daí, a dimensão histórica da construção de sua identidade.

Quando uma pessoa pensa em seu futuro, ela nunca o faz de forma despersonalizada. Ao escolher uma forma de se envolver no mundo do trabalho bem como a atividade que vai desenvolver, a pessoa mobiliza imagens que adquiriu durante sua vida. Assim, ao pensar em profissões específicas, o indivíduo está expressando que *“Quer ser como tal pessoa, real ou imaginada, que tem tais e quais possibilidades ou atributos e que supostamente, os possui em virtude da posição ocupacional que exerce”*. (id., p.53)

Ao pensar numa profissão, a pessoa mobiliza uma imagem que foi construída a partir de sua vivência através de contatos pessoais, de exposição à mídia, de leituras (de biografias, romances, revistas, etc), de ouvir dizer (transposição de experiências de outros), portanto não só através de contatos pessoais, como Bohoslavsky aponta. Assim, quando uma pessoa diz que pretende ser tal ou qual profissional, ela não está pensando em algo genérico e abstrato; existe um modelo que dá forma a esta pretensão. Esta imagem gera uma identificação ou um afastamento da profissão.

Nos modelos tradicionais de Orientação Profissional, esta imagem construída pela pessoa é desconsiderada. Afirma-se que a imagem formada é distante da realidade, ilusória e não pode ser levada em conta para a escolha de uma profissão. Tal modelo pretende agir de forma neutra, sem ideologia, considerando que sua ação permite ao indivíduo fazer uma escolha adequada, aparentemente “científica”, calcada unicamente em pretensos dados objetivos e “testados” a respeito das profissões, do trabalho e de si próprio.

No presente trabalho, assume-se que esta imagem construída é exatamente o ponto de partida da opção profissional. Mas antes de desenvolver esta idéia, é preciso pensar como a imagem de uma profissão é construída e como a pessoa identifica-se com ela.

Recorre-se a alguns exemplos para compreender esta questão.

Apresenta-se, primeiramente, o caso de uma orientanda (de 16 anos), estudante da 8a. série de uma escola municipal, residente num bairro de periferia da zona sul de

São Paulo, que tinha com principal responsabilidade cuidar da casa e de seus irmãos menores enquanto seus pais trabalhavam fora de casa - seu pai era cobrador de ônibus e sua mãe empregada doméstica. No grupo de orientação profissional de que participava, esta menina dizia, sempre com muita convicção, que queria ser jornalista. Quando questionada, não conseguia explicar os motivos desse interesse e nem conseguia explicitar quais seriam as atividades deste profissional, além de dizer que ele fazia entrevistas.

Numa atividade em que os participantes deveriam colocar-se no papel do profissional de seu interesse, o motivo apareceu. A aluna declarou-se fã apaixonadíssima de um cantor popular e vislumbrava um contato pessoal ou uma aproximação, através de uma entrevista que poderia realizar com ele.

A orientanda, a partir de sua inserção no mundo, de sua história e vivências, construiu uma imagem do que é ser um jornalista e sentia-se decidida e convencida do acerto de sua escolha. A imagem formada a respeito daquele profissional respondia às suas necessidades, anseios, valores e desejos e, por isso, identificava-se com aquela imagem. Valores sociais também estão presentes nesta imagem, o sucesso, o glamour captado também via exposição aos meios de comunicação, mantém a estrutura social intacta, nada é questionado.

Não se pretende discutir neste momento como se lida com a situação mas pretende-se pontuar que não se despreza o que foi trazido pela aluna, considerando a imagem como algo ilusório, fantasioso ou simplesmente distorcido. Como já colocado, a imagem que a pessoa traz (e quase todos trazem imagens de quase todas as profissões) é o ponto de partida da escolha profissional.

Outro caso que chama a atenção é o que ocorre com o profissional da área de Ciências Atuarias. O atuário é um profissional desconhecido; quase ninguém ouviu falar algo a respeito dele. No entanto, as pessoas formam uma imagem, provavelmente a partir da sonoridade do nome, que as afasta dela. Com ponto de partida, a imagem formada leva a um desinteresse. De fato, na experiência do autor, poucas pessoas se dão ao trabalho de buscar maiores informações, descartando logo de saída, qualquer possibilidade de aproximação com a profissão.

Ocorre o inverso com o profissional da área de Relações Internacionais. Apesar do grande desconhecimento a respeito das atividades, áreas de atuação e do mercado, essa profissão atrai muitos interesses. A imagem formada faz com que muitas pessoas sintam-se, hoje, atraídas pela profissão.

As pessoas, ao pensar nas profissões, mobilizam imagens que foram construídas durante toda a sua vida. Para esta construção, contribui todo o seu processo de socialização e não apenas um momento, um contato, uma história. O jovem constrói uma *cara* de um profissional da informática, por exemplo, a partir de desenhos animados a que assistiu na infância, de filmes e livros de ficção científica, através da relação de seus pais e amigos com o computador, de aulas na escola sobre a matéria ou mesmo de comentários de professores sobre o assunto, de jogos de videogame, de contato direto com a máquina, através de manuais e guias de profissões, etc..

Enfim, as pessoas constroem e lidam com a *cara* da profissão (termo que se refere à imagem que a pessoa tem de cada profissão). A *cara* é resultado do contato direto ou não, como já afirmado, que ela teve com a área do profissional. Esta *cara* não é verdadeira nem falsa, não é nem mais próxima nem mais distante da realidade, não é correta ou incorreta, é simplesmente uma *cara* que deve ser trabalhada. As pessoas se identificam ou não com essas *caras*. É interessante perceber que estas *caras* são constituídas na interiorização e singularização do vivido por isto elas são diferentes para cada pessoa.

O processo de identificação coloca em valorização estas *caras*. Logicamente não são processos separados e ocorrem muitas vezes de forma simultânea. Localizar quais *caras* agradam e quais não agradam é o que aqui se chama de processo de identificação. Esta identificação não ocorre necessariamente pelo aspecto objetivo ou racional desta *cara*, mas responde a necessidades subjetivas, que também foram construídas na relação com a história e o ambiente social.

Voltando ao caso da menina que queria ser jornalista, a *cara* montada da profissão tem a ver com a possibilidade de entrevistar o cantor de quem é fã. A visão de que jornalistas convivem com pessoas famosas ou glamourosas levou-a a aproximar-se da profissão. Isto, ao que parece, pesou muito mais na construção da *cara* e de sua identificação com a profissão, do que qualquer outro aspecto. Certamente, a imagem

construída decorre de alguma relação estabelecida com a ocupação. Afinal, ela sabe que um jornalista entrevista pessoas, conhecimento adquirido muito provavelmente pela sua exposição aos meios de comunicação. Vendo e ouvindo jornalistas nos noticiosos, ou mesmo observando-os numa novela ou filme, a imagem pôde ser construída.

O programa de orientação profissional, elaborado pelo autor e colaboradores, apresenta algumas características que permitem acreditar que se constitua como uma alternativa inovadora e progressista na área da Orientação Profissional.

Uma das características fundamentais é entender que a O.P. não é de competência exclusiva de uma única área profissional. Ao contrário, o fenômeno da escolha profissional do indivíduo será mais bem compreendido com o aporte das mais variadas ciências. É bem verdade que, no Brasil, psicólogos e pedagogos mantinham um acordo tácito enquanto divisão do mercado de trabalho: os primeiros exerceriam suas atividades nas clínicas e os segundos nas escolas. Mas, o programa que será descrito prevê que pelo menos a Sociologia, a Pedagogia e a Psicologia estejam presentes no desenvolvimento do processo. Pela vontade do autor, seriam incluídas outros profissionais e/ou áreas de conhecimento, tais como Filósofos, Economistas, Lingüistas, Especialistas em Comunicação, alguém da área de Exatas e Tecnologia para compreender o fenômeno de forma mais ampla e integrada. A originalidade do programa revela-se na constituição de uma equipe interdisciplinar, que se propõe a superar o discurso hermético de cada área, sem perder sua especificidade, possibilitando a atuação dos profissionais numa intervenção em grupos sem diferenciação de funções. O que deve dar unidade de ação aos profissionais é a perspectiva educativa do processo proposto.

Quando o programa foi iniciado em 1981²¹, o profissional da sociologia responsabilizava-se mais pela discussão do tema trabalho, enquanto o psicólogo atinha-se às questões pessoais de autoconhecimento e o pedagogo responsabilizava-se pelas atividades de informação profissional. Entretanto, no decorrer da experiência, os profissionais decidiram alternar-se na condução dos diversos temas, não se restringindo aos específicos de sua formação.

²¹ O programa foi desenvolvido a partir de 1981, na Fundação Carlos Chagas

O autor acredita que o fundamental nesta experiência interdisciplinar foi ter aprendido que, tanto teórica quanto praticamente, o fenômeno da escolha profissional é tema síntese de várias ciências e que, para uma boa intervenção na área, é necessário contar com o aporte de todas elas.

Outro princípio estruturante é desmistificar a idéia de que o Orientador fará um diagnóstico e um prognóstico como fórmula de decisão. A estratégia é dar condições para que a própria pessoa faça sua reflexão e possa decidir, entendendo de forma mais ampla possível as determinações de sua escolha.

O trabalho em grupo é privilegiado em relação ao atendimento individual, por se entender que a dinâmica estabelecida enriquece o processo, permitindo a observação das dificuldades, opiniões, valores, interesses e projetos de vida do outro. A diversidade e a heterogeneidade são valorizadas. Cada um enxerga de forma diferente a vida e, num ambiente e sociedade democráticos, todos podem aprender com todos; pode-se perceber que não existe uma única verdade e um único caminho a seguir, apesar de todos terem em comum a exposição constante à ideologia da classe dominante.

4.2) Descrição do Programa

O programa é desenvolvido em três unidades assim denominadas: módulo I – significado da escolha profissional; módulo II – o trabalho; módulo III – autoconhecimento e informação profissional.²²

4.2.1) Módulo I – O significado da escolha profissional

O objetivo deste primeiro módulo é introduzir a questão da escolha profissional, discutindo os valores, a importância, a necessidade ou não desta opção para o sujeito, bem como a reflexão sobre os modelos de escolha que existem na sociedade. Este módulo é desenvolvido em quatro sessões.

A *primeira sessão* está dedicada totalmente à apresentação de como o programa é desenvolvido e ao mútuo conhecimento dos membros do grupo. Tem como meta situar

²² Optou-se, em função das constantes modificações realizadas, por apresentar o programa que foi desenvolvido com os orientandos cujo grupo foi objeto de análise na presente investigação.

todos na proposta e constituir-se como uma sessão facilitadora, que possibilite a “quebra de gelo” entre os seus membros.

A *segunda sessão* coloca três temas em pauta: o mercado de trabalho, os meios de comunicação e o vestibular. O procedimento da sessão é o seguinte: primeiramente o participante responde, por escrito e individualmente, três questões (explicitadas mais abaixo) que se constituem como afirmativas com as quais ele deve concordar ou discordar, explicando seu posicionamento. Posteriormente, no grupo, o orientador solicita que verbalizem suas respostas a cada questão propondo uma discussão em que os que estão de um lado devem tentar convencer, com argumentos, os do outro, sobre o acerto de sua posição, e vice-versa. Independente da resposta, aqui se tem como objetivo a explicitação de todos os argumentos e valores envolvidos no assunto. A perspectiva é que cada pessoa ouça argumentos a favor e contrários aos seus, para que possa ampliar, criticar ou até mesmo modificar seu ponto de vista. A intervenção do coordenador do grupo ocorre no sentido de ampliar a discussão, trazendo os conceitos envolvidos na questão.

Quanto ao tema mercado de trabalho, esclarece-se o conceito – relação entre a oferta de empregos (hoje de trabalhos) e a procura por parte de trabalhadores qualificados para tal, apontando a historicidade deste mercado, isto é, evidenciando que se modifica em função de um grande número de variáveis de ordem econômica/financeira, social, cultural e política contingenciados pelo contexto regional, nacional e internacional.

Introduz-se o conceito de “campo de trabalho”, que significa o potencial de trabalho ainda não necessariamente convertido em mercado, de forma que uma profissão ou ocupação pode se apresentar em um mercado de trabalho saturado mas com um campo de trabalho aberto. Com isto, mostra-se que o mercado modifica-se no tempo, ocorrendo alterações tanto no lado da demanda como no da oferta.

Neste ponto, discute-se ainda a questão da realização pessoal e/ou profissional, apresentada, geralmente, como argumento dos que discordam da afirmação de que o mercado é o elemento fundamental de uma escolha profissional. Estes participantes, apontam que a realização pessoal, isto é, o gosto pela atividade, leva a um maior

empenho que gera maior competência, tendo como consequência a superação das dificuldades apresentadas pela realidade. No grupo, procura-se analisar o significado do termo “realização profissional”, apontando que a competência nem sempre é saída para todos os obstáculos, isto é, há profissionais competentes que estão desempregados.

A questão que versa sobre os meios de comunicação tem por objetivo evidenciar os valores sociais dominantes em nossa sociedade, estabelecendo uma relação com a escolha profissional, bem como com a confiabilidade das informações apresentadas. Analisam-se algumas peças publicitárias, novelas, filmes e procura-se extrair deles as mensagens implícitas. De forma geral, aponta-se que se valorizam o poder, o prestígio, o dinheiro e o individualismo através do poder de consumo. Estes valores delineiam a escolha profissional mas destaca-se que podem existir outros valores que demarcam outras possibilidades. Aqui se propõe que o orientando pense em seus valores, isto é, relacione-os, analise-os e critique-os, estabelecendo sua própria hierarquia (que pode ou não estar de acordo com os dominantes).

A respeito do vestibular, discute-se o seu significado. Desmistifica-se a idéia de que é o esforço individual que diferencia os candidatos, em primeira instância, quanto à aprovação. Para isso, utilizam-se dados do vestibular da USP contidos numa tabela que contém dados de número de inscritos por carreira, número de vagas, relação candidatos por vaga, notas de corte, entregue para cada participante. Discute-se a importância desta prova em função da realidade da população, introduzindo a questão da política educacional brasileira. Por fim, discutem-se os sentimentos envolvidos na temática, observando histórias em quadrinhos referentes à questão.

A *terceira sessão* aborda mais dois assuntos: 1) a relação gênero e escolha; 2) a relação do desempenho escolar com a escolha. Projetam-se, através de transparências, dados que mostram que homens escolhem mais a área de exatas e mulheres escolhem mais as áreas de biológicas e humanas, e propõe-se a seguinte questão: como se pode entender que homens e mulheres escolham de forma diferente? Esta questão tem como objetivo discutir como os interesses e a personalidade como um todo são construídos, através da socialização na cultura e não de uma suposta matriz inata. Neste tópico, discute-se ainda a questão de como a elaboração cultural das questões de gênero afetam

os salários pagos para homens e mulheres, através da discussão de dados do PNAD (Ibge).

O gosto pelas disciplinas escolares é utilizado como mote para a discussão mais geral a respeito do significado, importância e forma da efetivação de escolhas. Desenvolve-se o “procedimento do sorvete”, que se constitui numa metáfora, para demonstrar a elaboração e desenvolvimento de processos de escolhas. Apresenta-se a seguir o procedimento uma vez que se considera de fundamental importância para a compreensão adequada do programa e por demonstrar com clareza a concepção de escolha que o fundamenta.

O “procedimento do sorvete:”

Apresentação do problema: Você vai ter que tomar uma decisão muito importante: vai escolher um sorvete. Para facilitar a tarefa, se utilizará apenas um tipo de sorvete: o picolé e apenas dois sabores: o sabor X e o sabor Y. Mas existem algumas regras pré-estabelecidas.

- 1) Você não pode dar uma lambidinha antes para depois escolher (você não pode experimentar 100 profissões para depois escolher).*
- 2) Você só pode escolher um sorvete, isto é, não pode escolher os dois (não pode escolher ao mesmo tempo 100 profissões).*
- 3) Você quer fazer a melhor escolha, com menor risco possível e com a maior chance de "sucesso".*
- 4) Esta escolha é importante; não é para o resto da vida (como profissão também não é), mas deve permanecer um certo tempo com você.*

Em seguida, solicita-se aos participantes do grupo que elaborem hipóteses para resolver o problema da escolha de um sabor do sorvete. Abaixo, apresentam-se hipóteses levantadas e a discussão que se pode fazer a respeito de cada uma

1a. hipótese para a solução: Tirar a sorte no par ou ímpar.

Análise: Esta hipótese, é lógico, está descartada porque não garante absolutamente nada. Entretanto, deve-se apontar que, algumas vezes, se usa este tipo de solução para resolver determinados problemas. Seria uma loteria onde se corre todos os riscos possíveis com uma chance mínima de "sucesso". Existem pessoas que adoram jogar, isto é, gostam deste tipo de solução, mas, aqui é necessário uma escolha consciente e responsável.

2a. hipótese: Olhar a embalagem, observar a cor dos sorvetes

O sorvete Y tem como cor predominante na embalagem a branca, já o X tem a cor marrom.

O que a cor branca lembra? Paz, limpeza, assepsia e os sabores de coco, creme, nata, chocolate branco, limão. O marrom, ao contrário, lembra sujeira, terra e os sabores de chocolate, amendoim, café, coco queimado, etc... Alguém conseguiria decidir com estes dados? Logicamente que não. O problema seria se autoconvencer, por exemplo, que o sorvete Y, por causa da cor branca, é de creme. Seria uma mera fantasia e, possivelmente, quando confrontado com a realidade, surpresas poderiam aparecer.

O mesmo pode ocorrer com profissões: a partir dos dados que se adquirem no transcorrer da vida, forma-se uma imagem e se o orientando tomar a decisão apenas sobre este dado, poder-se-ia dizer que seria realizada sobre fundamentos muito frágeis. Pode-se dar como exemplo concreto o caso real de um orientando que se autoconvenceu que o curso de Engenharia Florestal forma profissionais que trabalham com a preservação do meio ambiente. Não que seja uma informação de todo incorreta, mas esse próprio orientando, em conversa individual, admitiu, depois de dois anos de curso, que o profissional está mais voltado à tecnologia da madeira do que a ecologia propriamente dita, como pensava.

3a. hipótese: Conhecer os ingredientes dos sorvetes

O conhecimento dos ingredientes tem como objetivo tentar descobrir o sabor das opções.

Análise: Os ingredientes podem ser conhecidos através de pesquisas: num "guia do sorvete", conversando com pessoas, indo a fábricas (faculdades), visitando locais de trabalho. Em pesquisa realizada²³, encontrou-se a seguinte composição:

X	Y
Conservante tipo I	Conservante tipo II
Açúcar	Açúcar
Leite	Água
Chocolate	Abacaxi

E agora dá para resolver o problema? A maioria dirá que sim. A experiência também diz que a maioria escolherá X.

Por que? Porque quase todos preferem chocolate ao invés de abacaxi. A questão, então, que deve ser feita é a seguinte: o fato de conhecer e saber qual é a sua preferência entre chocolate e leite ou água e abacaxi são elementos suficientes para indicar a melhor escolha? Isto é, dá para afirmar com segurança que o fato de gostar mais de chocolate implica necessariamente em gostar mais de sorvete de chocolate? Pode-se dar como um exemplo relativamente comum o fato de que muitas pessoas gostam de café, o que poderia indicar que possivelmente gostem também de bolo de café, o que na maioria das vezes não corresponde à realidade. Este passo serve para a reflexão da relação entre o desempenho escolar (gosto mais rendimento) e a escolha. Gostar de matemática, química e física indica que necessariamente a pessoa deve escolher uma profissão na área de Exatas (tal como engenharia)? Na visão do autor, não - assim como chocolate é diferente de sorvete de chocolate, a profissão de engenheiro é diferente da somatória da matemática da física e da química.

²³ Logicamente a expressão **pesquisa realizada** é utilizada como forma de comunicação. Os dados apresentados são meros artifícios utilizados para alcançar os objetivos que a técnica se propõe.

Por outro lado, também se deve pensar como os interesses instalam-se ou aparecem, isto é, porque a maioria prefere chocolate ao invés de abacaxi? Aqui se localiza o aspecto afetivo (identificação) da escolha: no caso do chocolate, pode-se dizer que o tablete carrega consigo um significado que ultrapassa o aspecto físico: o afeto. As pessoas só ganham chocolate quando alguém quer dizer "gosto de você" ou em situações de festas e alegria (infância, avós, páscoa etc.). O conteúdo afetivo do chocolate é positivo, ao contrário do abacaxi que tem um conteúdo afetivo negativo (descascar um abacaxi, enfrentar um abacaxi). Seguramente, as pessoas que preferem abacaxi alocam outro significado simbólico para a fruta, provavelmente valorizando seu aspecto de saúde por ser algo natural. Da mesma forma, passar a gostar de uma ou mais disciplinas na escola tem a ver com seu conteúdo afetivo, isto é, o professor, que de certa forma representa aquela disciplina, ou o pai ou qualquer outra identificação. Neste ponto, pode-se iniciar a discussão sobre a questão do conceito de vocação. Ninguém nasce gostando mais de chocolate do que de abacaxi. O fundamental é apontar que o gosto pode mudar, já que é histórico e a relação com as disciplinas escolares também. Assim, esta variável não é tão segura como se imagina para a tomada de decisão.

Desta forma, podemos dizer que conhecer os "ingredientes" não resolve o problema proposto, isto é, não aponta para a escolha certa. É simplesmente um indicador e mais nada.

4a. hipótese: Perguntar para outras pessoas o que elas acham.

Perguntar para alguém que come sorvete de chocolate o que ela acha pode resultar em duas respostas: ela gosta ou não. A questão que se coloca é: o fato de alguém preferir um caminho indica que o optante deva seguir o mesmo? A resposta lógica indica que não, entretanto algumas decisões que se tomam seguem esta fórmula. É uma decisão que se toma a partir da autoridade, "respeitabilidade" ou confiabilidade da fonte. As crianças aceitam as decisões dos pais; por causa disso, respeitam e confiam neles. Às vezes, num restaurante, segue-se o conselho de alguém (amigos, garçom) que diz que tal prato é o melhor. Entretanto, quando se trata de profissão,

tomar decisão só pelo crédito da fonte é algo perigoso. Como se apontou na hipótese 2, é simplesmente mais um indicador.

Por outro lado, não adianta perguntar para quem chupa sorvete de abacaxi, o que ela acha do sorvete de chocolate, pois será apenas uma opinião pessoal, pois o sujeito desconhece a outra possibilidade, já que apenas vive um lado. De pouco adianta perguntar para um engenheiro o que ele acha da profissão do Direito; ele apenas dará sua opinião pessoal.

5a. hipótese: identificar “quais as conseqüências para a vida” de cada opção. Isto é, no caso, identificar vantagens e desvantagens.

<i>X</i>	<i>Y</i>
<i>VANTAGENS</i>	<i>VANTAGENS</i>
<i>é mais nutritivo</i>	<i>é mais refrescante</i>
<i>DESvantagens</i>	<i>DESvantagens</i>
<i>engorda; por ser gorduroso pode dar espinhas</i>	<i>é ácido, pode dar afta</i>

É importante conhecer as vantagens e desvantagens de cada alternativa; porém elas não definem nada. Mas há um perigo: neste momento a pessoa pode estar sofrendo um problema, por exemplo de espinhas, o que a empurraria para a alternativa Y. Porém, este problema deixa de existir daqui a algum tempo. O que questiona a idéia de que era um motivo razoável de escolha.

6a. hipótese: Pesquisar o mercado; observar se há diferença de consumo entre homens e mulheres.

A pesquisa de mercado de consumo indica que se vende muito mais sorvetes de X do que de Y. Entretanto, dentre as pessoas que compram Y, a maioria são mulheres. No caso de X, a procura é equilibrada entre homens e mulheres.

O que estes dados revelam? O interessado deve escolher X só porque a maioria compra esta alternativa? Por outro lado, seria melhor comprar Y, por ser menos consumido, e por isso ser mais fácil de achar ou o adquirir sem filas?

Observem-se dados do vestibular da USP abaixo:

TABELA 1 - CURSOS MAIS PROCURADOS FUVEST -
82/90/2000 - em %

	1982	1990	2000
Engenharia	14,0	12,8	8,2
Medicina	8,6	10,2	11,0
Direito	7,7	9,7	10,4
total	30,3	32,7	29,6

Fonte – relatórios da fuvest 1982/1990 – 2000: informação retirada do site da Fuvest na internet.

Nesta tabela, pode-se verificar que há muito tempo os cursos de Engenharia, Medicina e Direito são os mais procurados, alcançando a preferência de aproximadamente 30% do total de candidatos nos três anos do corte, ocorrendo apenas a troca na ordem. No ano 2000, refletindo tendências de mercado, a procura por Engenharia caiu para o terceiro lugar. Medicina e Direito assumiram respectivamente o 1º. e 2º. lugares, sem que haja uma explicação óbvia. O fato de que a maioria escolhe estas profissões indica que elas, de fato, são as melhores opções?

Pode-se dizer que a maioria das pessoas escolhe sorvete X porque assim reza a tradição e os meios de comunicação reforçam constantemente esta tendência ao veicular propagandas de chocolate e derivados. Pode-se falar o mesmo a respeito das profissões. A maioria escolhe Engenharia ou Medicina ou Direito por serem as mais

tradicionais, afinal são estas profissões que formam o Doutor que não fez doutorado. São as profissões que mais aparecem em novelas, filmes e livros.

Por outro lado, dentre os consumidores do picolé Y as mulheres são maioria. Será que por causa de uma adequação biológica? Pode-se afirmar que não, as mulheres mais vaidosas, procurariam mais o Y para manter a silhueta com algo menos calórico.

7a. hipótese: Analisar o preço.

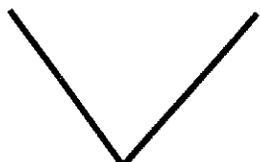
X é mais caro do que Y.

Isto quer dizer que se deve escolher o Y por ser mais barato? Decidir por este critério seria acertado? Ou, ao contrário, a melhor escolha seria o X, justamente por ser o mais caro, o que poderia denotar mais qualidade.

E se a pessoa não tiver dinheiro para escolher X? Neste caso ela não teria escolha, estaria determinada a Y. A maioria da população brasileira não adquiriu ainda o direito de escolher profissão. Estão predestinados a fazer aquilo que aparece na sua frente.

Mas no caso, todos têm dinheiro suficiente para adquirir tanto um como o outro.

ESTE PROBLEMA (SORVETE) TEM SOLUÇÃO? - *ao que parece nada garante a melhor escolha. Mas, existe sim uma forma de resolve-lo. A solução é:*



ATO DE CORAGEM

Qualquer escolha, em última instância, resulta de um ato de coragem. Um ato de coragem leva em conta todos os indicadores possíveis. Pode acontecer o caso em que os indicadores apontam para determinado caminho e a pessoa escolhe o outro (seria uma escolha por desafio que também leva em conta os indicadores).

A idéia de colocar todas as variáveis na balança, para ver qual lado pesa mais, não funciona (em nenhum caso de escolha) porque as variáveis tendem para o equilíbrio, isto é, se existe alguma desvantagem numa opção, a outra também apresentará desvantagens e assim por diante.

Não existe indicador capaz de apontar de antemão qual a melhor escolha porque, se existisse, não ocorreria escolha. Uma escolha, onde uma possibilidade é ótima e outra é péssima, não é uma escolha. O autor costuma brincar que não existe escolha quando se compara uma ferrari com um fusquinha.

Escolher significa exatamente ter que se posicionar (tomar partido) dentre as possibilidades colocadas que são igualmente atrativas e contém também desvantagens. São possibilidades que brigam entre si. Por isso se diz que qualquer escolha implica em conflito, ou melhor, escolher significa resolver conflito.

Qualquer escolha implica em risco. Não existe escolha sem risco. O autor chega a afirmar que escolha sem risco não é escolha. A Insegurança faz parte de qualquer decisão.

Qualquer escolha implica em perda. É um mito dizer que só existe um caminho para cada pessoa. Ao contrário, existem vários e por isso a perda faz parte da escolha. Escolher uma profissão implica na perda das outras, pelo menos nesse momento.

Agora, pode-se ter um ato de coragem para escolher um sorvete. A pessoa se toma de coragem e, por exemplo, escolhe o X. Agora ela pode abrir a embalagem e verificar se a escolha foi "legal". Duas ou três conclusões são possíveis. Gostou, não gostou ou mais ou menos. Se gostou, mas se a pessoa for muito "encucada" pode passar o resto da vida perguntando-se como seria se tivesse escolhido Y (jamais conseguirá esta resposta, mesmo que mais tarde decida fazer uma experiência com Y). Se não gostou, isto não quer dizer que teria necessariamente gostado mais de Y. E deve novamente realizar outra opção: muda ou permanece? Muitas pessoas acabam permanecendo para não ter que passar por outra experiência de escolha.

Enfim, escolher algo, como uma profissão, pressupõe que a pessoa conheça a realidade que contextualiza a decisão, que se autoconheça e esteja informado das possibilidades. Sobre tudo isto, terá o "ato de coragem" que é uma intervenção de ordem emocional, que envolve o bom senso, a intuição e a vontade.

A **quarta sessão** é apresentada como síntese do primeiro módulo. Inicialmente desenvolve-se um “aquecimento” que consiste na localização de um ponto agradável da sala para que os orientando possam se acomodar de forma tranqüila. Faz-se um pequeno trabalho de relaxamento e pede-se para que as pessoas pensem e digam algo para o seu grupo de orientação. Tal aquecimento tem o objetivo de fortalecer os laços de relacionamento entre os membros do grupo, aumentando o sentimento de acolhimento, respeito e liberdade.

Em seguida, discute-se o que chamou a atenção da leitura do Conto “A Profissão”, de Isaac Asimov (1977) ²⁴, uma ficção científica cuja história se passa por volta dos anos 6.000, descrevendo a situação de dois jovens que vivem uma situação de “escolha” de profissão/trabalho. Através do conto, abordam-se os seguintes assuntos: aquisição de conhecimentos; escola/educação; teste vocacional; família e escolha profissional; pressão familiar/social; ensino profissionalizante; vocação, dons; mercado de trabalho; competição; ascensão social; condição da mulher no mercado de trabalho e na sociedade; trabalho manual e intelectual; poder; realização pessoal; vestibular; construção de identidade; liberdade de escolha.

4.2.2) Módulo II – O trabalho

Este módulo tem como objetivo a discussão a respeito do tema trabalho, abordando desde o conceito até o modo como se desenvolve na sociedade atual. Este módulo é desenvolvido em duas sessões.

A **quinta sessão** propõe que os participantes “construam” duas empresas. Um grupo será responsável pela empresa do setor primário e outra do setor secundário da economia. Cada sub-grupo deve montar sua empresa de acordo com o roteiro entregue.

Terminada a tarefa da montagem, cada grupo apresenta sua empresa e cada participante conta a história de sua personagem. Objetiva-se verificar o que é necessário

²⁴ ASIMOV, Isaac. Profissão, in **Nove Amanhãs**. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1977, p.11-70.

para a produção de qualquer objeto. Observam-se as matérias-primas; instrumentos de trabalho; capital necessário para a instalação e de giro; hierarquia e organização; mão-de-obra (trabalhadores). Depois, compara-se esta lista com aquilo que outros tipos de sociedade necessitam para executar o trabalho (por exemplo comunidades indígenas). Na comparação das lista, chega-se ao conceito de trabalho genérico: ação humana sobre a natureza, através de instrumentos de trabalho, para a obtenção de coisas necessárias à vida. Por fim, aplica-se o conceito em exemplos atuais, diferenciando e entendendo o trabalho manual e intelectual.

Tendo claro o conceito genérico de trabalho, pode-se então discutir a questão para o setor terciário da economia.

A *sexta sessão* continua a discussão da temática iniciada na sessão anterior e visa atualizar os assuntos para o tempo presente. Discutem-se as formas de divisão de trabalho, o conceito de mercadoria; o de força de trabalho e o estabelecimento dos salários. Ainda nesta sessão, a partir da discussão do tema trabalho, aborda-se a questão da vocação, da mesma forma como já apresentado no Capítulo 3, item 3.3.1, quando se apresentou o conceito de vocação segundo a perspectiva sócio-histórica.

Atualmente, nesta sessão, projeta-se um vídeo que trata da questão do trabalho e desemprego (Globo Repórter, de 1996), discute-se o conceito de vocação e abordam-se as soluções apontadas pela classe dirigente ao desemprego que grassa no país, que sempre apontam para saídas individualizadas. Como contraponto, apresentam-se outras propostas de combate ao desemprego que não passam unicamente por alternativas meramente individuais.

4.2.3) Módulo III - Autoconhecimento e informação Profissional

O terceiro e último módulo do programa é desenvolvido em nove sessões, sendo as duas últimas dedicadas a sínteses.

Por autoconhecimento, entende-se a análise da trajetória de vida do próprio sujeito, quanto às formas de escolha e à compreensão de como construiu sua individualidade. Perceber o que já se desenvolveu em termos de interesses e habilidades e características pessoais, para projetar o que pretende desenvolver mais ou mudar ou

mesmo construir de forma diferente, é o que se visa no programa. Não se pretende buscar alguma relação entre as características pessoais e as profissões: trata-se de propiciar ao orientando que compreenda sua forma pessoal de tomada de decisão e dar condições para que possa elaborar projetos inclusive de mudanças em suas características pessoais.

Nas atividade de informação profissional, objetiva-se que o orientando amplie o conhecimento que tem das profissões, partindo de informações genéricas e superficiais de todas as profissões que se constituem como opções para seu estágio educacional e caminhando paulatinamente para mais específicas e aprofundadas, de acordo com o afinilamento das opções.

Na *sétima sessão*, inicia-se o processo de informação profissional. Apresenta-se o jogo de fichas das profissões, que se constitui de 106 fichas com o nome das profissões²⁵. Procede-se a uma crítica à classificação das profissões tradicionalmente utilizadas que as ordena pelo critério da área de conhecimento (humanas, exatas e biológicas). Apresenta-se uma outra forma de classificar as profissões, que as ordena em oito grupos, segundo o critério de atividades básicas.²⁶

Organizados em trios, cada sub-grupo recebe materiais genéricos de informação profissional, como o Guia do Estudante da Editora Abril, e tem como tarefa alocar todas as 106 fichas nos oito grupos de profissões. O trabalho envolve um certo conhecimento da profissão, o que se consegue através de leitura e discussão pelos membros do subgrupo. Avisa-se que uma profissão pode entrar em mais de um grupo pois algumas têm diferentes tipos de atividades.

Este formato de intervenção, derivado da formulação da técnica R.O.²⁷ (realidade ocupacional) citado por Bohoslavsky (1977, p.167-172), tem como objetivo, propiciar ao orientando um breve contato com todas as alternativas profissionais possíveis. Não se

²⁵ Em 1999 acrescentou-se no verso de cada ficha um parágrafo que apresenta de forma sucinta a profissão, para estimular mais ainda que os orientandos ampliem seus horizontes.

²⁶ Formulada por Goldberg (1971,p.11-14) e apresentada com ligeiras adaptações realizadas pelo autor e suas equipes de trabalho.

²⁷ Bohoslavsky apresenta a técnica R.O., mas não explica o significado da expressão. Marina Muller (1988) nomeia a técnica dessa forma: realidade ocupacional, bem como Silvia Veinstein (1994). Todos estes autores citam Nora Sturn como autora da técnica que foi apresentada nas jornadas Argentinas em Orientação Vocacional em 1965.

pretende que ele descubra uma nova profissão, mas que confronte as *caras* ou imagens que tem das profissões, construídas ao longo de sua vida, com uma definição mais formal. Também não se pretende modificar as identificações que possivelmente o orientando já tenha, mas possibilitar "transferências" dessas identificações para outras profissões menos conhecidas ou mesmo desconhecidas pelo sujeito.

Os orientadores ficam percorrendo os grupos, estimulando, esclarecendo dúvidas e apontando as omissões ou erros nas alocações.

A *oitava sessão* é reservada para que os trios terminem a tarefa iniciada na sessão anterior. Distribui-se um gabarito elaborado pela equipe de orientadores e solicita-se aos participantes que o confrontem com seu trabalho e apresentem dúvidas. Em grupão, elas são esclarecidas. Em seguida, cada orientando é instado a selecionar, dentre os oito grupos, aqueles que mais atraem. Explicita-se que o termo atrair deve ser compreendido como algo que a pessoa poderia ou gostaria de exercer como profissional. Numa ficha, o sujeito aponta os grupos que mais o atraem e explica os motivos disso e, por fim, destaca, dentro do(s) grupo(s), as profissões que mais lhe interessam. Ao final, cada orientando conta para os outros participantes, os grupos e as profissões selecionadas, apontando suas "descobertas", realizando comentários a respeito da atividade.

A *nona sessão* é dedicada totalmente ao desenvolvimento do autoconhecimento através de estratégia grupal. O procedimento utilizado tem o nome de "atividade da lã". Os orientandos são divididos em dois grupos e um orientador é destacado para coordenar a atividade. Em círculo e sentados no chão, apresenta-se aos orientandos o material que será utilizado: linhas de lã com aproximadamente um metro de comprimento, de várias cores. Pede-se que explorem, como aquecimento, o material, e questiona-se o que se poderia construir com ele. A lã é novamente reunida no centro do grupo e a instrução do trabalho é transmitida: o grupo deverá fazer algo com este material (pode ser qualquer coisa). As regras da atividade são: o trabalho deve ser coletivo e não se pode usar a fala ou mímica para estabelecer contato.

O grupo desenvolve a atividade e o fundamental é a análise do processo de trabalho, realizado pelos seus membros junto com o coordenador. Pouco importa o produto. Primeiro discute-se se o trabalho foi realmente desenvolvido em grupo e se as pessoas conseguiram se entender mesmo sem utilizar a fala ou a mímica. Em seguida, analisa-se a participação de cada membro. O interesse na atividade é estimular a participação de todos, isto é, todos os membros do grupo devem dizer algo sobre a participação de cada um e sobre a sua própria.

Através deste procedimento, busca-se estimular a reflexão de cada um a respeito de sua participação no trabalho. Não existe modelo pré-definido de análise e o próprio grupo elabora suas categorias. Um teve iniciativa, outro foi colaborador, outro foi individualista, outro foi passivo, outro animado, outro criativo, outro foi ansioso, outro “emburrou” por ter sua participação prejudicada pela ação de outrem, e assim por diante. Cada participante faz, logo a seguir, uma avaliação de sua própria participação a partir do que os outros falaram dele. As pessoas já trazem valores sobre o que significa um boa participação - muitos vezes elas são estereotipadas e preconceituosas, valorando apenas só aqueles que são criativos e que tomam a iniciativa. Fica claro, na maioria das vezes, que todos podem assumir múltiplas formas de participação num mesmo trabalho, nos diversos estágios de sua construção.

Como já abordado anteriormente, não há preocupação de correlacionar as características elencadas de cada indivíduo com profissões.

Em seguida, cada aluno responde individualmente a duas questões de ordem pessoal. Uma questão solicita que o aluno explicita as expectativas de sua família sobre si e sua escolha profissional. A outra, pede que ele próprio esclareça o que espera de si mesmo. No grupão, cada um relata as expectativas. O objetivo é evidenciar que existem expectativas sobre eles que fazem parte da construção da individualidade de cada um.

A *décima sessão* volta a tratar de informação profissional. Inicia-se a sessão com um trabalho de aquecimento que versa sobre a análise do cotidiano de cada um. Em duplas, os participantes trocam entre si respostas às seguintes questões: faça uma lista a respeito de "tudo o que você quer"; passado algum tempo, solicita-se que respondam a questão "tudo o que você tem que"; a última questão, pergunta sobre as coisas que "você

tem medo de". Em seguida, discute-se o significado de cada questão para cada um: o "eu quero" em geral assume significado de desejos e sonhos. O "eu tenho que" significa, para a maioria, obrigações que a sociedade impõe, mas às vezes pode significar obrigações que a pessoa se impõe por desejar muito alguma coisa. O "eu tenho medo" serve para colocar em discussão os receios de cada um. Em seguida, faz-se uma rodada para verificar onde, cada participante alocou as palavras *vestibular e escolha profissional*. Isto permite a percepção do grau de ansiedade e preocupação vividos pelos orientandos naquele momento a respeito das situações que vive ou viverá proximamente. Neste momento ainda, discute-se como os desejos e vontades se constituem, não como volitividade autônoma, mas construção social internalizada.

A atividade seguinte consiste na pesquisa e leitura de forma aprofundada de materiais de informação profissional a respeito das profissões e cursos de formação de maior interesse do participante. Sugerem-se, como roteiro inicial, as conclusões da oitava sessão, na qual foram indicados os grupos e as profissões de maior interesse. Um grande número de materiais é disponibilizado: guias de informação profissional de todos os tipos, manuais de inscrição aos vestibulares de diversas universidades e faculdades que muitas vezes trazem informações valiosas sobre os cursos e profissões, e outros. Também são disponibilizados materiais da hemeroteca, especializada em artigos de jornais, revistas e de outros meios de comunicação, coletados desde 1980. Os orientandos, a partir dessa sessão, são estimulados a emprestar materiais para aprofundar conhecimentos em casa. Atualmente, sugere-se que os participantes pesquisem sobre as profissões, na internet, oferecendo-se o endereço de alguns sites interessantes.

Os coordenadores do grupo ficam à disposição dos participantes, esclarecendo dúvidas, indicando materiais para aprofundamento e conversando sobre a situação de cada orientando.

Na *décima primeira sessão* volta-se a trabalhar com a temática do autoconhecimento, agora através do que é denominado no programa de "jogos de imagem".

A primeira atividade desta sessão consiste numa troca de presentes, isto é, cada participante escreve em pequenas folhas de papel com o nome de cada participante, um

presente que daria para aquela pessoa. Instrui-se que pode ser qualquer tipo de presente, material ou não, grande ou pequeno, caro ou barato, concreto ou abstrato; o importante é que tenha alguma relação com pessoa que o receberá. Quando o papel passa pelo seu dono, ele também pode se dar um presente, mas, neste momento, não deve tomar conhecimento dos presentes que os outros deram para ele.

Terminada a rodada, sorteia-se outra pequena folha com o nome de cada participante entre os membros do grupo. Agora, cada um deve escrever uma carta explicitando a imagem que a pessoa tem do dono do papel. Alerta-se que não se trata de um julgamento e que a pessoa não precisa temer em "errar", porque se discutirá a imagem descrita, no grupo. Em seguida, cada orientando recebe seus presentes e a carta, comentando por escrito o que achou deles.

Cada membro lê para o grupo, mostrando os presentes e a carta que recebeu, para que todos possam interferir na imagem criada, confirmando, enfatizando ou negando a imagem montada. Ao final, a própria pessoa tece comentários a respeito da imagem contida nos presentes, na carta e nas opiniões surgidas no grupo.

Esta sessão coloca em pauta a imagem de cada um. Leva ao autoconhecimento porque explicita imagens quase nunca verbalizadas. A intenção é que cada participante reflita sobre as imagens que o grupo formou a respeito dele, verificando se é apenas uma imagem surgida neste grupo ou pode ser generalizada para os vários grupos de que participa.

O orientador participa desta atividade, explicitando a imagem que pôde formar a respeito de cada um durante o transcorrer do trabalho. Logicamente, esta imagem, fruto de observação e discussão sistemática, acaba tendo mais peso do que a opinião dos pares. Na maioria das vezes a participação do orientador reenfatiza algum aspecto já apresentado pelos parceiros do orientando.

Na *décima segunda sessão*, o tema principal retorna à informação profissional. Desenvolve-se o denominado "jogo do governo". Inicialmente, solicita-se aos participantes que escrevam sobre sua situação em termos de escolha de profissão, apontando claramente as alternativas, com breve justificativa.

Introduz-se o jogo: imagine que você vive numa sociedade em que o governo determina a ocupação das pessoas. Entretanto, há a possibilidade de solicitar mudança de profissão, coisa que ocorre num tribunal, uma vez por ano. Cada um deve escolher uma profissão das listadas anteriormente, e se dirigir ao tribunal onde encontrará representantes do governo, para solicitar a mudança de profissão. A função dos juizes é “bombardear” os solicitantes de perguntas para que possam ter certeza que a mudança de profissão ou ocupação merece ser autorizada. O coordenador assume a função de “moderador”, podendo realizar perguntas e/ou interferir em questões que possam prejudicar o solicitante por inadequações. O grupo de orientandos é dividido em dois; numa primeira rodada, metade comporá o grupo de solicitantes, e a outra, o corpo de juizes. Terminada a rodada, há a troca de papéis, solicitantes viram juizes e vice-versa. Ao final, os dois grupos de juizes reúnem-se separadamente para deliberar cada caso. Em seguida, realiza-se a comunicação da deliberação e suas justificativas.

Este trabalho possibilita ao participante colocar-se no papel do profissional e elaborar as informações que detém a respeito da profissão. No papel de juizes, há também a necessidade de elaborar algo a respeito de cada profissão. O exercício obriga o participante a sistematizar suas informações e ao mesmo tempo lidar com as solicitações do grupo de juizes e moderador.

A *décima terceira sessão* busca o desenvolvimento do autoconhecimento. Inicia-se com um relaxamento físico - deitado no chão o aluno é orientado a contrair e relaxar seus músculos. Propõe-se, em seguida, que o orientando “sonhe acordado”, deixando sua imaginação fluir, mas seguindo as orientações do coordenador.

O sonho começa num lugar muito escuro aonde uma luz vagarosamente vai iluminando o ambiente. Quando já está claro, o orientando se dá conta que está “no seu espaço ideal”. Propõe-se que ande pelo local e reconheça tudo que há nele (cores, sons, objetos, outras pessoas, etc.). Pede-se que arranje um espelho, que veja sua imagem refletida e que converse com ela.

O orientando descreve, por escrito, seu sonho e, em seguida, o verbaliza. A tarefa dos participantes de seu grupo, é apontar as características individuais que podem ser identificadas a partir do relato. Logicamente, o conhecimento anterior a respeito de cada

um, acaba sendo levado em conta nesta atividade. Através de um material mais simbólico, propõe-se que o orientando reflita sobre si próprio, isto é, sobre quem tem sido, para projetar quem pretende ser, com a colaboração das contribuições do grupo.

A *décima quarta sessão* é dedicada à realização de uma primeira síntese, denominada de “síntese afetiva”. Escurece-se a sala, utiliza-se uma vela acesa para gerar concentração, ouve-se uma música. Orienta-se a concentração dos participantes, no que se denomina de “realização de um passeio”. A atenção do aluno é dirigida para uma praça onde encontrará crianças, jovens, adultos e velhos, estabelecendo relações com eles. Em seguida, é orientado a dirigir-se para a escola em que estuda ou estudou, para se despedir dela. Logo após, sugere-se ao orientando que vá até seu “local de trabalho” e o “explore”, observando o ambiente, os objetos, as pessoas, seus instrumentos de trabalho e suas atividades. Pede-se que o aluno pense se foi ou não necessário uma formação sistemática para o desempenho de seu trabalho. Terminada esta primeira etapa, o orientando registra, por escrito, seu passeio.

Em seguida, com outras músicas, sugere-se que o orientando dê uma festa. Esta festa será realizada daqui a alguns anos, quando ele e seus amigos estiverem se formando. Indica-se que seus convidados serão “pessoas que têm profissão”, portanto será uma festa de profissionais. Oferece-se um jogo de cartões de profissões para cada um e ele deve selecionar aqueles que com certeza quer que estejam na festa. Selecionados os convidados, avisa-se que um fotógrafo vai registrar tudo o que ocorre nela, mas que baterá uma foto especial. Nesta foto sairão apenas as pessoas chamadas pelo dono da festa e ela própria também vai aparecer. Indica-se que devem ser poucas pessoas para que a foto registre com nitidez as pessoas e até “suas emoções”. O orientando registra seus convidados e a foto, explicando e justificando seus critérios e convidados.²⁸

A *décima quinta sessão*, última do grupo, é voltada para a realização de sínteses e avaliação. O participante recebe orientações para realizar três sínteses parciais: a

²⁸ Esta atividade é descrita por Bohoslavsky (1977, p.167-172) com parte da técnica R-O, (ver nota 27) entretanto utiliza-se, no programa em discussão, a técnica totalmente fora do contexto indicado pelo psicólogo.

primeira versando sobre o que se chama de “caracterização do meio”, isto é, como o aluno percebe o entorno de sua escolha: a realidade social, política, econômica e cultural que determinam sua decisão. A segunda denominada de “características pessoais”, na qual deve registrar como a pessoa está se percebendo como sujeito. A terceira, denominada de “interesses profissionais”, na qual sintetiza sua trajetória de aproximação das profissões. O último registro desta etapa consiste na redação da conclusão, na qual se solicita que o orientando escreva, de forma mais clara possível, como se encontra frente à sua escolha profissional.

Numa rodada onde todos verbalizam, os orientandos relatam suas conclusões e avaliam o trabalho realizado, bem como o do grupo de que participou.

O orientador tece pequena apreciação a respeito do grupo e observa a possibilidade, caso haja interesse, da realização de sessão individual para a discussão do processo vivido pelo participante. Em alguns casos, sugere explicitamente a necessidade da realização desta entrevista individual.

5) MÉTODO

Na presente investigação, apesar de também serem coletados dados quantitativos, considerou-se mais relevante uma visão aprofundada a respeito da trajetória dos participantes. Por isto, avaliou-se que a abordagem qualitativa fosse mais profícua, através do estudo de caso. Lüdke e André (1986) consideram que o “caso” apresenta um interesse particular apesar de poder ser semelhante a outros; é uma unidade autônoma dentro da totalidade (p.18). Para as autoras, as características fundamentais do estudo de caso são as que se seguem.

Os estudos de caso visam à descoberta – o conhecimento nunca está acabado, a teoria serve para analisar a realidade e, ao mesmo tempo, a realidade observada e analisada pode modificar a teoria.

O grupo de orientação profissional encaixa-se nesta característica: o conhecimento está sempre em construção.

1. Os estudos de caso enfatizam a interpretação em contexto – “para compreender melhor a manifestação geral de um problema, as ações, as percepções, os comportamentos e as interações da pessoas devem ser relacionadas à situação específica onde ocorrem ou à problemática determinada a que estão ligadas”(Lüdke e André, 1986, p.19).

Num grupo de Orientação Profissional, como o que se estará analisando, todos os seus membros partem de uma mesma necessidade: a escolha profissional. Os valores pessoais, o relacionamento de cada um com as várias pessoas e grupos no dia-a-dia, a conjuntura política, econômica e social estão absolutamente relacionados com esta decisão.

2. Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda - a reflexão procura entender toda a complexidade envolvida no caso; todas ou muitas de suas determinações.

Só se pode compreender efetivamente os efeitos da ação de um grupo de Orientação Profissional quando se consideram todos os aspectos que determinam as escolhas pessoais.

3. Os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação – as fontes de informações devem ser variadas: entrevistas, observações, análise de documentos, etc.

Na presente pesquisa, utilizaram-se documentos (registros dos participantes e orientadores) e entrevistas.

4. Os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas – “O pesquisador procura relatar as suas experiências durante o estudo de modo que o leitor ou usuário possa fazer as suas ‘generalizações naturalísticas’(id., p.19). Esta expressão é entendida como algo que “...ocorre em função do conhecimento experiencial do sujeito, no momento em que este tenta associar dados encontrados no estudo com dados que são frutos das suas experiências pessoais”(id., p.19).

Apesar do presente estudo referir-se a um grupo muito específico, acredita-se que as relações analisadas possam contribuir para a construção teórica e para a prática de outros grupos.

5. Estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação.

O pesquisador procurará trazer para seu estudo as diversas posições dos participantes do programa de orientação profissional e também explicitará as suas.

6. Os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa – Segunda a autora, em geral, a exposição do estudo de caso ocorre de maneira mais informal do que em outros tipos de pesquisa.

Na presente pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa, através do estudo de caso, por se entender ser a forma mais adequada para aprofundar e compreender uma prática já instituída, através da análise de uma intervenção regular, não experimental ou laboratorial.

5.1) Os sujeitos orientandos

A presente pesquisa investigou a trajetória da escolha profissional de jovens participantes de um grupo de Orientação Profissional desenvolvido no Nace. Constituído como grupo regular, estes jovens foram organizados em um grupo a partir de sua inscrição no trabalho.

5.1.1) Critérios de escolha dos sujeitos orientandos

Selecionou-se um grupo cujos membros, hoje (ano 2.000), já teriam condições de discorrer a respeito de sua trajetória de escolha, desde sua participação no programa, passando pela sua formação escolar e pelo seu engajamento no mercado de trabalho. Buscou-se, também, um grupo com o número completo de orientandos (os grupos aceitam no máximo 16 participantes) para que não se corresse o risco de não localizar pelo menos cinco sujeitos para a realização das entrevistas.

O grupo escolhido, cujo desenvolvimento ocorreu no segundo semestre de 1994, foi coordenado por um pedagogo (o próprio autor da presente investigação) e um psicólogo, além de ser acompanhado por outro profissional da área de psicologia que estava em regime de treinamento.

O propósito da escolha de um grupo, que foi desenvolvido há seis anos, foi o de encontrar orientandos com seus estudos universitários, possivelmente, concluídos e que já estivessem inseridos no mercado profissional. Com 16 participantes, os membros do grupo escolhido apresentaram pouquíssimas faltas durante o processo, portanto vivendo-o em toda a sua intensidade.

Deste grupo tinha-se em arquivo todo o "processo de acompanhamento e síntese", com o material de registro do próprio participante realizado durante o processo. Além disso, tinha-se o registro dos coordenadores, realizados na época do desenvolvimento do grupo. Os registros dos coordenadores, realizados informalmente, descrevem o processo grupal, bem como a participação individual de cada orientando. Este registro foi realizado em função dos seguintes objetivos: a) a correção de rumos durante o desenvolvimento do programa, caso houvesse necessidade; b) a seleção de procedimentos mais adequados para a dinamização do grupo; c) a observação individualizada de cada orientando.

5.1.2) Caracterização dos sujeitos orientandos

O Quadro 2 apresenta dados que caracterizam os orientandos do grupo escolhidos para análise.

O grupo era formado por dezesseis membros, dos quais onze com 17 anos, três com 18, um com 20 e um com 23. É homogêneo quanto ao sexo: metade deles homens e metade mulheres.

Todos estudavam em escolas particulares consideradas, em sua maioria, como boas escolas de ensino médio, reconhecidas por não adotarem metodologias conservadoras ou tradicionais. Sem a pretensão de identificar a filosofia educacional de cada uma, pode-se caracterizá-las, a partir do conhecimento do autor, como instituições que adotam metodologias que não têm o vestibular como único objetivo de ensino, propondo-se a formar cidadãos críticos, informados, criativos e participantes. Esta caracterização faz-se necessária, apesar de pouco rigorosa, pois a partir da escolha destas escolas para seus filhos, há indícios para inferir os valores que norteiam a família além dos motivos para a procura de serviços de Orientação Profissional, os quais não se pautam por posturas tradicionais.

Dez participantes são originários de uma mesma escola, mas não vieram necessariamente em um único grupo para o programa. Em alguns casos eles descobriram, na primeira sessão, que iriam participar do mesmo grupo - a inscrição sempre é individualizada. Outros dois participantes provêm de uma outra escola e outros dois ainda de outra. Dois participantes, cada um de uma escola diferente, não vieram acompanhados de colegas.

Como breve caracterização familiar, tem-se que quatorze mães têm formação universitária completa, apenas uma não terminou o ensino superior e um aluno não declarou sua escolaridade. Quinze pais, igualmente, têm formação universitária completa e o mesmo aluno, no caso das mães, não declarou a sua formação escolar. Doze mães trabalham fora de casa, uma é falecida e três não trabalham fora de casa. Dos pais, um é aposentado, um é falecido e de outro não consta a informação se trabalha ou não. Os treze restantes trabalham.

QUADRO 2 –CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO: IDADE/SEXO/ESCOLA DE ORIGEM/FORMAÇÃO ESCOLAR DOS PAIS/IDADES DOS PAIS

	Nome do participante ²⁹	Idade	sexo	Escola	Escolaridade pai	Profissão pai	Escolaridade mãe	Profissão mãe	idade pai	idade mãe
1	FERNANDO	17	M	particular I	Sup. completo	Nutricionista	Sup. completo	Assistente social	44	48
2	JÚLIA	17	F	particular I	Sup. completo	Advogado	Sup. completo	Professora	48	40
3	ANDRÉ	17	M	particular I	Sup. completo	Psiquiatra	Sup. completo	Psicóloga	52	45
4	CHICO	17	M	particular I	Sup. completo	Juiz	Sup. completo	Advogada	49	50
5	GABRIEL	18	M	particular I	Sup.incompleto	Construtor	Sup. completo	Advogada	n/c	45
6	RENATO	23	M	particular II	Sup. completo	Fiscal de renda	Sup.incompleto	Bancária	falecido	n/c
7	ANA	20	F	particular III	Sup.incompleto	Jornalista	Sup. completo	Professora	50	47
8	LIA	17	F	particular I	Sup. completo	Geólogo	Sup. completo	Professora	51	51
9	GUSTAVO	17	M	particular I	Sup. completo	Médico	Sup. completo	Professora	n/c	n/c
10	MARCELO	17	M	particular I	Sup. completo	Economista	Sup. completo	Física	n/c	n/c
11	MAÍRA	17	F	particular I	Sup. completo	Médico	Sup. completo	Bibliotecária	falecido	41
12	FLÁVIO	17	M	particular III	Sup. completo	Advogado	Sup. completo	Fonoaudióloga	46	46
13	WILMA	17	F	particular IV	Sup. completo	Administrador Empresas	Sup. completo	Administradora Empresas	de 45	44
14	MARINA	17	F	particular I	Sup. completo	Administrador empresas	Sup. completo	Pedagoga	n/c	n/c
15	WANDA	18	F	particular V	Sup. completo	Comerciante	Sup. completo	Dentista	50	falecida
16	LARISSA	18	F	particular V	Não consta	Não consta	Sup. completo	Advogada	n/c	41

²⁹ Os nomes são fictícios.

Quinze dos dezesseis orientandos residem em casas próprias. Doze alunos declararam sua renda familiar aproximada: encontram-se rendas que vão desde 30,9 salários mínimos até 123,5 salários mínimos por mês³⁰. Deve-se considerar que estas declarações de renda podem estar super ou infra valorizadas, mas tais dados, mesmo que pouco precisos, ajudam a caracterizar o grupo que será avaliado: os sujeitos pertencem às camadas média e alta da sociedade brasileira, com alto nível de escolaridade dos pais que exercem profissões reconhecidas como liberais ou que possibilitam a ocupação de altos cargos em empresas públicas ou particulares.

5.2) Procedimento de coleta de dados

Foram coletados dois conjuntos de dados. Um primeiro, aqui denominado “dados dos documentos”, é constituído por dois grupos de registros já pré-existentes. O primeiro grupo, denominado “processo de acompanhamento e síntese”, foi produzido pelo participante do programa durante o seu desenvolvimento. Estes registros foram realizados antes, durante ou após as atividades, dependendo do caso, e têm, no programa de orientação profissional, as funções de: 1) propiciar reflexões individuais preparatórias das discussões; 2) propiciar sínteses pessoais ao final das atividades. O segundo grupo de registros é constituído pelas observações informais anotadas pelos coordenadores no transcorrer do grupo.

O outro conjunto de dados refere-se a entrevistas que foram desenvolvidas com os mesmos sujeitos do grupo original, para que se pudesse promover a avaliação do significado de sua participação no programa, transcorrido um certo tempo após seu término.

5.2.1) Dados dos documentos

Para o primeiro conjunto de dados foi utilizado o procedimento de análise documental. São considerados documentos “...quaisquer materiais escritos que possam ser utilizados como fonte de informação sobre o comportamento humano... . Estes incluem desde leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e

³⁰ Na época, o salário mínimo equivalia a R\$ 64,79 (sessenta e quatro reais e setenta e nove centavos)

televisa até livros, estatísticas e arquivos escolares.” (Lüdke e André, 1986, p.38). No presente caso, consideraram-se documentos os materiais produzidos pelos alunos, assinalando-os como “documentos” e não questionários, uma vez que fazem parte do desenvolvimento normal do programa e não foram produzidos especificamente para esta pesquisa. São materiais existentes independentemente deste estudo.

O material denominado “processo de acompanhamento e síntese” é composto de uma grande variedade de registros. Nem todos se constituíram como fundamentais para a análise que se pretende desenvolver, apesar de importantes no conjunto do trabalho. Por isso, foram selecionados alguns destes registros que se constituíram como dados para análise:

1) O relato realizado pelos participantes na primeira sessão do grupo em que cada um apresenta a situação quanto ao “estado” de sua escolha profissional. Estes dados estavam registrados sob forma de anotações dos coordenadores. Ainda quanto a este item, analisou-se a questão respondida pelo sujeito na ficha pessoal (preenchida antes de iniciar o programa e que coleta dados iniciais do orientando), solicitando que o sujeito relacione as profissões que já pensou seguir desde criança. Estes dados permitiram a comparação com a situação de saída de cada participante. Os dados de situação de saída encontram-se em anotações dos coordenadores, além da “conclusão”, item desenvolvido na última sessão em que o sujeito sintetiza sua situação em termos da decisão profissional.

2) A síntese final do participante que engloba três registros diferentes. O **primeiro** apresenta a visão de realidade que o orientando conseguiu construir durante o programa. No programa de orientação profissional esta síntese é denominada de “caracterização do meio”. O **segundo** solicita ao jovem que sintetize o processo de autoconhecimento desenvolvido no programa, cuja denominação é “características pessoais e valores”. O **terceiro**, registra a relação do orientando com as profissões e suas informações, denominado de “interesses profissionais e conclusão”.

Assim, os dados do item 1 possibilitaram observar mais objetivamente a situação de entrada e saída do orientando no programa em termos da escolha profissional. Os dados do item 2 possibilitaram avaliar a qualidade da escolha realizada, isto é, como o sujeito operacionalizou e direcionou todo o trabalho desenvolvido durante o programa.

5.2.2) Dados das entrevistas

O segundo conjunto de dados foi obtido através da realização de entrevistas semi-estruturadas. Divididas em duas etapas com cada sujeito, a primeira entrevista durou em média 1h30 e a segunda por volta de 45 minutos. Tal procedimento foi parcialmente baseado no trabalho de Larocca (1999), que utilizou o procedimento denominado entrevistas recorrentes.

Cinco sujeitos foram selecionados para a realização das entrevistas. Os critérios utilizados para esta seleção responderam a três ordens de razões: a primeira, de ordem qualitativa, observada pelo conteúdo das intervenções detectadas no material produzido pelo participantes. Neste sentido, foram consideradas as intervenções realizadas na sessão final do programa, que partilhassem de uma visão global da construção da identidade do indivíduo e que percebessem a escolha como fenômeno multideterminado (três sujeitos). A segunda, de ordem quantitativa, resultou na triagem de um sujeito com maior número de depoimentos nas categorias montadas para análise da situação de saída do programa, independente de sua qualidade e valor. Como terceira, selecionou-se um sujeito que é o único, dentre todos os participantes do grupo, que escolheu uma profissão na área de exatas, supondo-se que seu depoimento poderia ser diferenciado em função dessa sua maior proximidade com a área referida.

Caracterizada como semi-estruturada, a entrevista procurou verificar o processo de escolha dos sujeitos através de sua trajetória pessoal e profissional a partir do término de seu grupo. Procurou-se investigar a possível contribuição do programa de orientação profissional na construção da identidade profissional de cada um.

As questões que nortearam as entrevistas foram:

- a) Fale sobre sua história pessoal e profissional, as escolhas profissionais realizadas neste período, desde antes do início do grupo de orientação profissional até hoje, estabelecendo as possíveis relações entre o seu caminho profissional e o programa vivido.
- b) Avalie especificamente o papel do programa de orientação profissional na sua escolha profissional.

As entrevistas, realizadas de forma individual, foram gravadas em áudio. Duas sessões de entrevistas foram realizadas com cada sujeito. As entrevistas foram produzidas em vários locais: casas dos sujeitos ou sede do Nace (local de trabalho do autor). Os locais utilizados se apresentaram como ambientes calmos, com boas condições de gravação, sem interrupções significativas que pudessem prejudicar o seu andamento.

Os sujeitos foram convidados a participar da pesquisa com o argumento de que se procurava conhecer as efetivas contribuições que o programa de orientação profissional pudesse ter agregado no processo decisório do participante. Os cinco sujeitos entrevistados mostraram-se solícitos e disponíveis.

Todos os demais participantes, não selecionados para a entrevista, foram contatados telefonicamente, para que fizessem um rápido depoimento de suas trajetórias profissionais a partir do final do programa. Os dados obtidos foram utilizados para a montagem do Quadro 3.

5.3) Análise dos dados

Tanto para o primeiro como para o segundo conjunto de dados, utilizou-se a metodologia da análise de conteúdos. Krippendorff, citado por Lüdke e André (1986), afirma que este procedimento “...pode caracterizar-se como um método de investigação do conteúdo simbólico das mensagens.” (p.41) A unidade de análise será a de contexto, isto é, procurar-se-á avaliar os dados de forma não fragmentada buscando inferir “...os valores, os sentimentos, as intenções e a ideologia das fontes ou dos autores dos documentos.” (Lüdke e André, 1986, p.40) Através da análise das questões recorrentes, estabeleceram-se as categorias de análise.

Os documentos foram submetidos à leitura rigorosa. A partir disso, elaboraram-se as categorias e em seguida alocou-se, nelas, cada depoimento dos sujeitos, conforme se pode verificar nos Anexo 1 e 2. A partir destes dados, pôde-se selecionar os sujeitos para as entrevistas que foram agendadas na seqüência.

Cada entrevista foi transcrita e submetida à leitura rigorosa, o que permitiu a elaboração das categorias. Mesmo quando apenas um depoimento apontava para a criação de uma nova categoria, esta foi considerada. A segunda entrevista foi realizada

em seqüência à primeira categorização, buscando-se evitar um espaço muito longo entre a primeira e a segunda entrevista. Para a realização da segunda entrevista, cada sujeito recebeu, antecipadamente, as categorias com os respectivos depoimentos da primeira entrevista, através dos correios. Solicitou-se que, a partir da leitura, eles apontassem as omissões, os erros nas transcrições e uma avaliação das categorias elaboradas sobre seus depoimentos. A partir disto, agendou-se a segunda entrevista. Poucos sujeitos apontaram mudanças ou críticas a respeito das categorias montadas. Essa segunda entrevista permitiu aprofundar a questão da visão dos sujeitos a respeito das contribuições do programa de orientação profissional na construção de suas escolhas. O conjunto final das categorias, elaboradas a partir dos relatos coletados nas duas entrevistas com os cinco sujeitos, encontram-se nos Anexos 3, 4 e 5.

Na discussão final, procurou-se cotejar os dados coletados através dos documentos com o das entrevistas, buscando-se identificar os determinantes das escolhas dos sujeitos, bem como as relações, previstas no objetivo desta pesquisa, entre as experiências vivenciadas durante o programa de orientação profissional e as decisões assumidas posteriormente pelos sujeitos.

6) RESULTADOS: A ESCOLHA DOS SUJEITOS, DA PRIMEIRA SESSÃO À EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Nesta sessão apresentar-se-ão os resultados obtidos nas várias fases da investigação. Optou-se por apresentar, inicialmente, um quadro geral da situação de escolha profissional dos participantes do grupo pesquisado, para facilitar a compreensão dos demais dados. Em seguida, apresentar-se-ão os dados da escolha profissional dos sujeitos no início do programa de orientação profissional; em seguida, os dados de escolha no final do programa. Por último, serão apresentados os dados obtidos nas entrevistas realizadas com cinco participantes deste mesmo grupo, seis anos após o término do trabalho.

6.1) Quadro geral da situação de escolha

O Quadro 3 apresenta a situação das escolhas profissionais de cada sujeito. A coluna I apresenta as profissões citadas pelo sujeito na “ficha pessoal”, material preenchido pelo participante antes do início de seu grupo de orientação. A pergunta realizada para a obtenção desse dado foi: “Relacione as profissões que você pensou em seguir desde criança até hoje (anote ao lado as idades correspondentes)”. A coluna II, apresenta as profissões citadas como de interesse na 1^a. sessão, numa atividade na qual o participante era solicitado a explicitar para o grupo como se encontrava frente à escolha profissional. A coluna III, refere-se às profissões citadas na última sessão, após a vivência do processo. A coluna IV apresenta o curso universitário frequentado pelo sujeito e a coluna V, a profissão atual. Estes dois últimos dados foram obtidos por entrevistas pessoais ou telefônicas.

A maioria das profissões citadas pelos sujeitos na última sessão do programa de orientação profissional (coluna III) já aparecia citada anteriormente, tanto na primeira sessão (coluna II), como na ficha pessoal (coluna I). Treze casos estão nesta situação. Apenas dois participantes terminam o programa apontando profissões não citadas anteriormente, o que sugere que o interesse pelas mesmas tenha surgido a partir da vivência do programa: **Wilma** (S13) termina o programa apontando três profissões, dentre as quais Hotelaria, que vai perseguir e que não havia sido mencionada

anteriormente; **Flávio** (S12), apesar de ter citado Administração na primeira sessão, termina o programa decidido a fazer Administração Hospitalar, que, segundo as próprias palavras do participante, descobriu durante o processo de informação realizado no programa de orientação profissional . O caso de **André** (S3) é diferente, pois o participante faltou na última sessão; entretanto, observando sua trajetória, pode-se dizer que ele terminaria o programa afirmando a profissão de Arquitetura.

Dos treze casos que terminam o programa afirmando profissões citadas já na primeira sessão, doze cursaram faculdades relativas àquelas profissões. Isto é, praticamente não há mudança na passagem do final do programa até o curso universitário. Como exceções, apontam-se: **Maíra** (S11), que termina o programa falando em Jornalismo, cursa dois anos, abandona e atualmente faz o curso de cinema; **Flávio** (S12), que não fez o curso de Administração Hospitalar como havia definido na última sessão entrando no curso de Psicologia, profissão que havia sido mencionada na primeira sessão e na ficha pessoal; **Wanda** (S15), que vai fazer o curso de Publicidade não levando adiante a idéia de artes cênicas; **André** (S3) que como já se apontou anteriormente, faltou na última sessão, impossibilitando a comparação.

Atualmente os dezesseis sujeitos estão trabalhando (ou terminando seus estudos) em áreas próximas do curso universitário frequentado. Uma observação, no entanto, deve ser feita no caso de **Wilma** (S13), que fez o curso de Tecnologia em Hotelaria, com duração de dois anos: trabalhou por quatro anos na área mas, hoje (novembro de 2000), desligou-se da área, preparando-se para prestar vestibular para o curso de Pedagogia.

Comparando-se a profissão atual com as profissões citadas na primeira sessão, tem-se a correspondência em treze casos, isto é, estes participantes estão atuando profissionalmente (ou terminando seus estudos) em carreiras que foram mencionadas na primeira sessão do programa de orientação profissional.

QUADRO 3 – ESCOLHAS PROFISSIONAIS DE CADA SUJEITO, NO INÍCIO E NO FINAL DO PROCESSO, O CURSO UNIVERSITÁRIO FREQUENTADO E A PROFISSÃO ATUAL

NOME	I) PROFISSÕES MENCIONADAS NA FICHA PESSOAL	II) PROFISSÕES CITADAS NA 1ª. SESSÃO	III) PROFISSÃO MENCIONADA NA ÚLTIMA SESSÃO	IV) CURSO UNIVERSITÁRIO FREQUENTADO	V) PROFISSÃO ATUAL
1 FERNANDO	publicidade/ direito/ jornalismo/ psicologia	Publicidade/ direito	publicidade	publicidade (ainda está frequentando)	publicidade
2 JÚLIA	Psicologia/ jornalismo/ direito/ história/ publicidade	publicidade/ letras/ direito/ jornalismo	Jornalismo e história	jornalismo (formou-se) ciências sociais (largou 1º. ano)	Jornalista de um site na internet
3 ANDRÉ	Arqueólogo/ arquiteto/ publicitário/ jornalista/ psiquiatra	publicidade/ arquitetura/ jornalismo	faltou	arquitetura	arquitetura
4 CHICO	Advogado/ médico/ jornalista/ publicidade/ biologia/ bioquímica/ astronomia/ arqueologia	direito/ publicidade/ jornalismo/ história/ psicologia	direito (opção principal, história)	direito (está se formando 2000) economia (trancou no 1º. ano)	Estágio em direito Pretende advogar
5 GABRIEL	Direito/ administração/ educação física	educ. física/ direito/ administração	Educação física	Educação física	Educador físico/ personal trainer
6 RENATO	Aviador/ double/ piloto de provas/ empresário/ advocacia	direito	direito	direito	Pretende prestar concurso para agente federal ou delegado
7 ANA	Psicologia/ pedagogia/ jornalismo/ história/ arquitetura	jornalismo/ psicologia/ pedagogia	pedagogia	pedagogia	Procura emprego como professora ou pedagoga na cidade para a qual se mudou.
8 LIA ¹	Bailarina/ desenhista/ nadadora/ arquiteta/ médica/ eng. química/ nutricionista/ oceanógrafa	arquitetura/ medicina/ oceanografia/ eng. Química	Arquitetura/ medicina	arquitetura (dois anos) atualmente medicina, (está no terceiro ano)	Estudante de Medicina
9 GUSTAVO.	Arqueologia/ história/ jornalismo/ psicologia/ filosofia	história/ jornalismo/ psicologia/ filosofia/ ciências sociais	Filosofia	filosofia	Faz mestrado em filosofia, queria ser prof. universitário. Hoje pensa em dar aula no ensino médio
10 MARCELO	Astronauta/ bombeiro/ eng. civil/ ciências da computação/ biologia.	computação/ eng. civil/ engenharia/ eletrônica/ biologia	Bacharel em ciências da computação	Bacharel em ciências da computação	Desenvolvimento de software
11 MAIRA ²	Veterinária/ cientista/ astrônoma/ bióloga/ escritora/ advogada/ jornalista/ psicóloga	veterinária/ direito/ jornalismo	Jornalismo para trabalhar com produção editorial	Jornalismo 2 anos, 1 mês de Direito – atualmente cinema	Estudante de cinema
12 FLÁVIO	Engenheiro/ psicólogo/ professor/ geógrafo/ que faz hotelaria	hotelaria/ eng. produção/ psicologia/ administração	Administração hospitalar	psicologia (está terminando o curso em 2000)	psicologia *
13 WILMA ³	Matemática/ física/ astrofísica/ artes cênicas/ estatística	matemática/ física/ astronomia/ teatro/ magistério/ estatística	astronomia (+forte)/ estatística/ hotelaria	hotelaria (formou-se)	Cerente de restaurante
14 MARINA	Jornalismo/ direito/ administração/ eng. de produção	direito/ jornalismo/ história	direito	direito	Atualmente dá aulas de inglês Estágio no ministério público Pretende ser promotora
15 WANDA	Vendedora/ professora/ artes cênicas/ direito/ psicologia.	administração/ direito/ psicologia/ artes cênicas	Artes cênicas	publicidade	Publicidade
16 LARISSA	Veterinária/ medicina/ direito	veterinária/ medicina/ administração/ direito	direito	direito (trancou no 3º. ano por questões financeiras), pretende voltar	Trabalha na área de Direito

* - a participante entra no programa pensando em várias profissões, na última sessão sai com duas profissões. Presta vestibular para as duas, entra em uma, frequenta dois anos, desiste, presta vestibular de novo para a outra profissão, está no terceiro ano e agora se diz decidida.

² - frequentou dois anos do curso citado na última sessão. Não gostou da experiência profissional está mudando de área.

³ - depois da experiência profissional está mudando de área.

A Tabela 2, elaborada sobre as informações contidas na Quadro 3 acima, apresenta o número de profissões citadas nas diversas fases de coleta de dados, agrupadas por área de conhecimentos. Cada participante cita diversas profissões em cada momento da pesquisa e por isso o N da tabela abaixo é superior ao número de sujeitos.

TABELA 2 – PROFISSÕES CITADAS POR ÁREA DE CONHECIMENTO*

AREA DO CONHECIMENTO	I) PROFISSÕES CITADAS NA FICHA PESSOAL	%	II) PROFISSÕES CITADAS NA 1ª. SESSÃO	%	III) PROFISSÕES CITADAS NA ÚLTIMA SESSÃO	%	IV) CURSO UNIVERSITÁRIO FREQUENTADO	%	V) PROFISSÃO ATUAL	%
Humanas	46	56	42	72%	15	75%	17	85%	13	81%
Exatas	11	13	9	16%	3	15%	1	5%	1	6%
Biológicas	13	16%	7	12%	2	10%	2	10%	2	13%
Não classificável	12	15								
Total	82	100%	58	100%	20	100%	20	100%	16	100%

* A profissão de Psicólogo foi alocada na área de Humanas, seguindo o critério adotado pela PUC-SP.

Nesta tabela, chama atenção o expressivo número de profissões citadas na área de humanas em todos os momentos da coleta de dados, isto é, na ficha pessoal, na 1ª sessão, na última sessão, no curso universitário frequentado e na profissão atual. As profissões da área de exatas e biológicas têm expressão pouco significativa em todas as fases da coleta de dados. Chama também a atenção a redução progressiva no número de profissões citadas nos vários momentos, a partir da elaboração da ficha pessoal.

6.2) As opções profissionais apontadas na primeira sessão

Os dados apresentados neste item foram obtidos a partir dos registros realizados pelos coordenadores na primeira sessão do programa de orientação profissional, na atividade em que se solicitou aos sujeitos que explicitassem sua situação de escolha profissional e os motivos que os levaram ao programa. A questão geradora dos dados pedia ao participante que *contasse sua história em termos de escolha de profissão*.

A Tabela 3 apresenta a quantidade de profissões que os sujeitos declaram ser a sua situação de escolha profissional na primeira sessão.

TABELA 3 – QUANTIDADE DE PROFISSÕES DECLARADAS NA 1ª. SESSÃO

cita uma profissão	7
cita duas ou três profissões	5
cita quatro ou mais profissões	1
Cita uma área de conhecimento	2
dúvida entra duas áreas de conhecimentos	1

Sete participantes do grupo declaram estar pensando em uma profissão; cinco dizem estar em dúvida entre duas ou três outras profissões; apenas quatro fazem opções sugerindo estar bastante *abertos* quanto à escolha profissional. Na sessão, todos os dizem-se inseguros em suas escolhas, mas chama a atenção o fato de que doze não se assumirem como totalmente *perdidos*.

O Anexo 1 reúne os depoimentos relativos à sua escolha profissional na primeira sessão do programa, registrados pelos coordenadores do grupos e categorizados de forma a evidenciar os motivos, facilitadores ou não, que determinaram a aproximação dos sujeitos às profissões citadas. A partir dos registros das falas dos sujeitos buscou-se identificar os determinantes agrupando-os, em seguida, segundo sua natureza.

A categoria 1 – **Desempenho e interesses escolares** – é a que contém o maior número de registros. Pode-se afirmar que, no momento de entrada no programa, este determinante é o mais considerado para aproximação dos sujeitos às suas escolhas. O interesse e desempenho nas áreas de conhecimento vividos pelo sujeito no ensino médio e o resultado nas disciplinas escolares são citadas como indicadores seguros para a escolha profissional neste momento.

A categoria 2 - **Expressão das características individuais: habilidades e gostos** – agrupa os dados que os sujeitos identificam em si próprios e que seriam determinantes na aproximação com as profissões. É interessante notar que os quatro sujeitos que assinalam este item, fazem referência às habilidades de leitura e escrita, como se fossem as únicas que permitem a relação com a escolha profissional. A criatividade é citada duas vezes: um sujeito se considera pouco criativo, o que o afasta de uma profissão, enquanto o outro se considera criativo.

A categoria 3 - **Família** – é citada por quatro membros do grupo e todas as referências têm a ver com a profissão do Direito. Três sujeitos observam seus familiares no exercício ou estudo preparatório para a profissão e avaliam como possibilidade de

escolha, quer por facilidade na questão da obtenção de trabalho, quer na comparação das habilidades necessárias para o seu exercício. Um dos sujeitos observa o irmão cursando a Faculdade e considera que está perdendo interesse, usando como expressão "está perdendo o brilho"(S1), isto é, vê pela experiência do familiar que sua visão a respeito da profissão não corresponde ao que observa nele.

A categoria 4 - **Mercado de trabalho** – é citada por três membros do grupo que a apontam como empecilho para a realização da escolha. Não ter futuro ou mercado ruim é condição de afastamento de profissões que a princípio interessariam aos sujeitos.

Já é recorrente, para quem trabalha com Orientação Profissional, o significado dos depoimentos agrupados na categoria 5 - **Opção por profissão genérica**. Como forma de resolução de escolha profissional frente às dificuldades desta decisão, os jovens recorrem à idéia de buscar uma profissão a mais genérica possível, isto é, ampla e não restritiva em relação ao mercado de trabalho, como forma de tomada de decisão. Dois dos sujeitos fazem uso desta concepção, já que, segundo os próprios depoimentos, não têm a menor idéia do que pretendem, escolhendo uma profissão em que arriscariam menos.

Na categoria 6 – **Vestibular** – apenas um jovem sente-se obrigado a passar no vestibular. Neste momento, os participantes, no grupo, dizem-se mais preocupados com a escolha profissional do que com o vestibular, que é encarado como consequência.

6.3) As opções profissionais apontadas na última sessão

Neste item, apresenta-se situação dos participantes do grupo de orientação profissional pesquisado, na última sessão do programa, momento no qual produzem, por escrito, suas sínteses e conclusões. As doze categorias descritas no Anexo 2 foram montadas a partir desses registros, procurando-se caracterizar a qualidade da decisão profissional dos sujeitos.

Antes de apresentar as categorias, pode-se observar, comparando-se com os dados da Tabela 2 já apresentada, que o número de profissões citadas na última sessão do programa de orientação profissional é significativamente reduzido quando comparado com a situação de entrada. Se na primeira sessão havia 58 profissões para 16 participantes, neste momento há 20 para 16.

A categoria 1 – **Valores** – é subdividida em duas. A sub-categoria 1.1 – **Valores gerais** - é a mais citada entre todas as categorias elaboradas. Cerca de catorze participantes expressam o que pretendem para si no que tange à vida futura. A grande maioria reflete valores individuais, como por exemplo: “prezo muito pelo prazer que a profissão deve dar” (S4), “..como valor principal e absoluto tenho (e imagino que grande parte da população mundial tenha também), a felicidade” (S10), “...a minha expectativa quanto a mim mesma é ser muito feliz e me realizar profissionalmente; acho fundamental o autoconhecimento, pois se você não se conhece muito bem, fica difícil de realizar qualquer coisa” (S15).

Apenas **Gustavo** (S9) expressa valores que saem do âmbito do individualismo quando pensa na sua escolha de profissão: “Acredito que é necessário mudar alguma coisa no mundo atual, que considero injusto. Este objetivo define minhas opções e atitudes.”

A sub-categoria 1.2 – **Valores específicos** – agrupa os depoimentos que correlacionam explícita e diretamente os valores com as profissões. Seis sujeitos em onze referem-se à busca da realização profissional entendida como: “...me satisfazer intelectualmente e praticamente” (S1); “o que importa é se sentir bem no que está fazendo pois só assim terei um futuro feliz” (S5), “quero me realizar profissionalmente tanto que estou pensando seriamente em fazer artes cênicas” (S15). Apenas três sujeitos, explicitam valores ligados à questão monetária: “quero uma profissão que me realize, mas quero também que dê dinheiro” (S3); “...Desta forma satisfação e interesse estão sempre pesando na balança das escolhas; neste ponto entra minha expectativa sobre a profissão. Esta não passa muito da satisfação interesse. Entra porém o fator da remuneração que onde eu espero poder estar me sustentando...”(S12); “...conseguir unir o que eu gosto com reconhecimento profissional e mesmo social com a expectativa de manutenção de um bom nível de vida” (S14).

A categoria 2 – **Expressão das características individuais** – é subdividida em três. A sub-categoria 2.1, elenca o que se denominou de **formas de comportamento**, isto é, o modo como o sujeito se relaciona com as outras pessoas. Doze sujeitos, a partir da observação de suas relações com os outros, apontam suas características individuais. Por exemplo: “gosto de me relacionar com pessoas, mas sou meio tímido; não sou

esforçado” (S1); “...as pessoas me vêem como um cara extrovertido mas sempre me achei meio introvertido; gosto de estar com outras pessoas, mas não gosto de amontoamentos principalmente em lugar fechado, gosto de lugares abertos” (S4); “...sou alegre, teimosa e detalhista; sou exigente; sou sonhadora; tento buscar respostas às minhas dúvidas; sou insegura e indecisa, talvez pelo meu medo de fracassar; sou introvertida, principalmente no que se refere a assuntos pessoais” (S8).

A sub-categoria 2.2 – **Habilidades e gostos genéricos** – agrupa as características no que se refere a habilidades e gostos que o sujeito observa em si, mas que não necessariamente relaciona a uma profissão específica. Por exemplo: “sou criativo; tenho iniciativa; tenho facilidade de lidar com lógica; sou tímido; estou aberto e gosto de novidades e pessoas novas” (S10). Seis dos dez registros desta sub-categoria fazem referência a habilidades de leitura e escrita.

A sub-categoria 2.3 – **Habilidades e gostos específicos** – registra os depoimentos de onze sujeitos que correlacionam características individuais percebidas em si próprios, com profissões: “gosto de estar em grupo, sempre aprendendo e ensinando; vou prestar Pedagogia” (S7); “...além disso gosto muito de computadores” (S10).

A categoria 3 - **Mercado de trabalho** – contém depoimentos que demonstram como os sujeitos refletem sobre a temática do mercado de trabalho, interferindo em suas decisões. A sub-categoria 3.1 – **Mercado de trabalho geral** – aponta a reflexão que os participantes fazem a respeito do assunto, não correlacionando diretamente com sua escolha: a “...sociedade atua sobre a escolha profissional do indivíduo através de elementos como ... o mercado de trabalho que interferirá na busca do êxito profissional e até através da própria aceitação do indivíduo como profissional reconhecido.” (S14).

O **Mercado de trabalho específico**, sub categoria 3.2, contém dez depoimentos que relacionam a temática do mercado de trabalho com a escolha profissional do participante. Sete destes registros fazem menção a um mercado que apresenta dificuldades, sem grandes perspectivas no presente momento. Entretanto, os sujeitos afirmam que irão enfrentar as restrições e além disso entendem o mercado como algo dinâmico, passível de mudança ao longo do tempo. Portanto, o mercado de trabalho

restritivo parece não ser mais motivo, pelo menos essencial, de abandono de preferências profissionais.

A categoria 4 – **Desempenho e interesses escolares**, agrupa registros dos sujeitos quando correlacionam suas decisões com a experiência escolar vivida. Cinco sujeitos estabelecem conexões positivas entre o desempenho e a escolha. Três apontam que a relação estabelecida não deve ser considerada como necessariamente verdadeira: “...eu acho que o aluno pode levar em conta, na hora de escolher uma profissão, as matérias que mais gostam, mas isso não significa que elas devam escolher uma profissão nessa área.” (S15)

A categoria 5 – **Informação profissional** – registra a forma como o participante se apropriou das informações apresentadas no programa de orientação profissional. Oito sujeitos resgatam a importância da informação no processo (sub-categoria 5.1 - **Informações no programa**): “durante o trabalho de orientação eu fui adquirindo novas informações que mudaram em minha maneira de pensar em relação a algumas profissões antes, queria fazer jornalismo sem ter muita noção de como é o trabalho. Hoje tenho mais conhecimento sobre o assunto e sei os motivos pelos quais gostaria de trabalhar com jornalismo e produção editorial.”³¹(S11). Três participantes buscam informações através de contatos pessoais ou visitas a locais de trabalho, por iniciativa própria (sub-categoria 5.2 - **Informações através de contatos**).

A categoria 6 – **Identificação com a profissão escolhida** – foi dividida em duas sub-categorias. A sub-categoria 6.1 – **Identificação justificada** – elenca os depoimentos dos sujeitos que dizem estar identificados com a profissão escolhida. Os participantes apontam atividades específicas da profissão, registrando o que gostam nela. Os depoimentos favorecem a percepção de que o sujeito, nesta categoria, está mostrando a imagem, que a profissão passou a ter depois da experiência do programa: “a única profissão que me vejo fazendo é porque mexe com o corpo e se relaciona com pessoas”(S5); “porque fui tomando gosto pela profissão; gosto dos serviços prestados pelo advogado”(S6).

Na sub-categoria 6.2 – **Identificação não justificada** – o participante afirma que a profissão tem a ver consigo mas não justifica sua posição: “eu sempre gostei de

³¹ Interessante registrar que o sujeito que faz este depoimento abandona o curso universitário que fazia para iniciar outro.

Direito... acho que o direito é mesmo a carreira que mais atende as minhas necessidades e expectativas”. (S4).

Os **Meios de comunicação**, categoria 7, são vistos pelos sujeitos como instrumentos da sociedade para inculcar os valores dominantes: “A sociedade atua sobre a escolha profissional do indivíduo através de elementos como a família, os meios de comunicação, o mercado de trabalho que interferirá na busca do êxito profissional e até através da própria aceitação do indivíduo como profissional reconhecido”(S14). Três sujeitos apontam a não confiabilidade das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação, especificamente a respeito das profissões: “Os meios de comunicação manipulam a escolha profissional ao não passar informações sobre as profissões de forma correta”(S5); “Os meios de comunicação transmitem imagens falsas das profissões”(S11).

A categoria 8 – **Gênero** – agrupa os depoimentos a respeito da relação entre as relações de gênero e a escolha profissional e/ou de trabalho. Três moças e dois rapazes, fazem menção ao item. Todos percebem que há discriminação de gênero na sociedade, mas alguns acreditam que isto não interfere em suas decisões profissionais: “Não acredito que haja profissões para mulheres ou para homens, mas sim que as pessoas são diferentes, independentes de serem homens ou mulheres, guardando as devidas proporções, claro!”(S2); “um eventual preconceito contra mulheres não vão interferir na minha escolha.” (S13). Outros, consideram que as relações de gênero, e conseqüentes preconceitos, são incorporados pelas pessoas no transcorrer da vida e por isso têm relação direta com a escolha, levando as pessoas a desenvolverem gostos e habilidades em função do padrão sexual vivido na sociedade: “nunca me preocupei se a minha escolha era para homem ou mulher, na verdade acho que isso cresce com a gente: as mulheres geralmente trabalham ou escolhem carreiras que mexam com pessoas (cuidar, ajuda) como enfermagem, fonoaudiologia...”(S16).

Na categoria 9 – **Disciplinas curriculares** - cinco sujeitos fazem referência explícita à grade curricular do curso que pretendem seguir, tomando-a como mais um determinante de aproximação com as profissões: “as matérias estudadas durante o cursos são de meu extremo interesse”(S1); “...história, filosofia e ciências sociais são disciplinas que despertam a minha curiosidade e que acredito contribuirão para o meu ver o mundo

e participar do mundo”(S7). Um participante, ao observar a grade curricular do curso que almeja, indaga (para si próprio) se gosta tanto assim de uma matéria, para enfrentar o trabalho: “não sei se gosto de matemática tanto, a ponto de trabalhar com isso, eu estaria absolutamente seguro e confiante, não fosse esta questão com a matemática (eu gosto, mas não sei se gosto tanto assim)”(S10).

A categoria 10 – **Sociedade** – demonstra a percepção dos sujeitos quanto ao grau de autonomia existente nas escolhas profissionais que realizam. Na sub-categoria 10.1 – **Transmissão social** – são registrados os depoimentos de como os participantes percebem o papel da sociedade na constituição de sua individualidade, refletindo a abrangência da liberdade que possuem: “Existe, sem dúvida, influências exteriores na escolha profissional. Seria utopia demais achar que escolhas que fazemos só partem de nós, mesmo porque vivemos em grupo, num ambiente social integrado que funciona, porque cada um colabora de um modo. Assim o que vivemos e escolhemos é, sem dúvida, nosso, mas tem a participação de vários outros fatores externos a nós. Educação: ou forma como se é criado, os valores que são passados, o modo como se encara a vida, são aspectos que fazem parte do eu, dados pela educação e que participarão, direta ou indiretamente, da escolha profissional.”(S7); “Para entendermos a questão da influência da sociedade na escolha profissional devemos entender que não somos homens apenas. Somos homens em uma sociedade, o que somos, o que pensamos foi, é, e ainda será, em parte o que aprendemos e o que presenciamos. É impossível pensar no homem fora do contexto social. A nossa vida, educação e experiências, até agora nos proporcionam uma série de gostos, vontades e habilidades. A nossa liberdade, no caso, está em escolher uma profissão entre várias (ou não), que seja adequada com os nossos gostos e habilidades de acordo com a nossa educação (utilizada aqui em sentido mais amplo possível).”(S10)

Dois participantes enfatizam que a sociedade inculca valores individualistas, dos quais são críticos (sub-categoria 10.2 – **Individualismo**) : “A sociedade cobra das pessoas uma profissão que dê fama e sucesso. Os pais ficam mais tranquilos quando o filho entre a numa faculdade que tem fama. A sociedade discrimina quem não tem curso superior. A sociedade não leva em conta o prazer da profissão, apenas cobra algo que dê fama e dinheiro.”(S4). “A sociedade cobra eficiência do empregado (trabalhador); cobra

o curso universitário; não dá muitas oportunidades de emprego; discriminação na hora de empregar alguém com a falta de um curso superior; existe a cobrança de um bom currículo; cobrança na hora de escolher uma profissão que não tem um bom mercado; a sociedade não leva em conta se a pessoa gosta ou não do que faz, o que importa é a remuneração que tem que ser alta; cobra a qualidade do produto”(S15).

Na categoria 11 – **Família** – os sujeitos percebem a instituição família como porta voz da sociedade, constituindo-se assim como mais um dos determinante da escolha profissional: “A sociedade tenta impor determinadas profissões através do status, mercado de trabalho, possibilidade real ou não de ascensão, propagandas e outros. Os meios de comunicação, as escolas, os amigos e os pais apresentam valores muitas vezes diferentes dos nossos, ocasionalmente impondo-os”(S9).

A categoria 12 – **Dificuldade de escolha** – registra dois depoimentos que explicitam as dificuldades atuais ou anteriores para a tomada de decisão. Um deles aborda o medo da perda na escolha de uma profissão; outro faz menção ao receio que tinha ao pensar se estava sendo influenciado pela família na sua decisão.

6.4) Seis anos após

Para a compreensão, com maior profundidade, dos possíveis efeitos do programa de orientação profissional desenvolvido e o entendimento de como as escolhas foram construídas pelas participantes, procedeu-se à realização de entrevistas com cinco sujeitos que participaram do grupo que se está pesquisando. Optou-se por apresentar os dados divididos em dois grandes conjuntos: o primeiro denominado de *qualificação da escolha*, intenta compreender como o indivíduo construiu suas decisões ao longo de sua história pessoal. O segundo, denominado de *questões do programa*, busca entender a contribuição específica do programa de orientação profissional na construção das escolhas do sujeito. Para facilitar a compreensão das categorias dos dois blocos. Apresentar-se-á, primeiramente, uma síntese da trajetória profissional dos cinco sujeitos.

6.4.1) Trajetória profissional dos cinco sujeitos entrevistados

O Anexo 3 – **Trajetórias das escolhas profissionais** – apresenta os relatos verbais sobre as decisões profissionais assumidas pelos sujeitos ao longo de sua história

pessoal, desde antes do início do programa de orientação profissional até a momento atual, isto é, sua condição de trabalho ou estudo no segundo semestre do ano 2000. Abaixo, apresenta-se uma síntese da trajetória de cada sujeito.

Gabriel (S5), entra no programa dizendo estar pensando em cursar Educação Física “mas que isto vai passar porque não tem futuro” (Anexo 1 , categoria 4). Faz referência a Direito porque tem advogados na família, mas que também pode ser Administração de Empresas porque é uma boa profissão para quem está indeciso. Entretanto, diz que hoje tem vontade de fazer educação física. Termina o programa dizendo que fará o curso de educação física, presta o vestibular e é aprovado. Durante o curso pensa em parar e fazer algo ligado à arte (desenho/fotografia), uma vez que sente falta de trabalhar com esse lado, que também gosta. Faz estágio na área de educação física o que o faz perceber que gosta do trabalho dessa profissão. Hoje, trabalha como instrutor de uma academia (principalmente na área de treinamento de atletas) e é *personal trainer*. Está fazendo uma pós graduação, *latu-sensu*, em treinamento desportivo. Afirma que é um dos poucos de sua turma que vivem completamente independentes da família.

Ana (S7), antes de entrar no programa de orientação profissional, já havia cursado por algum tempo e desistido dos cursos de Jornalismo e História. Entrou no programa dizendo que gostaria de conhecer outras profissões. Na primeira sessão, declarou estar pensando em Psicologia ou Pedagogia ou até mesmo voltar para o curso de História. Terminou o programa dizendo-se decidida a ser Pedagoga. Fez curso universitário nesta área, começou a trabalhar, casou, mudou de cidade, teve uma filha. Agora procura emprego na área.

Lia (S8) declarou, na primeira sessão do programa de orientação profissional, que no ano anterior havia pensado em Arquitetura, mas que descartou, e que estava pensando em Medicina, Oceanografia e Engenharia

Química. Terminou o programa em dúvida entre Arquitetura e Medicina. Prestou vestibular para os dois cursos e mais um de Desenho Industrial. Não passou em Medicina, mas foi aprovada em Arquitetura e Desenho Industrial. Frequentou o curso de Arquitetura por dois anos, fez estágio na área e decidiu trancar a matrícula no curso. Prestou vestibular novamente e foi aprovada no curso de Medicina. Atualmente está no 3º. ano deste curso.

Marcelo (S10), na primeira sessão, afirma que não considera sua situação de escolha profissional tão difícil. Está mais para exatas: computação, engenharia civil, engenharia elétrica ou ainda biologia. Na última sessão, diz que vai fazer o curso de Ciência da Computação, mas que sente certo receio por não saber se gosta tanto assim de Matemática para enfrentá-lo. No primeiro vestibular, não passa em sua primeira opção. Consegue matricular-se no curso de Matemática, que tem, nos 1º. e 2º. semestres, grade curricular equivalente ao do curso de computação. No segundo semestre, tranca matrícula, faz cursinho preparatório, presta vestibular, é aprovado para o curso de computação. Quando está no 3º. ano consegue estágio na área. Atualmente trabalha na área de engenharia de software e também está envolvido com treinamento de pessoal (operacional), nessa mesma empresa. Vai formar-se no curso de ciência da computação em 2001.

Flávio (S12), na primeira sessão, diz que nunca se preocupou com a questão, pois esperava uma *escolha natural*. Baseando-se na sua facilidade maior nas disciplinas da área de exatas, volta-se para Engenharia de Produção, mas já pensou em Psicologia e em ser professor de Inglês. Tem dúvidas entre exatas e humanas e já “passou pela cabeça fazer Administração de Empresas por não saber o que fazer”(Anexo 1, categoria 5). Na última sessão, o participante se diz decidido a fazer o curso de Administração Hospitalar, mas viaja com a família para o exterior em função do trabalho do pai. Volta um ano depois, já pensando em Psicologia, presta o

vestibular e se forma no ano 2000, ano da realização desta entrevista. O sujeito realiza vários estágios na área da Psicologia, mas até agora não exerceu qualquer trabalho remunerado.

6.4.2) Qualificação da escolha

O Anexo 4 apresenta as categorias que procuram caracterizar os processos de escolha profissional realizada pelos cinco sujeitos entrevistados. Organizaram-se doze categorias que serão apresentadas a seguir:

A categoria 1 - **Identificações com pessoas ou personalidades ou situações** - aponta menções a pessoas, personalidades e situações com que o sujeito manteve contato, ao longo de sua vida, e que tiveram alguma relação com sua escolha.

Observa-se que, na Tabela 4, com exceção de **Marcelo (S10)**, o único que se dirigiu para a área de Exatas, todos os outros relatam em suas histórias várias identificações com pessoas ou situações que podem ser relacionadas às profissões pensadas (ou escolhidas) pelo participantes. Os amigos, juntamente com a figura paterna, se sobressaem. No caso dos pais, situam-se não exatamente como modelos de profissão, mas modelos de comportamento, atitudes e valores.

TABELA 4 – PESSOAS CITADAS PELOS SUJEITOS COMO RELEVANTES NA ESCOLHA PROFISSIONAL

Menção a pessoas, personalidades e situações.	Gabriel (S5)	Lia (S8)	Ana (S7)	Flávio (S12)	Marcelo (S10)	TOTAL
AMIGO(S)	1	1		1		3
PAI	1		1	1		3
ESPECIALISTA NA ÁREA/TÉCNICO	1	1*				2
PROFESSOR UNIVERSITÁRIO	1	1				2
PERSONAGEM (OU SITUAÇÃO)			1**	1***		2
MAE			1			1
PADRINHO		1				1
PRIMA			1			1
NAMORADO(A)	1					1
MEMBROS DO PRÓPRIO GR. DE ORIENTAÇÃO					1	1
PROFESSOR ENSINO FUNDAMENTAL		1				1
PROFESSOR ENSINO MÉDIO			1			1
TOTAL	5	5	4	3	1	19

*MÉDICO QUE ATENDEU EM CASOS ORTOPÉDICOS

** CONFECÇÃO DE JORNAL NO ENSINO MÉDIO / ESCOLA COMO UM TODO (ENSINO MÉDIO)

*** FILME COM CENA DE HOSPITAL

Gabriel (S5) cita cinco casos de pessoas que, de uma forma ou de outra, facilitaram ou dificultaram a aproximação da profissão escolhida. Um dos citados é um colega de faculdade que, da mesma forma, ressentia-se da formação específica em educação física; junto com ele faz projetos de estudos e trabalho na área de fotografia, mas que se auxiliam mutuamente para continuar o curso. O outro citado é uma colega com quem conversa a respeito de sua dúvida em continuar o curso de educação física, mas que lhe aponta que é um dos alunos da faculdade mais dedicados que conhece. O pai é um aficionado por esporte e sempre foi um esportista, tendo sido, inclusive, campeão dos jogos do interior na modalidade maratona, mas não trabalha nessa área. O participante lembra que “...ele (o pai) corria, eu ficava pedalando ao lado dele” (Anexo 4, categoria 1, item 5.4). Aos 16 anos, **Gabriel** já era um ciclista e encontrou um técnico que, segundo suas próprias palavras “...me deu toda a assessoria possível, ele estava no começo da carreira e foi até legal, eu dei uma super ajuda para ele e eu gostava muito de treinar, vivia um pouco desse meio, que acho que às vezes importa muito nessa escolha profissional, o meio que você está vivendo, às vezes influencia muito. Então vivia muito esse meio, gostava, então eu passava o dia inteiro com as pessoas, meus amigos assim, eram professores de educação física, o professor de natação era amigo meu, e isso de alguma forma me iluminou” (Anexo 4, categoria 1, item 5.5). A citação do professor universitário tem menos a ver com educação física propriamente dita, mas com a percepção que na profissão se pode sintetizar várias possibilidades. Este professor era formado em educação física mas com mestrado em comunicações, orientando seu trabalho de conclusão de curso, cujo título foi “A imagem fotográfica como recurso didático para a educação física”. **Gabriel (S5)** considera a namorada como pessoa fundamental na afirmação de sua profissão. “Ela trabalhava {no mesmo local que eu, mas,} como nutricionista Ela tem esse lado voltado...já tinha feito mestrado,...e ela adora arte e adora conversar sobre isto. Então foi uma pessoa que me identifiquei... É uma pessoa que ao mesmo tempo trabalhava numa coisa super direta, que era coisa na base científica, ao mesmo tempo dava para conversar, ... dava para viajar na conversa. Então ela me deu muita força para estar estudando; agora eu estou fazendo pós-

graduação na Escola Paulista de Medicina, pretendo, acabando, fazer o mestrado na área disso que eu estou trabalhando...” (Anexo 4, categoria 1, item 5.3).

Lia (S8), como já foi comentado anteriormente, frequentou durante dois anos a faculdade de Arquitetura e depois mudou para o curso de Medicina. Há identificações para as duas profissões. Ligadas à Arquitetura, aparecem uma professora de artes no 1º ciclo do ensino fundamental que, segundo palavras próprias da participante “..foi quem introduziu a arte...acho que foi com ela que a gente aprendeu a ver diferente” (Anexo 4, categoria 1, item 8.7). Uma amiga de escola também escolheu Arquitetura e na época, como ela, tinha dúvida entre essa profissão e Medicina. No segundo semestre do curso de Arquitetura, a participante relata que teve um professor muito bom, que a empolgou. Em Medicina, **Lia** se refere a um padrinho (que também é seu primo) que é médico. “Ele é a quem todo mundo recorre e ele sempre foi um exemplo para mim. Sempre que eu pensei Medicina eu tive a imagem dele. Porque ele é um médico...é clínico geral...só que um clínico geral daqueles que sabe de tudo” (Anexo 4, categoria 1, item 8.6). Um médico ortopedista também aparece em sua trajetória, nas ocasiões que teve lesões causadas pelo treinamento em natação.

Ana (S7) também relata contatos pessoais que a aproximam e distanciam de pelo menos três profissões. O pai é citado várias vezes como modelo de profissional que a leva a cursar Jornalismo: “eu ia ser jornalista, meu pai era, sempre admirei ele, então eu ia fazer aquilo” (Anexo 4, categoria 1, item 7.1). De forma semelhante, vivencia a confecção de um jornal estudantil no ensino médio, que confirma a idéia de fazer jornalismo. A participante faz referência à experiência extremamente positiva que experimentou no ensino médio, apontando alguns professores significativos. Esta experiência a faz questionar a didática do curso de Jornalismo e a aproxima da Pedagogia. A mãe, professora universitária, do curso de Jornalismo, avisa-a de que ela não gostará do curso. Uma prima, estudante de psicologia na época, é citada como fonte de referência quando pensa em fazer esse curso.

Flavio (S12), na primeira entrevista, diz saber porque escolheu o curso de Administração Hospitalar ao final do programa de Orientação Vocacional: “...eu acredito que eu sei porque eu tinha escolhido Administração Hospitalar: foi por causa daquele filme do Harinson Ford, o Fugitivo, que tem uma cena do hospital em que ele

chega... e eu curti aquela história ...e eu não queria estudar Medicina, mas curti o clima de hospital.” (Anexo 4, categoria 1, item 12.1). O pai aparece como fonte de sua aproximação com a área da Administração: “meu pai sempre trabalhou meio que em empresa. A coisa da Administração vinha carregada dessa história de uma remuneração acima da média e de repente a coisa hospitalar vem com essa perspectiva de administração voltada para o outro e não voltada para a grana.”(Anexo 4, categoria 1, item 12.3) Uma amiga da família, considerada pelo participante como não tendo “grande significado na minha vida e na vida da família” (Anexo 4, categoria 1, item 12.2), sugere que faça Psicologia.

Marcelo (S10) não aponta alguém que, no transcorrer de sua trajetória, aproxima-o de profissões. Faz breve menção à existência de computadores em casa, pois os pais precisavam do recurso por causa de seus trabalhos. O participante aponta um membro do próprio grupo de orientação profissional como fonte de identificação, pois já havia entrado numa faculdade e desistido. Isto o faz perceber que a decisão profissional não é tão grave e definitiva quanto pensava.

A convivência, durante o desenvolvimento do sujeito ao longo da vida, com pessoas que lhe são caras seguramente auxilia na formação de imagens a respeito das diversas profissões que serão mobilizadas no momento da tomada de decisão profissional. Como se pode observar na Tabela 4, isso acontece com quatro sujeitos, mas, no caso de um único sujeito, não há menção significativa que possa sugerir, a partir de quais elementos construiu a imagem da profissão que acabou seguindo. Não mencionou pessoas, nem situações, nem filmes, etc.

A categoria 2 - **Experiências anteriores relacionadas à escolha atual**, relata vivências prévias que podem ser relacionadas às escolhas profissionais do sujeito. Todos os sujeitos apresentam em sua história de vida algo que pode ser relacionado à sua escolha atual. Essas experiências foram relacionadas pelos participantes como fatores que os aproximaram das profissões.

Gabriel (S5) gostava de atividades físicas, encontrou o mountain-bike e aos 16 anos já era um atleta. Depois fez triatlon.

Ana (S7) menciona sua experiência no ensino médio quando avalia o curso de Jornalismo. Entende-se que ela procura um curso universitário que possa dar continuidade a esta vivência positiva que não encontra no curso que abandona.

Lia (S8) diz que se aproxima da Arquitetura por causa da área de artes, que era muito valorizada pela escola que estudava.

Marcelo (S10) diz que seus pais usavam o computador em casa, e quando pequeno gostava de usar.

Flávio (S12) fez psicoterapia desde os 7 anos de idade.

Os dados sugerem que as vivências prévias, significativas para o sujeito, contribuem para formação de imagens das profissões. São experiências de vida incorporadas pelo sujeito e que constituem-se, também, como determinantes da escolha profissional. Para melhor entendimento, tome-se o caso de **Gabriel** (S5) que, na infância e adolescência, gostava de atividades físicas. Nem todas as pessoas que gostam de atividades físicas na infância e adolescência escolhem a profissão de educação física. Para o sujeito entrevistado, esta vivência foi significativa e contribuiu na formação da imagem de um profissional da área que, composta com outras contribuições (vivências de qualquer tipo), formam uma imagem do profissional que é singular do sujeito e que será mobilizada na sua escolha profissional.

Na categoria 3 - **Dificuldades para a realização da escolha** – apresentam-se as dificuldades reconhecidas pelo sujeito para decidir sua profissão antes, durante ou após a sua participação no programa de orientação profissional.

Avaliando sua dificuldade antes de sua participação no programa de orientação profissional, como pode ser visto no Anexo 4, categoria 3, dois participantes (**Gabriel** S5 e **Marcelo** S10) dizem que não conseguiam escolher devido à sua imaturidade na época. **Ana** (S7) diz que foi difícil abandonar o curso que freqüentava numa universidade renomada.

As dificuldades de decisão, no tempo do programa, eram de outra ordem: **Gabriel** (S5) apontava que ela residia na pressão que sentia, principalmente de amigos, que questionavam sua escolha. **Lia** (S8) aponta 3 ordens de dificuldades: falta de tempo para decidir, pois o grupo de orientação terminou uns dias apenas antes da inscrição do

vestibular, sua *auto-obrigação* de entrar numa faculdade pública e o medo de escolher errado.

A dificuldade de decisão na Universidade, para **Gabriel** (S5), era o abandono (perda) de outra área que também o interessava: as artes. Por sua vez, **Lia** (S8) sentiu dificuldade de se desligar do curso universitário que freqüentava, para assumir outra decisão.

Pode-se afirmar que os sujeitos não conseguem expor, ou se lembrar, da situação que viviam e que dificultavam suas decisões. Os participantes que dizem que lhes faltava maturidade estão avaliando a situação a partir do seu estágio atual.

A categoria 4 - **Experiência profissional na profissão escolhida (durante ou após formação universitária)** - apresenta as experiências profissionais do sujeito, durante ou após formação universitária.

Todos os sujeitos procuram se engajar em estágios, que consideram como início de suas vidas profissionais. É nesta experiência que, segundo vários depoimentos, verificam o acerto, ou não, da decisão tomada. Três sujeitos já têm vida profissional plena, isto é, estão empregados e são remunerados como trabalhadores: **Gabriel** (S5) que é técnico numa academia de preparação de atletas e personal trainer; **Ana** (S7) foi professora em São Paulo e agora procura emprego na cidade para a qual se mudou, e **Marcelo** (S10), que apesar de ainda estar registrado como estagiário, já atua como profissional habilitado na área que escolheu. **Lia** (S8) e **Flávio** (S12) ainda não tiveram experiência profissional fora dos estágios.

Todos os sujeitos, entretanto, falam a respeito da importância do estágio para a percepção do acerto de sua decisão: **Gabriel** (S5) afirma que percebeu, durante o estágio que gostava do trabalho na área da educação física, coisa que estava questionando na faculdade e que tem interesse mesmo no chamado treinamento de desempenho, isto é, formação e treinamento de atletas, e não de aulas de educação física. **Lia** (S8) afirma que foi no estágio que verificou que não queria de fato continuar cursando Arquitetura; além disso, já teve oportunidade de estagiar numa área da Medicina e isto a fez pensar, apesar de considerar muito cedo, uma possibilidade de especialização. **Ana** (S7) percebeu nos estágios que prefere trabalhar com alunos de uma faixa etária mais velha.

Marcelo (S10) foi fazer estágio o mais rápido possível porque considerava sua faculdade muito acadêmica. **Flávio** (S12) deu monitoria na faculdade e considera a possibilidade de se tornar professor universitário.

Os dados sugerem que é no estágio que os sujeitos dizem provar o acerto (ou não) de sua decisão profissional. Portanto, tal experiência não é compreendida como um dos elementos constituintes da escolha profissional, mas como desfecho do processo decisório.

A categoria 5 - **Apreciação do curso universitário freqüentado** – registra a visão que o sujeito tem a respeito do curso universitário que freqüentou.

Marcelo (S10) e **Lia** (S8) (no caso do curso de arquitetura) afirmam que a faculdade é muito acadêmica, meio distante da profissão e que, por isso, o estágio é fundamental para reafirmar ou não a decisão profissional tomada. **Gabriel** (S5) afirma que o curso de educação física é meio maçante e que muitos alunos abandonam-no no 3º. ano. **Flávio** (S12) diz que se encantou por algumas matérias desde o começo do curso universitário e que adorou o curso que fez. **Ana** (S7) relata que enfrentou reformas curriculares nos cursos que freqüentou, inicialmente no de jornalismo e depois no de Pedagogia. Critica o modelo pedagógico do curso de Jornalismo que acabou por determinar sua saída (ver Anexo 3, item 7.8) e se constituiu como anti-modelo de curso que baliza a procura de outras possibilidades.

O curso universitário, segundo esses relatos, participa na história da construção da decisão profissional das pessoas. Amplia a imagem que se tem sobre a escolha profissional. Pode-se afirmar que apenas um sujeito (**Flávio-S12**) confirma o *acerto* de sua decisão profissional já na vivência do curso universitário.

A categoria 6 - **Metas profissionais** – apresenta as perspectivas e objetivos profissionais futuros que os sujeitos se colocam.

Todos os sujeitos se colocam metas a serem atingidas no futuro e isto evidencia que têm projetos. Chama a atenção que quatro participantes entrevistados (**Gabriel-S5**, **Ana-S7**, **Marcelo-S10** e **Flávio-S12**) pretendem fazer pós-graduação para adotar uma

possível carreira acadêmica, desenvolvendo pesquisa e/ou docência (ver Anexo 4, categoria 6). Abaixo, apresenta-se outras metas profissionais dos sujeitos.

Gabriel (15) tem como meta abrir uma clínica desportiva especializada em atletas, juntamente com a namorada para oferecer um serviço diferenciado nesta área.

Ana (S7) pretende conseguir um trabalho logo, e fazer Pós-graduação na área de literatura infantil.

Lia (S7), que é estudante terceiranista do curso de Medicina, diz que escolherá a área clínica para atuação e se tivesse que escolher a especialidade hoje, faria ginecologia, área que já pôde vivenciar um pouco, em estágios.

Marcelo (S10) gostaria de juntar Biologia à área de computação. Na segunda entrevista, o participante relata que, logo depois da 1^a. entrevista, recebeu proposta de trabalho que faz a intersecção entre a Computação e a Biologia: trabalhar como técnico (não pesquisador) no Projeto Genoma.

Flávio (S12) diz que ainda precisa se aprimorar para trabalhar na área clínica, mas que pretende continuar tudo o que está fazendo atualmente: trabalho no presídio, trabalho com psicose e trabalho na clínica.

Assim, todos os sujeitos mantêm projetos de futuro no que se refere às questões profissionais. Buscam o aprimoramento e desenvolvimento e não estão acomodados, pelo menos por enquanto, ao que já conquistaram.

A categoria 7 - **Mercado e campo de trabalho** – descreve como os sujeitos enfrentaram as questões de mercado e campo de trabalho nas suas profissões.

Nenhum participante faz menção às dificuldades de encontrar estágio e/ou emprego. Tal fato talvez possa ser explicado, num momento econômico desfavorável ao emprego, como se vive nos tempos atuais, pelas faculdades de excelência que os sujeitos estudam ou estudaram e/ou pelo capital cultural, social e financeiro de suas famílias de origem, com já foi referido. Só um sujeito (**Ana-S5**) afirma estar enfrentando, atualmente, certas dificuldades em conseguir emprego por ter mudado de cidade e conhecer poucas pessoas de sua área.

Gabriel (S5) diz que sempre foi questionado a respeito do salário baixo que receberia. Hoje considera-se satisfeito, afirmando que é um dos poucos de sua turma de

amigos que se mantém sozinho. **Flavio** (S12) não teve dificuldade para arranjar estágios, mas ressentia-se que nunca foi remunerado, apesar de saber que ainda conta com a ajuda do pai por mais dois anos, que lhe permitirá um aprofundamento em sua formação. Isto o livra de apelar para áreas da profissão que não considera interessantes, mas que oferecem perspectivas maiores de emprego e salário. **Ana** (S7) diz que antes não se importava com salário, mas hoje sente-se incomodada com os baixos salários da área e agora, como mudou de cidade e teve uma filha, está sentindo um pouco de dificuldade em arranjar emprego. **Marcelo** (S10) afirma que na sua área não faltam boas ofertas. **Lia** (S8), por ser ainda estudante de Medicina, ainda não viveu a experiência de procurar emprego, mas quando ainda estudava Arquitetura, conseguiu estágio na área com facilidade.

Neste sentido, os relatos indicam que o grupo de participantes pesquisado não enfrentou, pelo menos até o presente momento, grandes dificuldades para se engajar no mercado de trabalho.

A categoria 8 - **Família** – apresenta as expectativas e relações de familiares quando do momento da escolha profissional do sujeito.

Segundo a percepção dos participantes, a família não participa muito de suas escolhas profissionais. As famílias não expressam expectativas específicas quanto à preferência por alguma profissão.

Gabriel (S5) diz que sua família o deixava livre, mas que teve que tomar a decisão de continuar competindo ou se dedicar aos estudos secundários na escola que estava: acabou por abandonar as competições. **Lia** (S8) afirma que a deixaram livre para tomar suas decisões, mas que se sentiu mal quando abandonou o curso de Arquitetura pois tinha a sensação que os investimentos de seus pais “foram pelo buraco”. Além disso, sentiu a decepção dos pais quando o irmão lhes disse que não gostava da profissão que tinha escolhido. Inquerido sobre porque não havia escolhido o curso de Psicologia na época do programa de Orientação vocacional, **Flávio** (S12) assim se expressou: “... não sei...eu acho que porque eu fazia terapia e aí tinha uma mãe que ficava sempre falando...mas já não basta...vai entrar mais, como se fosse intensificar demais essa coisa de ficar se questionando...eu não sei direito...mas era uma coisa assim: eu já fazia terapia

e era como se isso atrapalhasse se eu fosse..não sei era uma coisa que eu não via...era como se eu precisasse de psicologia e não tivesse que fazer Psicologia”.

Em síntese, os sujeitos, pelo que se pode extrair dos depoimentos, só entendem a relação da família com suas escolhas profissionais, quando ela pressiona para uma profissão específica. Neste sentido, todos relatam que se sentem livres para escolher suas profissões *sem interferências*.

A categoria 9 - **Habilidades não relacionadas à escolha atual** – aborda habilidades reconhecidas em si, pelo participante, e que não estão sendo contempladas em sua escolha profissional atual.

Gabriel (S5) ainda se recente da falta de atividades mais artísticas/culturais em sua área de trabalho. **Marcelo** (S10), como já apontando anteriormente, também gostava da área de Biologia. Hoje, através de um convite para trabalho, entretanto, surgiu a possibilidade de juntar as suas duas áreas de interesse: Computação e Biologia.

Esta categoria expressa as *perdas* que os participantes tiveram que enfrentar nas suas decisões e que, de algum modo, buscam superar.

A categoria 10 – **Inquietações ou mudanças surgidas durante ou após a formação universitária a respeito da escolha profissional** – apresenta as dúvidas sobre escolha profissional vividas pelo sujeito, durante ou após a formação profissional universitária.

Dois sujeitos fazem referência a dúvidas surgidas no transcorrer do curso universitário quanto à escolha profissional que realizaram. Um deles (**Lia-S8**) acabou desistindo do curso de Arquitetura, transferindo-se para o curso de Medicina; outro (**Gabriel-S5**) persistiu e hoje não se diz arrependido.

O que chama a atenção nesta categoria é a ausência de relatos de inquietações por parte dos demais participantes deste grupo.

A categoria 11 – **Gênero** – aborda as questões de gênero vividas pelo sujeito na implementação de sua escolha profissional.

Apenas uma participante (**Ana S7**) faz referência à questão de gênero interferindo em sua trajetória profissional. Não por acaso, a única que casou e já tem filho, aborda a dificuldade de conciliar casamento, filho e profissão.

A categoria 12 - **Experiência profissional diversa da profissão escolhida** – apresenta experiências profissionais do sujeito em áreas distintas de sua escolha profissional e da formação universitária

Gabriel (S5), o único sujeito que faz menção a esta categoria, conta que a dúvida entre a área artística e a educação física persistiu e que, durante o curso universitário, teve várias experiências e atuações no campo do desenho no computador e da fotografia (ainda faz alguns trabalhos até hoje). Chegou a pensar em abandonar a faculdade de educação física para realizar um curso de fotografia no exterior.

6.4.3) Questões do programa

Através do registro das entrevistas realizadas com os cinco participantes selecionados, extraíram-se os depoimentos que abordavam suas visões a respeito das contribuições do programa de orientação profissional na construção de suas decisões profissionais. Organizaram-se, então, sete categorias (Anexo 5) que serão apresentadas a seguir:

A categoria 1 – **Situação no momento da procura do programa** – descreve como o sujeito percebe, passados seis anos, os motivos que o levaram a procurar o programa de orientação profissional.

Cada sujeito alega motivos diferentes como justificativa por ter procurado o programa de orientação Profissional.

Gabriel (S5) participou do programa para ter certeza da opção que já tinha anteriormente. **Ana (S7)** avalia que procurou o programa porque se “sentia perdida”, após o abandono dos cursos universitários que fazia. **Lia (S8)** considera que estava “bem perdida”, mas não “que não tivesse opção nenhuma” (Anexo 5, categoria 1, item 8.1). **Marcelo (S10)** considerava que tinha dúvidas entre profissões “absurdamente discrepantes” (Anexo 5, categoria 1, item 10.1) e por isso procurou o programa para ver

se ele ajudava em alguma coisa. **Flávio** (S12) não lembra exatamente como chegou ao programa, mas acha que foi por indicação de alguém. Considera, entretanto, que veio aberto, com disponibilidade “para ser tocado pelas atividades” propostas (Anexo 5, categoria 1, item 12.1).

Os relatos demonstram que os motivos declarados como justificativa pela procura do programa de orientação profissional vão desde uma confirmação de opção previamente realizada, passando por situação que o sujeito identifica como escolhas muito discrepantes, até outro que diz que não se lembra da situação que chegou no programa e que talvez tenha participado dele por mera curiosidade.

A categoria 2 – **Aprendizagens** – registra a visão que o sujeito tem do que aprendeu no programa de orientação profissional. O que realça é a aprendizagem sobre o autoconhecimento, que será mais bem abordada na análise da categoria 4.

Observando o Anexo 5, categoria 2, verifica-se que quatro sujeitos (**Gabriel-S5**, **Ana-S5**, **Lia-S7**, **Marcelo-S10**) referem-se ao autoconhecimento que puderam desenvolver durante o programa de orientação profissional. **Marcelo** (S-10), além disso, também se refere especificamente à ampliação do conhecimento das profissões como forma de combater a visão romanceada que normalmente se tem a respeito delas. **Flávio** (S12) afirma que o programa desenvolveu mais uma questão atitudinal de “correr atrás”, principalmente da informação a respeito das profissões.

Verifica-se, portanto, que as aprendizagens referidas não estão necessariamente vinculadas à escolha profissional específica, sugerindo que o sujeito percebe que o programa não se detém única e exclusivamente na discussão específica do assunto. Em outras palavras, compreende que a decisão é multideterminada e que é necessário refletir sobre o maior número de determinações.

A categoria 3 - **Informações sobre as profissões** – aborda a visão dos sujeitos a respeito da aquisição de informações profissionais durante o programa de orientação profissional.

De forma geral, os sujeitos consideram as informações transmitidas pelo programa de orientação profissional como válidas, mas ainda muito afastadas da

realidade. Segundo os sujeitos, há uma certa distância em relação às informações obtidas no programa, através de materiais bibliográficos, e o curso universitário e mais ainda em relação ao exercício profissional.

Para **Gabriel** (S5), “é difícil conhecer profissão pela leitura. O que se pode escrever sobre as profissões é lindo, mas todas têm seu lado ruim que não aparece..”, como por exemplo, o seu desconhecimento a respeito dos horários de trabalho do educador físico (Anexo 5, categoria 3, item 5.2). Para este sujeito só se conhece a profissão trabalhando.

Para **Ana** (S7), “...quando você lê, você faz uma pesquisa sobre as profissões, você tem uma coisa geral, mesmo porque não dá para você ter uma coisa muito detalhada, muito específica. Aquelas informações que eu encontrei eram mais ou menos as mesmas que eu tinha e algumas coisas a mais. Quando você chega lá na Faculdade, é uma coisa muito maior e que tem outras coisas que não são relacionadas especificamente ao curso, às disciplinas...a coisa da vivência com o grupo, com os professores.” (Anexo 5, categoria 3, item 7.2)

Lia (S8) considera que o trabalho de informação profissional foi a parte “mais chata” do programa. “Sobre a Informação sobre as profissões, o que eu falei...a leitura das carreiras não foi tão interessante porque a maioria de nós já tinha lido manuais antes de vir para cá.... pelo que a gente sabe antes de entrar na carreira...você lendo manual, você sai, acho que em qualquer carreira, você faz aquela idealização. Você fantasia sobre a carreira e aí depois, quando eu entrei, que eu vi o que era a concretização daquilo, e que não batia com o que eu tinha idealizado. Era mais concreto do que eu imaginava, então esta parte artística. E aí que eu percebi que realmente não era aquilo, não estava dentro daquilo que eu tinha idealizado mesmo da profissão”. (Anexo 5, categoria 3, item 8.7)

Marcelo (S10) manifesta-se desta forma a respeito da aquisição de informações no programa: “Eu achei interessante, ..., é um tempo que você tem para pensar, nada que você não possa fazer em casa, pegar um manual e ler, mas é um momento que você tem para discutir. Eu acho que talvez seria melhor se o cara tivesse em dúvida entre duas profissões só, talvez seria melhor para ele fazer algo mais específico, ir ao local de trabalho por exemplo. Mas, acho que no caso foi bom também, é que continua sendo um

pouco distante da realidade do trabalho, você só lê, uma página sobre aquilo e não é uma coisa que você vai saber como é, mas nem sei se é possível saber como é”. (Anexo 5, categoria 3, item 10.2)

Flávio (S12) acha que “faltou vida no programa e talvez por ele ser dentro de quatro paredes, fora da realidade mesmo. Então por exemplo, estar indo visitar lugares, estar indo conhecer talvez fosse uma coisa que poderia chamar mais... talvez para mim...”. (Anexo 5, categoria 3, item 12.3)

Dentre os citados, o caso de **Lia** (S8) chama a atenção, pois a participante considera a parte da informação desenvolvida no programa como a “mais chata” e que poderia ser realizada em casa. Entretanto, a participante traz uma visão da Arquitetura como um curso e profissão voltado para a arte, idéia formada desde os seus primeiros anos de escola, a partir dos cursos de artes que vivenciara. As informações obtidas não conseguiram desconstruir esta *cara*, apesar de, qualquer material de informação profissional, dos mais simples, existentes no mercado, ter condições de fazê-lo. A participante só desconstrói essa concepção no momento em que faz um estágio para decidir se continuaria o curso de Arquitetura.

Em síntese, a vontade de conhecer a profissão de *forma completa* é colocada como expectativa frente ao programa de orientação profissional. Entretanto, a leitura de materiais é considerada insuficiente, por não dar conta dessa expectativa, além de serem superficiais: nos materiais impressos, falta “vida”, como diz **Flávio** (S2), podendo ser tomado como expressão da visão deste grupo. Por vida, entende-se o contato pessoal com profissões e locais de trabalho, que parecem ser consideradas como as fontes de informações mais fidedignas pelos participantes.

A categoria 4 - **Autoconhecimento** – registra a visão dos sujeitos a respeito da atuação do programa de orientação profissional no desenvolvimento da auto-percepção das características individuais.

Como já apontado no item que trata das aprendizagens ocorridas (categoria 2), o autoconhecimento é o tópico mais valorizado no programa de orientação profissional. Os depoimentos transcritos abaixo permitem perceber que há um significado diferente para o termo. Os sujeitos não o utilizam com se fazia na abordagem tradicional, isto é,

reconhecer em si aptidões, traços de personalidade e interesses, para a *descoberta* das profissões que melhor se harmonizem com tais características; mas demonstram uma compreensão da dinâmica e do processo pessoal de escolha profissional, possibilitando a elaboração de projetos.

Quatro sujeitos (**Gabriel-S5**, **Ana-S7**, **Lia-S8** e **Marcelo-S10**) chamam a atenção para isto. Apenas **Flávio** diz não ter sido tocado pelas pospostas de desenvolvimento do autoconhecimento. Observem-se os depoimentos abaixo.

Gabriel (S5) define, exemplarmente, o termo. Explanando a respeito do autoconhecimento e sua relação com a escolha profissional, diz: “..o mais interessante que o autoconhecimento não é coisa de psicólogo³²: ah, sua história, é analisar o coletivo. Você e sua relação com o mundo, as pessoas que estão ao seu lado. Se você consegue captar a essência de sua relação com o meio externo, você consegue se descobrir no meio profissional.” (Anexo 5, categoria 4, item 5.4)

Ana (S7), usando um português meio engraçado, diz: “eu tive espaço para conhecer melhor sobre a gente mesmo...”, falando a respeito do autoconhecimento.

Lia (S8), explicando porque o autoconhecimento realizado no programa é importante, afirma: “É que na verdade, antes de fazer o programa, nunca tinha parado para pensar como eu era, este tipo de conhecimento próprio, nunca tinha tido chance nem estímulo para estar procurando...para estar buscando. Aqui foi uma coisa de fazer...então vamos sentar, vamos ver como é, vamos se conhecer mesmo, porque até então eu nunca tinha tido uma oportunidade ou algo que me fizesse estar pensando... A gente não pára muito para pensar nisso na época do colegial, foi o momento de parar para pensar como eu era, como eu queria as coisas, como eu via...”. (Anexo 5, categoria 4, item 8.5)

Marcelo (S10) percebe que o autoconhecimento não é o estabelecimento de relações entre o indivíduo e as profissões, mas a compreensão pessoal da dinâmica da escolha: “No meu caso, eu tive uma experiência de autoconhecimento só que não relacionada...não que eu tenha estabelecido uma relação direta com profissão. Talvez esse autoconhecimento ajude a tomar uma decisão,. Não porque que descobri que eu tenha uma prática ou habilidade para alguma coisa específica de profissão.” (Anexo 5, categoria 4, item 10.2)

Flávio (S12) afirma que se sentiu incomodado com as atividades de autoconhecimento e que quase sempre não participava das atividades desenvolvidas. “Também era uma atividade mais mental, mas não sei, tinha um incômodo de estar me expondo....de pessoas que eu não conhecia..tinha uma coisa de imaginar isso e aquilo e tal...eu imaginava, mas fazendo força para imaginar, não sei, não era uma coisa que vinha atrelado a um afeto: ah, estou imaginando, estou entrando...então agora aqui que não sei que...e aí a partir desse lugar que eu imaginei, sabe...é como se não chegasse nesse lugar, eu ficasse meio olhando ele de fora. Isso é uma dificuldade que eu tenho até hoje, assim, às vezes.” (Anexo 5, categoria 4, item 12.4). Este sujeito acabou cursando a Faculdade de Psicologia, ressaltando que sua dificuldade na área persistia nas aulas e que teve dificuldades em seus estágios quando a temática pedia o desenvolvimento do autoconhecimento. Ainda é necessário lembrar que o sujeito se submeteu a terapia por vários anos.

Como síntese, pode-se tomar a fala de dois sujeitos como exemplares. Quando **Gabriel** (S5) afirma que o autoconhecimento realizado não é coisa de Psicólogo³², talvez queira dizer, como **Lia** (S8) o faz, que o autoconhecimento não é simplesmente o levantamento de características pessoais, mas também uma ocasião para, a partir da auto-percepção, realizar projetos de futuro, portanto, projetos de vida. Abandona-se a concepção de perfil profissional tão largamente utilizado na sociedade.

A categoria 5 - **Significado do programa** – registra os depoimentos dos sujeitos a respeito da importância de sua participação no programa de orientação profissional.

Os sujeitos expressam-se da seguinte forma a respeito do significado que atribuem à sua participação no programa: ajudou a centralizar as idéias; abriu o pensamento para as pessoas e para o mundo; ajudou a parar para pensar; deu mais segurança. Apenas um participante tece reparos quanto à metodologia empregada, sentindo-se incomodado exatamente na parte mais bem avaliada pelos outros membros do grupo: o autoconhecimento desenvolvido no e pelo grupo.

³² O sujeito ao fazer a afirmação, logicamente está se valendo de uma imagem que construiu a respeito do trabalho do psicólogo, como algo muito pessoal e íntimo, alienado das condições sociais.

Gabriel (S5) diz: “Fazendo o trabalho aqui...quando você é adolescente você está muito voltado para si e aqui você acaba se abrindo um pouco. O programa fez pensar na sua relação com as pessoas do mundo. Quando você é adolescente você é muito voltado para si e como é que vai escolher algo que faça com que eu me relacione com os outros. Você é muito voltado para si e o programa chamou a atenção de algumas coisa que eu fazia e que era diferente dos outros. Ajudava a ver o mundo fora de si. Só que na hora você não percebe isso, você elabora depois..” (Anexo 5, categoria 5, item 5.4)

Ana (S7), por sua vez afirma que “...o programa...foi um momento que eu consegui parar para pensar, que eu tive espaço para conhecer melhor, sobre a profissão e sobre a gente mesmo, porque que eu estava lá, porque aquelas coisas da faculdade me incomodavam tanto, e porque a agente discutia muito sobre isso, a gente não falava só sobre as profissões.” (Anexo 5, categoria 5, item 7.5)

Marcelo (S10) considera que o programa “serviu para por as idéias em ordem, é uma coisa que a gente pensa, mas é um pensamento muito errático, muito não linear, no dia a dia você vai pensando, aí uma pessoa fala uma coisa, aí outra pessoa fala outra. Aí você pensa numa coisa, pensa outra, e uma coisa que não é sistematizado assim. Eu achei que é legal que eles tiram uma hora, ou um período que você reflita sobre isso...você organiza as idéias ...que eu tenho...todas as informações que você vai usar para decidir...você tem uma hora que você pensa. Talvez por isso que eu diga que me deixou mais seguro: o fato de ter parado...de ter dado importância para isso...ter pensado nisso desse jeito.” (Anexo 5, categoria 5, item 10.2)

Lia (S8) e **Flávio** (S10) avaliam que hoje, depois das entrevistas e da releitura dos materiais que produziram durante o programa, analisam o programa como mais interessante e útil do que o consideraram na época.

Os dados sugerem que, *parar para pensar e centralizar as idéias*, talvez sejam os maiores significados do programa de orientação profissional para seus participantes. Por isto, entende-se a reflexão, de modo organizado e sistematizado, da problemática envolvida na decisão profissional.

A categoria 6 - **Metodologia de desenvolvimento** – aborda a visão do sujeito sobre a forma de desenvolvimento do programa.

Como maior destaque, neste item aparece o trabalho em grupo como fundamental para a consecução dos objetivos. Esta forma de desenvolvimento é avaliada como propiciadora do desenvolvimento do autoconhecimento, já abordado anteriormente.

Outras atividades mencionadas como mais marcantes são variadas: há menções espontâneas da atividade da lã; da montagem das empresas; do jogo do governo; da discussão do conto de Asimov e da primeira sessão de síntese.³³ (ver Anexo 5, categoria 6)

A respeito da importância do trabalho em grupo os sujeitos assim se expressam:

Para **Gabriel (S5)** o “...trabalho em grupo foi o mais importante. As pessoas analisaram suas atitudes. A gente no início acha que vai sair resultado como se fosse num computador. Aqui há simulações de situações de relacionamentos e as pessoas analisam você e você pára para pensar. Às vezes você nem quer enxergar um defeito seu, mas se você está aberto você acaba enxergando melhor.” (Anexo 5, categoria 6, item 5.5)

Para **Ana (S7)** o “... mais importante disso é destacar o grupo, você está em grupo, você está dividindo com as outras pessoas, você não está sozinho matutando. Ele propicia uma boa escolha porque você pode dividir, você pode questionar, o outro pode te questionar, você pode questionar o outro, você pode ouvir o outro e se questionar. E tudo sobre a orientação de uma pessoa que está lá para isso, que entende disso. Também não é sentar com um grupo de pessoas...tem um trabalho de elaborar todo um material, de seguir um caminho, as coisas não são assim, hoje vamos fazer isso, tem todo um trajeto: agente vai fazer isso hoje porque amanhã vamos fazer aquilo e depois aquilo para a gente chegar no final com isso. Tem toda uma coisa que você está construindo. Tem que ter uma ligação, tem que ter um caminho e {o coordenador} sabe muito bem o caminho que você prepara. Eu acho que precisa, com certeza, de uma pessoa orientando, coordenando, claro. O grupo sem vocês não teria nunca o mesmo efeito. Como eu acho também que sozinho {atendimento individual} não tem o mesmo efeito. Mas falta olhar

³³ A descrição das sessões do programa encontra-se no item 4.2 do capítulo 4.

o outro, mas não o outro coordenador, mas o outro igual a você.” (Anexo 5, categoria 6, item 7.13)

Lia (S8) avalia que hoje percebe e valoriza mais a metodologia utilizada do que na época: “ hoje eu acho que...eu encaro melhor do que encarei na época. Na época, tinha dias que eu falava, puxa tem que ir, é cansativo, mas será que está funcionando, não sei. Mas eu acho que... eu gostei, hoje vendo, eu gostei da metodologia. Na época muitas vezes eu tinha a sensação de estar sendo uma coisa cansativa, eu questionava a utilidade. Mas hoje eu já vejo diferente, foi útil, teve seus momentos cansativos mas teve momentos muito produtivos.” (Anexo 5, categoria 6, item 8.13)

Marcelo (S10) considera a metodologia empregada como pouco convencional, mas a valoriza como forma de obter bons resultados: “o que lembro que me marcou é que é pouco convencional , não é aquela coisa , que talvez eles esperassem, fazer um teste, não, foram conversas, você fala, teve o negócio dos fios, o negócio da vela, são coisas pouco convencionais. É um processo pouco convencional mas tem resultados tão ou melhores do que escolher de outro jeito. Eu não consigo imaginar outro jeito porque não tive experiência. Eu não achei ruim, achei legal. E não convencional porque usa estratégias diferentes que você não vê todo dia, e tem resultados interessantes, você consegue extrair dados bons. Era curioso era diferente.” (Anexo 5, categoria 6, item 10.3)

Flávio (S12), diferentemente dos outros membros do grupo, fala que a respeito da metodologia: “...o que ficou para mim é uma coisa assim: uma dificuldade de entrar...de pegar a onda...eu lembro da minha sensação de estar sempre meio fora do que estava acontecendo, principalmente nas atividades de autoconhecimento, apesar de eu ser o único que foi fazer Psicologia. E aí eu não sei que estratégias outras poderiam ter que de repente pudessem facilitar mais essa coisa. Não sei se eu fui o único que me senti assim, não sei se porque eu não era daquela turma que estava ali. Era uma coisa de as propostas virem e eu ficar meio assim...e de sugestão que eu teria, uma coisa que eu venho pensando na minha prática, que tem até semelhança com a sua é a coisa de projetos coletivos. Ali era um grupo, mas o foco era individual. Não sei se tem como ser diferente, mas o que eu venho vendo na faculdade, na avaliação dos núcleos que a gente

fez, das aulas. As aulas que mais envolveram o pessoal, eram aulas que envolviam construção de projetos coletivos”. (Anexo 5, categoria 6, item 12.10)

Observa-se, nos relatos, que a forma de desenvolvimento em grupo é, de fato, o que mais se valoriza no programa de orientação profissional; isto é associado com a proposta, perfeitamente entendida pelos participantes, de que a metodologia propõe reflexão e que o coordenador não fará um diagnóstico e prognóstico ao final. Apenas uma participante faz menção a atividades que considera cansativas, referindo-se às sessões de informação profissional.

A categoria 7- **Efeitos do programa** - apresenta a visão do sujeito quanto aos efeitos de sua participação no programa de orientação profissional em suas escolhas posteriores.

Cada participante entrevistado avalia os efeitos do programa de forma diferente. Três deles (**Gabriel-S5; Ana-S7 e Marcelo-S10**) consideram que a participação no programa foi muito importante na construção de suas decisões. Os outros dois avaliam que, na época, questionaram se havia valido a pena. **Lia** (S8) diz que, logo após o programa concluiu que o mesmo tinha sido útil. **Flávio** (S12) afirma que só após a realização das entrevistas, para a presente pesquisa, onde teve a oportunidade de retomar o material que produziu, passou a considerá-lo mais interessante. Abaixo, apresentam-se os depoimentos mais significativos de cada sujeito.

Gabriel (S5) diz: “Gostei muito de ter feito aqui, porque aqui foi uma orientação mesmo, foi algo que me orientou, não foi um teste, ou algo do gênero que falasse: você vai fazer isso ou isso ou isso. ...{fui} tirando conclusões, a cada dia que passava, que eu saí daqui eu falava: eu acho que é educação física, eu acho que eu vou ter que cair nesse meio. Infelizmente... o bicho vai pegar para esse lado. Cada dia que eu vinha aqui era mais um motivo, que me deixava para o lado da educação física. No final das contas, saí daqui, vi todas as profissões, assim...eu sempre tive uma queda para o lado artístico, eu sempre desenhei muito, o ato de criação, não é? e eu sabia que isso seria uma grande barreira, porque nessa profissão eu não ia encontrar isso. ... Eu fiquei nessa daí, mas acabei optando por educação física. Aí eu prestei, entrei na USP, até numa boa colocação, fiz o primeiro ano...” (Anexo 5, categoria 7, item 5.1)

Ana (S7) avalia assim o resultado do programa: “..não sei se reforçar uma idéia que eu já cheguei mais ou menos com ela formulada... eu acho que reforçar não, mas assim, me ajudar a perceber se era realmente aquilo, mas eu só ia perceber depois que eu entrasse no outro curso, porque não dá, não é, você saber se realmente aquilo que você quer, antes de estar lá, estudando aquilo, vendo aquilo, tratando da educação, porque eu tinha uma idéia, eu te confesso, que antes de entrar na universidade eu tinha uma idéia muito menor da educação do que a idéia do que eu tenho hoje, obvio, não é, mas aí eu não posso falar que ...não, a gente sai do curso com plena certeza, não é isso, a gente sai com uma possibilidade e entrando na universidade você tem... mas, o que é engraçado, é que pensando agora, é que quando eu prestei o primeiro vestibular para Jornalismo, eu tinha uma convicção...e não é isso e pronto. Quando eu saí do curso {de orientação profissional} eu já estava mais, assim...pode ser isso, vamos ver, mas se não for também a gente encara de novo, procura outra coisa. Mais madura, sabe?, não tão deslumbrada.” (Anexo 5, categoria 7, item 7.1)

A participante, afirma que, quando escolheu Jornalismo, estava absolutamente convencida e agora, quando escolhe Pedagogia, diz que é uma escolha provisória, que admite mudanças, percebendo-se menos deslumbrada.

Marcelo (S10) considera que adquiriu “...mais certeza. Por mais que eu fosse tomar uma decisão que eu possa até me arrepender depois, porque não era aquilo que eu queria.” {como você adquiriu certeza?} “...acho que foi conversando sobre o assunto, vendo a situação de outras pessoas...vendo como é essa etapa na vida das pessoas. As decisões que as pessoas tomam são baseadas em que, por que, se é uma coisa de paixão...o cara fala: eu quero fazer não sei o que porque eu sempre quis, enfim...o outro: ah, não sei porque ..por causa disso, daquilo, daquilo. Então eu pensei, ah...uma coisa que me ajudou foi isso que eu falei para você, porque oh: se eu estava indeciso, inseguro em relação à minha escolha, ah, eu vou fazer isso mesmo e bom se acontecer de eu não gostar, paciência, vou fazer outra coisa. Inclusive tinha uma menina no grupo {referindo-se a Ana-S7}, ela estava fazendo jornalismo e queria mudar...ah, então paciência. Se for para dar certo vai dar certo se for para dar errado dá errado.” (Anexo 5, categoria 7, item 10.4)

Lia (S8) avalia que na época saiu “...um pouco frustrada, na verdade. Acho muito por esperar que vocês me entregassem um papel e falassem, olha você dá para isso. Vai lá, vai prestar isso daqui e depois vai para esse. No fundo eu queria isso, era uma decisão mais fácil, ah, você serve para isso mesmo, vai lá...e eu saí um pouco frustrada, mas menos frustrada do que se não tivesse feito. Na época eu fiquei...pô, será que adiantou mesmo eu ter feito orientação? Mas logo depois eu falei: não, se eu não tivesse feito, não teria nem o que fazer, não teria nem essa opção de prestar uma coisa em uma e outra coisa em outra, porque eram tantas opções que eu ia estar sem rumo mesmo. Para mim foi um pouco de alívio, mas não alívio total.” (Anexo 5, categoria 7, item 8.5)

Flávio (S12) diz: “...eu, até agora, até entrevista agora que a gente está fazendo, eu estava com uma coisa assim de que não tinha me valido de muita coisa.... – Porque quando você me ligou {para marcar a entrevista}, eu comentei com as pessoas que eu seria sujeito de pesquisa Ah eu quero só ver como vai ser porque eu escolhi Administração Hospitalar e agora eu estou fazendo psicologia, não tem nada a ver. E agora quando você leu os motivos de minha escolha por Administração Hospitalar, eu estou tipo...parece assim...a impressão que eu tenho é que estava nascendo ali a escolha da psicologia. Então de certa forma pode ter ajudado...”. (Anexo 5, categoria 7, item 12.1)

Os dados sugerem que, em síntese, os participantes percebem que não existe uma opção, única e correta para cada pessoa e que, uma decisão nunca deixa de ser *provisória*. A reflexão sistematizada sobre os aspectos envolvidos na decisão profissional é valorizada, contraposta à mera paixão.

Uma participante, **Lia (S8)** usa a expressão “alívio, mas não alívio total”, porque termina o programa com duas profissões. **Flávio (S12)** é o único que afirma que saiu do trabalho com a impressão que não tinha “valido de muita coisa”, mas a explicação para tal fato é atribuída por ele próprio mais a questões pessoais do que ao programa propriamente dito.

7) DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados apresentados no capítulo anterior permitem sugerir algumas conclusões; talvez a mais significativa é que se observa uma ampliação dos determinantes considerados na decisão profissional dos sujeitos, comparando-se a primeira e a última sessão do programa, demonstrando que os mesmos adquiriram uma visão mais totalizante sobre os fatores envolvidos na escolha profissional.

Esta conclusão é possível quando se observam os motivos que os sujeitos apresentam para explicar sua escolha profissional no início do programa, comparando-se com a situação de saída, como os dados obtidos confirmam. No início, identificaram-se seis categorias de análise (ver Anexo 1) e, na saída, identificou-se um número substancialmente maior - doze (ver Anexo 2), o que sugere que os sujeitos demonstram uma amplitude mais significativa na compreensão do fenômeno da decisão profissional. Entretanto, o mais importante é a constatação do grau de profundidade da reflexão produzida: os sujeitos demonstraram uma visão mais dinâmica e processual da trajetória de decisão, ao contrário das categorias de entrada que são bem mais pontuais. Algumas categorias aparecem tanto na entrada com na saída do sujeito do programa de orientação profissional; porém, como os dados demonstram, o nível da qualidade de reflexão alcançada ao final supera em muito as colocações pontuais observadas no início.

Na seqüência, desenvolve-se uma discussão comparativa entre as categorias de entrada e saída, descritas nos Anexos 1 e 2, respectivamente.

7.1) Categorias comuns aos dois momentos - entrada e saída do programa - que qualificam a escolha do sujeito.

7.1.1) Experiência escolar e escolha profissional

Na primeira sessão, a categoria mais expressiva de justificativa para a aproximação do sujeito às profissões é a sua experiência escolar (Anexo 1, categoria 1). A facilidade e interesse pelas disciplinas escolares e pelas áreas de conhecimento aproximariam ou distanciariam os alunos das opções. Pode-se afirmar que, neste momento, este dado é considerado o principal motivo ou determinante da escolha. Tal

constatação não é desprovida de fundamento. A idéia subentendida é que uma boa escolha profissional se daria através de aproximações graduais. Primeiramente escolher-se-ia uma área de conhecimento a partir das vivências anteriores nas disciplinas escolares; em seguida, como decorrência, uma profissão dentro dessa área.³⁴ A forma como o vestibular se estrutura acaba, também, por confundir o concurso com a escolha profissional. Antes da estrutura atual, em São Paulo, na USP e outras faculdades, o vestibular se dividia por áreas, com provas específicas. Atualmente, a FUVEST³⁵ diferencia as opções só na segunda fase, realizando provas específicas da área de conhecimento, além da prova de Português que todos, indistintamente, são obrigados a responder. Assim, pode-se supor que não é por acaso que, antes do início do programa, se afirme a categoria de interesse e desempenho escolar como uma das mais importantes para a decisão profissional: a partir do posicionamento em relação às disciplinas vividas o aluno está mais próximo de uma área do que de outra.

No entanto, na avaliação de situação de saída do programa, esta categoria aparece em 4º. lugar quanto ao número de menções, que passa a ser compreendida como um dos elementos, e não o mais importante necessariamente, no processo de decisão. O depoimento de **Wanda** (S15) pode ser tomado como exemplar: “eu acho que o aluno pode levar em conta, na hora de escolher uma profissão, as matérias que mais gostam, mas isso não significa que elas devam escolher uma profissão nessa área.”(Anexo 2, categoria 4). Entende-se que, agora, a experiência escolar não é tomada como a única ou principal para a decisão dos sujeitos, mas é considerada como um dos determinantes que compõem a escolha profissional. A importância da experiência escolar, no programa, é relativizada, provavelmente, em função de dois aspectos. O primeiro, a partir do questionamento a respeito das habilidades inatas ou dons que explicariam os interesses e bons desempenhos nas disciplinas escolares; o segundo, que questiona a relação entre as

³⁴ A escolha, por parte dos alunos, pelas áreas de conhecimento em escolas de ensino médio que ainda exigem esta opção, não segue o padrão de aproximações graduais, como se pressupõe. Pela experiência do autor, verifica-se que os alunos utilizam duas formas, que burlam o pressuposto, para lidar com a necessidade desta opção. Ou escolhem o curso que na escola tem fama de ser o mais forte e exigente em relação ao vestibular (alguns por causa disso mesmo escolhem o mais fraco) ou escolhem primeiro a profissão para depois apontar qual a área de conhecimento que seguirão.

³⁵ FUVEST - Fundação Universitária para o Vestibular é a responsável pela elaboração, aplicação, correção e publicação dos resultados do concurso vestibular da USP, UNIFESP, FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA SANTA CASA DE SÃO PAULO E DA ACADEMIA DA POLÍCIA MILITAR DE SÃO PAULO.

matérias escolares e profissões, ao se apontar que não são necessariamente correspondentes. Atualmente, esta discussão é realizada no procedimento do sorvete, atividade descrita na seção que apresenta o programa de orientação profissional. (ver item 4.2.1 do capítulo 4).

7.1.2) Expressão das características individuais (autoconhecimento)

No momento de entrada no programa, como segundo determinante mais citado aparece o que se denominou de “expressão das características individuais”. As habilidades de leitura, escrita e criatividade são citadas pelos sujeitos. Quando se observa a mesma categoria, no momento de saída, percebe-se nitidamente a ampliação do número de menções, bem como uma maior complexidade na significação do que os orientandos entendem por autoconhecimento. Por isto, a categoria foi desmembrada em três sub-categorias. Agora, os sujeitos se analisam e se observam na relação com os outros, apontando seus modos singulares no estabelecimento destas relações. Refletem sua relação com o mundo e percebem sua dinâmica pessoal no processo de decisão. Reconhecem no indivíduo outras habilidades e gostos além da leitura, escrita e criatividade, identificadas na primeira sessão: observação, iniciativa, raciocínio lógico, interesse pelo novo ou pela originalidade, facilidade de relacionamento, interesse por atividades culturais, criticidade, habilidade para trabalhar em grupo, coragem, persistência, maleabilidade, objetividade, curiosidade e capacidade de argumentação são as expressões que sinalizam uma maior amplitude na compreensão das próprias habilidades.

O autoconhecimento, que nesta investigação foi caracterizado como “expressão das características individuais”, é o tópico do programa mais valorizado. Tal fato pode ser confirmado pela qualidade e pelo aumento significativo das menções a respeito deste item nas conclusões dos sujeitos, como já se apontou acima. As habilidades, gostos e características individuais de comportamento são compreendidos não de forma estática e naturalizada, mas sim como fruto do processo vivido e que está em constante transformação. A partir da autopercepção das características individuais alcançadas, o sujeito tem condições de elaborar projetos. Sintomaticamente, alguns sujeitos referem-se à falta de espaço sistemático para a reflexão deste tipo de assunto fora do proporcionado

pelo grupo de orientação profissional e, talvez por isto, o aspecto seja tão valorizado. Isto possivelmente está denunciando as condições de extremo individualismo que se vive nos tempos atuais. Segundo um artigo de jornal a respeito de uma pesquisa, de cunho mercadológico, realizada com 25 mil adolescentes entre 15 e 18 anos, das classes A e B, em 41 países, se apontava que a “...principal preocupação dos adolescentes atuais é arrumar um bom emprego. A globalização já é coisa cotidiana e 85% acreditam que dependam apenas de si mesmos para vencer na vida...Foram arquivados os ideais socialistas, a rebeldia contra tudo e todos dos punks e mudaram a filosofia dos yuppies – querem ter sucesso profissional, sim, mas não a custos de esquecer a vida sentimental, a saúde e a boa forma física”.³⁶ Como se pode depreender do artigo citado, o individualismo parece ser a marca dos tempos atuais, coerente com a ideologia liberal subjacente ao capitalismo.

Considera-se importante realçar novamente o depoimento de um dos participantes, que marca a percepção do significado da expressão: autoconhecimento é analisar “... sua história, é analisar o coletivo. Você e sua relação com o mundo, as pessoas que estão ao seu lado. Se você consegue captar a essência de sua relação com o meio externo, você consegue se descobrir no meio profissional.” (Gabriel-S5, Anexo 5, categoria 4, item 5.4). O sujeito não está relacionando especificamente habilidades pessoais com profissões, mas percebendo-se como parte do todo social, na sua singularidade e, por isto, com condições de elaborar projetos.

7.1.3) Família

No momento da entrada no programa, a categoria família é a terceira mais mencionada. Curiosamente, no grupo em questão, ela só aparece no caso de participantes observando familiares exercendo ou estudando para desempenhar uma única profissão - a de Direito: uma profissão tradicional sobre a qual até hoje há expectativas familiares de continuidade dos descendentes, como se fosse uma questão de herança. Na saída do programa, não aparecem mais referências deste tipo. Agora, os orientandos refletem sobre a instituição família como partícipe do processo de decisão do sujeito, entendida como outro, ou mais um, determinante da escolha profissional.

³⁶ “Pesquisa revela cara neoliberal dos teens”. Artigo publicado no jornal Folha de São Paulo, de 28 de

No trabalho de orientação profissional desenvolvido há uma sessão em que se discutem especificamente as expectativas familiares sobre o sujeito. Apesar disto, não se observou alguma referência a respeito nas conclusões dos participantes. Ao que parece, os sujeitos não reconhecem dificuldades ou problemas de ordem familiar em suas decisões. Isto parece contradizer a literatura na área de Orientação Profissional que deposita, exatamente na relação familiar, os principais conflitos e dificuldades para a tomada de decisões profissionais. Segundo Dias (1995), "... os processos afetivos vividos no universo da família se relacionam e condicionam o tipo de escolha profissional realizado por um dos seus elementos." (p.90)

7.1.4) Mercado de trabalho

A respeito do mercado de trabalho, na situação inicial do programa, as menções fazem referência às restrições que se apresentam para a escolha profissional. Já na situação de saída, pode-se observar que os orientandos ponderam a respeito da questão. Alguns atribuem maior peso a este determinante, outros nem tanto, como fator importante na decisão. Nenhum sujeito assume decidir alguma profissão em função, unicamente, desta categoria, apesar de apontarem que o mercado interfere na opção.

Alguns orientandos demonstram a compreensão da dinamicidade do mercado de trabalho, questão abordada e discutida ao longo do programa de orientação profissional.

Pode-se supor que a discussão deste item (como a de todos os outros também) esteja mediada pela condição de classe social dos sujeitos que, partícipes de uma classe bastante privilegiada, discriminam que sua família detém capital financeiro, cultural e social para superar as possíveis dificuldades colocadas pelo mercado. Bourdieu e Passeron (1975), discutindo a função da escola em relação à mobilidade social e à seleção dos que ascenderão socialmente, afirmam que "...delegando cada vez mais completamente o poder de seleção à instituição escolar, as classes privilegiadas podem parecer abdicar, em proveito de uma instância perfeitamente neutra, do poder de transmitir o poder de uma geração à outra e renunciar assim o privilégio arbitrário da transmissão hereditária dos privilégios."(p.176) Portanto, em função dos vários *capitais* que as classes privilegiadas detém, os privilégios de classe são mantidos, inclusive o de

conseguir trabalho, independente de quaisquer outros aspectos, apesar de, como aponta o autor, haver uma tentativa de camuflagem da condição, transferindo, aparentemente, para a escola o poder de promover ascensão social.

7.1.5) Vestibular

Apenas um sujeito, quando entra no programa, faz menção ao vestibular como algo que se relaciona à escolha profissional, dizendo que se obriga a ser aprovado. Nenhum participante faz menção, pelo menos de forma clara, ao vestibular como determinante da escolha profissional na sessão final do programa. Mas, pelo menos em um caso, e apenas na entrevista realizada, um sujeito avalia que o vestibular acabou por ser mais importante do que admitia, na época. Lia (S8) diz que sai do programa em dúvida entre duas profissões: Arquitetura e Medicina, mas para “se garantir” também presta o vestibular para o curso de Desenho Industrial. A participante afirma que tinha quase certeza que não seria aprovada no vestibular de Medicina, na faculdade pública que almejava, naquele ano, por sentir-se despreparada. Por isso se inscreveu em outro vestibular no qual considerava sua aprovação como mais provável, prestando para Medicina numa outra universidade, no interior de São Paulo. Como foi aprovada em Arquitetura e não em Medicina, decidiu fazer o curso, mas após dois anos, desiste dele, faz cursinho preparatório e presta o vestibular, novamente para Medicina, logrando aprovação. Portanto, pelo menos neste caso, percebe-se o vestibular como possível determinante importante na decisão do sujeito.

Apesar do temor que gera, o vestibular, no caso dos participantes pesquisados, parece não alterar as escolhas profissionais em função da competitividade e dificuldade de aprovação, com exceção do caso citado.

7.2) *Categorias específicas da escolha no final do programa*

Além das categorias acima discutidas, identificadas nos momentos de entrada e saída dos sujeitos no programa, ao final deste, outras categorias assumem mais importância, demonstrando que o programa de orientação profissional, ao que parece, agrega conhecimento e alarga a visão da compreensão do fenômeno da escolha profissional. Os dados obtidos permitem que se atribua ao programa o aparecimento

destas novas categorias, uma vez que foram mencionadas por vários sujeitos da pesquisa (ver Anexo 3). Abaixo comentar-se-ão tais categorias..

7.2.1) Valores

A categoria com mais menções, identificada na sessão final do programa, diz respeito a valores que norteiam as ações dos indivíduos. Por valores, os dicionários entendem: "... normas, princípios ou padrões sociais aceitos ou mantidos por indivíduo, classe, sociedade, etc."³⁷ Assim, pode-se afirmar que, quando os sujeitos discutem, refletem e até questionam valores, estão elaborando projetos, ou como se diz no programa de orientação profissional, esboços de projetos de vida, dentro dos quais estão contidos os projetos profissionais de cada um. Desta forma, os dados sugerem que o programa está atingindo um de seus objetivos, qual seja o de desenvolver e possibilitar a construção de projetos de vida, capazes de nortear as ações de seus participantes: projetos suficientemente flexíveis para incorporar as novas experiências e conhecimentos adquiridos, alterando-os, reforçando-os ou mesmo substituindo-os.

O que chama a atenção, como já se pontuou no item dos resultados da pesquisa, é a expressão, na quase totalidade dos casos, de valores de ordem individual. Ao que parece, os sujeitos não conseguem incluir, em seus projetos de vida, valores de ordem social, isto é, aqueles que poderiam demonstrar alguma preocupação com a sociedade como um todo. Sequer há correlação entre a profissão escolhida e a contribuição social que ela seguramente há de conter. A par de se viver num momento histórico dominado pela ideologia liberal, em que o individualismo é colocado como única possibilidade de sobrevivência e enfretamento das dificuldades, observa-se que o programa de orientação profissional não possibilitou o aparecimento de menções referentes a esta questão, apesar dos objetivos e atividades que colocam o tema em pauta. Observe-se que, mesmo nas profissões em que é óbvia a constatação da contribuição social do trabalho, pouco se diz sobre isso. **Lia** (S8), que atualmente estuda Medicina, diz de forma genérica que gosta "... de estar sempre ajudando, auxiliando os outros"(Anexo 2, categoria 1, subcategoria 1.2). **Chico** (S4), que no final do programa diz pretender ser advogado, afirma: "Levo muito em conta a questão financeira do trabalho mas também prezo muito pelo

prazer que a profissão deve dar, quero algo que goste mas que também dê dinheiro...” (Anexo 2, categoria 1, sub-categoria 1.1). Este mesmo sujeito ainda afirma que “o que importa é se sentir bem no que está fazendo pois só assim terei um futuro feliz” (Anexo 2, categoria 1, sub-categoria 1.2). **Marina** (S14), que diz estar se preparando para trabalhar no ministério público como promotora, no final do programa, ao justificar sua opção pela área do Direito, afirmava que “as áreas pelas quais eu me interesso são as mesmas que têm condições de realizar as minhas expectativas pessoais; consegui unir o que eu gosto com reconhecimento profissional e mesmo social e com a expectativa de manutenção de um bom nível de vida” (Anexo 2, categoria 1, sub-categoria 1.2). Da mesma forma, a questão social não aparece nas escolhas de profissões que não estampam claramente tais contribuições sociais em suas atividades, como as escolhidas pelos outros sujeitos desta pesquisa: Publicidade; Arquitetura; Computação; Administração; Hotelaria, etc.

Liebesny (1998), investigou a concepção de trabalho junto a uma população de jovens (8^a. séries) de escolas públicas e outra de escolas particulares. Aplicou uma redação pedindo para que se projetassem no futuro. Tanto num público como no outro, encontrou, apesar de diferenças, perspectivas individualistas de sobrevivência: os jovens da

“...EPB [escola pública] vivenciaram a família extensa, não nuclear, o trabalho como meio de sobrevivência; a continuidade dos estudos, quando possível e como um ganho; os sonhos de realização vinculados a bens de necessidade, de assentamento.

Os da EPR [escola particular] vivenciam a centralidade dos estudos (profissão=estudante); o prazer dos namoros e amizades; o trabalho virá com o tempo; os bens são de usufruto. (p.66)

Pode-se afirmar que as condições e atividades desenvolvidas no programa de orientação profissional, apesar de conter atividades e objetivos que colocam a “contribuição social da profissão” em discussão, não têm suficiente força para se contrapor ao extremado individualismo vivido dos tempos atuais. Os materiais de informação profissional, disponibilizados no mercado, continuam a não abordar a realidade profissional de forma consistente, histórica, ampla e contextualizada como já denunciava, na década de 80, a pesquisa coordenada por Ferretti e Bock, “Diretrizes

³⁷ FERREIRA, Aurélio B. de H. . Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1^a. edição, 4^a. impressão.

Metodológicas Para a Produção de Informação Profissional” (1983). Os vestibulares, da mesma forma, colocam os pretendentes como adversários ou mesmo inimigos, reforçando o individualismo nas decisões e ações dos sujeitos. Os meios de comunicação têm se mostrado acolhedores e divulgadores da ideologia liberal, que dá sustento à economia e política de empregos nos tempos atuais. Esta ideologia valoriza o *mercado* (de qualquer natureza), como forma de regulação social, apontando o individualismo como única possibilidade de sobrevivência, reatualizando a visão Darwiniana de sobrevivência do mais forte e competente..

Durante o programa de orientação profissional, tem se colocado esta reflexão em pauta; entretanto, como se observa pelas respostas dos sujeitos, pouco tem conseguido avançar. Não se pode esquecer que, além do já apontado, há a mediação de classe de origem dos sujeitos desta pesquisa. Oriundos da classe média, buscam, ao menos, a manutenção de seus privilégios e a manutenção de padrão de vida familiar, coisa que, segundo a ideologia, só pode ser obtida de forma individual. As pesquisas de cunho mais jornalístico têm abordado a questão da dificuldade dos jovens reproduzirem o padrão de vida de seus pais, nos tempos atuais. A reportagem “Subir na vida fica mais difícil nos anos 90” publicada no jornal Folha de São Paulo, foi assim comentada pelo editorialista Clovis Rossi (2000, p.A2):

“Minha intuição já era essa antes de tomar conhecimento da pesquisa que deu margem à reportagem da Folha. Para a minha geração, ao menos para a parte dela de patamar socioeconômico idêntico ou parecido, havia duas coisas tão inevitáveis como o nascer do sol todo santo dia:

- 1 - estudar em escola pública;
- 2 - não obstante (ou por isso mesmo), alcançar um nível salarial e/ou social superior ao dos pais.

Para a geração de meus filhos, havia apenas uma inevitabilidade: estudar em escolas particulares. Não me lembro de jamais ter discutido com minha mulher se nossos filhos estudariam em escolas públicas ou privadas. No máximo, discutimos em qual escola particular eles deveriam estudar.

Não obstante (ou por isso mesmo), todos os três filhos têm imensas dificuldades para atingir o padrão salarial do pai. Meu ego agradeceria imensamente se pudesse dizer que essa dificuldade se deve ao grande talento do pai deles. Mas o que vejo com filhos de amigos e/ou colegas da minha geração só prova que não se trata disso, mas da real dificuldade para a ascensão social dos nossos filhos. ...”

Obviamente, não se espera do programa de orientação profissional a tarefa revolucionária de mudança estrutural da sociedade. O que se está discutindo é a falta da percepção social dentro dos marcos da ideologia vigente e, por isto, da quase inexistente

reflexão a respeito do contribuição social do trabalho, objeto de escolha por parte dos sujeitos desta investigação.

7.2.2) Informação profissional

No final do programa de Orientação Profissional, as menções relativas às aquisições de conhecimento a respeito das profissões registravam que as informações transmitidas eram consideradas suficientes, como indicam os dados apresentados no capítulo anterior. No entanto, a entrevista realizada com os cinco participantes selecionados, seis anos depois, apontou a informação profissional como o ponto mais crítico do programa. As informações adquiridas foram consideradas distantes da realidade, tanto do curso universitário quanto da vida profissional, como indicam os dados apresentados (ver, no capítulo anterior, o item Questões do Programa, categoria 3).

O que explica a diferença dos dois momentos? Um dos fatores pode-se referir à distância entre o tempo ocorrido entre as declarações realizadas ao final do programa e os depoimentos tomados seis anos após. Isto é, o sujeito analisa as informações que conseguiu obter durante o programa com a compreensão que tem hoje a respeito da profissão, quando já está terminando o curso de formação universitária ou mesmo já está engajado no mercado de trabalho.

Pode-se considerar que os materiais de informação profissional, hoje disponíveis, falham em vários aspectos, por não conseguir dar conta de tudo que envolve uma profissão e nem responder às necessidades mínimas dos que os consultam³⁸. Mas do que os sujeitos reclamam, talvez não possa ser resolvido através dos materiais de informação e nem mesmo de contato mais direto com a profissão. Quando os sujeitos apontam que, na faculdade e na experiência profissional, percebem a profissão como mais ampla do que imaginavam, ou que há aspectos que não conheciam anteriormente, registram algo que, ao ver do autor, necessariamente sempre vai ocorrer, porque a experiência também

³⁸ Note-se que no mercado editorial há, atualmente, algumas publicações específicas a respeito de informações das profissões e de cursos de formação. No entanto, segundo um levantamento informal realizado, o autor constatou que nenhuma delas contava com a assessoria ou consultoria de profissional especializado na área para a sua construção. Todos são redigidos por jornalistas que produzem textos a partir do que consideram pessoalmente importante, visando à pressuposta necessidade do

pode ser considerada como fonte de informações e, por isto, amplia a visão da pessoa quanto à profissão. Em suma, não há limite de aprofundamento de conhecimento de uma profissão, pois sempre há algo novo ou diferente ocorrendo, constituindo-se como alternativa de atuação.

Mas qual o papel da informação profissional no processo decisório do sujeito? Alterar opções prévias? O autor observou que a Orientação Profissional não tem como objetivo substituir as alternativas prévias de seus sujeitos e, por isso, as atividades de informação profissional não podem colocar isto como meta. Transmitir a totalidade de informações a respeito das profissões, para que o sujeito tenha base segura para a tomada da decisão? Também baseado na experiência, o autor acredita que não é a base informativa segura que garante, por si só, as decisões dos sujeitos, apesar da necessidade de informações as mais completas possíveis e contextualizadas. Primeiramente, porque é impossível transmitir a visão total, uma vez que a profissão está submetida a constantes transformações de cunho tecnológico, político e econômico. Portanto, o corte dado em algum momento, para produzi-la, já faz parte do passado e por isso, necessariamente, não pode ser completa. Para exemplificar, apresenta-se o caso de **Julia** (S10), que optou por fazer Jornalismo, mas que, na época do programa, jamais pensara em se tornar responsável por um site na internet, uma vez que tal alternativa ainda não era conhecida. **Gabriel** (S8) não poderia planejar uma carreira como *personal trainer*, uma vez que o tipo de atividade ainda não tinha se massificado e nem era valorizada como acontece nos dias atuais.

Em segundo lugar, porque não é a quantidade nem a qualidade das informações que proporcionarão decisões mais “corretas”, apesar de serem aspectos importantes e partícipes desta decisão. Para a abordagem aqui defendida, a função da informação profissional em programas de orientação cumpre um papel específico de demonstrar para o sujeito que a imagem que ele tem a respeito da(s) profissão(ões) não é a única possível. Se o material de informação profissional cumprir esta função, considerar-se-á um ganho razoável. A imagem que a pessoa pôde construir, ao longo de sua vida, a respeito das profissões é pessoal e formada a partir de uma série de experiências e

leitor/consumidor. Com o mesmo capital investido, mas com assessoria de profissionais da área de orientação, talvez pudessem ter uma publicação com qualidade superior.

vivências, como já discutido anteriormente, no capítulo que apresenta a abordagem sócio-histórica na Orientação Profissional (ver, capítulo 3, item 3.3.1). Assim, o que se pretende, ao apresentar e discutir informações a respeito de profissões em programas de orientação, é que o sujeito perceba que a profissão não tem uma única *cara* (a que ele tem a respeito da profissão e que pode ser muito particular), e que, além disto, ele deverá desenvolver a sua *cara* pessoal como profissional, isto é, continuará desenvolvendo sua identidade pessoal e profissional a partir do que vive, pesquisa, estuda e acompanha. Por isto, no presente programa de orientação profissional, recorre-se a um grande número de fontes de informação para que seus participantes possam pensar a profissão a partir de um maior número de aspectos, que às vezes são até contraditórios entre si, dependendo da fonte que se utiliza.

Outro aspecto, que não diz respeito só a programas de orientação profissional, é o que tem a ver com a disponibilidade do sujeito para incorporar a informação transmitida. Às vezes, o sujeito, por mais que pesquise, não apreende o que a informação de fato transmite. Novamente cita-se o caso de **Lia** (S8), que tem uma imagem da profissão do Arquiteto como alguém que lida com arte, e não consegue “ler” nos matérias de informação profissional que a profissão é mais ampla e relativamente diferente do que pensa. Mas isto não é um problema exclusivo da Orientação Profissional: a questão da apreensão da informação e sua transformação em ação é um problema geral da sociedade, e da Educação, em específico.

Fundamentalmente, pretende-se que os participantes tenham chances de (re) elaborar as imagens que têm a respeito das profissões, partindo da que já trazem, ampliando, reformulando ou mesmo as modificando.

7.2.3) Sociedade

Os dados obtidos permitem a afirmação de que os sujeitos compreendem a ação da sociedade na constituição da escolha profissional. Percebe-se que não aparecem as explicações naturalísticas, meramente biológicas e a-históricas. O processo da escolha se constitui como tal na sua própria vivência. Veja-se o depoimento contundente de **Marcelo** (S10): “... não somos homens apenas. Somos homens em uma sociedade, o que somos, o que pensamos foi, é, e ainda será, em parte o que aprendemos e o que

presenciamos. É impossível pensar no homem fora do contexto social. A nossa vida, educação e experiências, até agora nos proporcionam uma série de gostos, vontades e habilidades” (Anexo 2, categoria 10.1, item 10). Quando o sujeito afirma que *não somos homens apenas*, está se referindo a idéia de que o homem, a princípio um ser biológico, se constitui enquanto ser sócio-histórico através das relações sociais.

Há, portanto, uma compreensão ativa e dinâmica da constituição da escolha profissional, podendo-se afirmar que isto, possivelmente, seja um ganho ocorrido a partir da participação no programa. Nele se questiona a naturalização das diferenças individuais, cuja explicação recorrentemente se faz, no senso comum, pelos atributos naturais e hereditários. Além disto, aparece a compreensão de que o indivíduo se constitui de forma singular, na apreensão do social. Para exemplificar, repete-se uma afirmação de Ana (S7): “... o que vivemos e escolhemos é, sem dúvida, nosso, mas tem a participação de vários outros fatores externos a nós. Educação: ou forma como se é criado, os valores que são passados, o modo como se encara a vida, são aspectos que fazem parte do eu, dados pela educação e que participarão, direta ou indiretamente, da escolha profissional” (Anexo 2, categoria 10.1, item 7).

Os dados, entretanto, não permitem que se atribua unicamente ao programa de orientação profissional o avanço na compreensão da multideterminação do ser humano e nem que todos os sujeitos saiam dele com esta visão. O que se pode afirmar é que o programa possibilitou a catalisação da reflexão e a apropriação, por parte do sujeito, da questão, relacionando-a com a escolha profissional. Isto pode ser verificado quando os sujeitos avaliam que o programa ajudou a “organizar e centralizar as idéias” (ver, Anexo 5, categoria 5, principalmente itens 7.1, 7.9 e 10.2). Estas expressões serão mais bem avaliadas abaixo.

A sociedade, a que se refere neste item, é uma forma de expressão que se utiliza para incluir os vários *agentes sociais* que participam da vida do sujeito: a família, os meios de comunicação (tv, rádio, jornais e revistas, internet), os grupos de iguais, a economia, a escola, o clube, a indústria cultural, etc. Pode-se dizer que todas fazem parte da escolha profissional, ao criar expectativas e transmitir valores e informações. A tarefa do sujeito é refletir a respeito dessas expectativas e informações, a que se dá o nome de

determinantes, para elaborar seu projeto que acontecerá dentro desta sociedade, mesmo que se questionem os valores considerados dominantes.

7.3) Sobre a escolha profissional atual

Os dados analisados permitem o afloramento de algumas questões importantes de serem debatidas. Uma delas é que, observando-se a trajetória de vida, e a profissional em específico, verifica-se que as profissões escolhidas pelos sujeitos já tinham sido citadas como alternativas, no início do programa de orientação profissional.

A maioria dos sujeitos pesquisados inicia o programa de orientação profissional apontando uma, duas ou no máximo três profissões diferentes (ver Tabela 2). Entende-se que a qualidade de uma decisão profissional não está diretamente ligada à quantidade de possibilidades que o indivíduo se coloca. Isto é, um indivíduo não está em pior situação de escolha se está em dúvida entre muitas ou poucas profissões. Da mesma forma, não é um grande número de profissões que indica a necessidade de orientação profissional para o sujeito. Afirmar-se por uma única possibilidade pode ser tão difícil quanto ter que se decidir dentre muitas profissões.

O número de opções, no momento da entrada no programa, pode ser explicado pelo fato que a escolha profissional se constitui como processo. Não se inicia na hora de prestar o vestibular ou no momento em que se termina um ciclo de estudo. Pode-se afirmar que se inicia muito cedo e dura a vida inteira. O que ocorre é que, em alguns momentos, exige-se da pessoa uma clara tomada de posição. Neste momento, a pessoa deve estar em condições de realizar sínteses do processo já vivido para efetuar projetos. Portanto, quando a pessoa chega a um processo de orientação profissional, ela já percorreu um caminho e, de forma assistemática, já entrou em contato com a questão. Isto pode estar relacionado com o fato de que aponta que os sujeitos terminam o programa de orientação profissional escolhendo, em quase todos os casos, uma das profissões que já havia colocado como possibilidade, no início do programa (ver Quadro 2).

Como os dados evidenciaram, a decisão dos sujeitos, ao final do programa de orientação profissional, se dá dentre uma das profissões que ele pensa ou já pensou como alternativa em algum momento de sua vida. Isto pode ser assim entendido: as

pessoas constroem imagens sobre as profissões, ao longo de sua vida; no momento da escolha, que é determinado socialmente, estas imagens são mobilizadas e, a partir de identificações do sujeito com elas, as decisões são estabelecidas, comprovando o que foi discutido no item 4.1 do Capítulo 4, quando se abordou a compreensão da aproximação das pessoas às profissões, presente na concepção do programa de orientação profissional.

Nas entrevistas realizadas com os cinco sujeitos selecionados observaram-se depoimentos que foram categorizados como **identificações com pessoas ou personalidades ou situações** (Anexo 4, categoria 1) e **experiências anteriores relacionadas à escolha atual** (Anexo 4, categoria 2). Estas duas categorias demonstram que os sujeitos, no transcorrer de seu desenvolvimento, entram em contato com várias profissões e atividades, formando imagens a respeito delas. Neste trabalho, utiliza-se o termo *cara* para caracterizar melhor estas imagens, significando que a imagem é apropriada pelo sujeito que a formata de um modo singular. Portanto, as profissões têm *cara*! Não uma *cara* que identifica necessariamente uma pessoa conhecida, mas uma *cara* que é síntese de vários contatos e experiências. O caso de **Gabriel** (S5) pode ser utilizado para demonstrar o que se está falando. Nada pode ser considerado mais corriqueiro que o fato do sujeito, quando pequeno, acompanhar de bicicleta o pai que se exercitava através de corridas e que era um adepto dos esportes. Mas, apesar de corriqueiro, provavelmente, a *cara* de uma pessoa que “mexe” com educação física começava a se formar naquele momento. Mais tarde, Gabriel começa a fazer *mountain bike*, chegando a ser federado, participando de competições oficiais, mas se sente obrigado a parar de competir porque a prática estava comprometendo seus estudos. Aqui, a ótica de classe parece marcar a decisão. Se oriundo de uma classe social mais baixa, é quase certo que a decisão seria outra, não existindo a menor dificuldade de abraçar a carreira desportiva em detrimento ao prosseguimento dos estudos. Nesse meio tempo, conhece um treinador (um técnico) responsável por uma equipe de *triathlon* (que reúne três modalidades, o ciclismo, a corrida e a natação), que o convida a participar da equipe para “puxar” o ritmo dos atletas na modalidade de ciclismo. Com isto também começa a correr e a nadar. O sonho na época, ou seja, a *cara futura* era ser ciclista profissional na Europa, região que dá grande valor a este esporte. A *cara* que Gabriel forma a respeito de profissionais que mexem com aquilo que lhe interessa,

provavelmente é resultado de todas estas experiências. Quando chega ao programa, o sujeito se diz em dúvida quanto à sua escolha profissional, principalmente em função da precariedade e das dificuldades do mercado de trabalho. Percebe até um certo preconceito de seus colegas que brincam com ele, considerando a profissão como algo menor, em comparação com as profissões *intelectuais* e/ou de *alto status social* que os outros pretendem. Isto também participa da construção da *cara* da profissão para o sujeito. No programa de orientação profissional, Gabriel retomou e reavaliou a *cara* que pôde construir, podendo tomar sua decisão e realizar projetos. Desta forma, começa a construir a sua *cara* da profissão de educador físico. O participante conta que, a cada sessão do programa de orientação profissional que participava, percebia que se aproximava mais e mais da área de educação física, apesar de dizer que sempre tentava negar o fato, buscando outras alternativas.

São nas situações, inicialmente corriqueiras, que as *caras* começam a ser formadas. Saliente-se que o mesmo ocorre com profissões que não serão consideradas e que, portanto, propiciam a formação de *caras* menos interessantes ou até negativas. Isto provavelmente ocorre quando Gabriel desiste das competições para dedicar-se mais aos estudos secundários: provavelmente a *cara* de uma profissão não universitária deve ter pesado nesta decisão.

Portanto, pode-se afirmar que as *caras* que o indivíduo forma a respeito de quase todas as profissões resultam de contatos diretos ou secundários com pessoas, fatos e situações, incluindo a visão social que a profissão alcança no meio social em que a pessoa vive.

A informação profissional pode ajudar o participante a perceber que a profissão apresenta outras facetas que até podem vir a interessar. A informação a respeito das profissões também pode facilitar a *transferência* da *cara* para outras profissões que não as pensadas anteriormente. Por exemplo, transferir a *cara* que a pessoa formou a respeito da Arquitetura para Desenho Industrial poderia responder mais aos anseios da pessoa apesar de ser uma profissão menos conhecida.

Mas se os sujeitos acabam escolhendo alguma profissão que já haviam pensado, qual seria, então, a função de um programa de orientação profissional? Um programa de orientação profissional não deve propor como objetivo a *descoberta* de novas profissões

para o sujeito. Um programa de Orientação Profissional se constitui, e deve se constituir, como um conjunto de intervenções que visam à apropriação dos chamados determinantes da escolha. Estes determinantes é que levam à compreensão das decisões a serem tomadas e possibilitam a elaboração de projetos. Através dos dados obtidos, tem-se condição de afirmar que o programa de orientação profissional, objeto da presente investigação, cumpre essa função como já se pôde observar pelas análises até aqui realizadas.

8) CONCLUSÕES

Os dados obtidos na presente investigação, permitem afirmar o sentido positivo dado ao trabalho de orientação profissional vivido pelo sujeitos. Independente da avaliação do significado de suas participações no programa, realizada após seis anos de sua vivência, verificou-se que os participantes construíram suas decisões levando em conta um número muito maior de determinações, além de uma melhor qualidade nas análises das mesmas.

Na situação inicial de participação no programa, a experiência escolar era tida como determinante seguro para a escolha de uma profissão; as habilidades de leitura e escrita eram apontadas como uma qualificação para o indivíduo continuar seus estudos em nível superior e também indicavam a área de humanas como possibilidade de escolha - imaginava-se que só um profissional dessa área precisasse ou necessitasse de tais habilidades; o mercado de trabalho só era analisado quando se identificavam restrições para a efetivação da escolha; a profissão de Administração de Empresas era considerada alternativa para quem não conseguisse escolher de fato o que queria; a família neste momento, não aparece como limitadora ou facilitadora de decisões - os sujeitos observam as experiências profissionais de seus familiares (pais, irmãos, avós) e se questionam se deveriam ou não fazer o mesmo caminho.

Quando o sujeito termina o programa de orientação profissional, estas categorias são retomadas, mas assumem outras características. Um número maior de elementos é considerado em cada uma e nenhuma delas é tomada como a mais importante.

A experiência escolar não é entendida mais como “a fundamental” e se relativiza sua importância na decisão. O participante demonstra compreender que as aproximações e afastamentos das disciplinas curriculares são mediadas por uma série de circunstâncias que vão desde a empatia estabelecida com o professor, passando pelo conteúdo selecionado e a didática utilizada, pelo grupo de iguais, até a valorização social que se dá à disciplina, tornando histórico e, portanto, passível de mudança, o gosto por elas. Por outro lado, a profissão não é entendida como a somatória das disciplinas escolares.

Neste momento, outras habilidades são consideradas, além da leitura e da escrita, mas não se estabelecem comparações entre perfis profissionais e pessoais. Há, portanto,

uma ampliação do entendimento das habilidades humanas: mais alternativas são consideradas e se têm condições de avaliar se são ou não valorizadas pela sociedade. Além disso, os dados demonstram que os sujeitos compreendem que tais habilidades são construídas na história pessoal de cada um, desenvolvidas dentro do contexto mais amplo. Portanto não são inatas e, por isto, podem ser modificadas, melhoradas ou substituídas.

Quanto ao mercado de trabalho, os sujeitos percebem sua dinâmica, entendendo que ele não pode ser tomado como dado estático. Tal como as profissões, o mercado de trabalho é datado e contextualizado e, por isto, varia de acordo com as contingências econômicas, regionais, nacionais e até internacionais, respondendo às políticas econômicas, educacionais, empresariais e sociais traçadas nas varias instâncias.

Além destas categorias, como já se viu na apresentação dos resultados, outras são consideradas, mas que não foram citadas pelos participantes no início do programa de orientação profissional. Tais categorias podem ser tomadas como consequência da ação do programa, sendo incorporadas no repertório dos indivíduos para a tomada de decisão.

Como exemplo disto, tem-se a reflexão a respeito de valores sociais e individuais que é trazida para discussão, considerando os valores como elementos que participam da decisão profissional. À discussão a respeito de valores se acrescentam outros elementos, modificando a visão empobrecida inicial da escolha por uma profissão que apenas geraria realização pessoal ou satisfação financeira. Entretanto, já se avaliou anteriormente a baixa menção de perspectivas mais sociais na escolha e no desempenho da profissão. No entanto, os valores constituem-se como mais um dos determinantes da escolha profissional.

Os meios de comunicação, as questões de gênero e o que foi denominado de sociedade, além da família e vestibular, categorias já mencionadas, são observados como instâncias que participam da escolha profissional dos sujeitos. Não são meras influências, como as abordagens tradicionais concebem, que deturpariam a visão da verdadeira essência da vocação mais original do sujeito. Os participantes do grupo de orientação profissional percebem que estas instâncias fazem parte da socialização do indivíduo e de sua constituição como sujeitos. Participam na construção dos interesses e habilidades, bem como das características de personalidade. Por isso, os sujeitos

percebem a historicidade de seu modo de ser, entendendo que a própria pessoa pode interferir nesta construção. Desta forma, o programa parece contribuir significativamente para que os sujeitos neguem a infalibilidade dos argumentos inatistas e a idéia de destino, colocada pelos preceitos do biológico sobrepujando o social.

Portanto, os dados sugerem que o programa de orientação profissional, além de contribuir para incorporar novos aspectos (determinações) à reflexão que os orientandos fazem com a finalidade de escolher a profissão, ajuda na superação de preconceitos, superando análises superficiais e restritivas, possibilitando, enfim, uma leitura mais complexa e completa da realidade na qual estão imersos.

Os próprios sujeitos, ao avaliarem sua participação no programa de orientação profissional, como já apontado na apresentação dos resultados, valorizam, antes de tudo, a reflexão que o programa propicia. As expressões utilizadas para se referir a isso são emblemáticas: “*parar para pensar; organizar ou centralizar as idéias; por as idéias em ordem*”. Aqui se está valorizando muito mais o processo do que o resultado. *Parar para pensar* significa interromper a dinâmica do dia a dia para se apropriar reflexivamente daquilo que se viveu até aquele momento. Portanto, não há descobertas mirabolantes; não se está procurando aquilo que o sujeito desconhece para afirmar uma nova possibilidade. Retoma-se o que se viveu, de forma organizada, e sobre isto há a possibilidade de realizar projetos. Isto, porém, não é algo que só se possa desenvolver em programas institucionalizados; também é um processo que pode ser realizado pelo próprio indivíduo, de forma independente: afinal, a maioria das pessoas, neste país, escolhe sua profissão sem passar por quaisquer programas de orientação profissional. Mas o grupo de participantes pesquisado valoriza exatamente o processo, pela sistematização que ele propicia. Colocar as *idéias no lugar* representa exatamente isto. As *idéias* existem e são do sujeito, mas estão difusas e pouco claras. Quando o programa de orientação profissional propõe, por exemplo, a discussão sobre o mercado de trabalho, “*gasta-se um tempo*”, como diz um participante do programa, entrevistado por telefone, para analisar todas ou muitas das informações que se tem sobre o assunto. Feita a discussão e o aprofundamento, o participante tem condições de posicionar-se, quer mantendo sua visão original, quer alterando-a, em função de argumentos mais

consistentes discutidos no grupo. Isto, segundo o que se pode concluir, é *organizar as idéias*.

A orientação profissional, na abordagem sócio-histórica, não entende o conflito ou a dúvida como uma patologia, e por isto não é e nem deve ser direcionado só para aqueles que não conseguem decidir-se, quer porque apresentem conflitos *psíquicos*, quer porque sejam desinformados ou imaturos. *Parar para pensar* é mais do que isto: significa apropriar-se de tudo aquilo que rodeia o indivíduo, e que já foi internalizado, para realizar projetos que incluem desde transformações pessoais até, porque não, a luta por transformações mais amplas, sociais e econômicas.

A escolha profissional resulta de um processo, mas é efetivada num dado momento, estabelecido sócio-culturalmente. O momento da escolha profissional não acontece em função de um pressuposto amadurecimento bio-psicológico do indivíduo, mas é determinado pela cultura educacional/profissional de uma classe social e/ou de uma sociedade. Hoje, para as camadas médias, no Brasil, o momento da escolha de uma profissão se dá ao final do ensino fundamental ou quando conclui o ensino médio, ocasiões em que o jovem é considerado apto (no sentido jurídico do termo) para se engajar no mercado de trabalho e/ou num curso secundário de nível técnico³⁹, ou a prestar vestibular. Mas para as classes baixas, o momento já não se dá de forma tão clara, isto é, não há um marco tão nítido que aponte o momento de pensar sobre o assunto. A urgência da sobrevivência física se sobrepõe a qualquer reflexão. Mas isto não quer dizer que não se defenda a Orientação Profissional para todos. Junto com a escolarização universal de qualidade, todos deveriam ter a oportunidade de *parar para pensar e organizar as idéias*, isto é, todos devem ter direito de elaborar e realizar projetos.

Entendida dessa forma, a Orientação Profissional deixaria de ser privilégio das classes dominantes. Defende-se aqui o direito de todos passarem por processos de Orientação Profissional. A Orientação profissional não deve se constituir como

³⁹ A última reforma do ensino promovida pela LDB, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, altera a sistemática da formação profissional de nível médio. O Artigo 5 do decreto que regulamente a educação profissional diz: “A educação profissional de nível técnico terá organização curricular própria e independente do ensino médio, podendo ser oferecida de forma concomitante ou seqüencial a este” (decreto n.º 2.208, de 17 de abril de 1997), diferente de como era antes, quando o jovem ao final da 8ª. série tinha que optar entre um curso propedêutico ou técnico.

intervenção clínica⁴⁰ para poucos, mas processo de síntese geral, condição necessária para a elaboração de projetos tanto individuais quanto coletivos.

A abordagem sócio-histórica, mostra-se como valioso fundamento para o programa analisado. As concepções de construção da subjetividade ajudam a clarear o sentido do trabalho examinado nesta investigação. Junqueira (s/d) aponta que o homem “... e [a] sociedade vivem ... uma relação de mediação, em que um expressa e contém o outro, sem se diluírem, sem perderem sua singularidade. Dessa forma, temos como tarefa da psicologia a busca deste indivíduo na sua singularidade, internalizando e expressando sua condição histórica e social, sua ideologia e as relações vividas.” (p.4)

Sirgado (2000) reafirma a concepção apontando que “...a corrente sócio-histórica concebe o psiquismo humano como uma construção *social*, resultado da apropriação, por parte dos indivíduos, das produções culturais da sociedade pela mediação dessa mesma sociedade. ... A apropriação implica um processo de *interiorização* das funções psíquicas desenvolvidas ao longo da história social dos homens. A interiorização ocorre numa rede complexa de inter-relações que articulam a *atividade* social dos indivíduos”. (p.38) Assim, a subjetividade, incluindo habilidades e interesses, é forjada na dialética das relações sociais internalizadas. Portanto, a subjetividade é histórica e por isso passível de transformações. O programa de orientação profissional acredita profundamente nesta concepção, procurando sempre historicizar o que a ideologia dominante considera natural ou inato na sociedade e no ser humano.

A linguagem, através da palavra, é considerada a peça fundamental do pensamento. Para Vygotsky, repetindo uma citação já utilizada nesta dissertação, a “...relação entre o pensamento e a palavra não é uma coisa mas um processo, um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra, e vice-versa.... O pensamento não é simplesmente expresso em palavras: é por meio delas que ele passa a existir.” (Vygotsky, 1993, p.108) “O pensamento e a linguagem, ... são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana. As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana.” (Vygotsky, 1993, p.132) O programa de orientação profissional valoriza a palavra,

⁴⁰ Logicamente alguns casos necessitam de intervenção clínica e devem ter o direito de serem assistidos.

porque entende que ela expressa o pensamento e ao mesmo tempo o constitui. Os registros utilizados nesta pesquisa demonstram isto: quase tudo que se vivencia é mediado pela palavra, oral ou escrita. A escrita possibilita organizar o pensamento e ao mesmo tempo transformar o próprio pensar. “O significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer que se trata de um fenômeno da fala ou um fenômeno do pensamento.” (Vygotsky, 1993, p.104)

Finalizando, considera-se importante reafirmar a tarefa fundamental de um programa de orientação profissional de base sócio-histórica. Um programa de Orientação Profissional constitui-se, e deve se constituir, como um conjunto de intervenções que visam à apropriação dos chamados determinantes da escolha. Estes determinantes é que levam à compreensão das decisões a serem tomadas e possibilitam a elaboração de projetos. Não se deve trabalhar apenas com os elementos trazidos pelos alunos, mas propor um avanço na compreensão dos determinantes, colocando novos conteúdos que permitam a ampliação desta compreensão. Com base no conceito de desenvolvimento proximal de Vygotsky, utiliza-se a expressão *programa*, e não apenas Orientação Profissional, para este tipo de intervenção. Isto para deixar claro que existem objetivos, que é organizado em etapas, que pressupõe procedimentos de intervenção e avaliação, e é fundamentado numa dada visão filosófica, política e psicológica de ser humano. Trata-se de um trabalho de cunho educativo mas que não deixa de se constituir como intervenção para a *promoção de saúde*, na medida em que trabalha com o indivíduo a partir de suas relações sociais buscando compreendê-las e transformá-las conforme propõem Aguiar e Bock (1995).

A melhor escolha profissional é aquela que consegue dar conta (reflexão) do maior número de determinações para, a partir delas, construir esboços de projetos de vida profissional e pessoal. Utiliza-se o termo projeto para firmar a possibilidade da transformação/mudança da pessoa e, porque não, também de toda a sociedade na qual ela está inserida.

S	1) Identificações com pessoas ou personalidades ou situações
	dele. Fui encontrar um técnico, ..., trabalha aqui {na escola de natação}, bem eu tinha 16 anos. Aí eu encontrei com ele, ele me deu toda a assessoria possível, ele estava no começo da carreira e foi até legal, eu dei uma super ajuda para ele e eu gostava muito de treinar, vivia um pouco esse meio, que acho que as vezes importa muito nessa escolha profissional, o meio que você está vivendo, as vezes influencia muito. Então vivia muito esse meio, gostava, então eu passava o dia inteiro com as pessoas, meus amigos assim, eram professores de educação física, o professor de natação era amigo meu, e isso de alguma forma me iluminou
5.5	Seu eu fosse para Europa eu poderia ser um ciclista profissional. É uma coisa, Não que eu gostaria de ser, mas me fascina ainda...eu adoro ter provas...eu ligo a televisão vejo voltas na Europa. Voltas ciclísticas da França. Sei que eu não tenho mais condição de ser profissional...
7.1	eu ia ser jornalista, meu pai era, sempre admirei ele, então eu ia fazer aquilo
7.2	{porque foi para o Jornalismo e não apareceu a Pedagogia ao terminar o colegial} Porque eu estava completamente vidrada na profissão de meu pai...eu sempre estava com ele, ele sempre estava corrigindo meus trabalhos, eu gostava de ler os livros dele,
7.3	no último ano da escola eu comecei a participar do jornal da escola, porque eu acho que isso meio que influenciou, só que foi uma...eu transporte aquele universo tão pequeno da escola para uma coisa muito maior que não tem nada a ver. Eu estava lá envolvida, participava da produção das matérias, de montar um jornal, diagramar e tal...achava tudo isso muito interessante. E talvez meio que por meio influencia disso eu tenha reafirmado minha escolha. Na nossa conversa eu não tinha me lembrado disso.
7.4	{quando entrou no programa pensava também em} psicologia acho que um pouco por influência de minha prima que me contava as coisas {a prima fazia ESTE curso}
7.5	Eu lembrei de algumas coisas. Quando eu estava na escola, eu lembrei que eu pensei em fazer Psicologia, acho que realmente por influência da minha prima, e depois na hora de fazer a escolha para o vestibular, acabou que eu escolhi o jornalismo mesmo. Lembro que a idéia da Psicologia veio junto com a de Jornalismo, não veio depois quando eu fui para o Programa, ou depois que eu larguei o Jornalismo que eu teria pensado em Psicologia ou na Pedagogia.
7.6	o meu professor de literatura eu adorava, adoro...O {professor}, nossa, bacana ele é até filho de um crítico literário...muito bacana, gostava muito dele.
7	{você acha que o fato de eu ser pedagogo interferiu na sua decisão?} não, acho que não... eu já cheguei...eu não me lembrava disso....eu já cheguei cogitando dessa possibilidade. Eu acho que a conversa que eu tive com você foi muito no final, pelo que eu me lembro. Porque eu acho que não pensava na Pedagogia com esse tipo de trabalho que você faz...pensava com uma coisa mais escolar mesmo. Então talvez isto não tenha ligado muito
7	acho que a situação que eu vivi, trouxe um pouco isso, estar no programa...e eu acho que foi interessante para mim estar com pessoas que eram mais novas, porque eu me via muito neles. Como é realmente difícil você se decidir e para mim não foi tão difícil, estava mais difícil depois da segunda vez, decidir, procurar alguma coisa e talvez se eu tivesse procurado, tido conhecimento do programa antes,
7	{sua mãe era professora} minha mãe é formada em Letras e fez mestrado em Jornalismo ela foi professora da Eca... e ela falava, não você não vai gostar. Não mãe eu quero fazer Jornalismo, e ela não falava assim, você não vai gostar de Jornalismo, ela falava você não vai gostar de lá, da Eca. Você não vai gostar dos professores, quando eu sai, ela disse, pois é eu disse para você, eu conheço todas aquelas pessoas que estão lá e eu conheço você. Eu sabia que você não ia gostar, mas eu precisava ver isso.
7	{então vamos pensar um pouco, quer dizer você tinha uma boa relação com os professores, você citou o professor de literatura}, como uma pessoa importante, especificamente, tem outros professores também} ele é demais, fiquei bravíssima com ele porque ele não foi no meu casamento, fiquei P. da vida, mas enfim, gosto muito dele.

S	1) Identificações com pessoas ou personalidades ou situações
7	meu pai virou jornalista do Estadão, na época não existia curso. Minha mãe fez artes Plástica, ela não tinha nenhuma dúvida...ela entrou fazendo isso, terminou..
7	quando eu voltei para a minha escola...ah estou fazendo Pedagogia...um professor que eu gostava muito, falou: que desperdício, vai ganhar tão pouco, você poderia fazer alguma coisa que desse mais dinheiro. Você é tão brilhante. Eu falei...não deu, fui imitar vocês.
7	Até hoje eu tenho tristeza de ter saído da escola.. Meu pai fala...você quer ficar criança para o resto da vida..
7	{encontre o meu professor de literatura do colegial} Ele me disse, eu me vendi...você sabe quanto eu ganho para escrever só uma apostila? Mais do que meu salário por mês da escola (X)
8.1	Mas aconteceu, que no segundo semestre eu tive um professor que foi muito bom, em Arquitetura, e que o trabalho foi muito legal. Eu acabei realmente me empolgando
8.2	Eu tinha vários amigos na Arquitetura...talvez isso tenha me segurado um pouco mais lá. Eu poderia, talvez, ter tido a decisão antes, mas eu tinha vários amigos na arquitetura, então as coisas boas que tinha na arquitetura, que eu gostava, eu tinha vários amigos para compartilhar e que me ajudavam a ver.
8.3	Neste ponto aqui na identificação com pessoas ...eu achei que neste 2o. trecho, que diz que eu tinha vários amigos na arquitetura, na verdade por eu ter vários amigos na arquitetura, eu estar bem, assim...já estar estabelecida, era uma situação muito cômoda...e talvez seja por isso que foi tão difícil sair da faculdade.
8.4	Aproveitei, procurei médicos conhecidos. Inclusive, meu padrinho é médico, clínico geral. Bati um papo com ele, para também não entrar de cabeça numa coisa
8	você faz uma idéia da carreira, que as vezes não condiz com o que você vai fazer na profissão. Então, eram duas carreiras que me atraíam muito, só que eu não tinha a vivência, não tinha tido informações a mais sobre a profissão mesmo
8.5	acho que na Medicina eu encontrei algo que eu sempre quis. Que seria, de alguma forma fazer diferença assim...poder ajudar pessoas.... {fazer diferença}, você ter algo significativo, de ter ajudado muita gente. Acho que na Arquitetura eu não teria isso, essa satisfação de poder ajudar pessoas que precisassem. É aquilo que eu estava falando no começo...na verdade na Arquitetura, quem te paga...você trabalha para quem tem dinheiro, a menos que você faça Urbanismo, que não era o que eu queria. Então...a sensação de utilidade...na Medicina você...poder fazer diferença para uma pessoa, entendeu? Porque por mais que você dê conforto, na Arquitetura...você dá conforto à uma família...não é...acho que uma pessoa pode viver sem um Arquiteto, no sentido de que, para você morar numa casa, você pode morar sem ter tido um Arquiteto para fazer...é lógico se tivesse um Arquiteto ia ser uma casa melhor, ou um escritório melhor. Agora, na Medicina eu vi a possibilidade de poder fazer a diferença à uma pessoa...então poder estar ajudando e estar sendo útil. Foi o principal...foi a principal coisa que me fez ver que ...me voltar mais para Medicina.
8.6	{você falou que tem um padrinho médico. Você tinha contato com ele?}... bastante.... {desde a infância?} ... é, na verdade ele é o médico da família toda... {é parente também?}... ele é meu primo. Ele é a quem todo mundo recorre e ele sempre foi um exemplo para mim. Sempre que eu pensei Medicina eu tive a imagem dele. Porque ele é um médico...é clínico geral...só que um clínico geral daqueles que sabe de tudo. Que tem...o que hoje estão preconizando como médico de família, ele era da família e funcionava como médico de família.
8.7	Minha primeira professora de artes, lá, que foi a Amélia, que foi que introduziu a arte. A gente tinha...tudo referente... as aulas de educação artística era com ela. A gente tinha música, tinha teatro, tinha arte mesmo, tinha tudo com ela. Acho que foi com ela que a gente aprendeu a ver diferente
8.8	{então, você acha que seu gosto pela arquitetura foi aumentado em função de um bom número de amigos estarem se dirigindo para Arquitetura? } pode ser. Acho que por ver assim...como eu gostava dessa parte de Artes e eram outras pessoas que também gostavam....que a gente

S	<p>1) Identificações com pessoas ou personalidades ou situações</p> <p>discutia...gostava de sair junto para ir em exposições. Então eram pessoa com gostos muito parecidos. Então talvez isso tenha influenciado...ah, eu também quero arquitetura então deve ser isso mesmo, já que me dou bem com ele. Gosto de fazer este tipo de programas com eles, gosto de discutir com eles, então...inclusive uma das pessoas que fez arquitetura comigo na FAU era amiga de muitos anos e a gente sempre teve gostos muito parecidos. A gente discutia muito isso, porque ela também pensou em Medicina, então a gente discutia muito...o que é legal em arquitetura e em medicina no final uma influenciou a outra. Só que ela continuou.</p> <p>{você falou que teve muito contato com ortopedista.} muito não, tive contato. Eu sempre treinei natação competitivo e eu tinha muita tendinite, muitas lesões...no ombro, em joelho. Então ortopedista era a o consultório que eu mais passava.</p> <p>{e isso também te fez olhar a Medicina?} eu não sei, por isso acho que não... pelas lesões. Mas é um médico que eu também tinha um grande carinho um médico que eu via também como um exemplo médico. Aquele médico que senta e não está nem aí se tem que pegar 10 pacientes naquele dia...sentava...conversava tudo o que tinha que conversar, mesmo que levasse horas, examinava tudo. E isso é sempre o que eu achei o que deveria ser um médico. Acho que só reforçou a minha imagem de um bom médico. Não que eu contasse com muitos médicos que tenham me feito escolher...acho que não.</p> <p>{falando sobre o erro na escolha} inclusive tinha uma menina no grupo, ela estava fazendo jornalismo e queria mudar...ah, então paciência. Se for para dar certo vai dar certo se for para dar errado dá errado... a experiência dela {foi importante para você?} Acho que sim. Se for para acontecer de dar errado, vai acontecer. Mas eu vou escolher aqui, mais ou menos isso que me ajudou aqui. Não que minha decisão seja diferente, mas talvez eu tivesse menos segurança.</p>
10.1	<p>e eu lembro da minha escolha que tinha sido na época que foi Administração Hospitalar. E hoje, eu acredito, que eu sei porque eu tinha escolhido Administração Hospitalar: foi por causa daquele filme do Harrison Ford, o Fugitivo, que tem uma cena do hospital em que ele chega...e eu curti aquela história ...e eu não queria estudar Medicina, mas curti o clima de hospital</p>
12.1	<p>as pessoas falando ... amigos brasileiros lá em Genebra, pessoas que a gente conheceu nos cursos de francês, comunidade brasileira que se junta fora do Brasil. E aí era uma mulher que não tem grande significado na minha vida e na vida da família, mas eu lembro dela falando isso</p>
12.2	<p>meu pai sempre trabalhou meio que em empresa. A coisa da Administração vinha carregada dessa história de uma remuneração acima da média e de repente a coisa hospitalar vem com essa perspectiva de administração voltada para o outro e não voltada para a grana.</p>
12.3	

Categoria 2 - Experiências anteriores relacionadas à escolha atual

Inclui depoimentos transcritos que fazem referências a experiências que o orientando viveu durante o transcorrer de sua história que mantêm alguma relação com sua escolha profissional.

S	<p>2) Experiências anteriores à escolha atual e que explicam esta escolha</p> <p>eu sempre...gostava de atividade física, mas não tinha uma coisa que eu gostasse assim. De repente achei o ciclismo....e de repente falei: é isso aí que eu gosto....eu nasci para isso. Geneticamente acho que eu sou... competi durante um ano ou mais.</p>
5.1	<p>O que sempre me chamou a atenção foi que eu sempre gostei de esporte, sempre fui um cara voltado para a área...eu era atleta, aos 16 anos eu competia muito</p>
5.2	<p>af eu tive contato com um treinador, no começo eu só treinava sozinho, chegou uma certa época eu não tinha mais como crescer como atleta, e</p>

S	<p>2) Experiências anteriores à escolha atual e que explicam esta escolha</p> <p>resolvi procurar alguém da área que me ajudasse, que desse uma colaboração para eu estar melhorando.</p> <p>na verdade minha parte esportiva eu comecei com mountain bike, fazia o campeonato paulista de mountain bike. Esse técnico, o ... ele era técnico de triatlo. Então eu entrei lá para fazer mountain bike e saf fazendo triatlo. Você acaba convivendo no meio, aquela coisa, então me voltei para o triatlo. Eu gostava, de natação, corrida e ciclismo.</p> <p>é, eu fui federado durante 1 ano. Eu competi no campeonato paulista de mountain bike, que, na época, era o mais forte do Brasil e eu estava federado pela federação paulista de ciclismo que...eu peguei o nono colocado naquela época. Só que eu estava no 3º. colegial, competia, mas aí acabou o bicho pegando, porque eu eu competia ou eu me formava, porque {nome da escola} não é fácil, é puxado. Então começou a cair um pouco o rendimento no colégio, não foi imposto pela minha família. Eu que falei, não, eu vou estudar...para conseguir fazer melhor a ... no triatlon...eu fiz o triatlon...como eu vinha com uma base muito forte de pedal, o {treinador de triatlon}, me mandava puxar os atletas, o que é puxar? No treino de ciclismo eu ia forçar o ritmo dos caras, eu ia na frente, socando...e os caras tentando chegar...aí você acaba conhecendo o pessoal do meio e aí o {treinador}: oh, amigo, eu queria que você nadasse, porque é bom para o condicionamento físico geral, ah você está ficando com a pernas muito grossa, está faltando tronco...você acaba nadando...aí fala, vai dar uma corridinha lá, de leve... quando você percebe você já está lá no meio.</p> <p>eu pedalava no meu sítio, isso com 14 anos, mountain bike, numa bicicleta toda mexida que eu tinha, pedalava no meio do mato.</p>
7.1	<p>eu questionava na faculdade que era o descaso dos professores, uma falta de compromisso, um estrelismo demais...uma falta de compromisso com a educação que me empurrou a fazer, a cogitar fazer Pedagogia</p>
7.2	<p>Eu eu ficava sempre recorrendo a minha formação do colegial, que eu gostei muito da escola que eu estudei, dos três anos do colegial que eu fiz e eu ficava pensando, puxa, porque não poderia ser uma continuidade daquilo, porque não poderia ser tão bom quanto aquilo, né, um compromisso dos professores, preocupados. Eu entendi que meu problema era uma questão de questionar a educação mesmo, e que eu me interessava por isso, que eu queria buscar alguma coisa assim.</p>
7.3	<p>o que me impulsionou ao no final concluir que eu queria Pedagogia era esse questionamento que começou no curso de Jornalismo com o meu processo de educação. Eu lembrava do que eu tinha terminado, que era uma coisa que eu achava interessante, eu adorava minha escola, eu não queria sair de lá de jeito nenhum, foi difícil para mim, para poucas pessoas foi tão difícil sair de lá... claro, você está segura, você conhece as pessoas, mas eu gostava de estar lá, de aprender, do ambiente de aprendizado. E eu não encontrei isso lá no Jornalismo.</p>
7.4	<p>Eu gostava tanto da escola {atual ensino médio} que até voltei para fazer estágio, eu queria estar lá de novo, uma forma de reviver uma coisa que foi tão marcante para mim. Talvez eu tenha lembrado disso, tenhas pensado na Pedagogia e no final do curso eu tinha decidido, ah é isso mesmo. E eu não lembrava disso não.</p>
7.5	<p>Até hoje eu tenho tristeza de ter saído da escola.. Meu pai fala...você quer ficar criança para o resto da vida..</p>
7.6	<p>a escola {que estudou no colegial} não era uma coisa só de aprender as disciplinas, era uma coisa de formação da pessoa mesmo, que eu tive...eu gostaria que as pessoas conseguissem perceber isso, que fosse assim para todo mundo.</p>
8.1	<p>eu sempre fui uma pessoa que me dei bem na maioria das matérias, eu gostava da maioria das matérias, eu estava em dúvida entre várias carreiras das diversas áreas</p>
8.2	<p>na verdade eu percebi que eu gostava muito mais da Arquitetura como um hobby, como um conhecimento a parte, como você as vezes você gosta as vezes de ler livros de suspense ou gosta de ...eu sempre gostei muito de arte, de toda essa parte. Acho que muito por influência da educação na escola.</p> <p>porque na escola que estudei... sempre teve um incentivo muito grande à arte. Eu lembro que desde a primeira série a gente indo a museus. Em bienais, sempre. Na segunda série a gente foi ver uma exposição de Salvador Dali, coisas desse tipo, então é uma área muito valorizada lá dentro.</p>

S	<p>2) Experiências anteriores à escolha atual e que explicam esta escolha</p> <p>E acho que isso ajudou um pouco...porque como eu gostava da área era um jeito de aliar uma coisa que eu gostava à uma profissão. Só que não foi bem por aí, não é? {você lembra de alguém}...ah, tiveram várias. Minha primeira professora de artes, lá, que foi a Amélia, que foi que introduziu a arte. A gente tinha..tudo referente... as aulas de educação artística era com ela. A gente tinha música, tinha teatro, tinha arte mesmo, tinha tudo com ela. Acho que foi com ela que a gente aprendeu a ver diferente. Então eu lembro muito bem da exposição do Dalli, que a gente era pequeninha, 2ª série, que mexeu muito com o imaginário. Dalli é toda aquela coisa toda surreal, bem...para criança é fantástico. Porque mexe com toda aquelas imagens de sonho, surreais, então deu para fazer uma brincadeira legal com aquela exposição. Então eu lembro de a gente fazer um trabalho que era para fazer como se fosse um quadro do Dalli, mas com um sonho nosso. A partir de uma viagem nossa, então para mim aquilo foi uma das coisas que mais me marcou. E ela era muito alegre, muito...foi muito bacana. Acho que ela introduziu mesmo a arte para a gente. E depois a gente teve varias professores. Outra que teve foi a Antonieta que deu História da Arte para a gente e que...apesar de não gostar de ter que ler e fazer trabalho, era uma coisa que me interessava bastante...acho que...não sei se teve uma professora que tenha marcado mais, acho que foi um conjunto de coisas, que desde a primeira série até o 3º. colegial...de sempre estar colocando um pouco de arte no meio dos estudos. Então, no 2º. colegial a gente foi para Ouro Preto, fazer aquela viagem das cidades históricas de Minas e tinha a parte de Português, tinha a parte de Geografia, a parte de História e tinha a parte de Artes também, sabe embutido junto com tudo...então acho que sempre foi muito presente Artes...estar indo a exposições...criou interesse.</p>
8.3	<p>{no II grau}Eu gostava de educação artística. Na verdade toda a parte que eu uso hoje, que é Biologia, física, química eu sempre gostei muito e ia bem, mas do que história ou geografia.</p>
10.1	<p>em casa tinha computadores, meus pais usavam computador e quando pequeno eu gostava de usar. Não para fazer joguinho mas para mexer em computador, como funciona. É uma coisa que sempre me atraiu. Meu pais usavam computador para o trabalho. Mexo no computador desde os 10, doze anos. Eu conhecia um pouco de programação, porque eu lia livros que os pais traziam para casa, mas era bem superficial.</p>
12.1	<p>Mas eu sei que a escolha da psicologia....eu sempre fiz terapia, desde 7 anos de idade</p>

Categoria 3 - Dificuldades para a realização da escolha

Inclui depoimentos transcritos que apresentam as dificuldades reconhecidas pelo orientando para decidir sua profissão (antes, durante ou após a sua participação no programa de orientação profissional).

S	<p>3) Dificuldades para a realização da escolha</p>
5.1	<p>Na verdade eu nunca tive idéia do que eu ia fazer na vida, profissional...assim</p>
5.2	<p>eu sempre fui um cara inaturo</p>
5.3	<p>no meu caso, a escolha profissional foi uma grande luta contra os agentes externos. Então eu sabia que ia levar pedrada desde o começo. Não da família, mas de tudo, do sistema. Eu sabia que era um profissão dolorosa para ser feita, pensosa e que ia ter instantes que eu ia sentir que não era aquilo. Mas em todos os instantes que eu sentia aquilo eu lutava contra aquilo. Eu sabia no fundo que era aquilo que eu queria. Descobri outras profissões, fui até atrás dessas outras profissões mas eu sempre...vou continuar a faculdade, vou terminar...vou acabar a faculdade. Eu acabei até entrando num trabalho e cheguei até a pensar...não, não, acho que não vou conseguir fazer. Não vou acabar, vou trabalhar. Era uma coisa que eu tinha na cabeça: eu vou fazer Educação Física e eu vou ser um cara bem sucedido. Era engraçado essa afirmação que eu tinha, eu sempre lutei</p>

S	<p>3) Dificuldades para a realização da escolha</p> <p>muito por isso. Fui fundo na idéia...aconteceram milhões de coisas que me poderiam ter me feito parar. Mas eu fui...perseverança, muita perseverança...acreditei muito naquilo, você tem que acreditar no que faz antes de tudo...nunca deixei de acreditar. Vou terminar, vou fazer...acho que isso é o plano principal da escolha da profissão ...é você acreditar no que vai fazer...você sabe que vai ter muita coisa que vai te fazer mudar de idéia, por mais que você ame aquilo. Eu acho que tem muita coisa ao longo da faculdade, do serviço em si, do trabalho que vai te fazer pensar. Você tem que levantar a cabeça e vai embora.</p>
7.1	<p>Como você vai largar o jornalismo da USP, tão difícil de entrar... mas, para mim é mais difícil ficar do que sair, e daí prestei o vestibular, passei, fiz na USP também,</p>
7.2	<p>Na escola tinha muito poucas discussões sobre isso. Tinha, não vou falar que não tinha, porque alguma coisa tinha, mas era muito pouco, a escola não estava preocupada com vestibular. A escola estava preocupada em formar bem o aluno naqueles três anos. Quando eu entrei, lá só tinha o colegial. Formar bem lá, e isso era uma coisa dita, era uma coisa clara. Não estamos preocupados se vocês estão resolvendo as questões que caíram no vestibular do ano passado, nem era proposto isso e isso eu acho bacana, não é? Mas aí tem outra coisa, é bacana, mas quando você sai da escola você precisa buscar um cursinho, porque você tem que prestar o vestibular. Agora, não, agora mudou, você tem outros meios de entrar na universidade, mas se você quer fazer um curso superior, você tem que se virar...mas eu não me incomodei de fazer o cursinho, eu preferi fazer o curso bacana que eu fiz nestes três anos e depois fazer o cursinho que também me diverti, aprendi coisa que eu precisava para o vestibular, porque muita coisa ficou, coisas que eu esqueci mesmo. Então tinha muito pouco este espaço de discussão. Porque acredito que não era uma preocupação muito grande...aí nossos alunos tem que ter contato com todo o tipo de profissional, a gente tem que orientar, porque eles vão prestar o vestibular, não, a preocupação era formar bem naqueles três anos e depois...vamos ver o que vocês fazem com essa formação.</p>
8.1	<p>Eu lembro que se comentava que então eu prestaria numa faculdade, Medicina e na outra Arquitetura. Porque não tinha tempo para pensar mais, porque as inscrições, se eu não me engano, a gente acabou o curso na semana e no fim de semana já tinha que fazer a inscrição. Então na ocasião eu prestei na Fuvest Arquitetura e Medicina na Unicamp</p>
8.2	<p>eu acho que na verdade assim...eram duas coisas que eu tinha bastante atração. Ainda hoje eu gosto de estudar Arquitetura, ver, ir à uma exposição ou ver prédios...discutir, mas o grande diferencial é você ter contato com a carreira ou não. Talvez se eu tivesse tido mais tempo para escolher, talvez...se eu tivesse também cabeça para isso, teria procurado passar um dia ou num consultório ou num escritório de Arquitetura para ter noção exata do que é...não o geral, mas ver o que é trabalhar naquilo, porque eu acho que é isso que faltou. Talvez isso seja o que deixa gente mais perdido e tudo...você faz uma idéia da carreira, que as vezes não condiz com o que você vai fazer na profissão. Então, eram duas carreiras que me atraíam muito, só que eu não tinha a vivência, não tinha tido informações a mais sobre a profissão mesmo. Porque é diferente você ler num livro ou ler no manual, o que o profissional faz e na hora do vamos ver, ..ver in loco acho que faz diferença. Ver o ambiente do trabalho, o que você pode fazer dentro do consultório ou dentro de um escritório.</p>
8.3	<p>{abandonar a Arquitetura, foi fácil?} .. não! Eu acho que na verdade foi tão difícil que eu não consegui abandonar o primeiro ano. Na verdade eu fiquei segurando...ou um pouco antes, talvez não no primeiro ano, mas um pouco antes...aquele receio: mas eu vou abandonar...será que é isso mesmo? Será que eu não quero isso mesmo...então é aquele medo...então é muito mais cômodo você ficar no lugar, já está tudo certo, você está numa faculdade ótima. Aí, as vezes dá aquele medo de mudar mesmo, por mais que não esteja numa situação boa...mas acho que também é difícil cair a ficha de você...não é aquilo que você quer...você fica tentando falar...não, mas deve ser...deve ser apenas um desânimo, demora um pouco para você...</p>
8.4	<p>eu tinha aquela cobrança maior de passar numa pública porque eu já estava vindo de uma pública. Na minha cabeça...falei: pô como é que eu vou fazer agora meu pai pagar...eu estava numa faculdade pública, agora eu vou entrar numa privada, não é justo não é? e outra, eu vou me formar com 26 anos, antes disso vou estar dependendo exclusivamente de meu pai, então já é uma...eu própria não me sentia bem de ter que fazer ele gastar numa faculdade particular.</p>
8.5	<p>na Arquitetura...eu vinha um pouco antes...era uma coisa que eu pensava, mas o que eu tinha muito medo é que por ser uma carreira ligada</p>

S	3) Dificuldades para a realização da escolha
	arte...por mais que eu gostasse muito, eu achava que tinha que ter um dom.
	Na verdade a minha preocupação maior não era com o vestibular em si era com a decisão a tomar. É que também eu acho que na época, você tinha que escolher, escolher e acertar de uma vez. Essa história de acertar logo e não mudar, o que não é verdade. O que mais tem é gente que muda de...
8.6	inclusive na época eu prestei Desenho Industrial no Mack e passei. {ah, isso você não tinha contado}.... É que foi um evento tão...eu acabei passando, passei super bem e minha idéia era fazer...era a noite, era um curso noturno...se eu não tivesse passado em nenhuma outra, fazer e de manhã trabalhar e procurar e ver se era aquilo...ir trabalhar, levar a vida e ver o que queria da vida mesmo. Mas como eu também passei em Arquitetura, acabei...Na verdade Arquitetura englobava desenho industrial.
8.8	hoje em dia não tenho tanto medo de fracassar... acho que tinha {muito medo de fracassar}. Principalmente a questão de escolher certo...eu não escolher certo, para mim era encarar um pouco como fracasso
	Mas na época, meu medo de fracassar, era decidir errado...era partir para um caminho errado que isso para mim era um fracasso....{ e isso não foi o que aconteceu?}... Aconteceu, mas eu vi que não é fracasso, não é. Então eu acho, que a gente entra naquele desespero de certo. Como se fosse a única oportunidade que eu teria para acertar o caminho...mas não é por aí.
8.9	{o fracasso era só relativo à escolha ou tinha outras...}... Acho que para mim, errar na escolha ia me levar também a não ser uma profissional tão competente. Acho que uma coisa levaria a outra. Então era essa a minha idéia de fracassar: eu escolhia errado aí eu ia continuar naquele caminho errado e ia acabar sendo uma profissional não tão boa, não tão competente. Isso levaria ao fracasso de algum jeito.
8.10	Eu tinha um pouco isso na cabeça, não sei se era pouco uma desculpa se eu não entrasse, eu encarava assim: se não entrasse eu ia ter um ano para pensar melhor o que eu queria, mas eu acho que...não sei se eu ficasse um ano sem fazer...sem ter entrado....se tivesse feito cursinho um ano, se eu não ia continuar com as mesmas dúvidas.
8.11	{eu percebi que o vestibular, na época, pesava muito na sua escolha, de ser aprovada.}Eu acho que para qualquer pessoa, por um lado sempre tem... o peso do vestibular....acho que é um fato meio traumatizante da pessoa
10.1	eu tinha dúvidas entre muitas coisas que eu podia fazer
10.2	Porque olhando para trás mesmo, eu pensava, naquela idade, eu não tinha muita maturidade. É um tipo de escolha que é difícil de ter maturidade antes de ter...eu não sei..digo que é uma escolha difícil, não sei...Se eu não tivesse a experiência que eu tenho, acadêmica e profissional, eu ia decidir melhor mesmo sendo mais novo.
12.1	{mas você acha que houve uma falha dos coordenadores em não conseguir te captar? Ou talvez, porque você fazia terapia, você dividia o terreno?}com relação ao meu lado da história ele existe com certeza, pelo menos é isso que eu consigo ver, eu tenho essa dificuldade. Agora teve um psicodramatista na aula...e aí, puts eu não consigo, é muito difícil...são raras as vezes...então tem o meu lado, tem a minha parte e eu não sei quanto é uma coisa de me preservar, porque eu não sei também se eu tenho consciência do que eu...ah, isso eu posso falar, isso eu não posso. É mais um bloqueio que vem e fica difícil. Com relação a vocês, é difícil falar, porque faz muito tempo.

Categoria 4 - Experiência profissional na profissão escolhida (durante ou após a formação universitária)

Inclui depoimentos transcritos que se referem às experiências profissionais do sujeito, durante ou após a formação universitária, na profissão escolhida.

S	4) Experiência profissional na profissão escolhida	<p>eu fui descobrir no começo do 4º. ano, mas o problema maior foi quando eu tive que fazer o estágio, e aí eu falei, e agora? Eu não gosto de fazer isso, vou ter que fazer. Quer dizer eu achava que não gostava, eu estava tão...a cabeça estava tão voltada...ah, não gosto, sabe quando você faz até uma lavagem cerebral. Aí eu voltei {nessa escola de natação}, por isso eu comentei {da escola de natação} no começo da história, porque foi um elo que me fez ir para a educação física e depois me fez voltar para a educação física. Então cheguei lá, conhecia já a turma de lá, algumas pessoas de lá, outros saíram porque já fazia uns 4 anos que eu não ia lá e falei: oh, eu tenho que fazer estágio e não estou com a menor vontade de fazer este estágio, mas eu queira fazer porque eu preciso me formar. "Então vem cá, você acompanha umas aulas aí, e era de natação no caso, com criança e faz aí seu horários que você quiser fazer, você não está com vontade, mas vamos lá. Não era remunerado não era nada, então você fala: pô vou lá fazer uma coisa que eu não gosto e ainda não vou receber nada. Aí eu comecei a fazer este estágio e eu comecei a perceber que não era tão ruim assim, que eu estava fazendo um grande bicho de sete cabeças disso, para mim, mas não era... e o pessoal gostou de mim, eles estavam gostando de mim.</p>
5.2		<p>Entrei {na escola de natação} e aí eles...terminei meu estágio lá, nessa hora já estava.. a minha parte de artes.. assim eu acabei dando um tempo, não dava, tinha muita coisa, tinha a monografia, tinha isso e tinha...não dava, acabei deixando meio de lado essa parte</p>
5.3		<p>era e das 6 da manhã até umas duas horas da tarde e {na escola de natação} era das 6 horas da tarde até as 10 horas da noite. Então eu falei, já que eu estou aqui, eu vou fazer tudo. Então, essa parte, quando eu entrei no mercado, foi algo tão rápido como eu entrei na faculdade, eu entrei no mercado. Eu não tive muita opção...mas no fundo no fundo a gente quer, se não teria falado não logo de cara.</p>
5.4		<p>não já para adulto, porque eu não gostava de trabalhar com criança. Eu trabalhei lá, me perguntaram e eu preferi adulto, porque eu gostava mais da área de treinamento, não de ensinar eu gosto de treinar. Gosto de pegar pessoa já criada. Aí eu passei um ano trabalhando com... {musculação e natação}.</p>
5.5		<p>os professores e os alunos! Pô , você tem uma voz de comando muito boa, você chama muito o grupo, você assim... eu não sei porque...acho que era... como eu não tenho nenhuma ambição na educação física, eu acabava fazendo do jeito que eu gostava de fazer. Então na hora de dar aula, na hora de passar...eu sentava, então vamos aqui, vem cá gente, vamos fazer e ta acabado, começava a brincar muito e só ia agradando no final das contas. Era uma coisa que eu achei que até estava sendo desleixado, não era. Então essa parte, dentro da faculdade, pegou muito assim. Eu entrava em discussão com muitos professores, tem professores que são muito fechados, tem outros abertos, com relação a isso. Mas no final das contas, acabei me formando e cada vez mais essa coisa...no primeiro ano de trabalho, foi no ano passado isso, foi 99. Aí eu ainda entrava numas crises, putzgrita , eu estou me matando aqui e não estou conseguindo...talvez, não estou conseguindo me satisfazer. Aí no dia seguinte eu acordava achando maravilhoso o que eu estava fazendo. Então eu falei...isso deve ter alguma coisa com regulação hormonal.</p>
5.6		<p>eu dou aula {personal trainer} para uma pessoa todos os dias, alcançamos uma intimidade...ela me fala coisas que nem falaria para o psicólogo dela...no divã ela não falaria isso. Porque é um momento de descontração, é um momento que ela está ali para descontrair todas as raivas dela, então ela acaba falando. A gente é uma grande esponja, a gente vai pegando tudo, mas a gente não discute nada...ah, legal, então vamos lá, vamos fazer isso. Isto já vai da ética de cada um, também, né.</p>
5.7		<p>estou fazendo a pós graduação na área de treinamento desportivo que é a área que eu estou trabalhando mais... eu vou pegar uma base forte agora para depois fazer o mestrado</p>

S	<p>4) Experiência profissional na profissão escolhida</p> <p>eu estou fazendo agora um trabalho de conclusão, uma monografia para eu me formar, sobre o BCAA, aproveitando que ela {a namorada nutricionista} também vai me dar um apoio. Ela tem todos os trabalhos científicos na área, eu gosto dessa área também, mas não sei se é isso que eu quero como mestrado...eu tenho que ainda dar uma esmiuçada melhor nessa parte. Mas eu sei que é treinamento....tem uma....eu quero trabalhar numa área nova que está surgindo, por sinal nós que estamos criando...uma parte voltada para musculação voltada para o atleta, para o atletismo, assim sabe, é uma coisa que não tem muito ainda. Até hoje estava conversando com o meu coordenador, é algo que ainda não tem muito...não existe nenhum protocolo de séries...então eu quero ver se eu caio mais para essa área, mas por enquanto está mais para BCAA, e está super legal assim. Então aconteceu que...resumindo o final da história. Eu estou fazendo a Pós graduação, de Sábado na escola paulista de medicina em treinamento desportivo.</p>
5.8	<p>estou na academia ... das 6 da manhã às 8 da manhã ...Al nesse intervalo, ou eu dou aula de personal...este intervalo porque a academia volta a funcionar das 11 até umas 12 e meia. Então tem uma janela das 8 até umas 11. Nesse intervalo, ou eu dou aula de personal ou senão eu treino. Porque além de tudo isso, eu estou treinando porque vou para Nova York, mês {novembro de 2000} que vem, fazer a maratona, correr. Como tem uma área do pão de Açúcar é atletismo, e eu acabei indo para o atletismo, correndo... porque eu gosto. Porque era uma coisa que sempre gostei. Eu tenho uma ligação muito grande com o coordenador da {academia}, que é aí que eu falei que eu faço a parte de musculação para o atleta, também é uma discussão que eu tenho muito com ele, a gente cria, descreia, faz e desfaz, e estamos obtendo ótimos resultados e eu acabo correndo também com o grupo. Então, eu treino corrida e daí das 11 até umas duas da tarde eu vou para... trabalho na academia, almoço e vou dar aula de personal, tenho uma aluna que, todo dia, me ocupa até cinco horas, cinco e vinte.</p>
5.9	<p>trabalhei um período enquanto estava estudando.....numa escola, primeiro numa escola de educação infantil, trabalhei uns 6 ou se sete meses, crianças de 2 anos, foi muito bom sair da academia e entrar na prática mesmo, foi bacana e tal, mas não sei se realmente eu gostaria de trabalhar com crianças tão pequenas, se era realmente o ramo que eu ia pegar, mas eu precisava conhecer, foi o que apareceu, foi interessante, ralei pra caramba, porque trabalhava de manhã, estudava a tarde, tinha grupo de estudo a noite, mas enfim, foi muito interessante, mas também depois que eu sai, tinha que fazer todos aqueles estágios da faculdade que é um todo número de horas de estágio, fiz estágio na escola que estudei, o Logos... agora eu estou fazendo um estágio no Colégio Santo Antonio, que também mandei os currículos, não tive resposta...não posso ficar parada,</p>
7.1	<p>estou numa sala também de 3a. série, no começo eu não tinha muita ocupação, as professoras estavam se acostumando com a minha presença, eu também, as crianças, agora, por enquanto eu estou meio auxiliando as professoras no que elas precisam, não é? Ajudar a ver os cadernos, dar um rumo nas aulas quando elas não estão podendo, ajudando a corrigir as provas, acho que eu ainda estou encontrando meu lugar e elas também encontrando meu lugar lá. Alguma coisa para mim, não é aquele negócio, vai lá embaixo buscar pega não sei quantas folhas, não é isso, é uma coisa...mais, realmente...estão tentando me colocar dentro do ritmo da aula mesmo, do desenvolvimento do programa..</p>
7.2	<p>na área de Educação, mas o mestrado que eu gostaria de fazer era na área da literatura infantil...que eu estava com um trabalho super bacana lá em São Paulo, tinha uma proposta de trabalhar com uma professora e tal</p>
7.3	<p>Surgiu a oportunidade de eu fazer um estágio, que era que eu estava procurando mesmo, porque eu queria ver realmente como era a vida na carreira mesmo. Eu fiz por três meses um estágio num escritório de Arquitetura. Logo que eu comecei, isto foi já no fim de meu segundo ano, logo que eu comecei eu já comecei a ver que não era bem aquilo que eu queria.</p>
7.4	<p>porque eu acho que é muito diferente, porque você está estudando uma coisa, você tem que fazer projetos, sem nenhuma responsabilidade, assim tipo inventar coisas...agora no vamos ver, sentar na cadeira e fazer o que tinha que fazer, já vi que não era muito o que eu queria. Não tinha muito similaridade com aquilo que era a profissão. Eu já achava que era muita vaidade para o meu gosto, você que tem que lidar com pessoas, quer queira quer não, em Arquitetura você trabalha com pessoas que tem dinheiro. E muitas vezes você tem que se sujeitar a coisas que, mesmo que você não concorde...o cara está pagando. E isso eu já via muito lá dentro, no escritório. Mesmo não só comigo, porque eu era estagiária...eu ficava mais prestando atenção. E mesmo assim eu achava que faltava alguma coisa. Eu não tinha uma paixão por aquilo...de falar: nossa, hoje</p>
8.1	<p>agora no vamos ver, sentar na cadeira e fazer o que tinha que fazer, já vi que não era muito o que eu queria. Não tinha muito similaridade com aquilo que era a profissão. Eu já achava que era muita vaidade para o meu gosto, você que tem que lidar com pessoas, quer queira quer não, em Arquitetura você trabalha com pessoas que tem dinheiro. E muitas vezes você tem que se sujeitar a coisas que, mesmo que você não concorde...o cara está pagando. E isso eu já via muito lá dentro, no escritório. Mesmo não só comigo, porque eu era estagiária...eu ficava mais prestando atenção. E mesmo assim eu achava que faltava alguma coisa. Eu não tinha uma paixão por aquilo...de falar: nossa, hoje</p>

S	<p>4) Experiência profissional na profissão escolhida</p> <p>vou trabalhar, vou fazer um projeto, vai ser legal...eu não tinha aquela vontade... eu ia por obrigação, fazia o que tinha que fazer, mas sem paixão. Ai, nestes três meses que eu trabalhei, eu trabalhei integral, porque pegou um pouco as férias, eu percebi que não era aquilo mesmo. porque é uma matéria que eu gostei muito, que eu tenho mais contato, porque eu participei de um liga de doenças sexualmente transmissíveis lá, então a gente atende, tanto em ginecologia quanto urologia e dermatologia. E a gente faz um atendimento...os alunos fazem um atendimento sob a orientação dos preceptores e eu gostei muito de ginecologia, me identifiquei bastante, e aí neste semestre eu já tive também aulas, tive o bloco de ginecologia/obstetrícia que eu gostei muito.</p>
8.2	<p>a faculdade que eu estou fazendo tem um problema: é muito acadêmica....Aliás essa é uma das razões que me motivou a trabalhar cedo. No segundo, terceiro ano da faculdade eu comecei a trabalhar para ver se eu queria fazer mesmo. A carreira acadêmica, pelo menos essa parte de matemática, eu não gosto muito...gosto, mas não quero fazer para o resto de minha vida. Aí eu gostei muito do trabalho, estou dois anos e meio três já trabalhando, trabalhando e meio período na faculdade...é claro que eu tive de prejudicar um pouco a faculdade, não vou me formar em 4 mas em cinco anos, seis. Estou gostando muito do meu trabalho.</p>
10.1	<p>eu estava no terceiro ano. Fui trabalhar numa empresa de um amigo...de uma pessoa da faculdade que me chamou. É uma empresa que faz sistemas de altas performances e otimização.... a gente desenvolvia software...é desenvolvia software. No meu trabalho também tem uma parte que eu trabalhei que é engenharia de software, mas foi basicamente isso: desenvolvimento de software e engenharia de software, para indústrias. Engenharia de software compreende levantamento de requisitos, saber exatamente o que o programa tem que fazer, a grosso modo...tem toda uma etapa de análise de "risco" de impacto de planejamento e depois seria fazer o programa propriamente dito. O acompanhamento de implantação eu já não participei tanto. Eu participei mais do desenvolvimento.</p>
10.2	<p>entrei nessa empresa, fazia faculdade e o amigo me levou para a empresa. Isso levou 1 ano ou 1 ano e meio, agora mexo com outras coisas. A empresa tem vários departamentos: um é este de desenvolvimento, o outro é mais de engenharia de software, faz consultoria, engenharia de software. Para outra empresa que desenvolvem softwares, soluções, treinamentos...quer dizer, aí eu trabalho mais nessa área agora...de treinamento, escrevendo os cursos, também...é uma parte legal, eu estou gostando muito também.</p>
10.3	<p>Depois de trabalhar um tempo, eu falei eu gostei de ter feito isso aqui, quero fazer alguma coisa diferente...gostei do pessoal. Esse departamento precisava de gente... eu prefiro... o que eu estou fazendo hoje? Eu estou preparando curso e ministrando cursos....</p>
10.4	<p>{então você está indo para are educacional.}</p> <p>é área educacional (risos). É legal porque...isso é engraçado, porque no meu trabalho eu vejo que eu mais ou menos estou livre. Essas pessoas de minha área... eu tenho preocupações que elas não tem, as vezes até tem mas é super informal. Não tem essa formação de educadores. O pessoal que dá curso lá, geralmente tem uma preocupação didática, mas não é uma coisa assim planejada...o cara fez um curso.</p>
12.1	<p>dei monitoria para a Cristina e dei monitoria de novo e aí eu já estava...a atividade docente já estava...essa coisa de explicar de falar em aula, ensinar...isto é uma coisa que eu adoro fazer. Nessa monitoria eu fui pegando mais o gosto ainda por isso, me aprofundi mais na coisa da análise institucional e aí comecei a fazer estágio no sistema carcerário.</p>
12.2	<p>{no sistema carcerário} atualmente a gente está tentando estruturar as atividades do atelier de arte do presídio semi-aberto de Franco da Rocha. Mas eu já fiz o meu TCC em cima desse problema carcerário.</p>
12.3	<p>{no TCC} estudando reabilitação {no sistema carcerário}</p>
12.4	<p>o que eu fiz no sistema carcerário começou assim. Eu cheguei lá...nesta aula de institucional a gente preparou um trabalho de conclusão de curso que era um vídeo. Vídeo de 15 minutos, fotos...na realidade era um audiovisual, e sei que a gente apresentou no TUCA junto com o Auto da Compadecida, uma peça do projeto Teatro nas Prisões, que os presos apresentaram também. E aí uma diretora da FUNAP convidou a gente: vai lá que é para a gente fazer um trabalho junto. Eu fui, e ela falou assim: você pode fazer um trabalho ou no almoxarifado que a gente tem, que tem</p>

S	<p>4) Experiência profissional na profissão escolhida</p> <p>8 presos em mão de obra alocada lá, que está tendo dificuldade de relacionamento com os funcionários ou você pode ir para a penitenciária feminina de não sei onde. E eu fui para esse almoxarifado que tinha esses 8 reeducandos, que estavam lá no programa de mão de obra alocada. E a demanda inicial era a dificuldade de relacionamento entre eles e os funcionários. Aí fiz entrevista com a chefe, fiz grupos de funcionários e vi que não existia dificuldade de relacionamento entre presos e funcionários, talvez isso até existia, mas isso não era a grande dificuldade.</p>
12.5	<p>fiz diagnóstico institucional, análise de demanda, proposta de intervenção, mas aí não intervi porque não aceitaram a proposta de intervenção. Eles não aceitaram a proposta de intervenção porque a proposta de intervenção era para mexer na organização do trabalho como um todo, porque era essa a dificuldade de relacionamento que eu diagnostiquei: dificuldade de funcionários com um modo de organização do trabalho. E aí eles falaram: a gente cuida da organização do trabalho e você cuida do comportamento dos presos. Nessa eles abriram espaço para eu estar fazendo grupos com os presos, só que não com os presos do almoxarifado. Foi com os presos que estavam em mão de obra alocada na própria sede da FUNAP ou num outro lugar. Aí comecei a segunda parte do meu TCC, que é quando eu começo a fazer os grupos...fiz um módulo de trabalho de 8 encontros que tinha como objetivo levantar currículo oculto, levantar habilidades e os saberes deles e tal para cada um configurar o projeto de vida deles. E aí, concluindo isso, eu interrompo...vai até aí o meu TCC, esses dois processos aí. E aí eu faço...no meio das sessões...eu discuto a questão do trabalho que eu fiz uma crítica da organização do trabalho, a questão da educação, porque nesse módulo de trabalho eu entro numa coisa educacional e questão do saber. Que aí é a valorização que eu dou para o saber, baseado no Pierre Levi, árvore de conhecimentos, não sei...e aí esse é meu TCC. E eu concluo o meu TCC falando que....partindo para a minha 3ª proposta de intervenção que é o atelier de Franco da Rocha, que era um estágio que um outro pessoal estava fazendo e eu entro no trabalho deles e isso com base no fato de ter feito toda essa trajetória sozinho e isso foi pesado para caramba. E agora meu objetivo é projetos coletivos.</p>
12.6	<p>Um dos núcleos que eu escolhi foi fenomenologia e aí a atividade de clínica. E aí adorei a atividade de clínica...essa coisa de estar ali com o paciente...e ele falar, falar e falar e você não fazer idéia do que vai responder para ele. Me permitir estar nesse lugar de não saber o que fazer e ficar nesse lugar foi para mim um exercício, e está sendo...é um exercício fundamental para eu...e aí estou atendendo um paciente....foi muito legal que meu supervisor chegou para mim e falou assim: olha se você quiser atender outro, pode atender, acho que você está dando conta...então, sabe...super crédito que ele deu, e quero continuar fazendo isso</p>
12.7	<p>comecei a fazer estágio no CAPS (CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSOCIAL) Perdizes, que é um hospital dia aqui em Perdizes e adorei também esse trabalho, lá. Um pouco porque achei um trabalho leve, trabalhar com psicose. A coisa do presídio foi uma coisa assim muito...o semestre passado, terminei o semestre passado desconstruído com essa história do presídio, eu estava bem acabado...mas foi importante....</p>
12.8	<p>{no presídio} Desgastou muito esta coisa dos grupos. Sabe toda semana você preparava uma atividade para o grupo e chegava lá e você vê eles sem vontade de estar participando e você querendo ajudar e ao mesmo tempo você também já não está mais com muita vontade. Foi assim...e eu também estava sozinho e daí começa uma coisa de...começar a trabalhar sempre em grupo, com dupla porque aí quando a peteca abaixa o outro segura, sabe. E aí a psicose eu achei um trabalho leve, também já entrei com uma coisa de grupo. Eu não entrei sozinho, entrei numa instituição legal que é o CAPS (CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSOCIAL) Perdizes, não é nenhum manicômio...clausura total assim. E aí eu estou no CAPS (CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSOCIAL) Perdizes participando do grupo de reencontro, as segundas feiras. Participo do café da manhã da segunda feira, as 8 da manhã, as 9 grupo de reencontro que tem uma coisa...quando eles saem para o fim de semana é sempre um baque para eles. Ficar sozinho, não sabe o que fazer e tal não sei que e aí a volta que eles entendem que é uma coisa que precisa ser cuidada. E aí participo do grupo de reencontro, que é um grupo verbal que objetivo é eles falarem do fim de semana. E é muito legal, com mais técnicos juntos, os pacientes...puts tem todo um exercício da escuta, acaba o grupo a gente discute o que aconteceu no grupo...assim tem sido um exercício riquíssimo e fora as coisas que eles trazem.</p> <p>E estou coordenando agora neste semestre a oficina de futebol. E aí estamos atrás de lugar para jogar futebol. E só jogamos uma vez, que foi no parque Villa Lobos, que foi muito legal. Tomamos o ônibus aqui, fomos até lá, jogamos lá futebol com os "manos" que estavam lá e foi tensa a coisa. De estar com eles na rua, estava eu minha dupla, outra estagiária e uma técnica. A gente estava amparado, mas é sempre tensa, ainda mais</p>

S	<p>4) Experiência profissional na profissão escolhida que de repente eu dei de cara com a outra população que eu trabalho. Porque ali era uns "mano, mano" que estavam ali, era um pessoal bem parecido com a população carcerária. E logo que a gente estava entrando na quadra eles estavam puxando um baseadinho antes de entrar na quadra e a gente com os pacientes e a gente sabia que tinha pacientes ali da gente que tinha problema com droga , também. E como vai ser e tal, mas puts, foi muito legal jogamos futebol lá e aí você nem sabe quem é paciente e quem não é, para quem está de fora.</p>
---	--

Categoria 5 - Apreciação do curso universitário frequentado

Inclui depoimentos transcritos que registram a visão que o entrevistado tem a respeito do curso universitário que frequentou.

S	<p>5) Apreciação do curso universitário frequentado</p> <p>5.1 Educação física também não é um curso tão concorrido que pessoas... é um curso concorrido mas o nível das pessoas que fazem, que prestam educação física, não é um nível tão alto que {a escola em que estudei}...então eu não fiz cursinho nem nada, prestei, foi a única faculdade que eu prestei na minha vida. A única inscrição que eu fiz foi esta, entrei logo de cara...então não deu muito tempo de pensar, assim sabe...eu decidi aqui, fiz a inscrição, de repente eu estava fazendo já! Não teve aquele ano que você fica no cursinho, pô, mas sei lá, eu acho que vou viajar para, não...será que é isso ou não é isso?</p> <p>5.2 Aí no 3º. ano bateu uma vontade de...aquela coisa, porque, como te falei: o primeiro ano foi um sopenão, pau, eu entrei no primeiro ano ainda estava...não sabia se estava no colégio ou na faculdade. No segundo ano você começa a sentar poeira e no 3º. comecei a ter experiências em outras áreas, mesmo no segundo ano também, também foi uma coisa assim, a USP tem um curso, assim é integral... o curso de educação física e tem umas matérias que fica assim muito maçante. É muito chato assim, não foi só eu...no 3º. ano foi uma debandada geral, muitas pessoas desistiram... não sei se uma coisa do curso mesmo ou é...eu acho que eu atingi um amadurecimento naquela hora, sabe aquela hora que você realmente se encontra dentro de si para saber o que você quer mesmo. E eu comecei a trabalhar nessa área, mas só fazendo free-lance e tocando a faculdade. Nessa hora eu tinha, a faculdade eu tinha como obrigação, termina-la, era comigo mesmo...vou terminar essa faculdade, nem que seja para. Então no 4º. ano, no primeiro semestre, foi a mesma coisa, foi uma coisa meio maçante. Aí no segundo semestre do último ano, graças a Deus eu estava fazendo tudo certinho, assim, embora eu não tivesse gostando, mas eu estava tão determinado em acabar...eu fazia assim: eu vou acabar eu vou estudar... eu vou acabar eu vou estudar, então eu estava querendo acabar o mais rápido possível. Não queria prorrogar mais a minha estadia naquela faculdade. Eu entrei no segundo semestre, com uma matéria que chama-se estágio supervisionado em educação física. Aí, eu..." vou desistir da faculdade, porque eu já sei que eu não quero fazer educação física", aí eu... eu parei de fazer esporte, para você ver como estava a coisa. Até o segundo ano eu fazia esporte, de repente eu parei tudo. Comecei...não que o meu negócio é trabalhar com...aí, comecei a ...</p> <p>5.4 pô não é tão ruim assim, eu não tinha trabalhado porque era integral a faculdade e não tinha me dado a oportunidade de entrar no mercado e trabalhar também. Era essa coisa de muita teoria e pouca prática. Então talvez isso foi até um defeito que eu senti na faculdade: deveria ter dado mais...a possibilidade de eu cair no mercado. Fui cair no finalzinho, quase desacreditado comigo mesmo</p> <p>5.5 Aí nessa mesma época, entrou o estágio supervisionado, aí {.....} uma coisa legal, já que esta história...esta dicotomia toda que eu estava aí. Quando teve que escolher o tema da monografia, era um ano e meio antes de terminar. O que eu ia fazer?. Aí eu sentei com o cara e falei: olha eu posso trabalhar com fotografia com computação. Então vamos tentar fazer um tema que englobe a educação física e esta parte...vamos tentar</p>
---	---

S	<p>5) Apreciação do curso universitário frequentado</p> <p>juntar isso, vamos tentar fazer com que...embora pareça que não tenha...sejam dois opostos, vamos tentar juntar. Ai eu conversei com.</p> <p>A USP separa educação física de esporte. Eu fazia educação física. E até quando você for orientar, são dois campos diferentes, mas o mercado atual aceita os dois da mesma forma no mesmo lugar.</p>
5.6	<p>as habilitações o que aconteceu que foi engraçado, que no ano que eu estava no Jornalismo eles reformularam o currículo e nesse ano da Pedagogia também, então as habilitações ficaram para o final do curso, você fazia os quatro anos que eram iguais e depois que você terminava o curso, você escolhia ou Orientação, Administração Escolar, Supervisão ou Educação Especial, isso no currículo que eu peguei, mas depois caiu isso. Acho que no último ano caiu, eles reformularam o currículo, a única habilitação que seria possível fazer era Administração ou Educação Especial. Eu não me interessava por Administração e Educação Especial também não. Me foi garantido que assim, você tem licenciatura plena e muito dificilmente se você for trabalhar numa escola do Estado, se você não tiver habilitação em Orientação ou qualquer outra coisa isto não quer dizer que você não possa, algum dia, vir a ocupar este cargo se lhe interessar. Então eu fiz aquele estágio curricular mesmo, que tinha que fazer em prática de ensino de Ciências, Estudos Sociais, Português, Matemática e eu tinha que fazer estágio para habilitação de Magistério, que também agora caiu, porque não vai ter mais o curso e eu fiz na educação de adultos que eu tinha na Universidade, lá na USP eu participei daquele programa. Foi muito interessante também: de manhã eu estava com as crianças e de noite com os adultos e eles estavam no mesmo e como é diferente o ritmo o tipo de proposta que você tem que fazer para atrair uma criança e para atrair um adulto e foi interessante isso, e aí acabou que eu parei de trabalhar, depois eu casei, vim para cá.</p>
7.1	<p>porque eu acho que é muito diferente, porque você está estudando uma coisa, você tem que fazer projetos, sem nenhuma responsabilidade, assim tipo inventar coisas...agora no vamos ver, sentar na cadeira e fazer o que tinha que fazer, já vi que não era muito o que eu queria. Não tinha muito similaridade com aquilo que era a profissão. Eu já achava que era muita vaidade para o meu gosto</p>
8.1	<p>{UNIFESP} foi a minha primeira opção. Já conhecia um pouco do que que era a USP e eu não queria.</p>
8.2	<p>A Medicina USP. Mesmo quando eu estava em Arquitetura, a gente tem contato com algumas outras faculdades e a impressão sempre que eu tive de pessoal da USP...era um pessoal muito arrogante. De se achar mesmo na melhor faculdade e eu não gostava...e ao mesmo tempo eu tinha conhecimento por médicos. Médicos assim, meu círculo...no rol de médicos que me atendiam. Então meu ortopedista que eu já tive varias lesões. Alguns médicos que eu me tratava eram da Paulista e eu conhecia a competência deles. Era o estilo de médico que eu gostava...eu sou meio chata para médico. E ao mesmo tempo, por ter um parente médico e até mais, eu tinha um pouco de noção do que estava acontecendo dentro das Faculdades de Medicina e a visão que sempre me passaram é que o pessoal na Paulista era menos conservador, era mais aberto a coisas novas do que na USP. Por que lá era...que é uma coisa que acho que é meio geral na USP, que eu percebi ao longo do tempo, muitas carreiras...eles ficam muito presos ao nome da USP, já que eles já atingiram um estágio de melhor faculdade...acaba parando no tempo. Isto a gente vê, Engenharia na Unicamp está avançando para caramba e mesmo Medicina. Eu achava que era um pouco de retrocesso isso, você tem que estar meio aberto para coisa novas. Então eu sabia que na Paulista eles estavam criando ambulatório...era a primeira faculdade que estava criando o ambulatório de acupuntura. Sabe é o tipo de coisas que mostram que é uma faculdade um pouco mais aberta. Então...e ao mesmo tempo não teria aquele problema do pessoal ser mais arrogante, mais competitiva até. Então eu acabei optando pela Paulista. Eu tinha uma simpatia maior pela Paulista. E depois que eu me inscrevi em primeira opção na Paulista, eu só tive confirmações do que eu imaginava. Então, tinham alguns outros médicos que eu não sabia que eram de lá e que eu descobri que eram...outras pessoas que não eram do meio mas que vieram me falar bem da Faculdade, então eu...e todo mundo me falava assim, que na Paulista, o curso era mais voltado para uma coisa mais humana, que eu sempre achei que era o mais importante. A preocupação...não é só chegar, examinar e passar bem...aqui está o seu remédio. Eu acho que tem que ter conversa, só conversando você já ajuda muito. Então eu achei que era mais o meu jeito e acabei passando lá mesmo em 1998. De lá para cá, só confirmo que agora estou no lugar certo. Estou gostando muito...assim eu tenho um estilo...mesmo nos dois primeiros anos, que as carreiras são mais básicas, que deveria ser menos estimulante, eu tinha estímulo para ir pelo resto, sempre estando em contato com o Hospital. Eu tenho muitos amigos de anos mais...do sexto ano, residência...eles sempre me levaram para ver. "Vamos lá no hospital que eu vou te mostrar umas coisas, te ensinar" e só</p>

S	<p>6) Metas profissionais profissionais da área. Se eu não pensar grande eu não vou evoluir, se você não tiver um objetivo você vai estagnar e eu não quero isso. Então eu penso futuramente, estar unindo com a minha namorada e a gente montar uma grande clínica esportiva, na parte de nutrição e eu cuido da parte de treinamento e tentar unir isso daí. Isso é uma coisa que eu tenho mente atualmente, não quero ficar dando aula, aula de musculação só, aula de personal. Acho que faz parte da evolução...tem que passar por todas as áreas de uma academia para poder estar administrando uma. Então tem uma parte científica muito, que eu acabo... e eu sempre falo, não quero ficar bitolando, todo cientista é chato, essas coisas...acha que é dono da verdade, e eu não gosto disso. E tem essa parte profissional...não pretendo ficar dando aula de personal, essas coisas assim, só uma coisa mais momentânea assim.</p>
7.1	<p>eu preciso trabalhar...olha se surgir uma proposta para trabalhar numa escola de educação infantil, eu não vou querer porque eu já trabalhei, não, eu vou ver, como eu trabalhei muito pouco...assim, estou muito mais ligada ainda à academia do que a própria prática, eu acho que eu tenho que conhecer para poder ter um julgamento para saber se é isso que você quer, mas uma coisa que eu não pensava antes de sair de São Paulo, antes de me formar...que era voltar, tentar... fazer mestrado isso com certeza, quando eu tiver um tempo, porque agora está um pouco mais complicado</p>
7.2	<p>dar aula na universidade, eu nunca tinha pensado e agora é uma coisa que eu estou cogitando</p>
7.3	<p>na área de Educação, mas o mestrado que eu gostaria de fazer era na área da literatura infantil</p>
7.4	<p>como a minha vida mudou muito e muito de repente, enfim, eu acho que as minhas escolhas profissionais elas ainda estão começando, porque eu não estou mais sozinha e para mim é difícil, tive filho, nunca fui mãe, a gente fica um pouco dividida, não posso entregar minha filha totalmente para a babá, não sei o que e só pensar em mim, eu tenho que encontrar um meio termo, porque eu quero participar da educação dela, mais de perto, mas eu também não posso deixar minha vida de lado por causa disso, porque depois vai ser ruim para mim e para ela. Deixei tanta coisa para trás, tanta coisa que eu queria fazer e não vou fazer?</p>
8.1	<p>eu ainda não sei...eu quero clínica, eu não quero cirurgia, mas em clínica, tem várias coisa que eu poderia fazer. Como a gente está no começo, de passar pelos blocos tudo. Se eu tivesse que escolher hoje eu faria ginecologia/obstetrícia. porque é uma matéria que eu gostei muito, que eu tenho mais contato, porque eu participe de um liga de doenças sexualmente transmissíveis lá, então a gente atende, tanto em ginecologia quanto urologia e dermat. E a gente faz um atendimento...os alunos fazem um atendimento sob a orientação dos preceptores e eu gostei muito de ginecologia, me identifiquei bastante, e aí neste semestre eu já tive também aulas, tive o bloco de ginecologia/obstetrícia que eu gostei muito, então se eu tivesse que escolher hoje, eu escolheria isso. Mas é que eu tive mais experiência na verdade, então não tenho muito como decidir. Na verdade o pessoal fala que no sexto ano você decide, porque você já passou por tudo, já viu de tudo. Mas o que eu tenho certo é que é assim, predominantemente clínica.</p>
10.1	<p>Eu vou terminar a faculdade em 2001. Talvez, depende como for, estou vendo um mestrado lá, talvez eu comece o mestrado junto com a graduação.</p>
10.2	<p>{e quais são suas metas agora} continuar trabalhando nessa área de engenharia de software que eu gosto muito. O treinamento é uma consequência do que eu tive que aprender para isso. Então você...estudar uma tecnologia implica também...se sua empresa está vendendo tecnologia, não só tem que dominar mas tem que saber transferir. Então, é uma parte, não diria que o treinamento é a coisa que mais me atrai, mas é a tecnologia em si.</p>
10.3	<p>eu não sei se é bem isso: aqui em metas profissionais- eu olhei e...não sei se é bem isso. No começo do parágrafo quando eu digo eu gosto de engenharia de software e pretendo continuar a trabalhar nessa área...eu não sei se é bem isso. Pode ser trabalhar com isso e com outras coisas ao mesmo tempo, quer dizer... não é uma condição essencial para mim, o que aparecer e for interessante eu vou investindo, dentro da área de informática. Pode ser em educação em informática. Posso fazer outras coisas também...foi até engraçado, depois que a gente conversou um professor veio me propor um trabalho, que é o mais próximo que tem no Brasil de pesquisa profissional. É um trabalho, só que é em pesquisa, trabalho acadêmico, mas não é uma bolsa, é um trabalho profissional voltado para a área de pesquisa...é dentro do projeto genoma. Talvez eu trabalhe nisso no ano que vem. Nessa área de genética é necessário muita tecnologia. Eu trabalharia com banco de dados, coisa que já fiz. Seria</p>

S	<p>6) Metas profissionais engenharia de software aplicado à biologia, isto em informática chama-se "negócio".</p>
	<p>{quer o mestrado para fazer o que} acho que...a impressão que eu tenho...quando eu entrei no meio profissional, eu pelo menos...quando me formar, eu sei que eu vou estar sabendo muito pouco. Por mais que eu estude eu vou estar sabendo muito pouco, eu descobri que eu sei muito pouco. E pelo menos no mestrado, por mais que ...tudo bem tem um efeito colateral que é a especialização, mas pelo menos você estuda melhor uma área, descobre como é...mais a fundo alguma coisa.</p>
10.4	<p>{você está pensando mais num mestrado profissionalizante do que mestrado para seguir uma carreira acadêmica} é um mestrado mais profissionalizante... Nessa área de engenharia de softwares não é tão complicado o mercado, o lado profissional e o acadêmico andam muito juntos. Coisa que na USP, inclusive é muito fraco, porque eles não tem essa proximidade com o mercado profissional. Mas nessa área é bem possível que eu consiga escolher uma área profissional ou acadêmica vai ser...uma coisa não exclui a outra. Estes são meus planos, continuar trabalhando e me aprimorar é uma coisa que eu me sinto bem e o mestrado agora e o doutorado um pouco mais para frente. Não necessariamente aqui sabe...uma universidade de fora, pode ser, mas não é uma coisa que está nos meus planos a médio e longo prazo, nos próximos dez anos pretendo continuar trabalhando e enquanto eu estiver gostando da área que eu tiver. No momento que eu achar que eu não tiver mais nada para aprender ali, ser uma coisa que já me encheu, aí eu mudo de área. Agora eu posso me dar o luxo de fazer isso, porque nessa minha profissão tem muita procura, então eu posso procurar a vontade. Está certo, sempre com responsabilidade...mas eu posso...tem oferta a toda hora, várias coisas que são interessantes. Aí eu posso fazer o que quiser. Eu não tenho...não digo assim...eu não consigo planejar, pensar como eu vou ser daqui a 30 anos...eu vou estar fazendo isso...pensar na minha aposentadoria. Não sei, por isso que inclusive uma das razões de porque eu queria continuar estudando me graduando, porque eu não excluo inclusive uma carreira acadêmica. Mesmo porque nessa área o lado profissional é muito próximo do acadêmico.</p>
10.5	<p>{falando sobre juntar a computação e a biologia} Talvez, dependendo de se eu conseguir um mestrado...tem um projeto lá na faculdade que é o genoma. Talvez fosse uma coisa interessante, talvez matasse, um pouco essa vontade de estudar Biologia...estudar não, ter contato...é uma coisa que eu gostaria.</p>
12.1	<p>daqui para frente eu pretendo continuar tudo o que eu estou fazendo, que é trabalho no presídio, trabalho com psicose, trabalho em clínica....</p>
12.2	<p>Aprimoramento na clínica, o projeto semear ali dos fenomenólogos...ali do pessoal da PUC que eles tem. Essa é uma das minhas perspectivas. A outra, é a coisa da psicose. A psicose...tem um núcleo de psicose e suas instituições, que é da Professora C. Vicentim e...</p>
12.3	<p>daqui para a frente eu estou pensando assim: eu quero...eu acho que eu vou ter que escolher, porque....eu gostaria de estar diversificando...meu sonho é poder manter essa diversificação de atividades sem me sobrecarregar. Eu não quero trabalhar mais de 8 horas por dia, e é o que está acontecendo atualmente e isso me desgasta muito. Contando assim: estudo, faculdade, aula, grupo de estudo e tal e não sei o que e eu não quero isso. Eu quero ter perspectiva de tempos livres.</p>
	<p>eu penso que vou reduzir pela metade o gasto que eu dou para o meu pai...tirando a faculdade, diminuindo terapia pela metade e aí, isso já reduz metade. Isso nesse primeiro ano e aí vou estar investindo em clínica. Vou investir no aprimoramento da clínica lá na PUC, e aí tem lugar para atender, tem os supervisores. Porque além de local para atender precisa do supervisor. Então você só paga para atender. Então será um investimento que eu vou estar fazendo...vou entrar no aprimoramento de psicose, na oficina de crianças e adolescentes psicóticos que tem lá na clínica da PUC pela carga horária que é tipo...vou ocupar uns 3 períodos por semana, porque por exemplo, hoje eu fiz a prova no CAPS (CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSOCIAL) Itapeva, que é um outro hospital dia. Só que ali são trinta horas semanais.</p>
12.4	<p>Aí chama-se, curso de aprimoramento que eles pagam R\$ 370,00 e quem paga é a FUNDAP, o CAPS (CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSOCIAL) repassa e de certa forma você tem um curso de aprimoramento que você recebe para fazer esse curso, o que é muito legal, mas que também, de certa forma também...sabe se tivesse rolando concurso público agora, ninguém estaria fazendo esse curso de aprimoramento. Por um lado esse curso de aprimoramento também é um jeito de conseguir funcionário sem ter que pagar tão caro. E aí é uma via interessante, mas só</p>

S	<p>6) Metas profissionais que são 30 horas semanais, 6 horas por dia e aí o meu dia fica todo tomado e eu quero continuar...eu quero trabalhar na oficina da clínica porque eu tenho amigos meus, colegas que estão trabalhando e eu quero estar junto deles. Quero investir na clínica sabe, quero começar a sondar a história do mestrado e a coisa do presídio que está rolando.</p>
12.6	<p>eu gosto do clima da academia, eu gosto de dar aula, as pessoas gostam de me escutar e eu gosto de estudar...as vezes eu perco um pouco a paciência, mas é que agora, depois do TCC eu quero descansar. Mas tipo eu penso numa carreira acadêmica e tem uma perspectiva de grana até que legal se conseguir uma bolsa, entra um dinheirinho para fazer o mestrado. Mas quero me dar um tempo, de repente presto no semestre que vem, ou no final do ano que vem. Mas esta é uma perspectiva, eu gosto de dar aula. Mas não sei, o terceiro setor é uma outra perspectiva que eu tenho também. E aí estamos aprendendo a escrever projeto.</p>

Categoria 7 - Mercado e campo de trabalho

Inclui depoimentos transcritos que apresentam como o orientando enfrentou as questões de mercado e campo de trabalho (capital social/cultural para conseguir emprego/estágio)

S	<p>7) Mercado e campo de trabalho (capital social/cultural para conseguir emprego/estágio)</p>
5.1	<p>Só que sempre tem aquele...o que pegava mais nesta parte de escolha, sempre foi dinheiro, retorno financeiro. Eu sabia sempre que osempre foi dito, sempre foi falado que essa profissão de quem é formado em educação física é uma profissão sofrida, que você tem que trabalhar muito e ganhar pouco.</p>
5.2	<p>{na escola de natação} Chegaram para mim e falaram: olha {Gabriel}, a gente gostou gostando de seu trabalho aqui, se você quiser trabalhar a gente te contrata.</p>
5.3	<p>{em} novembro de 1998, um cara, um coordenador de uma academia estava montando uma academia {num grande supermercado}, em que o chefe, estava montando para os funcionários e o cara...montaram muito rápido a academia e ele não tinha professor...ele era coordenador de uma outra academia que é uma academia que tem ao lado da {escola de natação} e conhecia o pessoal {de lá}. Ele passou lá, conversou com o coordenador do da {escola de natação}...olha vai abrir uma academia assim lá...e eu preciso de uma pessoa sem experiência e que esteja se formando agora, porque eu quero que ele comece...aí eles falaram: tem um cara aqui que fez, agora um trabalho com a gente, esta se formando agora, a gente gostou muito do trabalho dele, se você quiser conversar com ele, acho que ele estaria até afins de fazer. E ele me chamou para uma entrevista...e eu ainda estava naquela, sabe, será que eu faço...eu não dei resposta...sim para {a escola de natação}, porque nesta história toda, isso é para você ver, esse meu amigo, que era o fotógrafo e tal...ele gostava de fotografia, ele que fez educação física comigo, também interessado em artes...no começo do 4º. ano, um virou para o outro...vamos fazer o seguinte?: a gente vai acabar essa faculdade e vamos viajar para a Itália fazer um curso de fotografia. Um falou para o outro, então vamos. A gente, nesse primeiro semestre do 4º. ano a gente fez italiano. Então vamos terminar e vamos começar um curso, era um tipo de uma faculdade de fotografia na Itália, a gente procurou....era um dos lugares mais conceituados. Você topa? Topamos! Então quando me convidaram para fazer esse trabalho em novembro, tanto {da escola de natação} quanto depois da academia do supermercado, eu estava naquela, acho que eu não vou porque eu combinei com o meu amigo, a gente vai para a Itália e tal, não estou afirmando, acho que meu negócio é a fotografia, vamos com ele e tal, aquelas histórias...acho que vou para lá vou esquecer um pouco aqui.</p>
5.4	<p>Mas a coisa foi tão de repente... seu contrato tem que ser assinado amanhã, porque na semana que vem a academia abre. Não deu tempo de</p>

S	<p>7) Mercado e campo de trabalho (capital social/cultural para conseguir emprego/estágio) responder sim, não se eu queria ou não queria. Foi, sabe você fica meio engasgado e aí depois ele me levou para conhecer a academia que estava terminando, estava na fase final. Não, mas você me traz logo estes documentos, porque eu preciso, e eu meio embasbacado ali. No dia seguinte eu trouxe meus documentos, fizeram meu contrato, e eu comecei a trabalhar lá e {na escola de natação} também, e eu falei...já que estou aqui eu vou trabalhar {na escola de natação}</p>
5.5	<p>no final do ano passado eu acabei pedindo demissão {da escola de natação}. Não pelo fato que eu não gostava de lá, eu gostava muito. Só que eu estava muito cansado, exigia muito de mim. E eu acabei pegando, para substituir essa grana, uns alunos de personal trainer, que é isso que está dando grana agora. E isso me animou, porque a partir do momento que eu comecei a olhar, os professores sendo bem remunerados, eu falei, então espera um pouco, esse trabalho, quando eu vinha aqui, não tinha personal trainer.</p>
5.6	<p>Só que a vantagem da remuneração {personal trainer}, você ganha numa hora o que você não ganha trabalhando 6 horas num...fora que você tem o conforto, você trabalha só com um aluno, não tem aquele stress todo.</p>
5.7	<p>eu morei com meus pais até o final do ano passado... No final do ano passado, já senti uma certa estabilidade profissional que me dava a condição de estar me virando sozinho, sabe? As necessidades básicas, já estava me sustentando. Eu nunca gostei de morar na minha casa, sempre gostei de liberdade, sempre gostei de ter minha vida, sempre tive, muito conflito com o meu irmão.</p>
7.1	<p>{conseguiu o estágio atual, na cidade em que mora =} aí eu consegui, meu marido estudou no colégio, minha prima e eu estou lá..</p>
7.2	<p>estou buscando, estou conhecendo as pessoas aqui. Lá em São Paulo seria mais fácil para mim, eu já conhecia as pessoas, conhecia as escolas que eu achava interessantes...meu pai fala - você não pode escolher muito, não, mas tem linhas que você concorda e linhas que você não concorda. Então, eu já sabia as escolas que eu achava interessante, conhecia as pessoas, tinha referências na universidade, aqui não, cheguei aqui sem conhecer ninguém. Meu marido é dentista, não conhecia ninguém também...</p>
7.3	<p>ele {marido} tem umas amigas que trabalham aqui numa escola {nome da escola}, é a escola da vila de {cidade em que mora}...Estou fazendo uns cursos lá, sempre aparecem uns cursos de final de semana, são muito interessantes...eu estou fazendo, e aí acaba que você vai conhecendo as pessoas, tanto as pessoas que estão lá, quanto as pessoas que ministram os cursos, quanto as outras pessoas. Aí, eu trabalho em tal, eu faço tal, me dá seu telefone e estou aí na escola, estou conversando muito com a professora da sala. {Ana}, vou te dar uns nomes de escolas, você vai lá conhecer, vai entregar seu currículo. Estou ainda entendendo um pouco como é. Não sei se é bobagem minha, mas as coisas são diferentes, claro que o tipo de educação é igual, tem escolas de todos os tipos aqui como tem em São Paulo, mas não sei, como eu acho o ritmo de vida daqui tão diferente, eu preciso também me encontrar nesse meio. Aqui eu não conheço ninguém na universidade, e lá eu conhecia. Eu saberia dos projetos dos professores, o que seria interessante para mim e agora está mais difícil para voltar, por enquanto, mas mais tarde... Então estou me encontrando ainda no meio profissional para ver que rumo eu vou seguir depois. No começo eu estava bem desesperada, agora estou mais calma, estou mais com o pé no chão.</p>
7.4	<p>quando eu cheguei...porque eu não conhecia nada, era uma coisa que eu tinha que dar o primeiro passo para buscar, as coisas não vão cair na minha cabeça, óbvio, não é? Ninguém vai bater...olha, na escola tal...bacana...vai lá conhecer...eu não. Acho que o primeiro passo é começar a fazer estes cursos e daí eu me sentir de volta à profissão e daí com este estágio também, estou achando interessante, mas eu sinto que eu estou muito no começo mesmo.</p>
7.5	<p>{quando escolheu} o problema do salário nunca me incomodou...agora me incomoda...nossa como eu trabalhava naquela escola que eu te falei, em educação infantil que eu ganhava a mesma coisa que eu pago para a minha empregada hoje.</p>
10.1	<p>{você arranjou estágio?} era uma época que eu estava interessado em trabalhar, perguntei, comentei com várias pessoas e aí tinha um amigo da faculdade que trabalhava nessa empresa que falou, ah, já que você está interessado, você não quer ir lá? Aí eu fui, fiz entrevistas e comecei a trabalhar. Não cheguei a procurar muito, porque fui conversando com as pessoas, mas tive várias propostas</p>

S	<p>7) Mercado e campo de trabalho (capital social/cultural para conseguir emprego/estágio) fundar uma ONG ou se de repente o instituto Ayrton Senna contratou 10 trainees para ganhar dois mil por mês em período integral. Também faria só isso, mas também com um trabalho com uma proposta dessa: trainee para formar pessoas para serem coordenadores de projetos na infância/adolescência, para mim seria muito legal, fora a grana que é também. Seria uma grana que eu nunca esperei ganhar 2.000 logo que saísse da faculdade fazendo Psicologia, sem ter que ir para R.H., que está fora de cogitação. Por enquanto, meu pai falando que ele me banca mais dois anos aí, está fora de cogitação.</p> <p>12.1 é, então, eu ainda coloco isso, tipo eu não...eu não sei qual a importância que eu dava para a remuneração...se lá...viajar de primeira classe todo ano para a Europa ou se era uma importância de ganhar meu dinheiro e ter independência em relação a papai. Meu objetivo é ficar independente de meu pai, ganhar mais do que eu gasto. E sei lá, quanto mais dinheiro vier, melhor. Há um tempo atrás eu estava meio...essa coisa da Psicologia que você começa a criticar, as práticas que “cagam” na sociedade, eu estava meio que...eu estava pensando em fazer propaganda...condenando todo mundo que eu acho que meio...hoje em dia que eu estou na boca do gol, aí para entrar no mercado de trabalho, eu estou topando quase qualquer coisa.</p> <p>12.2</p>
----------	---

Categoria 8 - Família

Inclui depoimentos transcritos que explicitam as expectativas e relações de familiares na da escolha profissional.

S	<p>8) Família minha família nunca me influenciou em nada...em nenhum...tipo faça isso ou faça aquilo. Sempre me deixaram muito livre, a minha escolha profissional, nunca de forma alguma. Meu pai é engenheiro e minha mãe é advogada, eles nunca forçaram a barra para nada, embora minha família tenha um histórico de advogado...meu avô foi um grande advogado, mas isso me deixou livre. Então, nunca tive algo que me iluminasse, ou que me forçasse.</p> <p>5.1 E meu irmão era de moda...era um cara extremamente modista...e aí ele começou aquela moda de mountain bike ali...aí começou a pedalar...ah, vamos pedalar a noite, eu acabei indo também...e acabou nessa história. Meu irmão saiu da área, e eu continuei e eu gosto até hoje. Ciclismo é a coisa que eu mais gosto de fazer e me dou melhor.</p> <p>5.2 Só que eu estava no 3º . colegial, competia, mas aí acabou o bicho pegando, porque eu eu competia ou eu me formava, porque {nome da escola } não é fácil, é puxado. Então começou a cair um pouco o rendimento no colégio, não foi imposto pela minha família. Eu que falei, não, eu vou estudar...para conseguir fazer melhor a ...</p> <p>5.3 ah, eu tive sorte, porque...acho que eu fiquei mais preocupada de sair, de estar abandonando a faculdade do que meus pais. Então...eu acho também porque...eu tenho um irmão mais velho, que agora está com 30 anos e pelo histórico dele, talvez a reação dos meus pais tenha sido boa. Meu irmão fez engenharia e no 4º . ano ele falou para a minha mãe que realmente não era aquilo que ele queria ter feito. E ele se pudesse voltar atrás, ele não faria Engenharia, isso eu lembro que deixou minha mãe um pouco triste. Acho que é duro você ver seu filho quase se formando... e, no final ele acabou se formando, mas fez Pós Graduação em Administração, e ele não trabalha mais na área de Engenharia. No final ele conseguiu seguir o que ele queria seguir, mas teve que passar por uma faculdade com um processo mais sofrido, foi um pouco mais difícil. Então quando eu decidi...conversei com meus pais, eles encaram numa boa, só falaram assim: você tem certeza? Vai conversar... eles me apoiaram muito a ir...a procurar saber se era aquilo mesmo que eu queria fazer para, também, não tomar uma atitude precipitada. Na verdade eu fiquei mais sentida...eu me via assim: depois de dois anos numa Faculdade não paga, pública, ótima...então todo o incentivo, e todo o investimento que você</p>
----------	---

S	<p>8) Família tem dos pais...eu me sentia mal de estar largando. A sensação que eu tinha é que era um investimento que foi para o buraco...</p>
8.2	<p>{investimento seu?} ... não, investimento dos meus pais. Porque da minha parte...eu tenho que estudar...o que estudei até hoje...eu estudei bem até hoje e vou continuar estudando e vamos lá. Mas graças a Deus, ele falaram...me deram apoio! Não, é isso mesmo!? Então vai, vai para o curso. Mas acho que a cobrança que eu tinha era muito maior. Por mais que eu tenha prestado faculdade particular não é, Medicina são seis anos, é puxado não é? eu tinha aquela cobrança maior de passar numa pública porque eu já estava vindo de uma pública. Na minha cabeça...falei: pô como é que eu vou fazer agora meu pai pagar...eu estava numa faculdade pública, agora eu vou entrar numa privada, não é justo não é? e outra, eu vou me formar com 26 anos, antes disso vou estar dependendo exclusivamente de meu pai, então já é uma...eu própria não me sentia bem de ter que fazer ele gastar numa faculdade particular.</p>
10.1	<p>{seu irmão fez o que?} Computação também. Ele começou por engenharia...mas é engraçado, ele não tem a mesma direção que eu. Ele se formou a duras penas,mas ele nunca que pensaria em fazer uma pós em computação, ele está pensando em fazer um pós em administração, algo longe disso. Mas no trabalho é algo bem diferente o que ele faz.</p>
12.1	<p>{e por que será que não apareceu Psicologia na época?} ... não sei...eu acho que porque eu fazia terapia e aí tinha uma mãe que ficava sempre falando...mas já não basta...vai entrar mais, como se fosse intensificar demais essa coisa de ficar se questionando...eu não sei direito...mas era uma coisa assim: eu já fazia terapia e era como se isso atrapalhasse se eu fosse..não sei era uma coisa que eu não via...era como se eu precisasse de psicologia e não tivesse que fazer Psicologia.</p>

Categoria 9 - Habilidades não relacionadas à escolha atual

Inclui depoimentos transcritos que explicitam habilidades do sujeito que não se relacionam com a escolha atual.

S	<p>9) Habilidades não relacionadas a escolha atual eu sempre tive uma queda para o lado artístico, eu sempre desenhei muito, o ato de criação, não é? e eu sabia que isso seria uma grande barreira, porque nessa profissão eu não ia encontrar isso. E até hoje, a gente vai chegar a contar esse lado que eu acho muito interessante. Então eu sempre tive um lado artístico muito, não aflorado, mas gostava, me interessava e gosto de fazer arte, de desenhar, de criar e, mas mesmo assim...eu falava, não...sei lá...então vamos fazer arquitetura. Mas arquitetura, não é bem isso que eu quero, eu gosto de mexer com arte, mas não uma coisa tão voltada à arquitetura e tal, também artes plásticas, não é a minha, gosto também da educação física</p>
5.2	<p>fiz um curso de desenho no colméia, mas só metade, que o cara desistiu do curso e da gente.</p>
10.1	<p>Mas eu ainda sinto vontade de trabalhar com Biologia, eu ainda sinto atração, não digo que eu...mas nem precisa, não é? Hoje em dia com essa história de interdisciplinaridade, tanto profissionalmente quanto academicamente...é uma coisa que você não precisa ter uma formação direta....existe uma utilidade para isso.</p>

Categoria 10 – Inquietações e mudanças surgidas durante ou após a formação universitária a respeito da escolha profissional.

Inclui depoimentos transcritos que manifestam as dúvidas quanto à escolha profissional vividas pelo sujeito, durante ou após a formação profissional universitária.

S	<p>10) Inquietações e mudanças surgidas durante ou após a formação universitária a respeito da escolha profissional.</p>
5.1	<p>Toquei o primeiro ano, o primeiro ano é aquilo, digamos...matérias básicas, aquela enrolação, você não sabe muito o que é. O segundo ano...ai quando eu fui fazer o terceiro ano, bateu uma indecisão profissional. Começou a surgir uns trabalhos meus, voltado para a computação, desenho, editoração gráfica e ai, foi no 3° ... Eu lembro assim que no 1° ano que eu já comecei a fazer uns free-lances de desenho...eu trabalhei {...} uma época, fazendo desenhos... Fazia desenhos de camiseta, desenhava estampas de camiseta. Desenhava estampa de camiseta para umas lojas, fábricas.</p>
5.2	<p>E ai, no terceiro ano eu falei, vou parar a faculdade, prefiro, acho que eu vou fazer esta parte de arte. Mas ai, uma voz me disse, acabe esta faculdade...</p>
8.1	<p>No primeiro ano de Arquitetura, no primeiro semestre eu ainda estava meio indecisa se era aquilo mesmo que eu queria. Mas aconteceu, que no segundo semestre eu tive um professor que foi muito bom, em Arquitetura, e que o trabalho foi muito legal. Eu acabei realmente me empolgando... ah então eu acho que é isso mesmo, agora no segundo ano eu já comecei a ficar de novo com aquela incerteza se era aquilo mesmo, já não tinha tanta disposição para ir na Faculdade, quando ia ficava mais conversando do que indo as aulas. Mesmo fazer os trabalhos, eu já não tinha muito interesse, muito estímulo.</p>

S	10) Inquietações e mudanças surgidas durante ou após a formação universitária a respeito da escolha profissional.
8.2	Eu já achava que era muita vaidade para o meu gosto, você que tem que lidar com pessoas, quer queira quer não, em Arquitetura você trabalha com pessoas que tem dinheiro
8.3	E ao mesmo tempo a Medicina sempre esteve na minha cabeça, mesmo eu gostando da Arquitetura, em alguns períodos achando que eu estava gostando mesmo, a Medicina sempre presente. Sempre eu tinha aquela dúvida: será que não seria Medicina? Então, ao mesmo tempo que eu estava lá na Arquitetura, eu ficava pensando: será que não é? Então, um pouco antes de acabar o meu estágio, que eu já tinha me comprometido a ficar até o fim de fevereiro, eu decidi que não era mesmo aquilo que eu queria fazer. Resolvi partir para Medicina.
8.4	Porque eu acho que eu só percebi realmente que eu queria, quando eu estava lá dentro {no estágio}, quando eu vi o que era o vamos ver, na realidade

Categoria 11 - Gênero

Inclui depoimentos transcritos que explicitam as questões de gênero vividas pelo sujeito na sua escolha profissional.

S	12) Gênero
7.1	como a minha vida mudou muito e muito de repente, enfim, eu acho que as minhas escolhas profissionais elas ainda estão começando, porque eu estou mais sozinha e para mim é difícil, tive filho, nunca fui mãe, a gente fica um pouco dividida, não posso entregar minha filha totalmente para a não sei o que e só pensar em mim, eu tenho que encontrar um meio termo, porque eu quero participar da educação dela, mais de perto, mas eu não posso deixar minha vida de lado por causa disso, porque depois vai ser ruim para mim e para ela. Deixei tanta coisa para trás, tanta coisa que queria fazer e não vou fazer?
7.2	mas eu casei, vim pra cá, meio que deixei, não tinha nada concreto

Categoria 12 - Experiência profissional diversa da profissão escolhida

Inclui depoimentos transcritos que apresentam experiências profissionais do sujeito em áreas distintas de sua escolha e da formação universitária

S	12) Experiência profissional diversa da profissão escolhida
5.1	É isto era um bico, fazia faculdade aí conheci um pessoal...uma menina que trabalhava na faculdade, ela falou, ah eu tenho uma irmã que trabalha assim...eu desenhava muito nas aulas...tinha aulas que eram chatíssimas...ficava desenhando e desenhava e desenhava... daí acabou que as pessoas foram me vendo, ah pô legal...no final das contas, tudo que tinha, que era voltado para o desenho acabava caindo na minha mão
5.2	Outras áreas assim, que não educação física, que eu não tinha tido até então. E gostei muito de ter trabalhado com áreas de artes assim, então trabalhei uma época, fiquei seis meses trabalhando na editoração de um guia, parte de editoração gráfica, até trabalhava com um pessoal que fazia

S	<p>12) Experiência profissional diversa da profissão escolhida</p>
	<p>arquitetura, uma até que fez orientação vocacional com a gente no grupo.</p>
5.3	<p>foi um caso assim, começou com desenho, daí eu acabei entrando com o desenho no computador, do computador voltou para editoração gráfica, foi uma coisa puxando a outra. Aí comecei a fazer trabalhos de computação gráfica, fazia bicos, fazia cartazes, cartões...até hoje eu faço. E essa fase foi o período mais crítico profissional meu....que foi a hora que bateu...foi uma hora</p>
5.1	<p>no 3º ano também, fiz curso de fotografia. foi um curso de 6, não, 4 meses. Foi um curso muito legal. Este meu amigo meu tinha feito, me indicou também...então nessa época, foi uma época que eu resolvi fazer tudo o que eu tinha vontade de fazer assim de cursos. Eu fiz curso de mergulho também, que era uma coisa que eu estava a fim, nessa mesma época. É aquela coisa, um cursinho voltado ao físico, um cursinho voltado à arte e vamos lá, e vamos tocando</p>
5.2	<p>não, fotografo até hoje, faço fotos...até outro dia cobri um evento, me chamaram para fotografar uma coisa, de vez em quando me ligam: você não quer fazer um trabalhinho de computação ou coisinha assim. Se dá tempo eu faço assim, cobro mais caro, falo assim, cobro mais caro que não estou com tempo de fazer isso. Você vai tirar hora de sono meu, que é muito importante atualmente. Mas eu sinto falta um pouquinho dessa coisa ainda...eu acho que mais para frente eu vou ter oportunidade, quando já estiver bem estabilizado profissionalmente, ganhando um salário bom, eu vou conseguir reduzir um pouco mais a hora de trabalho meu, assim durante o dia, dando oportunidade para outras coisas, mas, assim, como um hobby, não como profissão.</p>

ANEXO 5 - Questões do programa – categorias que caracterizam a contribuição do programa de orientação profissional nas decisões profissionais dos cinco sujeitos entrevistados.

Categoria 1 - Situação no momento da procura do programa

Inclui depoimentos transcritos que expressam a percepção do sujeito quanto aos motivos de procura do programa de orientação profissional.

S	1) Situação no momento da procura do programa
5.1	Al, naquela, será que eu quero mesmo isso? Bem, vou procurar uma orientação vocacional, isto foi... eu já estava no 3º. colegial, não lembro se foi no 1º. ou no 2º. semestre. Estava naquela época de escolha profissional,
5.2	já e aí o que aconteceu? Eu vim aqui, só que eu já entrei com uma idéia meio formada, só que eu queria ter certeza dela. Ver seu eu encarava o bicho de frente, não é? de repente eu teria uma tendência para outro lado uma coisa do gênero, quem sabe, não é? mas eu vim aqui, a gente fez todos aqueles trabalhos, olhei outras profissões que até me interessavam um pouco, mas não tanto assim, e resolvi...mas aquela era a hora de tirar todas as minhas dúvidas, já que estava fazendo isto, eu tinha que tirar todas as dúvidas corretamente
5.3	Entre aqui, neguei educação física, procurei outras coisas para fazer e cai na Educação física. { Você fala mais da escolha como um problema....explícite um pouco isso..} eu me sentia um pouco perdida sem nenhuma referência, eu não estava mais na escola...eu tinha saído da universidade, eu não tinha nenhuma referência...não sei nem se eu estava pensando numa referencia profissional...era uma referência para mim, o que que eu sou? Eu não sou mais estudante, não estou mais na escola...também não estou na universidade, o que eu vou fazer? Isso era um problema para mim...eu queria decidir eu queria me encontrar, eu não estava sabendo para que lado ir ou se eu tinha que esperar um pouco mais ou correr atrás de qualquer coisa, eu estava muito sem referência.
7.1	eu tinha tanta segurança que eu não procurei o programa antes de prestar o vestibular, como aquelas pessoas {do grupo de orientação} procuraram. Agora, não sei se elas procuraram porque não tinham nenhuma idéia do que iam fazer ou se mesmo tendo alguma certeza elas resolveram procurar o programa, falando assim, é realmente isso? Vamos ver outras coisas...me conhecer melhor, conhecer melhor as profissões, me relacionar com um grupo que está na mesma situação que eu. Eu não sei, no meu caso não foi assim.
7.2	Talvez se eu tivesse parado para pensar nisso, mesmo com uma segurança, hoje vendo, eu poderia ter procurado o programa. Porque eu acho que o seu programa não é adequado...não sei se essa é palavra certa ...não necessariamente para pessoas que não tem a menor idéia do que vão fazer. Quando você não tem menor idéia, qualquer...o programa te seleciona algumas coisas, te mostra algumas coisas, mas também não resolve o teu

S 1) Situação no momento da procura do programa	
	problema.
8.1	antes de eu fazer aqui a orientação eu estava bem perdida, não que eu não tivesse escolhido nenhuma Como eu sempre fui uma pessoa que me dei bem na maioria das matérias, eu gostava da maioria das matérias, eu estava em dúvida entre várias carreiras das diversas áreas, então, das que eu me lembro que eu tinha mais...uma vontade maior de fazer, era Medicina, Engenharia Química, Oceanografia e Publicidade. Então era uma coisa bem variada. Acho que o programa aconteceu em agosto/setembro, e já estava bastante próximo da escolha mesmo, da inscrição e eu ainda não tinha uma definição muito boa do que eu queria fazer.
8.2	{e você veio fazer o programa de orientação profissional por que?} exatamente porque eu tinha muita dúvidas....eu estava com muitas dúvidas, eu estava meia perdida mesmo e lá no colégio eles falaram...falaram para quem tivesse com problemas para ir conversar e que teria uma orientação que eles recomendavam...que poderia ajudar e eu achei a idéia boa e conversando com outras pessoas que estavam na mesma situação, a gente achou que vale a pena, inclusive o pessoal estava aqui...muitas delas eram amigas. Era um pouco a luz no fim do túnel, a gente estava muito próximo da decisão...da inscrição...a maioria estava perdida.
8.3	{no primeiro dia da Orientação, você falou o seguinte: "quando pequena eu queria ser bailarina. Na primeira série do ensino médio eu não dava muito bola para a questão. No ano passado pensei em Arquitetura, mas descartei, hoje penso em Medicina, Oceanografia ou Engenharia Química". } bom, é que na Arquitetura...eu vinha um pouco antes...era uma coisa que eu pensava, mas o que eu tinha muito medo é que por ser uma carreira ligada arte...por mais que eu gostasse muito, eu achava que tinha que ter um dom. Aquela coisa, para se artista você tem que nascer artista. Então era uma coisa que eu gostava que eu gostaria de fazer mas que achava...não tinha aquela segurança...pô, de repente eu não tenho dom para isso. Não sei, eu na minha cabeça, para Arquitetura eu precisaria de um dom, por ser uma coisa artística, de criatividade. Coisa que não bastaria só estudar. Eu já vejo que na verdade, qualquer carreira você precisa, não ter dom, mas gostar a ponto de se esforçar para melhorar.
10.1	na época eu tinha dúvida entre coisas absurdamente discrepantes como Biologia, História, Matemática, Computação. Como eram coisas tão absurdas eu falei vamos ver se me ajuda em alguma coisa.
12.1	eu não lembro como eu cheguei lá, acho que foi indicação de alguém. A minha participação...eu lembro que eu fui assim com disponibilidade, aberto para ver, para ser tocado pelas atividades que você propunha, mas eu sempre tinha uma desconfiança....desconfiança assim: como em uma semana vai nascer uma profissão.

Categoria 2 - Aprendizagens

Inclui depoimentos transcritos que se relacionam com experiências de aprendizagens do sujeito durante de sua participação no programa de orientação profissional.

S 2) Aprendizagens	
5.1	{o que aprendeu no programa?} A maior aprendizagem foi me conhecer melhor. Esta é a melhor aprendizagem. A terapia é mais profunda e vai ficar remoendo seu passado com projeções para o futuro. O legal daqui foi você ter conhecimento das atitudes que você toma no seu dia a dia. Isto não acontece em terapia, estar com muita gente, rindo e ouvindo coisas para parar para pensar. Esse autoconhecimento não é voltado a algo tão pessoal é algo mais voltado para o total para a sociedade, para uma coisa mais aberta.
7.1	eu descobri realmente que a insegurança.... eu não tinha nenhuma insegurança antes de prestar o vestibular, a insegurança que aquelas pessoas tinham, eu não...{tive} na hora da primeira escolha}.

S	2) Aprendizagens
5.1	{o que aprendeu no programa?} A maior aprendizagem foi me conhecer melhor. Esta é a melhor aprendizagem. A terapia é mais profunda e vai ficar remendo seu passado com projeções para o futuro. O legal daqui foi você ter conhecimento das atitudes que você toma no seu dia a dia. Isto não acontece em terapia, estar com muita gente, rindo e ouvindo coisas para parar para pensar. Esse autoconhecimento não é voltado a algo tão pessoal é algo mais voltado para o total para a sociedade, para uma coisa mais aberta.
8.1	{olhando o processo como um todo, dá para você dizer que aprendeu alguma coisa no programa?} primeiro esta parte do autoconhecimento foi essencial, porque acho que é um toque que você acaba levando para o resto da vida. Qualquer momento de decisão, é isto que eu acabo recuperando daqui do programa. Sentar e ver...tentar pensar em mim mesma para poder tomar as decisões, acho que foi isso que foi o que eu devo ter levado de mais importante.
10	o que eu posso ter aprendido com o programa, talvez tenha tirado a visão que a gente tinha das profissões, aproximar com a vida profissional, talvez uma visão menos romântica. Talvez, esse tipo de experiência de autoconhecimento...você descobrir coisas sobre você...uma coisa que pelo menos eu, era uma coisa que nunca tinha tido, que eu nunca tinha parado para pensar antes. Talvez seja uma coisa que crescentou. O programa de aproxima mais da vida profissional através do autoconhecimento. Ah, como vou me imaginar na minha vida profissional, talvez você consiga pensar melhor {acho que o orientando está se referindo à elaboração de projetos}.
12.1	talvez o que eu tenha aprendido foi essa coisa da investigação, a proposta de busca, de ir atrás... a coisa dos passos...assim...primeiro pega esse livro aqui e veja todos os cursos que existem. Para começar sabe... A coisa da informação e como ir atrás dessa informação. É um livro e depois eu lembro de estar ligando médico amigo do meu pai para perguntar como era administração hospitalar...que eu acho que provavelmente deve ter sido uma proposta que você tinha feito de a gente estar indo atrás, saber mais sobre o assunto..

Categoria 3 - Informações sobre as profissões

Inclui depoimentos transcritos que se referem à aquisição de informações sobre as profissões durante o transcorrer do programa de orientação profissional.

S	3) Informações sobre as profissões
5.1	O que foi bom foi o contato com outras profissões. Fora cada profissão se desdobra tanto. Na minha área dá para separar mais de 50 áreas distintas. É difícil conhecer profissão pela leitura. O que se pode escrever sobre as profissões é lindo, mas todas tem seu lado ruim que não aparece.
5.2	Por exemplo, ninguém me avisou que nós trabalharíamos com o lazer das pessoas. Isso significa que você trabalha as 6 da manhã, aos sábados, domingos e feriados. Isso eu fui descobrir no exercício profissional.
5.3	O principal da informação no programa é relaciona-la com o mundo. A informação que eu busquei aqui foi a relação dela com o mundo. Encontrei isso parcialmente. Mas a grande maioria você só vai encontrar trabalhando. Só vivendo os problemas e as glórias para saber se gosta ou não. O que teve no programa de informação acrescentou bastante e me fez tomar decisão.
7.1	E foi bom porque eu fui descobrindo, assim a gente foi tratando das profissões, conhecendo um pouco da gente mesmo, as coisas do que a gente gostava e eu fui percebendo que realmente não precisava ser jornalista, tinham outras coisas que eram interessantes,
7.2	não é que não era igual,é que era muito mais restrita do que você encontra lá. Por que o universo...mas tem um monte de coisa...tem da profissão,

S	<p>3) Informações sobre as profissões</p> <p>da faculdade que você está...do grupo que você forma lá...tem tudo isso. Quando você lê, você faz uma pesquisa sobre as profissões você tem uma coisa geral, mesmo porque não dá para você ter uma coisa muito detalhada, muito específica. Aquelas informações que eu encontrei eram mais ou menos as mesmas que eu tinha e algumas coisas a mais. Quando você chega lá na Faculdade, é uma coisa muito maior e que tem outras coisas que não são relacionadas especificamente ao curso, às disciplinas...a coisa da vivência com o grupo, com os professores. Coisas que você vai aprendendo porque você está em um determinado grupo, porque você tem contato com determinados professores, porque você está num ambiente de aprendizado e acho que todas essas coisas influenciam a pessoa, também a permanecer no curso ou não. Tanto é que, além de eu ter descoberto que não dava que não era Jornalismo a minha profissão, tinham outras questões também ligadas ao ambiente de estudo de aprendizagem que também me incomodava. E isso o programa não pode dar conta</p> <p>7.3 a gente lia, discutia um monte de coisa sobre as profissões</p> <p>eu acho que tem coisas que sim. Claro, você vai conhecer a faculdade... você vai conhecer num geral, vai dar uma olhada numas aulas, vai ver os professores...mas isso não te dá o quadro completo do que você vai encontrar quando você estiver lá, quando você estiver participando daquilo, porque você está de fora...você não está dando a sua contribuição...você está de fora observando...mas claro que é importante.</p> <p>7.4</p> <p>7.5 eu tive espaço para conhecer melhor, sobre a profissão</p> <p>7.6 conhecer um pouco das profissões...teve um momento que a gente fez isso, não foi um momento sozinho, foi discutindo não é</p> <p>8.1 Então eu acho que valeu a pena porque, além da gente ter o conhecimento das carreiras</p> <p>8.2 teve um dia que a gente leu sobre diversas carreiras, aquilo eu já não achei tão...foi importante...mas eu achei que não foi tão útil quanto as discussões.</p> <p>8.3 {esta é a parte que os grupinhos alocavam as fichinhas das profissões segundo a classificação das oito famílias...}... esta foi a parte que eu achei mais chata.</p> <p>8.4 Interesse pelo grupo III, vontade de ajudar, o que acabou prevalecendo. E hoje em dia eu sei que não faria nada muito científico também, não ciência pura. Só como desmembramento de uma coisa que ...</p> <p>8.5 Sobre a Informação sobre as profissões, o que eu falei...a leitura das carreiras não foi tão interessante porque a maioria de nós já tinha lido manuais antes de vir para cá.</p> <p>8.6 Aqui é o mesmo comentário de antes sobre a leitura das carreiras que eu não achei muito útil, não foi legal fazer porque a gente tinha lido, já era uma coisa...</p> <p>8.7 pelo que a gente sabe antes de entrar na carreira...você lendo manual, você sai, acho que em qualquer carreira, você faz aquela idealização. Você fantasia sobre a carreira e aí depois, quando eu entrei, que eu vi o que era a concretização daquilo, e que não batia com o que eu tinha idealizado. Era mais concreto do que eu imaginava, então esta parte artística. É aí que eu percebi que realmente não era aquilo, não estava dentro daquilo que eu tinha idealizado mesmo da profissão</p> <p>8.8 { isso eu reperto como uma falha do programa, porque ele teria condições de destruir esta imagem, quer dizer pela informação ele poderia dizer: arquitetura não é igual a arte, contém. É interessante porque tudo o que você falava de arquitetura você falava na dimensão artística, e o programa não conseguiu mexer com você. Aí você fala: a informação que me deram não me chamou atenção, por que será?} não sei...a para informação que talvez pudesse me atingir um pouco mais, seria a leitura das carreiras, e eu já tinha feito, então aquilo não tinha me afetado, anteriormente já não tinha afetado, então aqui eu só repeti..não chegou a ... realmente talvez eu não tivesse sido tocada.</p>
---	--

S	3) Informações sobre as profissões
10.1	{em relação à computação, você sabia o que era isso: bacharelado em ciência da computação.} acho que não. Talvez um pouco da minha insegurança partia daí: eu não sabia direito o que eu ia encontrar, como é que era. Mas sei lá, eu esperava trabalhar com computadores, que era uma coisa que eu achava interessante e a parte do pensamento lógico também me atrai.
10.2	{e a parte da informação profissional, o que pode falar, funcionou, foi perda de tempo?}deixa eu tentar lembrar como era a metodologia; tinha os papezinhos, tinham os manuais, tinha atividades que agente discutia. Eu achei interessante, como eu já cheguei a comentar com você, é um tempo que você tem para pensar, nada que você não possa fazer em casa, pegar um manual e ler, mas é um momento que você tem para discutir. Eu acho que talvez seria melhor se o cara tivesse em dúvida entre duas profissões só, talvez seria melhor para ele fazer algo mais específico, ir ao local de trabalho por exemplo. Mas, acho que no caso foi bom também, é que continua sendo um pouco distante da realidade do trabalho, você só lê, uma página sobre aquilo e não é uma coisa que você vai saber como é, mas nem sei se é possível saber como é.
12.1	{vamos falar um pouco dessa distância. Como você acha que ela poderia ser diminuída?} o problema é que ela tem que ser bem genérica, mas nos casos específicos é o caso de entrar em contato com o ambiente de trabalho ou acadêmico. Sei lá, visitar algum lugar que trabalhe com isso.
12.2	A psicologia antes de entrar na Faculdade era a psicologia clínica. Agora que eu estou vendo a quantidade de coisas que tem...que dá para fazer em psicologia, alias a psicologia anda muito enxerida, entrando em tudo quanto é espaço...institucionais ai.
12.3	A coisa da informação e como ir atrás dessa informação. É um livro e depois eu lembro de estar ligando médico amigo do meu pai para perguntar como era administração hospitalar...que eu acho que provavelmente deve ter sido uma proposta que você tinha feito de a gente estar indo atrás, saber mais sobre o assunto.
12.3	{em relação da metodologia em função do objetivo de escolha da profissão.} acho que faltou vida no programa e talvez por ele ser dentro de quatro paredes, fora da realidade mesmo. Então por exemplo, estar indo visitar lugares, estar indo conhecer talvez fosse uma coisa que poderia chamar mais... talvez para mim.
12.3	{vida você está chamando vida real?} não necessariamente não dá para ter vida real dentro de quatro paredes como estratégias localizadas ali naquela situação. Seria mais um recuso, mais um dispositivo que poderia ter que poderia potencializar esse processo seria essa coisa de ter ido a campo mesmo. Que é a coisa de estar ligando para o profissional. Para mim é muito difícil de fazer essa crítica porque para mim fica muito mais forte a coisa da minha resistência com relação a essas atividades.

Categoria 4 - Autoconhecimento

Inclui depoimentos transcritos que se referem à ampliação do autoconhecimento do orientando, com relação às características individuais, durante o transcorrer do programa.

S	4) Autoconhecimento
5.1	acho que estas coisas que foram muito legais: de estar se descobrindo, de estar sentindo. É difícil você, colocar no papel o que pensou ou sentiu. É uma tarefa difícil você colocar sentimentos...palavras não é...tentar colocar sentimentos em palavras, não é, é difícil.
5.2	{Descobrir e sentindo exatamente o que? }

S	4) Autoconhecimento
	Coisas que estão em você, mas você não tem consciência disso, dessas qualidades e defeitos.
5.3	Eu era muito imaturo, existe muita pressão de fora e não da família, e sim da sociedade: vestibular, tv. Gera stress. É legal ter conhecimento de suas qualidades e defeitos.
5.4	Não lembro das pessoas nem das aulas, mas lembro da essência: o autoconhecimento. O mais interessante que o autoconhecimento não é coisa de psicólogo: ah, sua história, é analisar o coletivo. Você e sua relação com o mundo, as pessoas que estão ao seu lado. Se você consegue captar a essência de sua relação como meio externo, você consegue se descobrir no meio profissional.
5.5	{o que aprendeu no programa?} A maior aprendizagem foi me conhecer melhor. Esta é a melhor aprendizagem. A terapia é mais profunda e vai ficar remoendo seu passado com projeções para o futuro. O legal daqui foi você ter conhecimento das atitudes que você toma no seu dia a dia. Isto não acontece em terapia, estar com muita gente, rindo e ouvindo coisas para parar para pensar. Esse autoconhecimento não é voltado a algo tão pessoal é algo mais voltado para o total para a sociedade, para uma coisa mais aberta.
7.1	E foi bom porque eu fui descobrindo, assim a gente foi tratando das profissões, conhecendo um pouco da gente mesmo, as coisas do que a gente gostava e eu fui percebendo que realmente não precisava ser jornalista, tinham outras coisas que eram interessantes,
7.2	eu tive espaço para conhecer melhor sobre a gente mesmo
8.1	teve muito trabalho de autoconhecimento. Então, discutir, pô de repente eu não sou uma pessoa tão expansiva, não daria tanto para isso../ eu acho que isso ajudou bastante, o autoconhecimento. Aqueles trabalhos que a gente fazia. Eu lembro muito bem aquele de lá...eu lembro que o meu grupo foi para a outra sala e outro grupo ficou aqui {na sala de grupo} ...e os trabalhos foram totalmente diferentes. O daqui fez coisas mais concretas, então tinha casa e o nosso não, era uma coisa mais abstrata, um amarrar o outro, amarrar coisa na cadeira e ficar um emaranhado. Eu não lembro muito bem da discussão que a gente teve, mas achei que aquilo ajudou bastante, a ter um pouco de idéia. Mesmo o fato que lá...o pessoal de lá era um pouco mais individualista e aqui parece que tinha sido um pouco diferente.
8.2	que eu esperava de mim mesma era menos insegurança e timidez, empenho e ser bem sucedida em tudo. Acho que em relação a segurança, a maturidade ajudou bastante. Empenho, hoje em dia tenho consciência que eu tenho me esforçado e a timidez melhorou um pouco.
8.3	hoje em dia não tenho tanto medo de fracassar
8.4	eu pus aqui em arquitetura uma característica minha que, dentro da arquitetura ..ser detalhista, mas que pode se encaixar muito bem em medicina também.
8.5	{você frizou muito que o autoconhecimento foi importante. O que você descobriu aqui em relação a este autoconhecimento?} É que na verdade antes de fazer o programa nunca tinha parado para pensar como eu era, este tipo de conhecimento próprio, nunca tinha tido chance nem estímulo para estar procurando...para estar buscando. Aqui foi uma coisa de fazer...então vamos sentar, vamos ver como é, vamos se conhecer mesmo, porque até então eu nunca tinha tido uma oportunidade ou algo que me fizesse estar pensando... A gente não pára muito para pensar nisso na época do colegial, foi o momento de parar para pensar como eu era, como eu queria as coisas, como eu via...
10.1	af o {coordenador} falou: isso demonstra que você tem iniciativa. Dal eu...será que é verdade? Isso foi uma coisa que me bateu...era uma coisa que ...será... Pensando agora nos últimos 6 anos, acho que sim. Acho que reflete algo que eu não sabia, algo que eu não imaginava na época.
10.2	{como o autoconhecimento te ajudou?} não exatamente relacionada a profissão, em geral assim. No meu caso, eu tive uma experiência de autoconhecimento só que não relacionada...não que eu tenha estabelecido uma relação direta com profissão. Talvez esse autoconhecimento ajude

S	4) Autoconhecimento
	a tomar uma decisão. Não porque que descobri que eu tenha uma prática ou habilidade para alguma coisa específica de profissão.
12.1	A primeira que você leu, até que se manteve. Os meus interesses...o interesse pela organização, tipo essa coisa de montar projetos e tal, a minha cabeça fica super organizando as coisas. Serviço social, as coisas de ajudar os outros, isso se manteve. Acho que só não sabia que existia a Psicologia.
12.2	Eu lembro uma vez, essa coisa de ser quieto, eu lembro que eu ficava meio quieto, olhando, e aí não sei se foi você, você falou uma coisa assim: parecia que eu não estava a par do que estava rolando, mas aí quando a fala vinha para mim, via que eu estava a par...eu lembro disso, e acho que isso diz muito de minha participação no programa.... Essa coisa que ela fala, eu achei muito bem observado: deve gostar de ler, conhecer pessoas novas e conversar assuntos interessantes. Eu sou meio viciado em conversar sobre assuntos interessantes, tipo a ponto se a conversa começa a ficar meio "chocha" eu já encho o saco. Mas é legal, eu gosto de gostar de assuntos interessantes.
12.3	E aí aqueles exercícios mais se sensibilização...eu me sentia meio fora. Porque eu não me sentia vivendo aquela coisa ali ...
12.4	... Também era uma atividade mais mental, mas não sei, tinha um incomodo de estar me expondo....de pessoas que eu não conhecia..tinha uma coisa de imaginar isso e aquilo e tal...eu imaginava, mas fazendo força para imaginar, não sei não era uma coisa que vinha atrelado a um afeto: ah, estou imaginando, estou entrando...então agora aqui que não sei que...e aí a partir desse lugar que eu imaginei, sabe...é como se não chegasse nesse lugar, eu ficasse meio olhando ele de fora. Isso é uma dificuldade que eu tenho até hoje, assim, às vezes.
12.5	Que as vezes eu me sentia meio fora do que estava rolando, era difícil de me permitir levar...eu ficava meio assistindo e não vivendo a coisa

Categoria 5 - Significado do programa

Inclui depoimentos transcritos que qualificam a importância da participação do orientando no programa de orientação profissional.

S	5) Significado do programa
5.1	você vê...no fundo, no fundo isso é um grande espelho do que acabou acontecendo mais para frente comigo. {explicando melhor o espelho} Mais para frente eu fui encontrar essas profissões, resolvi optar por essas profissões. Você vê, eu cheguei a colocar publicitário, arquiteto, desenho industrial... Eu acabei tendo contato com essas profissões, não sei se até fui procurar essa profissão...mas mesmo assim acabou me levando para Educação Física, então eu tive contato com estas profissões, me interessei por elas, mas mesmo assim eu optei aqui dentro pela Educação Física, assim como foi lá fora...eu tive contato com o mercado de trabalho de outras profissões, mas mesmo assim optei pela Educação Física...foi isso que eu percebi...tudo o que escrevi assim, não teve grandes diferenças de hoje, só um pouco... você está mais maduro...afinal de contas você tem ..são seis anos...mas, acho que foi um grande espelho, o que eu pus aqui, o que foi, o que está sendo e o que vai ser. É educação física, procurei outras coisas aqui dentro e saí optando por Educação Física. Fiz Educação Física e dentro da Educação Física eu procurei outras coisas e estou fazendo Educação Física, mesmo assim.
5.3	O programa foi um grande resumo. Esse resumo...tudo aconteceu lá fora da mesma forma, só que em capítulos mais longos. Se fosse maduro teria visto que isto já bastava para mim. O processo, fora, na universidade, me fez amadurecer.
5.4	Fazendo o trabalho aqui...quando você é adolescente você está muito voltado para si e aqui você acaba se abrindo um pouco. O programa fez pensar no sua

S	<p>5) Significado do programa</p> <p>relação com as pessoas do mundo. Quando você é adolescente você é muito voltado para si e como é que vai escolher algo que faça com eu me relacione com os outros. Você é muito voltado para si e o programa chamou a atenção de algumas coisa que eu fazia e que era diferente dos outros. Ajudava a ver o mundo fora de si. Só que na hora você não percebe isso, você elabora depois.</p>
5.5	<p>{e qual a contribuição do programa de or. Prof na "luta contra os agentes externos}</p> <p>O programa contribuiu – se não o tivesse feito talvez teria parado a faculdade. Aqui se mostra além da profissão em si, do curso como era, mostrou outras possibilidades. Eu sabia que tinha capacidade e gostava. Aqui foi um dos motivos que ficou mais forte em mim. Me fortaleci aqui para lutar contra agentes externos. Saiu daqui pensando: não tem mais nada. Quando surgiam problemas, sabia só que isto {educ. física} aqui é legal.</p>
7.1	<p>E me ajudou muito, porque foi um momento que eu consegui parar para pensar, inclusive se eu tivesse ficado sozinha, nossa...eu não saberia, ficaria desesperada, provavelmente estudaria qualquer coisa, me ajudou muito,</p>
7.2	<p>o que foi mais interessante foi um momento de parar para pensar junto sobre o problema, na verdade era um problema...angústia que levou todo mundo para o mesmo lugar, para o mesmo grupo, procurar a mesma orientação</p>
7.3	<p>poxa era disso que eu estava precisando. Era desse espaço, desse momento, da discussão com essas pessoas, com todo mundo junto naquele momento.</p>
7.4	<p>e eu acho que foi um espaço que tive para procurar mais sobre a pedagogia, conversar mais sobre isso, que acho que sem o programa talvez eu tivesse um pouco mais de dificuldade de ir atrás disso.</p>
7.5	<p>Agora o programa, foi como eu já falei, foi um momento que eu consegui parar para pensar, que eu tive espaço para conhecer melhor, sobre a profissão e sobre a gente mesmo, porque que eu estava lá, porque aquelas coisas da faculdade me incomodavam tanto, e porque a agente discutia muito sobre isso, a gente não falava só sobre as profissões.</p>
7.6	<p>{porque sozinha em casa não daria o mesmo resultado?}</p> <p>porque eu estava diante de minhas identificações...e algumas coisas...lembra? da minha mãe e do meu pai, jornalista, professor..e algumas coisas estavam frustradas diante disso...eu não ia ser mais jornalista....</p> <p>{frustradas para quem? }</p> <p>para mim. E tinha também a minha mãe, que como já falei para você...não você não vai gostar de jornalismo, eu falo para você, não sei o que. Eu acho que não tinha...porque eles também estavam angustiados com a minha angústia também. Eles estavam vendo que eu estava inquieta...que foi difícil para mim. Então eu precisa de uma pessoa...sabe quando você está tão embaralhada que não adianta conversar com seus pais e amigos...puxa eu preciso fazer terapia. Porque preciso de uma pessoa isenta, de um momento que eu consiga parar para pensar sem tanto sentimentos ao redor, por isso!</p>
7.7	<p>o primeiro passo é a gente conhecer um pouco o grupo, conhecer as pessoas e a gente parar para pensar sobre a gente mesmo, ouvindo o outro</p>
7.8	<p>o que foi mais interessante foi um momento de parar para pensar junto sobre o problema, na verdade era um problema...angústia que levou todo mundo para o mesmo lugar, para o mesmo grupo, procurar a mesma orientação</p>
7.9	<p>centralizou minhas idéias e foi um momento que eu consegui parar para pensar, com pessoas que também estavam com um problema semelhante naquilo que era importante para mim naquele momento. Sozinha em casa, conversando com meus pais, não ia dar o mesmo resultado certamente</p>
7.10	<p>{como é que o programa de Orientação. Profissional que você viveu, que você conhece, como é que ele propicia uma boa escolha?}</p>

S	<p>5) Significado do programa eu acho mais importante disso é destacar o grupo, você está em grupo, você está dividindo com as outras pessoas, você não está sozinho matutando. Ele propicia uma boa escolha porque você pode dividir, o outro pode te questionar, você pode questionar o outro, você pode ouvir o outro e se questionar. E tudo sobre a orientação de uma pessoa que está lá para isso, que entendeu disso. Também não é sentar com um grupo de pessoas.... Vocês tem um trabalho de elaborar todo um material, de seguir um caminho, as coisas não são assim, hoje vamos fazer isso, tem todo um trajeto: agente vai fazer isso hoje porque amanhã vamos fazer aquilo e depois aquilo para a gente chegar no final com isso. Tem toda uma coisa que você está construindo. Tem que ter uma ligação, tem que ter um caminho e você sabe muito vem o caminho que você prepara. Eu acho que precisa, com certeza, de uma pessoa orientando, coordenando, claro. O grupo sem vocês não teria nunca o mesmo efeito. Como eu acho também que sozinho {atendimento individual} não tem o mesmo efeito. Mas falta olhar o outro, mas não o outro coordenador, mas o outro igual a você.</p>
8.1	<p>para quem tiver sem... do jeito que eu vim, do jeito que a maioria veio, eu acho que vale a pena. Para várias pessoas mais novas, que eu vi que estavam na mesma situação eu falei: pô vai fazer e até recomendei a não fazer um teste, mas uma orientação mesmo. Hoje eu vejo que um teste não é, não ia ser o ideal...o ideal mesmo é você se conhecer que eu acho que ajuda bastante.</p>
10.1	<p>Em parte não foi exatamente o que eu esperava: eu vim para cá, por mais que tenham me falado antes, meio cético, achando que eram aquelas orientações vocacionais que fazem testes, depois falam uma coisa: ah, se você ... este perfil aqui é ruim para você ser engenheiro...advogado, não é? Mas eu achei interessante, na época tinha gente que não gostou: pô, é uma certa enrolação, mas eu achei que foi interessante. Para mim, quando eu sai eu tinha mais segurança, a palavra é essa, segurança de mesmo tomar uma decisão por mais que fosse errada. Mas eu acho que eu tinha mais segurança.</p>
10.2	<p>acho que serviu para pôr as idéias em ordem, é uma coisa que a gente pensa, mas é um pensamento muito errático, muito não linear, no dia a dia você vai pensando, aí uma pessoa fala uma coisa aí outra pessoa fala outra. Aí você pensa numa coisa, pensa outra, e uma coisa que não é sistematizado assim. Eu achei que é legal que eles tiram uma hora, ou um período que você refita sobre isso...você organiza as idéias ...que eu tenho...todas as informações que você vai usar para decidir... você tem uma hora que você pensa. Talvez por isso que eu diga que me deixou mais seguro: o fato de ter parado...de ter dado importância para isso...ter pensado nisso desse jeito.</p>
12.1	<p>é, acho que se bobear...eu estou achando agora até melhor a orientação que eu fiz (risos).</p>
12.2	<p>É, estou achando muito mais legal agora do que na época.</p>

Categoria 6 - Metodologia de desenvolvimento

Inclui depoimentos transcritos que expressam a visão do orientando sobre os procedimentos de desenvolvimento do programa.

S	<p>6) Metodologia de desenvolvimento</p>
5.1	<p>acho que estas coisas que foram muito legais: de estar se descobrindo, de estar sentindo. É difícil você, colocar no papel o que pensou ou</p>

S	<p>6) Metodologia de desenvolvimento</p> <p>sentiu. É uma tarefa difícil você colocar sentimentos...palavras não é...tentar colocar sentimentos em palavras, não é, é difícil.</p> <p>Algumas tarefas foram legais. As pessoas acabavam mostrando as atitudes que você tem no dia a dia. O pessoal reflete com você e isso é legal, feito através de brincadeiras, lhe passam coisas. Lembra da atividade da lá que começou a avacalhar. O pessoal comentou e você acaba transferindo isso para o seu cotidiano.</p> <p>Eu lembro que nós salimos de cada sessão e ficávamos conversando. Havia comentários das aulas e eu sempre falava: eu estou ferrado, cada vez que saio daqui reforço a educação física. O pessoal me gozava brincando que eu seria um novo {nome do professor de educ. física de sua escola}.</p> <p>As aulas de autoconhecimento forma muito legais. Isto ficou mais forte. As discussões, montagem da firma.</p> <p>O trabalho em grupo foi o mais importante. As pessoa analisaram suas atitudes. A gente no início acha que vai sair resultado como se fosse num computador. Aqui há simulações de situações de relacionamentos e as pessoas analisam você e você pára para pensar. As vezes você nem quer enxergar um defeito seu, mas se você está aberto você acaba enxergando melhor.</p> <p>Os coordenadores auxiliavam a gente muito. Eu lembro do auxílio na abordagem de material de informação sobre as profissões, aconselhando leituras e indicando materiais.</p> <p>Lembro da discussão dos alunos. Os coordenadores soltavam a bola e os alunos conduziam.</p> <p>centralizou minhas idéias e foi um momento que eu consegui parar para pensar, com pessoas que também estavam com um problema semelhante naquilo que era importante para mim naquele momento. Sozinha em casa, conversando com meus pais, não ia dar o mesmo resultado certamente eu não me lembro {se o programa trabalhou com as identificações com o pai. A mãe, a prima e a professora}</p> <p>O que foi mais importante foi poder falar de minha angústia para pessoas que estavam lá com problema semelhante e que estavam dispostas a ter ajudar, entendeu? Não foram só vocês que ajudaram, acho que o grupo junto, porque a gente fazia discussões em pequenos grupos, trocávamos, isto ajuda muito, um pega um caminho na fala do outro e você escutando a outra pessoa a falar, você pára para pensar sobre você mesmo. Poxa, mas será que não e isso e isso para você? Era um momento que eu conseguia estar lá, discutindo e conversando sobre uma coisa que era importante para mim naquele momento, você acha que alguém tinha saco de ficar... ah eu estou precisando conversar sobre isso, isso era uma coisa que me atormentava, eu precisava...era terrível para mim não ter uma referência...</p> <p>Para mim sempre foi mais interessante partilhar com outras pessoas, porque você está ouvindo...quando você escuta o outro, ele não está falando de você...ele está falando dele mesmo, mas você ouvindo a fala do outro você pensa em você mesmo. E também , quando você está falando sobre você, tem a possibilidade de uma pessoa falar assim: poxa, você acha que é isso mesmo? Estar discutindo com você...outras tantas pessoas, porque se eu estivesse discutindo só com você, era só sua opinião, mas lá não, tinha opinião de monte de gente, e de pessoas que estão com a mesma angústia e talvez entendiam melhor do que um profissional que já está todo resolvido, o que você está passando, não que você não tenha passado por isso. E é interessante a sua opinião como coordenador, claro, óbvio, e a das outras pessoas também.</p> <p>o que foi mais interessante foi um momento de parar para pensar junto sobre o problema, na verdade era um problema...angústia que levou todo mundo para o mesmo lugar, para o mesmo grupo, procurar a mesma orientação</p> <p>poxa era disso que eu estava precisando. Era desse espaço, desse momento, da discussão com essas pessoas, com todo mundo junto naquele momento.</p> <p>o primeiro passo é a gente conhecer um pouco o grupo, conhecer as pessoas e a gente parar para pensar sobre a gente mesmo, ouvindo o outro</p> <p>você vai traçando alguns pontos, que vão te levar depois para aquele momento de parar para pensar em algumas profissões, mas antes disso,</p>
5.2	
5.3	
5.4	
5.5	
5.6	
7.1	
7.2	
7.3	
7.4	
7.5	
7.6	
7.7	
7.8	

S	<p>6) Metodologia de desenvolvimento</p> <p>...você vai percebendo outras coisas... as afinidades, você vai percebendo as afinidades que você tem com aquelas pessoas, então tinha um monte de gente que queria fazer Letras, Filosofia...então bem ou mal você vai ficando mais perto dessas pessoas que estão querendo falar sobre a mesma coisa que você, e outras pessoas... matemática, e eu acho que tem esta divisão natural, mas você vai conhecendo as pessoas, isso vai te levando...ah, então tá, então todo mundo aqui está interessado nas ciências humanas, sabe, de colocar as pessoas diferentes junto, eu acho que isto ajuda também, você vai criando os pequenos grupos, vai discutindo, poxa ...esta pessoa, não estou interessado nisso, a gente não está falando a mesma língua, realmente ciências exatas não dá para mim. E não tinha só você na sala, tinha o {outro coordenador} e tinha a professora.</p>
7.9	<p>conhecer um pouco das profissões... teve um momento que a gente fez isso, não foi um momento sozinho, foi discutindo não é, ah eu lembro desse dia...eram pequenos grupos e cada um ...ah, eu acho que quero prestar isso, deixa eu ler, ah, vamos discutir, ah, você acha isto interessante porque...poder trocar, conversar com o outro e uma outra pessoa que você não conhece ou conhece muito pouco, talvez para algumas coisas é muito mais interessante do que uma pessoa que você já conhece há um tempão, que ou já não tem paciência para te ouvir ou já te conhece muito bem...ah, mas isto não tem nada a ver com você, porque você está escolhendo isso. Então, trocar isso com as pessoas foi legal... você pode falar: ah, porque você escolheu isso? Ah, eu escolhi porque acho interessante, Jornalismo... vamos supor...ah porque eu gosto de escrever...mas isto não quer dizer que você tem que ser jornalista só porque você gosta de escrever!? né...este momento foi legal. Eu lembro muito bem desse dia, foi mais para o final...e outros textos que você dava para a gente ler que não tinha nada assim específico...não era, ah vamos ver hoje um texto sobre o profissional da saúde...não era, eram outros textos, eu lembro que você deu uma parte do Admirável mundo novo, não...eu não sei...acho que foi esse..</p>
7.10	<p>o que foi mais interessante foi um momento de parar para pensar junto sobre o problema, na verdade era um problema...angústia que levou todo mundo para o mesmo lugar, para o mesmo grupo, procurar a mesma orientação</p>
7.11	<p>{qual a diferença de terapia e o que acontece no programa de orientação profissional}</p> <p>Acho que na terapia, as angústias são as angústias da vida toda e no programa é uma coisa específica. No programa você não está deitada num divã falando sobre tudo, você está discutindo com um monte de gente uma determinada questão. Claro que remete a várias outras coisas, a gente não está lá só lendo coisas sobre profissões. A gente está se conhecendo também, mas se conhecendo a partir de um problema, que é a escolha profissional..</p> <p>exatamente, mas não que não recorra a determinados métodos, mas eu acho que de vez em quando tem a cara de terapia, mas quando eu disse que não é terapia, é realmente porque é centrado num problema, na escolha profissional, mas você trabalha outras coisas da pessoa, o conhecimento de si mesmo, o olhar outro, mas tudo centrado na escolha profissional.</p>
7.12	<p>Você vai ver que tem gente que pode estar na mesma situação que você ou que também está indeciso, que era o caso, o grupo era todo de pessoas que ainda não tinham prestado o vestibular, eu era a única nesta situação.</p>
7.13	<p>{como é que o programa de Orientação. Profissional que você viveu, que você conhece, como é que ele propicia uma boa escolha?}</p> <p>eu acho mais importante disso é destacar o grupo, você está em grupo, você está dividindo com as outras pessoas, você não está sozinho matutando. Ele propicia uma boa escolha porque você pode dividir, você pode questionar, o outro pode te questionar, você pode questionar o outro, você pode ouvir o outro e se questionar. E tudo sobre a orientação de uma pessoa que está lá para isso, que entende disso. Também não é sentir com um grupo de pessoas.... Vocês tem um trabalho de elaborar todo um material, de seguir um caminho, as coisas não são assim, hoje vamos fazer isso, tem todo um trajeto: agente vai fazer isso hoje porque amanhã vamos fazer aquilo e depois aquilo para a gente chegar no final com isso. Tem toda uma coisa que você está construindo. Tem que ter uma ligação, tem que ter um caminho e você sabe muito vem o caminho que você prepara. Eu acho que precisa, com certeza, de uma pessoa orientando, coordenando, claro. O grupo sem vocês não teria nunca o mesmo efeito. Como eu acho também que sozinho {atendimento individual} não tem o mesmo efeito. Mas falta olhar o outro, mas não o outro coordenador, mas o outro igual a você.</p>
7.14	<p>{no programa} você foi colocar o que estava vivendo e ouvir os outros...</p>

S	<p>6) Metodologia de desenvolvimento</p> <p>{quer dizer, você vê o grupo como acolhedor de angústia pessoal}...parece terapia, do jeito que você está falando...fazendo uma terapia em grupo, todo mundo nessa...não, acho que tem um pouco disso... é que para mim, talvez tenha sido uma coisa que eu estava precisando mais do que aquelas outras pessoas que estavam lá. Eu estava angustiada, eu tinha decidido, não tinha gostado, precisava decidir de novo. Interessante, sabe, conhecer um pouco mais as outras profissões, e tudo que eu não tinha tido na escola. E porque também eu não tinha parado para pensar, será que é jornalismo? É eu tinha certeza disso</p>
7.15	
8.1	<p>{o que mais marcou} acho que mais as discussões ao final de cada trabalho... eu lembro que a gente fazia trabalhos...cada trabalho que a gente ...depois sentava e discutia, ou em grupo para depois discutir todo mundo e acho que aquilo ajudava muito porque a partir do trabalho a gente tinha uma idéia, uma concepção de si próprio e as vezes os outros mostravam também algumas coisas: ah, você percebeu isso que você esse tipo....então eu acho que isso ajudou mais, as discussões em grupo.</p>
8.2	<p>{o que você acha que foi mais útil?} a parte das discussões! é que se não tivesse os trabalhos, aqueles trabalhos manuais, eu acho que não daria para ter uma discussão tão rica, eu acho que aliava os dois. Por exemplo, teve um dia que a gente leu sobre diversas carreiras, aquilo eu já não achei tão...foi importante...mas eu achei que não foi tão útil quanto as discussões. Porque na verdade ler sobre as carreiras a gente já fazia isso...a gente já procurava manual para ler. Isso são as duas coisas que eu lembro bastante aqui do ...não lembro se tiveram algumas outras atividades. Eu lembro de ter esse trabalho e depois as discussões e sobre isso que a gente leu sobre as carreiras, é o que me marcou mais.</p>
8.3	<p>O que eu imaginava como dom, é uma coisa assim, você nascer com uma capacidade. Então, tem gente que sabe pintar muito bem, nasceu assim. Então essa pessoa tem o dom de pintar, mas hoje eu sei que não é só dom, acho que tem muito de esforço.</p> <p>{ você lembra dessa discussão feita aqui?} - lembro, lembrei agora, que foi uma discussão longa...mas hoje eu acho que é...ter dom seria uma facilidade para saber, mas não que...se você não ter dom, não ter nascido com uma facilidade te impede de ser um bom médico, um bom arquiteto.</p>
8.4	<p>{teve um momento que você falou que o contato com a profissão é fundamental. Você acha que isto seria uma coisa que deveria ser incorporada no programa?} eu acho! porque é muito diferente a idéia do que você faz, do que você lê, do que você discute do vamos ver, então no cara a cara...</p>
8.5	<p>- você poder passar um dia, é que eu não sei o quanto isso é viável. Mas você pode passar um dia dentro do escritório, dentro de um hospital para você ver o que que é. Se você está disposta a passar por aquilo...passar um dia dentro de um escritório de arquitetura...eu acho que seria bom...ou um dia no hospital, com um engenheiro acho que...</p>
8.6	<p>não sei se eu teria a decisão assim. Não sei se eu teria a decisão tão certa: não, é arquitetura ou medicina, mas eu acho que ajudava mais, eu ia ter mais segurança. Eu acho que faz diferença você ver...porque eu acho que se eu tivesse passado um dia no escritório, que fosse uma semana, num escritório de arquitetura, tivesse visto como é o dia a dia do profissional, eu já pensaria duas vezes. Eu acho que para mim ajudou, não só ter vivido a experiência, mas a maturidade, eu já estava com outra cabeça, dois anos depois, já tinha mais definido o que eu queria da minha vida. Então eu acho que isso ajuda muito, mas de qualquer jeito, eu acho que se você pode passar um dia, vendo o que é a profissão, ia ajudar bastante mesmo.</p>
8.7	<p>Hoje eu vejo que um teste não é, não ia ser o ideal...o ideal mesmo é você se conhecer que eu acho que ajuda bastante.</p>
8.8	<p>{esse é o conto de ficção científica}. Desse conto eu tinha esquecido que a gente tinha lido mas eu sempre lembro desse conto. É engraçado, agora eu vejo que por um lado eu queria que alguém chegasse...eu fizesse um teste e falasse: não, então você dá para isso. Só que foi uma das coisas que eu mais odiei no livro que você viu que as pessoas iam fazer exames e aí decidiam o que elas iam ser. {a gente usa este conto até hoje}. Ele é muito bom, eu sempre lembro dele, até hoje.... não, nem é..o que mais eu sempre lembro...é o fato dele achar que está num emprego...sei lá que ele não gostava, ele achava que ele era burro e na verdade não era. Acho que toda a moral do texto do que ficou mais... {esta é a parte que os grupinhos alocavam as fichinhas das profissões segundo a classificação das oito famílias...}... esta foi a parte que eu achei mais chata.</p>
8.9	

S	6) Metodologia de desenvolvimento
8.10	ah, tá é o dia que a gente faz uma espécie de visualização...O que eu achei engraçado aqui...tinha que colocar aonde a gente trabalhava. Era uma casa mas que dentro era vazio, mas que realmente eu estava realmente meio perdida...uma casa vazia pode ser qualquer coisa...
8.11	para quem tiver sem... do jeito que eu vim, do jeito que a maioria veio, eu acho que vale a pena. Para várias pessoas mais novas, que eu vi que estavam na mesma situação eu falei: pô vai fazer e até recomendei a não fazer um teste, mas uma orientação mesmo. Hoje eu vejo que um teste não é, não ia ser o ideal...o ideal mesmo é você se conhecer que eu acho que ajuda bastante.
8.12	{você frizou muito que o autocohecimento foi importante. O que você descobriu aqui em relação a este autocohecimento?} É que na verdade antes de fazer o programa nunca tinha parado para pensar como eu era, este tipo de conhecimento próprio, nunca tinha tido chance nem estímulo para estar procurando...para estar buscando. Aqui foi uma coisa de fazer...então vamos sentar, vamos ver como é, vamos se conhecer mesmo, porque até então eu nunca tinha tido uma oportunidade ou algo que me fizesse estar pensando... A gente não pára muito para pensar nisso na época do colegial, foi o momento de parar para pensar como eu era, como eu queria as coisas, como eu via...
8.13	{e o que você falar a respeito da metodologia do programa?} hoje eu acho que...eu encaro melhor do que encarei na época. Na época, tinha dias que eu falava, puxa tem que ir, é cansativo, mas será que está funcionando, não sei. Mas eu acho que... eu gostei, hoje vendo, eu gostei da metodologia. Na época muitas vezes eu tinha a sensação de estar sendo uma coisa cansativa, eu questionava a utilidade. Mas hoje eu já vejo diferente, foi útil, teve seus momentos cansativos mas teve momentos muito produtivos.
10.1	{ vamos falar do programa de orientação profissional que você viveu em 1994. O que foi marcante} aquela da lâ, eu lembro que o {coordenador} ...a idéia da atividade era fazer um trabalho em grupo com aquele monte de fio...af cada um estava na sua e eu fui lá e enrollei algumas coisa dos outros...ah era para fazer em grupo e cada um estava fazendo o seu... Lembro de algumas discussões que tinha... o que cada um queria e o que cada um pensava...eu lembro da vela ali, mas eu não lembro exatamente o que era.
10.2	{vamos falar sobre o que os outros falaram.} teve um sentimento que a Or. Vocacional seria fazer uns testes e o cara vai me dizer o que tenho que fazer. Um pouco as pessoas , não sei se por insegurança...ou porque tinha essa visão, disseram: pô, não era isso que eu esperava.
10.3	{o que você achou da metodologia do programa.} o que lembro que me marcou é que é pouco convencional , não é aquela coisa , que talvez eles esperassem, fazer um teste, não, foram conversas, você fala, teve o negócio dos fios, o negócio da vela, são coisas pouco convencionais. É um processo pouco convencional mas tem resultados tão ou melhores do que escolher de outro jeito. Eu não consigo imaginar outro jeito porque não tive experiência. Eu não achei ruim, achei legal. E não convencional porque usa estratégias diferentes que você não vê todo dia, e tem resultados interessantes, você consegue extrair dados bons. Era curioso era diferente.
12.1	Mas sei lá, eu fui disponível, eu acho que me apliquei, eu tentei...eu lembro que tinha uma dinâmica que tinha que deitar...e se dormisse não valia e eu dei uma dormidinha. Mas eu sei que foi legal, eu lembro da dinâmica da empresa, uma no setor primário outra no setor secundário e terciário e tal.
12.2	E aí aqueles exercícios mais se sensibilização...eu me sentia meio fora. Porque eu não me sentia vivendo aquela coisa ali
12.3	então, aqueles do setor primário e secundário...aquele fiquei dentro. Também era uma atividade mais mental, mas não sei, tinha um incomodo de estar me expondo....de pessoas que eu não conhecia..tinha uma coisa de imaginar isso e aquilo e tal...eu imaginava, mas fazendo força para imaginar, não sei não era uma coisa que vinha atrelado a um afeto: ah, estou imaginando, estou entrando...então agora aqui que não sei que...e aí a partir desse lugar que eu imaginei, sabe...é como se não chegasse nesse lugar, eu ficasse meio olhando ele de fora. Isso é uma dificuldade que eu tenho até hoje, assim, às vezes.
12.4	Isso aqui eu achei super legal, do setor primário e secundário foi a coisa da organização da sociedade...muito boa a atividade.
12.5	Que as vezes eu me sentia meio fora do que estava rolando, era difícil de me permitir levar...eu ficava meio assistindo e não vivendo a coisa
12.6	Essa reflexão, por exemplo, isso eu lembro que isso era uma coisa que eu não sei se eu curtia muito no trabalho. Porque tipo isso aqui, eu sinto que eu fiz um pouco por obrigação. Não foi uma coisa que eu cheguei nisso ali, foi uma coisa meio que tem que fazer e não tem nada de novo.

S	<p>6) Metodologia de desenvolvimento Então isso talvez seja uma coisa que eu não gostei do programa...tipo teve algumas atividades que foram legais, a coisa dos setores, a coisa da informação...mas eu estou achando a coisa muito mais legal agora do que na época que eu participei. Eu olho isso aqui e falo, pô, legal já tinha uma consciência crítica encubada, mas eu lembro que tinha essa coisa de tipo...não aprofundou muito...aqui tem várias coisas que eu levanto, mas que meio que fica nisso, e aí nesse sentido não teve muita contribuição para mim, a não ser organizar as idéias que foi uma coisa mais braçal assim.</p>
12.7	<p>Mas o que eu estou apontando é assim: essa reflexão não foi uma reflexão que eu fiz ali na hora, era uma coisa que já vinha, que eu conversava em casa, sabe essa coisa de ser uma escolha sua, e tipo assim, não teve uma novidade ali nessa reflexão. Eu não me lembro de ter escutado outras pessoas falando ou vocês falando ali coisas e que eu mergulhei na opinião de vocês e voltei para minha sabe, e fiz esse exercício assim. Foi uma coisa assim...o que é para fazer agora...é para falar...então vamos lá, eu fiz acabou. Acho que pode ter ajudado muito...hoje olhando, estou vendo, puta trabalho legal que eu participei, mas na época não teve esse significado.</p>
12.8	<p>{uma outra observação. Pelo que eu entendi da nossa conversa, você se sentiu incomodado fundamentalmente com as atividades de autoconhecimento. E no seu caso é particularmente interessante porque você foi fazer Psicologia, como é que você relaciona isso}.. eu relaciono isso assim, eu...entrar em contato com as minhas questões é uma coisa...para mim é um trabalho, é uma coisa que mexe comigo. E as vezes eu resisto. {mas você achava que a orientação não se devia lidar com isso?}...eu achava...eu não sei o que achava, só que de repente eu até podia lidar, mas eu não conseguia. Talvez eu me sentisse muito exposto, não só para as pessoas mas para mim mesmo.</p>
12.9	<p>{e tem um último aspecto. Você falou num trabalho que você está fazendo, que você trabalhava com as pessoas com projeto de vida, acho que foi em relação ao presídio...projeto de vida, incorporar isso ao trabalho. E eu vi muita semelhança com orientação profissional...Se você tirasse o termo presídio e colocasse orientação profissional a gente poderia dizer: opa...O que você acha dessa ponte que eu fiz?}.. eu cheguei a fazer já também. Eu acho que foi próximo. E eu acho inclusive, do muito peso que eu senti na coordenação das atividades que eu estava propondo era porque tinha muitas atividades de autoconhecimento e me incomodava propor esse tipo de coisas, ali para as pessoas. Eu via elas incomodadas e eu sabia, acho, como elas se sentiam. Mas eu pensei nessa coisa da relação.</p>
12.10	<p>{Fale um pouco da metodologia geral do programa.} o que ficou para mim é uma coisa assim: uma dificuldade de entrar...de pegar a onda...eu lembro da minha sensação de estar sempre meio fora do que estava acontecendo, principalmente nas atividades de autoconhecimento, apesar de eu ser o único que foi fazer Psicologia. E aí eu não sei que estratégias outras poderiam ter que de repente pudessem facilitar mais essa coisa. Não sei se eu fui o único que me senti assim, não sei se porque eu não era daquela turma que estava ali. Era uma coisa de as propostas virem e eu ficar meio assim...e de sugestão que eu teria, uma coisa que eu venho pensando na minha prática, que tem até semelhança com a sua é a coisa de projetos coletivos. Ali era um grupo, mas o foco era individual. Não sei se tem como ser diferente, mas o que eu venho vendo na faculdade, na avaliação dos núcleos que a gente fez, das aulas. As aulas que mais envolveram o pessoal, eram aulas que envolviam construção de projetos coletivos.</p>
12.11	<p>{mas você acha que houve uma falha dos coordenadores em não conseguir te captar? Ou talvez, porque você fazia terapia, você dividia o terreno?} com relação ao meu lado da história ele existe com certeza, pelo menos é isso que eu consigo ver, eu tenho essa dificuldade. Agora teve um psicodramatista na aula...e aí, puts eu não consigo, é muito difícil...são raras as vezes...então tem o meu lado, tem a minha parte e eu não sei quanto é uma coisa de me preservar, porque eu não sei também se eu tenho consciência do que eu...ah, isso eu posso falar, isso eu não posso. É mais um bloqueio que vem e fica difícil. Com relação a vocês, é difícil falar, porque faz muito tempo.</p>
12.12	<p>{em relação da metodologia em função do objetivo de escolha da profissão.} acho que faltou vida no programa e talvez por ele ser dentro de quatro paredes, fora da realidade mesmo. Então por exemplo, estar indo visitar lugares, estar indo conhecer talvez fosse uma coisa que poderia chamar mais, talvez para mim.</p>

Categoria 7 - Efeitos do programa

Inclui depoimentos transcritos que apresentam a visão do orientando quanto aos efeitos de sua participação no programa em suas escolhas posteriores.

S	7) Efeitos do programa
5.1	<p>Gostei muito de ter feito aqui, porque aqui foi uma orientação mesmo, foi algo que me orientou, não foi um teste, ou algo do gênero que falasse: você vai fazer isso ou isso ou isso. E quando eu lembro que eu saí daqui, acho que foi no último dia, não lembro direito como é que foi, faz um tempinho. Foi tirando conclusões, a cada dia que passava, que eu saí daqui eu falava: eu acho que é educação física, eu acho que eu vou ter que cair nesse meio. Infelizmente... o bicho vai pegar para esse lado. Cada dia que eu vinha aqui era mais um motivo, que me deixava para o lado da educação física. No final das contas, saí daqui, vi todas as profissões, assim...eu sempre tive uma queda para o lado artístico, eu sempre desenei muito, o ato de criação, não é? e eu sabia que isso seria uma grande barreira, porque nessa profissão eu não ia encontrar isso. E até hoje, a gente vai chegar a contar esse lado que eu acho muito interessante. Então eu sempre tive um lado artístico muito, não afluado, mas gostava, me interesse e gosto de fazer arte, de desenhar, de criar e, mas mesmo assim...eu falava, não...sei lá...então vamos fazer arquitetura. Mas arquitetura, não é bem isso que eu quero, eu gosto de mexer com arte, mas não uma coisa tão voltada à arquitetura e tal, também artes plásticas, não é a minha, gosto também da educação física. Então eram... são dois opostos, você pode falar...o físico, e o outro, embora as dois se interagem muito, é uma coisa meio difícil de você estar levando. Eu fiquei nessa daí, mas acabei optando por educação física. Aí eu prestei, entrei na USP, até numa boa colocação, fiz o primeiro ano...</p>
5.2	<p>as vezes penso que fui turrão. Lá fora fui viver isso de novo. A or. Vocacional me fez chegar à conclusão que não era isso {as outras áreas de interesse} e eu fui viver e não era mesmo.</p>
5.3	<p>Entre aqui, neguei educação física, procurei outras coisas para fazer e caí na Educação física.</p>
5.4	<p>Quando saí daqui confirmei minha opção. Saí daqui achando isso: educação física e acabou. E a longo prazo foi tudo o que a gente discutiu até agora. Talvez minha dúvida sejam minhas, aqui dentro é mostrado tudo. Eu podia buscar muito, só que você não tem consciência.</p>
5.5	<p>Lembro vagamente das pessoas que falavam que não tinham gostado muito. A gente queria muito, nesta época você quer tomar decisão que mude a sua vida. As pessoas não obtendo respostas, acabavam falando: vim aqui e não decidi. Nesta idade você quer respostas prontas. Aí entra a questão da maturidade</p>
7.1	<p>Não sei se reforçar uma idéia que eu já cheguei mais ou menos com ela formulada... eu acho que reforçar não, mas assim, me ajudar a perceber se era realmente aquilo, mas eu só ia perceber depois que eu entrasse no outro curso, porque não dá, não é, você saber se realmente aquilo que você quer, antes de estar lá, estudando aquilo, vendo aquilo, tratando da educação, porque eu tinha uma idéia, eu te confesso, que antes de entrar na universidade eu tinha uma idéia muito menor da educação do que a idéia do que eu tenho hoje, óbvio, não é, mas aí eu não posso falar que ...não, a gente sai do curso com plena certeza, não é isso, a gente sai com uma possibilidade e entrando na universidade você tem... mas, o que é engraçado, é que pensando agora, é que quando eu prestei o primeiro vestibular para Jornalismo, eu tinha uma convicção...e não é isso e pronto. Quando eu saí do curso eu já estava mais, assim...pode ser isso, vamos ver, mas se não for também a gente encara de novo, procura outra coisa. Mais madura, sabe?, não tão deslumbrada.</p>
7.2	<p>Não, foi o que eu te disse: eu poderia estar lá e poderia arranjar motivos mais concretos para achar que eu iria ser jornalista e de repente quando eu estava lá, eu descobrisse que não era isso. Eu tinha mais motivos, mas os motivos também tem que combinar com aquilo que você encontra lá. Talvez se eu tivesse feito jornalismo na Puc, eu descobriria que não era a minha profissão, mas talvez a coisa não tivesse ficado tão forte quanto</p>

S	<p>7) Efeitos do programa foi na ECA ou tivesse ficado mais ainda ...que era o problema do ambiente e do aprendizado. Então eu tinha mais motivos para achar que era Pedagogia, mas eu tinha que encontrar uma determinada coisa lá na faculdade. Discordo de muitas coisas que eu vi lá, claro, a gente não gosta de tudo, mas eu descobri que era essa a profissão que eu queria seguir. ...é que talvez a minha primeira escolha estivesse mais ligada a sentimentos a uma admiração a idealizações que eu fazia e eu não tinha buscado esses motivos concretos. E da segunda vez não tinha mais isso.</p>
7.3	<p>{se tivesse participado do programa de Orientação Profissional antes} talvez a minha história tivesse sido diferente. Pode ser que eu tivesse saído de lá, com mais certeza que eu queira ser Jornalista e tivesse quebrado mais ainda a cara, não sei, mas para mim, para a situação que eu vivi, para o momento que vivi, eu fiquei mais madura porque eu não fiquei tão deslumbrada. Ah, agora Pedagogia eu tenho certeza, tem tudo a ver comigo...não, era mais madura, não... vamos ver, eu tinha motivos para dizer, motivos mais concretos para dizer que eu queria fazer Pedagogia do que os motivos que eu tinha para dizer que eu queria fazer Jornalismo.Então foi mais pensado, foi mais maduro.</p>
7.4	<p>não sabendo o que querem fazer, mas saem tendo algumas opções</p>
7.5	<p>eu fiquei mais madura, a decisão foi mais madura, não foi uma decisão deslumbrada. Foi mais madura, foi mais assim, vamos ver, pera aí, tem coisas que eu posso gostar, tem coisas que eu posso não gostar, mas será que é isto que eu quero fazer?</p>
8.1	<p>A partir aqui do programa a gente ficou conhecendo as várias carreiras e com os trabalhos mesmo, eu saí daqui do programa na dúvida entre Medicina e Arquitetura. Eu lembro que se comentava que então eu prestaria numa faculdade, Medicina e na outra Arquitetura. Porque não tinha tempo para pensar mais, porque as inscrições, se eu não me engano, a gente acabou o curso na semana e no fim de semana já tinha que fazer a inscrição. Então na ocasião eu prestei na Fuvest Arquitetura e Medicina na Unicamp. Porque a Unicamp não tinha Arquitetura. Então foi por exclusão mesmo. No final, eu sempre tinha a dúvida entre Medicina e Arquitetura. Mas aconteceu que eu entrei em Arquitetura e não entrei em Medicina. E resolvi cursar, lógico, nem estava pensando em entrar, na verdade, eu estava esperando não passar em nenhuma das duas, ter um ano de cursinho e nesse um ano de cursinho ter tempo para pensar, de correr atrás de algum profissional que pudesse estar ...então, mas acabei entrando.</p>
8.2	<p>na época eu achei, na verdade, um pouco de perda de tempo {ter feito o programa de orientação profissional}. É que eu acho que eu queria algo que viesse para mim, marcasse xiszinhas e depois falasse, não, você dá para isso. Não tivesse que ser uma escolha totalmente minha. Hoje já vejo que o melhor não seria isso. Então eu acho que valeu a pena porque, além da gente ter o conhecimento das carreiras, de você poder estudar um pouco, teve muito trabalho de autoconhecimento... Eu achei que valeu como experiência de poder pensar um pouco em como você é, se conhecer melhor, então as discussões que a gente fazia</p>
8.3	<p>E mesmo no final eu falei: será que adiantou para alguma coisa? hoje eu vejo que adiantou. Se eu não tivesse feito acho que eu estaria com milhares de dívidas. Porque mesmo que eu não tenha tido a certeza de uma carreira já me reduziu bastante o enfoque.</p>
8.4	<p>acho! para mim fui útil porque eu entrei muito perdida e sai menos perdida, um pouco mais direcionada. Eu estava realmente muito perdida, eu estava atirando para qualquer lado na verdade e o fato de ter me restringido foi importante. Talvez se eu tivesse feito a orientação um pouco antes, talvez no primeiro semestre eu sasse com as mesmas dúvidas, Medicina e Arquitetura, mas tivesse tempo para conhecer cada um.</p>
8.5	<p>Eu lembro na época que eu saí um pouco frustrada, na verdade. Acho muito por esperar que você me entregassem um papel e falassem, olha você dá para isso. Vai lá, vai prestar isso daqui e depois vai para esse. No fundo eu queria isso, era uma decisão mais fácil, ah, você serve para isso mesmo, vai lá...e eu saí um pouco frustrada, mas menos frustrada do que se não tivesse feito. Na época eu fiquei...pô, será que adiantou mesmo eu ter feito orientação? Mas logo depois eu falei: não, se eu não tivesse feito, não teria nem o que fazer, não teria nem essa opção de prestar uma coisa em uma e outra coisa em outra, porque eram tantas opções que eu ia estar sem rumo mesmo. Para mim foi um pouco de alívio, mas não alívio total.</p>
8.6	<p>{aqui está a sua "foto".} na época eu estava mais propensa para a arquitetura... {por que você acha isso?}...porque eu estou mais próxima de</p>